

NEWTON BELLESE

LEMBRANÇAS DE FAMÍLIA

1ª edição

Araraquara:
Editora Casa da Árvore, 2023

FICHA TÉCNICA

Autor: Newton Bellese

Edição: Suzana Amyuni

Projeto Gráfico, Diagramação e Finalização: Bárbara Morelli

Revisão: Daniela Zigante e Sergio Ferreira Mendes

Capa: Laíça Camila Damasceno, Arthur Souza Costa, Antonio Borges e Pedro Bellese

Arquivo Fotográfico: Acervos pessoais de Beatriz Marques Bellese, Berenice Bellese De Cesaro, Demilson Bellese Guilhem, Dirce Bellese Moura, Dulce Guilhém Gabriel da Silva, Elza Bernardino Bellezi, Gabriela Terzella Nogueira Bellese, Lia Marques Bellesi, Lilian Roberta Bellese, Marcio André Marques Bellese, Marilda Segre Diniz, Marlise Helena de Araújo, Newton Bellese, Odilon Böll Bellesi, Rodolfo Marques Bellese, Sônia Maria de Azevedo Carvalho.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Bellese, Newton.

Lembranças de Família / Newton Bellese - Araraquara:

Editora Casa da Árvore, 2023.

328 p. : il. ; 29,7 x 21 cm.

1. Newton Bellese. 2. Lembranças de Família. 3. Biografia

I. Título

CDD - 920.9

CDU - 929

Apresentação

Quando as raízes são profundas não há razão para temer o vento.

Provérbio Chinês

A VIDA É FEITA DE HISTÓRIAS, um entrelaçamento delas, daquelas que se passaram e das que estão sendo vividas agora; as de cada um e as de todos. Como numa floresta, as raízes das diferentes árvores se cruzam e se fortalecem, porque são unas, têm memória e, na conjunção com outras, tornam-se mais fortes e exuberantes.

O engenheiro florestal e divulgador científico Peter Wohlleben, que tem raízes como as nossas, na Alemanha, afirma em seu livro *A Vida Secreta das Árvores* que uma floresta mais saudável e talvez até mais feliz, é mais profícua. Essa constatação levou o município de Hümmel e o vilarejo na região montanhosa de Eifel, no oeste da Alemanha, a optar por gestão florestal considerando essa unicidade.

Ao pensar numa floresta vejo o quanto nos assemelhamos a ela. E ao ouvir as mesmas histórias relatadas por nossos familiares, constato que as narrativas são construídas a partir de vivências diferentes e, portanto, com pontos de vista distintos, não são iguais. No entanto, essas referências entrelaçam a todos, porque o que nos torna o que somos hoje, não é simplesmente a nossa individualidade, mas nossas heranças, o contexto, as circunstâncias e as pessoas com quem compartilhamos a existência.

As árvores só são como são, porque a floresta é como é. Não é possível haver condição humana apenas centrada no “eu”, sem a existência e o reconhecimento do “nós”. O olhar para determinada situação vem imbuído dos sentimentos experimentados em cada ocasião. E sentimentos também são únicos e singulares, embora carreguem em si algo em comum.

Quando uma árvore cai, não significa apenas a queda de uma árvore. Mas é parte da floresta que se vai, deixando uma lacuna que jamais será preenchida da mesma forma. A floresta sente. E embora essa árvore faça falta, cumpriu sua jornada, deixou frutos, sementes, e outras virão em seu lugar dando continuidade à floresta. Sua presença foi reconhecida no seu tempo e nos tempos vindouros, pois cada nova árvore é o que é, porque sua ancestral foi quem foi.

O registro da história

Sempre fui curioso. Convivi com meus quatro avós, todos os tios e, naturalmente, meus pais e nossa família menor, anotando, gravando e colecionando histórias. Ao decidir registrar memórias neste livro, contudo, eu quis trazer diferentes óticas, relatando as vivências de cada fruto que cresceu, se fortaleceu e evoluiu.

Conhecer enfrentamentos de antepassados e conviventes nos fortalece e nos inspira. Assim como foi bom para mim, penso que possa ser bom para meus filhos e netos conhecerem a história de seus pais, avós e nossos ancestrais até onde conseguimos enxergar. Olhar para a nossa história só reforça o quanto todos foram lapidados nos desafios, sem deixar de lado o afeto.

E hoje, por mais que estejamos em locais e ambientes diferentes, ainda que tenhamos pensamentos, posturas e jeitos distintos, temos as mesmas raízes. E é exatamente ali, nas raízes, que nos tocamos, nos envolvemos e nos sustentamos. Sempre edificados pelo alicerce do amor.

Newton Bellese

Sumário

Agradecimentos	7
Capítulo 1: Alicerces	9
Capítulo 2: Vidas de lutas, mudanças e aprendizado	51
Capítulo 3: Construindo caminhos	169
Capítulo 4: A fábrica de lembranças cresceu	269
Um espaço para você	325
Bibliografia	327

Agradecimentos

A PRODUÇÃO DESTE LIVRO só foi possível graças ao envolvimento e à dedicação das tantas pessoas que colaboraram para torná-lo realidade. Primeiramente, gostaria de agradecer a todos da nossa família, que contribuíram generosamente com suas histórias, memórias e experiências. Vocês abriram seus corações e compartilharam suas vidas com toda dedicação. Se não fosse por vocês, este livro não existiria.

Agradeço também àqueles que me encorajaram a prosseguir, diante dos atrasos ou obstáculos. Suas palavras de incentivo me motivaram a continuar e superar os desafios que surgiram pelo caminho.

Um agradecimento especial à Lia, companheira de todas as

horas, que recorreu à sua competência profissional e aos olhos de lince para garantir que os registros fossem os mais fiéis possíveis. Assim como aos meus filhos – Rodolfo, Beatriz e Marcio – que deram mais sentido à minha vida – e também a este livro.

Agradecimento especial à editora deste livro – a jornalista Suzana Amyuni – que, com apoio da equipe da Editora Casa da Árvore, trabalhou incansavelmente para capturar a essência de cada história, possibilitando que essas lembranças se tornassem um livro.

Espero que essas lembranças de família emocionem e inspirem todos vocês, motivando-os a também registrar suas memórias.

CAPÍTULO 1

Alicerces

A natureza nos uniu em uma imensa família, e devemos viver nossas vidas unidos, ajudando uns aos outros.

Sêneca

UMA FAMÍLIA SEM HISTÓRIA TEM MENOS RIQUEZA, MENOR VALOR. Mas riqueza é algo individual e, por mais que a família seja prendada por sua vivência amorosa e sua construção histórica, cada membro deve montar sua própria coleção. Conhecer as riquezas escondidas nos traz compreensão e é uma maneira de honrar quem já passou por aqui e de construir com mais precisão as nossas vidas de cada um.

Memorial do Imigrante

01260

Constam dos arquivos informatizados do Memorial do Imigrante os seguintes dados:

<i>Nome da Família</i>	<i>Nome do Imigrante</i>	<i>Parentesco</i>	<i>Nacionalidade</i>	<i>Idade</i>	<i>Estado Civil</i>	<i>Procedência</i>	<i>Destino</i>	<i>Vapor</i>	<i>Chegada</i>	<i>Livro</i>	<i>Página</i>
BELLESE	LUNGI	MARIDO	ITALIANA	47	NÃO CONSTA	SANTOS	JUNDIAHY	C. DE GENOVA	21/11/1891	031	009
	MARIA	NÃO CONSTA	ITALIANA	14	NÃO CONSTA						
	GIOV.a [VER NOTAS]	NÃO CONSTA	ITALIANA	16	NÃO CONSTA						
	AUGUSTO	FILHO	ITALIANA	17	NÃO CONSTA						
	GIUS.a [VER NOTAS]	ESPOSA	ITALIANA	53	NÃO CONSTA						



Memorial do Imigrante - Família BELLESE

Memorial do Imigrante

03129

Constam dos arquivos informatizados do Memorial do Imigrante os seguintes dados:

Nome da Família	Nome do Imigrante	Parentesco	Nacionalidade	Idade	Estado Civil
RUZZON	AMBROGIO	CF.	ITALIANA	31	
	CARLOTTA	M.	ITALIANA	24	
	LUCINDA	F.	ITALIANA		
	ANGELO	I.	ITALIANA	16	
	GIO BATTÀ	CD*	ITALIANA	16	

Procedência	Destino	Vapor	Chegada	Livro	Página
SANTOS		MONTEVIDEO	15-05/1893	040	034



Memorial do Imigrante - Família RUZZON

Minhas lembranças remontam a 1896, quando nasceu um ilustre membro de nossa família, que há não muito tempo nos deixou. Nosso Nonno, José Bellese, teve uma vida longa e de grandes atuações, divertidas ponderações e com uma incomparável memória, que até possibilitou a produção do livro “Memórias do Nonno” em sua homenagem. Quem o conheceu sabe, ele era realmente incrível!

Filho de Giovanni Bellese e Páschoa Ceconatto, José Bellese era o primogênito de doze irmãos. **Nasceu na Fazenda Capão da Onça, em Pirassununga (SP), no dia 26 de março de 1896**, quatro anos após sua família ter chegado ao Brasil, cinco anos depois da Proclamação da República e seis anos após a libertação dos escravos.

Naquele ano, a Etiópia vencia a primeira guerra contra a Itália com apoio da Grã-Bretanha e da França, responsáveis pela venda de armas. Enquanto isso, em São Simão (SP), teve início a

primeira epidemia de febre amarela, que fez a população urbana cair de 4 mil para 2,5 mil pessoas.

Foi um ano de importantes acontecimentos. No mês em que o Nonno nasceu, o físico francês Henri Becquerel descobriu a radioatividade. Há quem conteste tal informação, mas todos concordam que a radiação mudou o futuro da humanidade.

Em abril de 1896 também ocorreram os primeiros Jogos Olímpicos de Verão da era moderna, e os primeiros eventos esportivos olímpicos em mais de 1.500 anos.

Foi nesse contexto que nasceu o Beppe, apelido carinhoso que o Nonno ganhou ainda menino. Beppe é abreviatura de Giuseppe, José em italiano. É o equivalente ao “Zé” no Brasil, só que mais bonito.

Aquela era uma grande família, como convinha naqueles tempos



Certidão de nascimento de José Bellese

em que o trabalho no campo exigia muitos braços, principalmente masculinos. Nosso Nonno não se lembrava das datas de nascimento de seus irmãos, mas dos anos não se esquecia, e pude registrar cada um deles:

- 1896 - José (Beppe)
- 1898 - Tonina
- 1900 - Pedro
- 1902 - Pompeu
- 1905 - Maria
- 1907 - Benedito
- 1910 - Ermínia
- 1913 - Ângelo
- 1916 - Aurélia
- 1919 - Guilherme
- 1921 - Luiz
- 1923 - Agostinho

Vovô apreciava a liberdade desde cedo. Em seus relatos registrados em “Memórias do Nonno”, contou-me sobre as andanças pelas matas e campos, pelos rios e riachos, pelas terras cultivadas com infindáveis cafezais, milharais, arrozais e tantas outras culturas. A sensação de liberdade, a terra fértil

grudando nos pés descalços e as frutas abundantes e perfeitas foram inesquecíveis.

Passou muitas noites com seu pai – meu bisavô – pescando. Naquela época, o Rio Mogi-Guaçu era mais selvagem, cercado por matas onde onças e outros animais de grande porte eram frequentemente vistos. O Nonno guardava, ao menos até tenra idade, a proteção que sentia ao lado do pai, que acendia uma fogueira para protegê-los naquele local. Contudo, ele era o primogênito e, como parece ocorrer em todas as famílias, era o filho mais cobrado, de quem mais se exigia dedicação e certa perfeição.

Quando tinha em torno de 8 anos, a vida dura começou. Trabalhava na roça como se fosse adulto. Colhia café num pano, colocava-o numa peneira para separá-lo das folhas e então o ensacava. O pai era quem colocava tudo na carroça e fazia o transporte para o terreiro de secagem. Ele exigia que o primogênito o acompanhasse nos trabalhos duros de capinação e limpeza dos cafezais com o mesmo rendimento de um adulto.

E mesmo sob o sol quente e tolerando picadas de mosquitos, o Nonno, ainda criança, ouvia as duras queixas de seu pai, o chamando de vagabundo, pois ele não trabalhava porque não queria. Sua mãe, dona Páschoa, o defendia, mas a cabeça dura de italiano do pai não se comovia.

Compreender os desafios que o Nonno viveu nos leva a pensar no quanto não podemos alegar uma infância difícil ou qualquer outro mal-estar para não viver a vida em sua plenitude e não desfrutar dos tantos frutos e benefícios que ela pode nos proporcionar. Digo isso porque, quem conheceu o Nonno em sua madureza - riu com seus gracejos e aprendeu com suas lições de vida - talvez nem pudesse imaginar as agruras vivenciadas quando criança. E o trabalho duro na roça ainda não foi o pior que lhe aconteceu.

Os desafios que moldaram seu caráter

Se, de um lado, o Nonno conheceu a proteção do pai no calor das fogueiras durante as pescarias, de outro, depurou-se com obstáculos que, em princípio, pareciam intransponíveis, tanto que o marcaram profundamente. Mas ele soube depurar cada situação e, com os desafios enfrentados logo cedo, moldou seu caráter, desenvolvendo uma personalidade ativa e destemida e, ao mesmo tempo, alegre e sedutora.

Talvez ele tenha aprendido com as falhas alheias. Esse, aliás, seria um trunfo nas mãos daqueles que sabem observar: aprender com os erros alheios para não repeti-los. É mais fácil... E depois de enfrentar as exigências de seu pai alcoólatra, ainda segurou as pontas ao lado de sua mãe quando o pai abandonou a família. Nosso Nonno tinha apenas 11 anos e já tinha cinco irmãos, todos pequenos.

Ao lado da mãe, trabalhou feito burro. Tiveram que pagar as dívidas deixadas pelo pai e se virar para sustentar a família. Trabalhava de empreitada para esparramar cisco no cafezal. Seu tio Luiz Crema, administrador da fazenda, o ajudou a conseguir crédito para as despesas do mês, já que, quando o pai saiu, não havia muita coisa em casa.

Apesar das enormes dificuldades, ali se revelavam as primeiras habilidades de nosso Nonno, pois, quando seu pai voltou, algum tempo depois, estava tudo em ordem, havia muita comida em casa e todas as dívidas tinham sido pagas. Não foi fácil, a mãe não queria que o pai voltasse, mas decidiu perdoá-lo desde que ele se comprometesse a deixar a pinga de lado. Por um tempo, ele até conseguiu, mas logo começou tudo de novo.

O Nonno aguentou trabalhar com o pai somente por cinco anos. Aos 13, se revoltou e foi trabalhar como carregador de água na fazenda: tinha que tirar água do poço e levá-la para os trabalhadores dos cafezais. Passava cerca de dez horas nessa atividade, inclusive aos sábados. Apesar de ter deixado o trabalho com o pai, seu salário era destinado integralmente para compor a renda familiar. Só para se ter ideia, com o dinheiro recebido em dois meses, era possível encher uma carroça com farinha de trigo, açúcar, uma caixa de 40 litros de querosene, macarrão e bacalhau de primeira, além de outras coisas que a família necessitava. A vida não era tão cara como nos dias de hoje.

Mas ele também sabia aproveitar a vida. Depois de trabalhar duro durante toda a semana, no sábado à noite ia dançar. No baile aproveitava a companhia dos amigos, se divertia

e namorava. Aliás, o Nonno namorou muito, mas escolheu moçoila da colônia para ser sua esposa e companheira: Narciza Ruzzon. E esta nós conhecemos muito bem.



Meu primo Demilson Bellese Guilhem, Demilson

“A Família Ruzzon é ascendente pelo lado da minha mãe, Maria Paschoalina, que é filha

da Narciza e do José Bellese. Os mais antigos estão concentrados no norte do Paraná, em Londrina, Paranavaí e Maringá. Já as gerações mais novas estão espalhadas pelo país.

As mulheres da família Ruzzon são exímias cozinheiras. O macarrão feito em casa, a polenta e os pães são marcas registradas. Lembro-me da minha vó Narciza fazendo a massa, ela gostava de comer talharim e caprichava.

O que mais me chamou a atenção na pesquisa que fiz para escrever o livro “Família Ruzzon – Lutas e Vitórias” foi justamente o esforço deles para mudar de vida. Eles eram paupérrimos na Itália.

Na segunda metade do século XIX, após a expulsão dos austríacos, ocorreu um processo de unificação da Itália, que até então era composta por pequenos Estados submetidos a potências estrangeiras, ou seja, Nápoles era um território, a Lombardia era outro, o Vêneto era outro, enfim, eles eram povos separados.

Com a unificação, cujo movimento foi chamado de *Risorgimento*, os vários Estados se uniram e passaram a formar

um só país, o Reino da Itália, sob o reinado de Vítor Emanuel II. Contudo, esse processo resultou em um atraso do desenvolvimento industrial. A economia era predominantemente agrícola. A Família Ruzzon veio de uma pequena cidade chamada Conselve, na época província de Pádua.

Conseguí perceber que a migração para o Brasil ocorreu em função dessa falta de oportunidade que eles tinham na Itália. O Governo do Estado de São Paulo incentivava a vinda de italianos para o Brasil, mas a travessia do Atlântico levava de dezoito a trinta dias, em condições subumanas. Eles chegavam aqui com uma

mão na frente e outra atrás.

O Brasil não tinha mais mão de obra farta e de baixo custo para a agricultura, devido ao fim da escravidão. Então, os fazendeiros começaram a negociar com os italianos que chegavam ao país. Entretanto, os acordos feitos eram uma exploração dos italianos que, sem muitas alternativas, aceitavam. Com isso, os Ruzzon foram para a região de Pirassununga onde trabalhavam na cultura do café em uma grande fazenda.

Eram explorados e, por isso, inicialmente continuaram tão pobres como na Itália, mas aos poucos foram comprando algumas propriedades. Na época, o

café era o principal item da economia brasileira, dava muito lucro. E esse é um ponto que me chamou muito a atenção: os Ruzzon vieram em condições muito precárias para o Brasil, mas todos se tornaram famílias bem abastadas, conseguiram fazer a vida, os filhos estudaram, tornaram-se médicos, engenheiros, advogados, entre outras profissões que lhes permitiram ter boas condições de vida.

Reconheço, esse foi um povo muito dedicado que, com trabalho árduo e boa administração dos recursos, conseguiu alcançar um status que não possuía nem na Itália e nem no Brasil. Os Ruzzon tiveram grande capacidade

de se desenvolver e estabelecer uma estrutura familiar respeitada e digna.

Com exceção do meu avô, Ambrogio Ruzzon, que era uma pessoa boêmia, não gostava de trabalhar, era um libertino na vida, eu não localizei nenhum outro descendente que tivesse essa característica. Mesmo nas propriedades, onde eles tinham funcionários para ajudar, não deixavam de se envolver no trabalho. Eram admiráveis.

E começavam cedo na labuta. Minha mãe mesmo, aos 7 anos, já levava a refeição para quem estava trabalhando na roça. Ela percorria sozinha todo o trajeto e até passou alguns apuros.”



Maria Paschoalina Ruzzon Bellese, tia Nena

“Eu levava o almoço para eles por volta das 10h, porque eles começavam cedo, às 5h30 já estavam trabalhando na roça. Era refeição para seis pessoas: meu pai, meus tios José, Tonina, Pedro e Pom-

peu, e um camarada, que era contratado pela família para trabalhar com eles. Então, quando acordávamos, tomávamos um café bem quente, eles saíam para trabalhar e minha mãe já começava a preparar o almoço. Eu levava a refeição duas vezes ao dia, porque, ali pelas 13h, era hora do café da tarde.

No almoço era sempre arroz, feijão e uma única mistura, que podia ser carne, linguiça ou abobrinha, por exemplo. Não tinha toda essa fartura que vemos hoje nas mesas. E no café da tarde era um tacho de leite grande, porque tinha que servir toda aquela gente, e pão. Mas não passávamos nada no pão, como fazemos hoje, o comíamos puro, com leite. Eu segurava o cesto com os pães sobre a cabeça e, na outra mão, levava o tacho de leite.

O percurso era longo, cerca de uma hora, e eu ia sozinha, porque meu irmão mais novo tinha problemas de saúde e não podia ir. Eu sentia medo, mas não tinha outro jeito, precisava ir. Lembro-me que, uma vez, quando eu voltava para casa, vi de longe uma vaca brava vindo em minha direção. A sorte é que eu sabia subir em árvore e foi exatamente o que fiz para fugir dela, pois a danada ficou ali, rodeando a árvore e até cavoucava o chão, de tão brava que estava. Fiquei muito tempo lá em cima, sem que ninguém viesse atrás de mim. Até que chegou um momento que a vaca cansou e foi embora, então pude descer e voltar

pra casa. Minha mãe estava preocupada, mas ela achou que eu tivesse ficado mais tempo na roça conversando.

Aquele episódio me deixou mais valente. Depois disso, até continuei com medo, mas eu sabia que conseguiria fugir. As refeições eram sempre em grande quantidade, então fui ficando mais forte também. E eu comia muita polenta. Ah, como eu gostava. Era daquelas polentas mais duras, que se corta com a linha. Eram salgadinhos e a gente comia junto com café com leite. Era uma delícia.

No fim de semana, minha mãe fazia a massa do macarrão em casa e servia com molho, era outro prato de que eu gostava muito. Às vezes tinha macarrão durante a semana também, para eu levar na roça, mas a massa desse era comprada na venda por meu pai. Tenho muitas boas lembranças de minha infância, eu gostava daquele tempo, embora fosse duro o trabalho.

Eu tinha um tio de quem eu gostava mais, o Pompeu, que sempre me ensinava alguma coisa. Ele também gos-

tava muito de mim. E de todos os irmãos, o José era meu melhor amigo. Nós nos dávamos muito bem, ele era meu protetor. Antes de se tornar adventista, ele era muito bravo e decidi que não queria mais trabalhar na roça, ele queria estudar. “Fez que fez”, que meu pai decidiu colocá-lo em um colégio de adventistas, isso depois que a família tinha se convertido. Dois anos depois, eu fui pra lá também, com meu irmão Arlindo. Fiquei feliz de rever o José porque eu gostava desse meu irmão, ele era muito querido!

No fundo, ele era bravo como minha mãe, ela que sempre corrigia os filhos. Já meu pai era um homem muito dado, muito sociável e bastante enérgico com os filhos. Ele não era bravo, mas tinha energia e cuidava bem dos filhos, cada um em seu lugar. Por exemplo, o José não queria ir pra roça, como eu falei, ele queria estudar, mas meu pai o levava para trabalhar, tinha que ir. Mas ele era um homem muito bom. Minha mãe também era, mas era muito brava!”

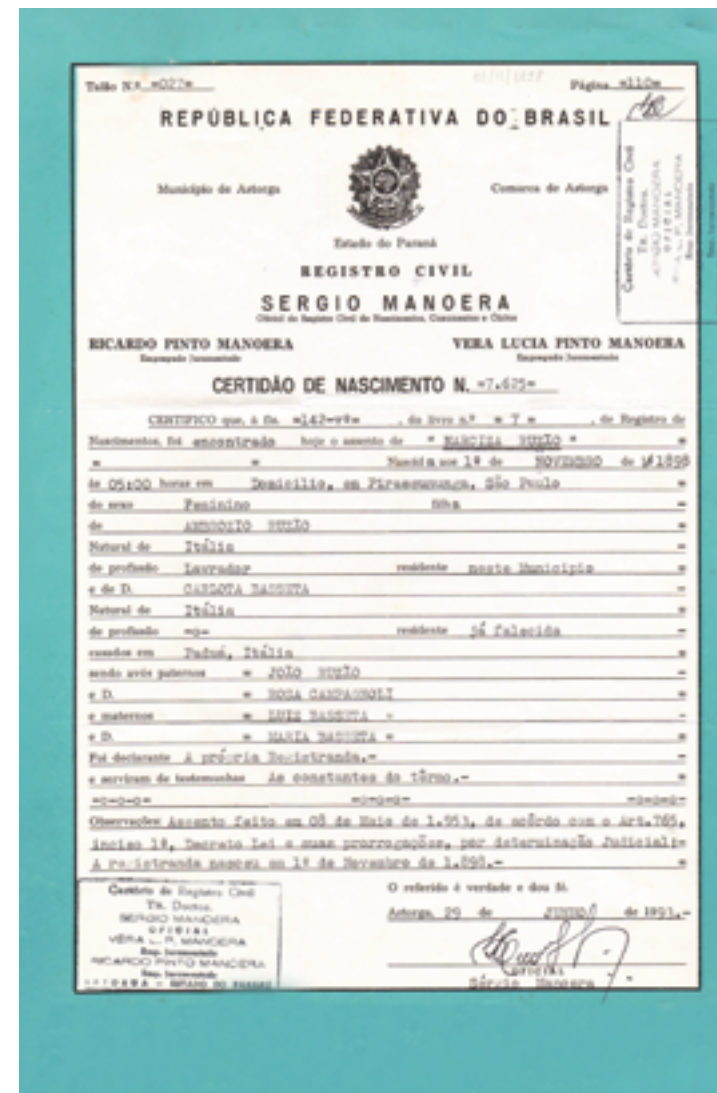
Minha Nonna, **Narciza Ruzzon, nasceu** na Fazenda Rio das Pedras, também em Pirassununga (SP), no dia 1º de novembro de 1898.

Naquele ano, Campos Salles havia sido eleito presidente do Brasil, com 91,52% dos votos, em substituição a Prudente de Moraes. Primeiro presidente a defender abertamente a privatização, Salles tomou posse no mesmo mês em que nossa Nonna nasceu.

Até então, ele era presidente do Estado de São Paulo, cargo equivalente ao de governador, ao qual renunciou para se candidatar à presidência da República. À frente do Governo do Estado, precisou combater o surto de febre amarela, que se havia espalhado por todos os municípios, enfrentou um conflito na colônia italiana, na capital paulista, e uma forte onda de violência em Araraquara (SP). Além disso, enviou tropas estaduais para a Guerra de Canudos.

Na presidência do país, conseguiu equilibrar as contas públicas, finalizando seu mandato com 43 mil contos de réis em dinheiro e 23 mil em reservas de ouro, mesmo depois de assumir o governo com um rombo de 44 mil contos.

Enquanto isso, a Família Ruzzon seguia seu curso, numa jornada de lutas e vitórias. A terceira filha de **Carlotta Baretta** e Ambrogio Ruzzon veio ao mundo em casa, como era comum naquela época. Em seu primeiro dia de vida, Narciza foi deixada por seu pai junto de sua mãe e dos dois irmãos – João (Nani), com 3 anos, e Maria, com 1 ano – **porque saíra para beber com os amigos**. Para ele, o nascimento de uma filha era um desgosto, um desapontamento. Voltou tarde da noite, embriagado, e sequer trocou uma palavra com a esposa para ao menos saber se estavam bem. Essa história minha Nonna só soube muito tempo depois.



Certidão de nascimento de Narciza Ruzzon



Tia Nena com o filho Demilson e netos em visita ao local onde a Nonna nasceu

Quando tinha 5 anos, mudou-se para a Colônia de Baixo, onde morava a família Bellese. Meu Nonno se tornou grande amigo de Nani que, mais tarde, foi a ponte para que ele e Narciza começassem a namorar. Embora não tenha estudado, ela aprendeu cedo a trabalhar: fazia os serviços de casa e ainda ajudava na lavoura.

Foi naqueles bailes de sábado à noite que meus nonnos Narciza e José Bellese dançaram juntos pela primeira vez. E muitas outras vezes depois. Ele tinha 17 anos e ela 14 quando começaram a namorar... escondido! Ela sabia que encontraria resistência de seu pai, já que era muito jovem, e o pai, muito duro. O acordo

entre eles, narrado ainda por meu Nonno, foi firmado de uma maneira quase poética: “Selamos nosso acordo com um sorriso e um toque um pouco mais forte de nossas mãos enquanto dançávamos”. Durante um ano se encontraram nos bailes e no caminho da roça, sempre de modo muito discreto e sigiloso.

Porém, mais tarde, o Nonno não teve escapatória, o namoro foi descoberto e ele precisou pedir autorização aos pais dela para continuar o romance. Embora estivesse apreensivo e tenha tentado escapar da conversa, os pais dela não demonstraram nenhuma surpresa e prontamente consentiram o namoro, mas ele sentiu que o pai dela ficou um tanto incomodado, o

1



2



1. Carlotta Baretta, nossa bisavó, mulher de Ambrogio

2. Ambrogio Ruzzon, à esquerda, com dois amigos

que lhe feriu o orgulho, afinal, ele não era moço de se “pinchá fora”. O futuro lhe mostrou que ele tinha razão, embora não tenha sido tão simples assim. Aliás, como a maioria das situações na vida... não são simples e requerem boa dose de habilidade, o que meu Nonno tinha de sobra.

O Velho Ruzzon, na verdade, queria que sua filha se casasse com o filho de seu compadre, mas Narciza não o queria, e quando o jovem entrava pela porta da frente de sua casa para tentar o namoro, ela saía pela porta dos fundos e só voltava quando percebia que seu pretendente tinha ido embora.

O Nonno também recebeu outras propostas. Seu Luiz, sabendo das dificuldades que o José tinha com o Velho Ruzzon, tratou de lhe fazer uma série de elogios e, finalmente, lhe propôs que escolhesse uma de suas duas filhas para se casar. O Nonno saíu-se como pôde, sem criar constrangimentos, mas eram propostas que não lhe faziam a menor cócega: “eu queria mesmo era a minha Narciza”, contou-me certa vez.

Tudo isso está registrado com detalhes no livro “Memórias do Nonno”, mas algumas histórias fiz questão de trazer para cá. Afinal, são tantas lições que todos nós aprendemos com ele. E sua vida é cheia de aventuras que merecem destaque.

Uma forte decisão e a aventura que uniu o casal

Depois de três anos de namoro, os jovens apaixonados queriam se casar, mas a família dela iria se mudar para a Fazenda Zepone, em Ibitinga (SP), e o Velho Ruzzon pretendia retomar o velho plano de casá-la com o filho de seu compadre. Então a coisa ficou difícil, pois o amor entre os dois aumentava e eles estavam decididos. Mas seu pai não permitia mais que a filha falasse com Beppe.

A mudança para a Fazenda Zepone foi ocasionada por uma revolta dos imigrantes italianos, que pleiteavam junto aos donos de cafezais um novo acordo de trabalho: eles não queriam mais trabalhar como colonos, e sim como empreiteiros ou como meeiros, o que não foi aceito. Devido a esse desacordo, os imigrantes italianos deixaram a Fazenda Rio das Pedras. Ambrogio Ruzzon, seu compadre e familiares iriam para Ibitinga, enquanto os Bellesi, os Casavecchia e os Jordano iriam para Fernando Prestes, onde tinham obtido contratos de empreitadas.

Nossos nonnos sabiam que a distância seria um obstáculo intransponível, especialmente naqueles tempos de estradas ruins e transporte difícil. E era justamente com esse trunfo que o Velho Ruzzon contava para acabar com aquele namoro, que daria origem a toda nossa família. Mas o Nonno tinha o firme propósito de não perder Narciza por nada nesse mundo e buscava veementemente uma maneira de resolver esse assunto. Foi então que decidiram fugir.

Quando José fez a proposta a Narciza, durante um batizado onde os dois se encontraram depois de um mês sem se ver, ela se assustou, mas a alternativa era se casar com o filho do compadre de seu pai e isso ela não queria.



Certidão de casamento de Narciza e José Bellese

Deixaram a fazenda no domingo seguinte, em 9 de julho de 1916, sob a proteção dos padrinhos Nichola Casavecchia, Antônio Jordano e do fiel amigo Nani, que, como irmão mais velho de Narciza, concordou e acobertou o plano.

Naquele domingo, estavam todos reunidos na frente da casa, tocando sanfona e cantando, quando José e Narciza se encontraram nos fundos e fugiram. Caminharam bastante, até que quando ela se cansou, fizeram uma pausa em um bosque à beira do caminho. E ali passaram a noite de núpcias, sob árvore frondosa, em cima de um colchão natural de folhas encoberto com alguns lençóis que Narciza havia levado.

A viagem recomeçou ainda de madrugada em direção a Pirassununga, aonde chegaram no meio da manhã. Logo, José Bellese procurou um amigo, o comerciante Felipe Denero, que os recebeu muito bem, tão logo ele explicou a situação. Nesse ínterim, Luiz Crema, meu tio-avô, soube da fuga e foi à casa dos Ruzzon para conversar com seu amigo Ambrogio e para aconselhá-lo. Aborrecido, o Velho Ruzzon não estava disposto a recuar, mas, não vendo alternativa, se dirigiu a Pirassununga para, então, autorizar o **casamento**, que aconteceu naquele dia 10 de julho de 1916.

Meu **Nonno era apaixonado pela Nonna**. Juntos, eles trabalharam duro para sustentar os nove filhos: **João (Joanin), Carlina, José Bellese Filho (meu pai, que tinha apelido de Nené), Arlindo**, Maria Paschoalina, Orlando, Orlanda, Waldomira e Dirce.



Narciza e José Bellese com os quatro primeiros filhos



Nonno sempre foi apaixonado pela Nonna. Fotografia dos primeiros anos de casamento, retocada à mão.

No início da vida de casados, moraram com os pais dele, mas a situação não era boa. Minha Bisnonna, dona Páschoa Ceconatto, solicitava intensamente a participação de Narciza nos afazeres da casa, mais do que ela muitas vezes podia dar, especialmente durante gestações, quando costumava enjoar e se sentia impotente. Naturalmente, meus nonnos

aspiravam por um lugar só deles. O outro sonho que alimentavam era a meta de qualquer imigrante: dispor de um pedaço de terra para plantar café e outras culturas, ter animais, criar os filhos e viver em paz. Mas o processo era árduo. No final de 1916, a família toda resolveu se mudar para Fernando Prestes, uma viagem desafiadora, relatada por meu Nonno.



Meu nonno José Bellese, no livro “Memórias do Nonno”

“Quando o propósito de nos mudarmos ficou conhecido, outros familiares e vizinhos resolve-

ram se unir a nós e formamos um grupo constituído por minha família, Antônio Casavecchia, seu pai, Giovanni, e suas famílias, Antônio Jordão e Angelim Poliero, esses últimos solteiros. Em dois meses estávamos prontos e iniciamos a viagem.

Nós, os homens, fomos na frente para levarmos os animais andando. Os meus eram 21. Levamos quatro dias, de 15 a 18 de setembro de 1916. Saímos da Fazenda Rio das Pedras e passamos por Porto Ferreira, Descalvado, Salto do Pântano e Lagoa Alta, onde pernoitamos na fazenda de um italiano que nos tratou muito bem e não quis nos cobrar nada. Demos 20 mil réis de gratificação a ele.

No dia seguinte, partimos e continuamos a caminhada. Chegamos a São

Carlos (na época, um vilarejo) na madrugada do dia 16, onde fizemos nossa primeira parada. Comemos, descansamos um pouco e seguimos em direção a Araraquara (um lugarejo com apenas sete ruas).

Na noite do dia 17, logo após ter passado em Araraquara, resolvemos pousar numa fazenda em Matão. O local era péssimo! Ficamos ao lado de um chiqueiro de porcos, havia muitos bichos, não havia pastagem para nossos animais e tampouco um lugar apropriado para dormirmos. Foi uma noite terrível. Não conseguimos dormir e, mesmo assim, o proprietário da fazenda nos cobrou mil réis por cabeça. Na saída, frente a frente com o fazendeiro, Antônio Casavecchia o xingou sem poupar palavrões.

A viagem debaixo daquele sol escaldante era dura e penosa, e nós estávamos ficando cansados, mas, no dia 18, por volta das 17h, chegamos ao local onde iríamos viver, cerca de 3 km antes de Fernando Prestes. Estávamos

cansados, famintos e queimados pelo sol, mas estávamos alegres.

Depois de descansarmos bem durante a noite, já na manhã do dia 19, escolhemos uma área de sapezal e começamos a trabalhar para preparar o terreno onde seria nossa lavoura. Como não tínhamos onde comer, pedimos a uma vizinha que nos preparasse o almoço e ela prontamente nos atendeu, mas a comida veio numa bacia amassada e suja e o feijão tinha até bicho! Foi impossível comer, então decidimos almoçar em Fernando Prestes.

Na pensão do senhor Carlos Pimpenatto, onde nos alojamos, fomos dignamente tratados. Permanecemos lá até a chegada de nossas famílias, alguns dias mais tarde. A mudança chegou bem depois, vinda de trem.

Não foi fácil, mas, graças a Deus, finalmente, em junho daquele mesmo ano (Carlina estava com 2 meses), comprei uma empreitada de 5 mil pés de café,

da qual cedi 1,5 mil para meu pai. Então pudemos nos mudar.

Era uma casinha simples, barroteada, coberta de sapé, fresca, sadia, mas, principalmente, era nossa casa. Foi a melhor que já encontrei. Nem o barulho da chuva se ouvia, por causa da cobertura de sapé. Para ouvi-la, coloquei uma lata do lado de fora: que melodia suave a da chuva.

Foi ótimo estarmos a sós. Houve mais compreensão e amizade entre nós. Minha esposa era muito trabalhadeira e caprichosa. Além dos encargos da casa e dos filhos, ainda me ajudava na roça.

Íamos muito bem em nosso trabalho. Deus nos ajudava grandemente, e, um ano depois, havíamos comprado algumas coisas para a casa e ainda tínhamos feito uma boa poupança. Narciza queria uma máquina de costura, pois a família estava crescendo e já não dava mais conta de fazer as roupinhas das crianças à mão, conforme sempre havia feito.

Inicialmente, achei que se tratava mais de uma fantasia de minha mulher do que uma possibilidade real. Uma máquina custava caro, mais do que tínhamos poupado, e não era a única coisa de que necessitávamos. Mas, como ela insistia, disse-lhe que fosse vendendo os frangos, as galinhas e os ovos que ela produzia em abundância para juntar o dinheiro. Cerca de oito meses depois, quando fomos contar o dinheiro até então acumulado, contamos 130 mil réis.

Fui à loja do turco Jorge Atic para comprar a máquina. Havia uma alemã, de mão, de marca Gritzner, que custava 135 mil. O comerciante disse que eu poderia pagar o saldo depois, mas não aceitei ficar devendo e voltei para casa sem a máquina. Apenas algum tempo depois, quando já tínhamos os 135 mil, voltamos, Narciza e eu, à loja do Seu Jorge. Ela gostou da máquina e nós a compramos.

Na loja de tecidos, **Narciza escolheu vários cortes e linhas para fazer roupi-**

nhas para as crianças. Então, voltamos caminhando os 3 km da Cidade até nossa casa, carregando a pesada máquina e os tecidos. Estávamos satisfeitos com o resultado de nosso esforço e orgulhosos pela posse de tão excelente equipamento. Narciza sentia-se realizada e feliz.

No dia seguinte, voltei às lidas do cafezal e, ao retornar à casa, à tardinha, pude ver o Joanim com calça, camisa e um boné vermelho novos e Carlina com um vestidinho enfeitado, bem feito, com um chapéu vermelho de menina. Fiquei admirando meus filhos. Nunca os tinha visto tão bonitinhos. Narciza estava satisfeita com o resultado de seu trabalho, pela alegria dada às crianças e pela impressão que me causou. Ela era laboriosa, caprichosa e inteligente. Essa máquina lhe deu muita alegria e nos ajudou a nos vestirmos melhor. Só muitos anos mais tarde foi vendida e substituída por uma da marca Singer, mais moderna.”



Maria Paschoalina (Nena), Orlando (Gico), Orlanda (Landa) e Arlindo, na década de 1930, com roupinhas feitas pela Nonna

Tia Nena

“Minha mãe costurava para toda a família e cuidava da casa. Ela era muito brava e sempre corrigia os filhos. Já meu pai era um homem muito dado, muito sociável e bem enérgico. Ele não era bravo, mas punha cada um no seu lugar.

Por exemplo, o José não queria ir pra roça, como eu falei, ele queria estudar, no entanto, meu pai o convencia a trabalhar. Gosto de falar de meu pai, era um homem muito bom, aprendi muito com ele.

Nossa mãe cuidou muito bem de todos nós. Naquele tempo a mortalidade infantil era comum, chegava a mais de 300/1.000. Em nossa família, todos sobrevivemos até a idade adulta. E ela era muito prática, estava sempre de avental, em cujo bolso guardava um

dinheirinho, que vinha da venda dos ovos ou dos animais do sítio, ou até de uma costura ou outra.

A vida não era muito fácil para nossa família, e nem mesmo os mais jovens eram liberados do esforço. Quando eu estudava, eu tinha que trabalhar nas férias vendendo livros para ganhar dinheiro que seria utilizado para pagar o colégio no ano seguinte. Aquilo não era fácil para mim, porque eu tinha que ir de casa em casa e explicar o que tinha naqueles livros, procurando encantar as pessoas.

Eu também trabalhei muito na roça, porque nós tivemos que abrir nosso sítio, que antes era só mato, para estabelecer ali a plantação de café. E, embora exigisse esforço, aquilo não era

difícil para mim, porque eu sabia fazer, trabalhei na roça desde que eu tinha 12 anos e já sabia como era o serviço. Por exemplo, quando era tempo de plantar, meu irmão ia na frente com uma máquina abrindo a cova e despejando as sementes, e a gente ia atrás fechando a cova.

Eu trabalhei muito na roça porque realmente precisava, mas, em compensação, não precisávamos fazer o serviço de casa, nem mesmo arrumar a cama. Então, se eu chegasse em casa da roça e tivesse louça pra lavar, eu não precisava lavar a louça - e eu gostava disso, até por isso preferia ir para a roça (risos). Já minha irmã mais velha era responsável por lavar nossa roupa.”



Minha prima Dulce Guilhém Gabriel da Silva, Dulcinha

“Meus avós eram bem unidos, mas quem mandava mesmo era minha avó. Ela era

bem autoritária e gostava das coisas do jeito dela, já meu avô era mais bonachão.

Na época em que o conheci, ele já estava aposentado, então não trabalhava mais na roça. Quem cuidava do sítio eram os filhos dele, mas ele sempre ia até lá buscar leite. E, quando nós estávamos lá, íamos com ele.

Tinha uma história interessante que era a relação dele com o Lico, o cachorro de estimação. Quando meu avô pegava a chave do carro, o Lico corria para o car-

ro e sentava atrás do banco de meu avô e ninguém podia se sentar lá. Então ficava aquele monte de neto amontoado do meio do banco para o outro canto, porque se tentássemos empurrar o cachorro, ele rosnava para a gente.

Meus avós sempre tiveram gato e cachorro. Ao lado do fogão a lenha tinha umas caixinhas, onde os gatos dormiam, porque ali era bem quentinho. E ela gostava muito daqueles bichinhos.

Meu avô tinha as atividades dele na cidade, tinha amigos que ele visitava e que também o visitavam. Ele era bem ativo.

Já a Nonna era uma cozinheira de primeira, a comida dela era uma delícia. Ela fazia uma polenta sem igual. E ela

punha os netos pra trabalhar: lavar a louça, enxugar, guardar, limpar a casa, e aí se não fizéssemos como ela queria, ela ficava brava. Mas a questão é que ela não era de ensinar como se fazia o serviço, ela simplesmente nos mandava fazer, então tínhamos que observá-la fazendo.

E aquele avental da Nonna era muito característico dela. Naquele avental tinha um bolso que sempre tinha um dinheirinho, então, se passasse na frente da casa alguém vendendo ovos, verdura ou algo que lhe interessasse, ela tinha autonomia para comprar. E o dinheiro dela era separado do de meu avô; ele lhe dava uma quantia e ela sozinha administrava.”

1



2



1. Casa que pertenceu à família de Ambrogio Ruzzon, habitação típica de nossos familiares naquela época

2. Ambrogio Ruzzon, ao centro, com os filhos José, João, Antonio e Luiz

Foi naquela casa de sapé, onde a chuva era mansa e o ar fresco, que no dia 12 de fevereiro de 1922 nasceu meu pai, José Bellese Filho, o terceiro filho de José e Narciza. Naquela época, **Ambrogio** comprara um sítio na Fazenda São Paulo, em Ibitinga (SP), e João Ruzzon, irmão da Narciza, os convidou para trabalharem lá.

A Nonna não queria ir de jeito nenhum, pois eles estavam bem naquele lugar de terra boa, que produzia bastante, mas a casa estava muito ruim. Eles moravam lá havia três anos, e o patrão negava-se a construir outra, então eles decidiram partir. O Nonno contou que a Nonna chorou muito

e, de certa forma, ele acabou se arrependendo, porque o que veio depois não foi nada bom.

Na Fazenda São Paulo foram cinco anos de muita luta, muito trabalho e nenhuma recompensa, além da chegada de mais dois filhos: Arlindo, em 17 de junho de 1923, e Maria Paschoalina (Nena), em 21 de outubro de 1925. O Nonno havia levado um dinheiro que tinha sobrado do trabalho em Fernando Prestes, mas seu sogro o tomou emprestado para acudir a um amigo que nunca lhe devolveria esse valor. Resultado: Ambrogio foi à falência e o casal **José Bellese e Narciza Ruzzon** foi muito prejudicado.



1921 - Famílias de Giovanni&Paschoa Bellese e José&Narciza Bellese (à direita), com os filhos Joanin, Carlina (com o dedo na boca) e José (Nené) no colo da mãe.

Tia Nena

“A casa em que vivia nossa família - José e Narciza Bellese e os filhos Joanim, Carlina e Nené - era muito primitiva, de pau a pique, coberta de sapé e piso de terra batida. Embora não houvesse conforto, era iluminada pela harmonia e pela felicidade da família que a ocupava.

Dias melhores haveriam de surgir. Para isso, meus pais trabalhavam duro, produzindo e economizando o máximo que podiam, com vistas a aquisição de um sítio próprio que, beneficiado com plantação de café e outros cultivos, possibilitaria construir e dispor de casa melhor para prosseguir com a formação da grande família que provavelmente constituiriam. Era comum naquela época que famílias de agricultores tivessem mais de dez filhos.

Nos seis anos em que trabalharam na fazenda de Fernando Prestes conseguiram uma boa economia – que rendia juros no Banco do Brasil –, suficiente para adquirir uma propriedade de 10 alqueires (quase 25 hectares) de terra boa na região.

Beppe, meu pai, pediu ao patrão uma casa melhor, pois a família estava crescendo, e a casa, além de rústica e pequena, estava se deteriorando. Como o patrão não concordou, resolveram que era tempo de concretizarem o sonho de uma terra própria.

Enquanto pensavam para onde ir, Nani – João Ruzzon – irmão de minha mãe Narciza, a quem Beppe era muito chegado, os convidou para morar na bela propriedade de seu pai, Ambrogio Ruzzon, na Fazenda São Paulo, região de Ibatinga.

Resolveram, então, se mudar para lá. Nessa etapa de suas vidas chegaram outras duas crianças – Arlindo, em 17 de junho de 1923 e eu, em 21 de outubro de 1925 –, ficando a família com sete membros.

Nesse período, para atender um amigo em dificuldade, Ambrogio pediu emprestadas as economias de mais de seis anos do genro Beppe e nunca devolveu. Então, tiveram que deixar a

propriedade hipotecada para o Banco do Brasil, por falta de pagamento. Com isso, todos tiveram que se mudar.

De novo muito pobres, Beppe, Narciza e cinco filhos voltaram a se instalar como colonos, agora na Fazenda Vilela, de péssimas terras, que muito pouco produzia, chegando a quase passar fome. Permaneceram ali apenas um ano. Mas foi um ano muito duro.

Novas possibilidades se abriram nas boas terras de Valentim Geretto, onde a família conseguiu formar um cafezal em regime de colonato, que lhes proporcionou renda e economias suficientes para a aquisição de uma propriedade em Londrina (PR), no final da década de 1930.

Nené crescia, uma criança muito bonita com seus lindos olhos azuis, mas que não gostava de trabalhar na lavoura. Quando surgiu a oportunidade de estudar decidiu, juntamente com seus pais, que iria sair de casa.”

1



2



1. 1939, Londrina (PR) - Sítio da Família Bellesi. Nonnos e filhos (menos José) e família do Joaquin e Maria Bellese com as filhas Nadir e Ivanir

2. 1948, Londrina (PR) - O casal Narciza e José Bellesi

Conhecer a trajetória do Nonno e saber das tantas dificuldades por que ele passou me fez admirá-lo ainda mais. Por mais dificuldades que tenha enfrentado, ele tinha uma visão muito positiva da vida e estava sempre feliz. Se ele caía em um buraco, dizia: “Que bom que eu ainda tenho perna para me levantar”.

Um homem firme, que resolvia as coisas e, ao mesmo tempo, muito cuidadoso e delicado no trato. As mulheres ficavam encantadas porque ele era muito gentil. Uma vez fui visitá-lo e ele estava com sua nova esposa, com quem se casou algum tempo depois que a Nonna faleceu, e a quem foi buscar em Vitória (ES). Do alto de seus 90 anos, sentava-se ao lado dela para ver TV e ficava de mãos dadas. E ainda nos dava lições de como conquistar uma mulher.

Certa vez, me mandou dizer a meu pai que ele não sabia como

tratar uma mulher e ensinou: comece pelo dedinho e observe a reação dela. Se ela não reagir, ou reagir positivamente, é hora de se aproximar mais um pouquinho. E assim continue até chegar aonde quer. Não foi à toa que já na primeira visita convenceu sua segunda esposa a se casar com ele.

E com a Nonna não foi muito diferente. Lá atrás, quando lhe contou que estava interessado nela, a Nonna disse que lhe daria uma resposta dentro de oito dias. Então ele falou que aquela espera não o convencia, pois ele era o Beppe naquele dia e seria o mesmo Beppe depois de oito dias. Mediante tal argumentação, ela aceitou namorar.

Esse era nosso Nonno. Apaixonado pela vida, lutava por aquilo que acreditava. E foi assim desde a juventude. Gostava de aprender coisas novas e era destemido.



Minha irmã Berenice Bellese De Cesaro, Berenice

“O Nonno era muito divertido. Ele se casou pela segunda vez depois de idoso, porque nossa

Nonna morreu e a família Bellese era muito prática. Uma de suas filhas, a tia Landa [Orlanda], falou: “Minha sogra é viúva, mora no Espírito Santo e é muito bacana, vamos mandar uma carta para a família promovendo um encontro entre eles”. Dito e feito.

Meu pai levou o Nonno de carro para Vitória (ES). Antes disso, mamãe foi à Mesbla e comprou uma camisola mais conservadora para que ele desse de presente para a nova pretendente, mas quando lhe mostrou a peça, ele disse: “Não, eu quero uma camisola de renda, macia e bonita. Pode trocar”.

Chegando em Vitória, ele deu um beijo no rosto dela, lhe presenteou com a camisola e já saiu de lá comprometido. Casaram-se em 28 de julho de 1984, e

foram morar em Santa Fé e depois em Curitiba. Um ano e seis meses depois, ela adoeceu. E em 1988, uns quatro anos depois, quis voltar para junto de sua família, falecendo em 27 de novembro de 1989.

Quando o Nonno tinha 98 anos, a tia Maria, a Nena, que cuidava dele, foi viajar, então fomos buscá-lo para passar uns dias conosco... noventa dias! Pois bem, ele colocou o terno na mala e saímos animados de São Paulo (SP) com todas as recomendações de saúde, afinal, ele não podia comer doce. No caminho para Uberlândia (MG), paramos no Frango Assado e perguntamos para ele: “Nonno, tem frango, lasanha, batata. O que o senhor vai querer?”. Ao que ele nos respondeu, sem titubear: “Tudo!”.

Fizemos exatamente o contrário do que a tia Nena nos recomendou. E ele parecia se sentir em casa. Chegávamos do trabalho e ele estava sempre de cueca, mesmo se nossa funcionária ou o jardi-

neiro estivessem em casa. Um dia lhe perguntamos por que ele vivia de cueca, e ele disse que a vó Narciza nunca o tinha deixado ficar à vontade em casa. “Lá na Nena vão achar estranho se eu também fizer isso, então, aqui, estou aproveitando”, comentou descontraído.

Seu programa preferido era churrasco; ele passava o domingo todo comendo carne e tomando sol em volta da piscina. Um fato que ficou marcado foi a grande conexão que ele teve com a Ava, nossa rottweiler. Inicialmente ele teve medo, mas logo bateu a bengala e a chamou de Negri. A cachorra veio de uma forma lenta, quase espiritual, e entendeu o Nonno na hora. Ambos se tornaram grandes companheiros.

Ela andava ao lado dele, mantendo sua velocidade. Onde ele estivesse, a Ava estava atrás. Ele batia a bengala no chão e gritava: “Negri”, e ela vinha. Quando o Nonno foi embora, a Ava ficou de luto. Nós a chamávamos de Negri, mas ela não respondia.”



Meu cunhado Adelchi De Cesaro Filho, Adelchi

“No caminho de São Paulo para Uberlândia, comentando sobre a geografia da região, falamos das

idades que compunham o Triângulo Mineiro. Quando mencionamos Araguari, o Nonno se animou. Disse que tinha um grande amigo, o Collar - que considerava como um filho - , que décadas antes havia se mudado para essa Cidade. E gostaria de revê-lo, então, prometi que tentaríamos encontrá-lo.

Por acaso, tenho um bom amigo, Carlos Eduardo Guimarães - que, naquela época, morava em Araguari - , cuja esposa, advogada, tinha muitos contatos. Sabíamos

que o Seu Collar havia sido cafeicultor no Paraná e como Araguari é uma terra que produz muito café, a esposa do meu amigo ligou na cooperativa de cafeicultores e descobriu que a secretária era filha do Seu Collar. Foi uma alegria!

Um dia, o Carlos me avisou que levaria o Seu Collar para visitar o Nonno. Nós não estávamos em casa, mas soubemos que foi uma ocasião emocionante. O Nonno estava sentado no sofá quando o Carlos entrou em nossa casa e comentou: “Trouxe um amigo para te ver”.

Quando o Nonno viu o Seu Collar, levantou-se rapidamente, o que já não era mais comum naquela época devido às dificuldades da idade, exclamando “Meu

filho!”. Imediatamente os dois se abraçaram, foi um encontro maravilhoso.

Quando chegamos em casa, o Nonno nos contou entusiasmado sobre a visita que recebera, ele estava muito feliz. Depois disso fomos visitar o Seu Collar algumas vezes em Araguari, e pudemos testemunhar a amizade dos dois.

O Nonno se divertiu muito naquele período em nossa casa onde não tinha as restrições de sempre, já que o deixamos muito à vontade. Nossos filhos eram jovens e ele convivia alegremente com a meninada, contando histórias, saboreando churrascos e desfrutando da companhia da Ava, a sua Negri. Foram três meses muito felizes.”



Minha filha Beatriz Marques Bellese, Beatriz

“Tive o privilégio de ter bisavô. Eu ainda não tinha completado 10 anos quando ele faleceu, mas me lembro de sua pele fininha e de suas mãos grandes, que me impressionavam. Também me lembro que seus óculos tinham uma lente muito grossa; eu achava aquilo engraçado.”

Nonno

“Quando percebi que não haveria progresso com meu sogro, resolvi que mudaríamos para a Fazenda Água Quente, onde fui trabalhar com o senhor Vilela, como colono. Deu só para comer e fiquei apenas um ano. Patrão pão-duro, não abria mão para nada e ainda pedia dias de serviço e não os pagava. Quando acertamos as contas, ficou me devendo 9 mil réis, o que daria para comprar uma saca de 50 kg de trigo.

A situação estava difícil: cinco filhos pequenos e minha mulher grávida de sete meses. Então, em setembro de 1928, nos mudamos para Taquaral, fazenda do Valentim Geretto, esse sim, um patrão ótimo, nunca encontrei igual. Pegamos uma empreitada de 10 mil pés de café numa época em que os filhos maiores já começavam a ajudar. Ainda foi um período de muita luta, muito trabalho. Tivemos que fazer coivara, alinhar e plantar o café, mas em tudo havia a mão de Deus nos guiando, sabíamos que Ele estava ali.

Dois meses depois de nos instalarmos naquela fazenda, em 26 de outubro de 1928, nasceu nosso sexto filho, Orlando Ambrosio, que deu muito trabalho porque sofria de bronquite asmática e, como consequência, seu coração ficou dilatado. Muitas vezes o vi todo arroxado; chegamos a pensar que ele morreria, mas, por fim, voltava. Usava remédios muito fortes e quase todo o dinheiro que ganhávamos gastávamos com ele. Minha esposa foi muito dedicada e não poupou esforços para cuidar dele.

Depois de uma longa madrugada em que ele foi acometido por uma crise muito forte e quase morreu, decidimos que ele deveria ser batizado naquele dia, porque temíamos que ele morresse sem o sacramento que o passaria da condição de pagão para a de cristão. Resolvemos levá-lo a Ibitinga, que ficava a uma légua de nossa casa (cerca de 6 km), porque era a cidade mais próxima onde havia uma igreja e um padre.

Quando chegamos, o padre já estava na igreja e lhe expliquei a situação e a gravidade do estado de saúde de meu filho, solicitando que batizasse o menino ainda pela manhã. Mas o padre não se sensibilizou e foi tremendamente irredutível e até um tanto quanto hostil. Saí triste, sem entender como um padre poderia ser tão insensível e rude.

Quando voltei à loja onde estavam Narciza e o menino, encontrei meus sogros, que haviam sido convidados para padrinhos e também meu cunhado Luiz, a quem havíamos mandado avisar do premente batismo, assim que saímos da fazenda. Ao contar-lhes a decisão do padre, meu sogro Ambrogio sugeriu que insistíssemos com o padre, visto a gravidade do menino. Fomos à igreja e novamente o padre informou, com toda frieza, que o batizado só ocorreria à tarde. Meu sogro ficou irado, o xingou de desgraçado e filho da puta, dizendo-lhe que na Itália um padre atendia a qualquer hora,

mesmo de madrugada e debaixo de chuva ou neve, e que se o menino não resistisse até a hora do batismo, ele seria responsabilizado e haveria um duro acerto de contas.

Mas era um padre francês, e não houve jeito de persuadi-lo: o batismo ocorreu apenas depois do almoço. Aquele acontecimento foi a gota d'água para que eu mudasse de religião. Eu já tinha muitas dúvidas em relação à fé católica, não conseguia encontrar na igreja e nos padres a essência do cristianismo, que é o amor. As histórias da inquisição me estremeciam, e eu não queria mais ser católico. Decidi que nunca mais entraria numa igreja ou procuraria um padre e comuniquei a decisão para minha mulher.

Mas essa situação não me satisfazia,

eu não estava tranquilo. Sentia necessidade de uma fé, de crer em Deus, entender a razão de nossa existência, desse mundo e de sua natureza. Comecei a procurar outra religião. A primeira que encontrei foi a espírita, mas, quando levei minha esposa, imediatamente ela descartou a possibilidade de continuarmos ali.

Depois, os adventistas da promessa nos acharam. Passei a frequentar suas reuniões e as vigílias da noite. Achei que a verdade estava ali, mas os cultos eram muito barulhentos, todos orando ao mesmo tempo, não me davam uma boa impressão. Além disso, eles oravam em línguas, mas comecei a observar que as pessoas mais nobres do grupo, ao invocarem o Espírito Santo para falar línguas, não eram atendidas; e outras de comportamento duvidoso,

passavam a falar línguas que nem elas próprias sabiam o que significavam. Não estava convencido e não me sentia seguro.

Compramos uma Bíblia. Eu tinha um vizinho, André Juca Pires, que era Adventista do Sétimo Dia. Homem muito sério, de pouca conversa, um dia me convidou para ir à sua igreja na cidade de Ibitinga. Era um sábado de manhã quando assisti àquela reunião inteira. O sermão foi feito por um estudante de Teologia do Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Gostei da forma organizada como os cultos eram conduzidos e achei que aquele poderia ser o caminho certo. Começamos a ser visitados por uma obreira bíblica, a senhora Ana Campos, e então comecei a entender o conteúdo da Palavra de Deus. (BELLESI, 1994).”



Nonna e Nonno com os netos Landinho e Demilson, na frente do Jipe em que o Nonno aprendeu a dirigir

No alto de seus 60 anos, aprendeu a dirigir e **comprou um Jipe Willis**, tudo porque queria ter liberdade para ir ao sítio, distante 6 km, sempre que quisesse. Mais tarde trocou o Jipe por um Fusca azul claro, ano 1971, e ficou com ele até

não poder mais dirigir.

Grande companheiro, tinha boa memória, o que permitiu tantos registros detalhados de suas vivências.

Tia Nena

“Lembro-me bem dessa passagem. Um dia, minha mãe estava em casa e passou um homem da Igreja Adventista da Promessa vendendo Bíblia. Era um colportor, como são chamadas as pessoas que vendem livros adventistas. Minha mãe queria comprar naquele dia, já que meu pai não estava em casa, mas o colportor só vendia por encomenda e levaria cerca de 20 dias para entregar. Ela arriscou e encomendou.

Na verdade, ela queria agradá-lo, porque, embora meu pai não tivesse muito estudo, ele lia muito, era um homem muito culto, mas ela tinha receio de que ele ficasse bravo, por isso tentou comprar o livro naquele dia mesmo. Ela usou o dinheiro daquelas economias que fazia em casa.

Pois você acredita que no dia em que o colportor foi levar a Bíblia, meu pai não tinha ido trabalhar na roça e estava em casa? Ele havia matado um porco e ficou em casa para limpá-lo e prepará-lo para cozinhar, naquela época isso era comum. Então, ela chamou meu pai e lhe contou o que havia feito, argumentando que queria agradá-lo. Ele nem teve como ficar bravo.”



A lupa e a Bíblia da minha querida Nonna estão hoje guardadas com a tia Dirce, a filha caçula

O Nonno tomou gosto pela leitura e se tornou um leitor assíduo da Bíblia e da Revista Adventista, a qual assinou durante 50 anos. Até seus últimos dias, ele e a Nonna **liam a Bíblia com auxílio de uma lupa.**

Quando se mudaram de Londrina para **Santa Fé**, trabalha-

ram firme na construção de um templo na parte mais nobre da cidade.

A Família Bellese era realmente corajosa. Como tantos imigrantes italianos, enfrentaram inúmeras dificuldades para tentar uma vida melhor aqui no Brasil.



Março de 1955, Santa Fé (PR) - Nonno e Nonna com todos os filhos, em frente à casa de Santa Fé. Da esquerda para direita, Gico, Joanin, Arlindo e meu pai; Dirce, Nena, Landa, Waldomira e Carlina



Dirce Bellese Moura, tia Dirce

“Minha mãe era uma mulher muito inteligente. Ela não pôde ir à escola porque as crianças tinham

que trabalhar, mas aprendeu a ler depois de adulta, quando os filhos já estavam encaminhados. Lia a Bíblia todos os dias, e a leu inteira repetidas vezes, inclusive, eu lhe dei uma Bíblia de presente, que hoje guardo comigo, com todo carinho, como lembrança dela.

Ainda hoje faço a polenta com frango que aprendi com Mamãe, o que também é outra forma de sentir a presença dela em minha vida. Certa vez, meu pai falou que o meu jeito de preparar a polenta com frango é o mais parecido com o dela. Eu fico muito feliz, Mamãe era uma cozinheira de mão cheia. E por mais que eu já tenha visitado diversos países, nunca comi uma comida como a dela.

Mamãe tinha fogão a gás e fogão a lenha na casa de Santa Fé, mas preferia

cozinhar no fogão a lenha, feito de barro e tijolos. Preparava lanches, bolos, macarronada, nhoque e um arroz e feijão como ninguém. Até hoje me lembro daquela fornada de oito pães que saíam quentinhos, perfumando todo o ambiente. Eram maravilhosos!

E mesmo com toda a dificuldade que ela e Papai passaram para criar os nove filhos, Mamãe nunca deixou de ajudar as pessoas. Ela levava alimentação e roupas para os mais necessitados ou mandava que entregássemos. Foram várias as vezes em que ela me pediu para levar uma doação para alguém.

Todos os dias ela dava uma garrafa de leite para um senhor, vizinho nosso. Era uma pequena ajuda, mas que lhe garantia algum sustento. Quando a Mamãe faleceu, ele ficou muito triste, não só pelo leite, mas pela atenção que ela lhe dispensava.

E Mamãe sempre foi assim, muito atenta, especialmente com os filhos. Quan-

do eu tinha 4 anos, apareceram pequenas feridas em minha cabeça que não saravam, nem mesmo com os cuidados e medicamentos. Então, eles decidiram cortar os meus cabelos. Chorei muito ao me olhar no espelho e não ver mais a menininha com aqueles lindos cabelos encaracolados. Como num passe de mágica, minha mãe fez um chapeuzinho de tecido, que me serviu certinho e voltei a sorrir. Essa história ficou marcada, tanto que já se passaram mais de 80 anos e nunca me esqueci disso.

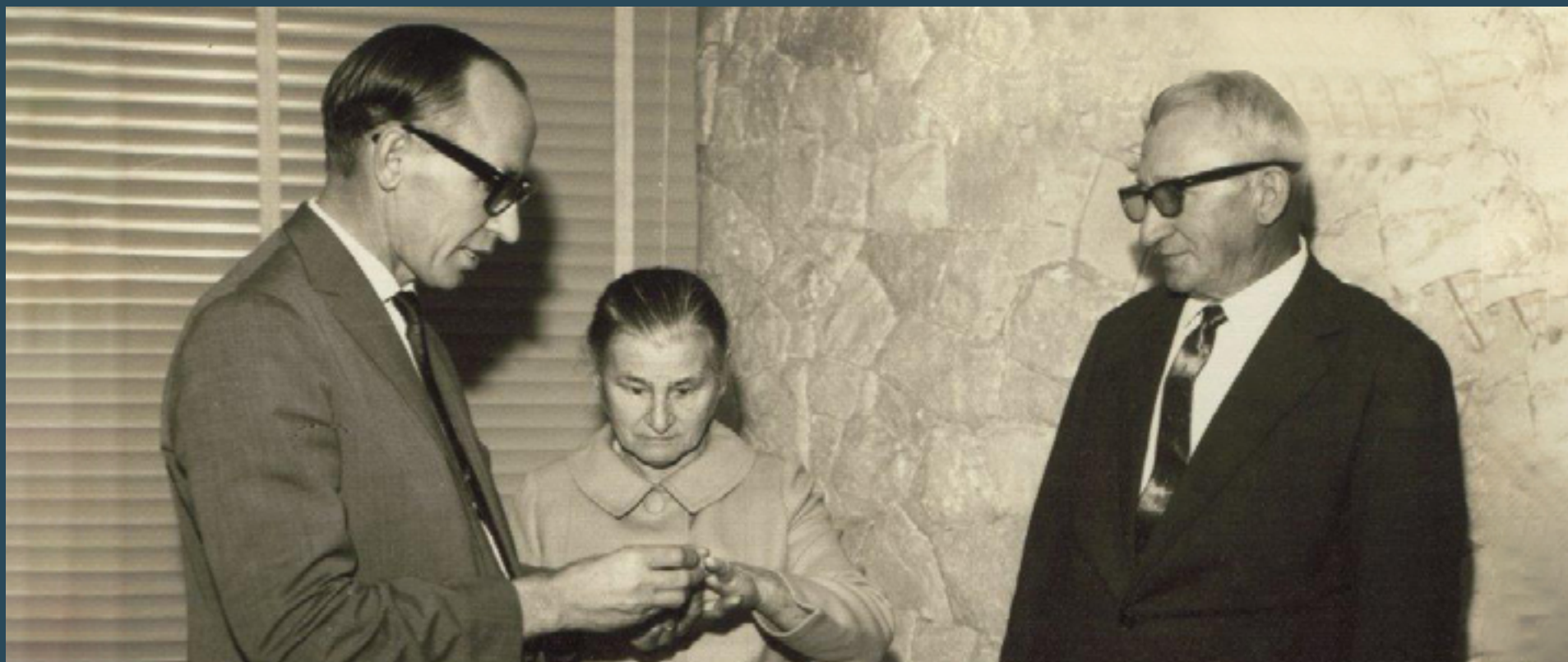
Ela era uma mulher visionária. Quando aparecia uma possibilidade de negócio, Papai sempre a consultava. Se ela dissesse: “Beppe, entre nesse negócio que vai dar certo”, ele podia fazer de olhos fechados. Agora se ela falasse: “Beppe, não faça que não vai dar certo”, nem adiantava ele tentar.

Minha mãe foi realmente uma mulher incrível. Ela e Papai batalharam muito durante a vida e mereciam até mais do que fizemos quando completaram

50 anos de casados. Foi uma reunião simples, em família, realizada na casa em que eles moravam, na Rua Itupava, em Curitiba, onde hoje reside minha irmã Waldomira.

Eu estava grávida do Emerson e já tinha a Marise – que estava com 2 anos na ocasião. Junto do Pedro, tive o privilégio de participar da cerimônia de Bodas de Ouro. Foi singela,

mas revelou a fé deles, na prece feita pelo meu irmão José, e a garra de uma família de imigrantes que sempre foi exemplo de coragem, de honestidade e de amor.”



1966 - Bodas de Ouro



1966 - Bodas de Ouro, com a maioria dos filhos e cônjuges e netos

1



1. 1991, São Paulo - José Bellesi, o Nonno, em seu 95º aniversário

2. As bengalas tão características do Nonno



2

O Nonno era fantástico. Boa companhia para as refeições, para viajar, dividir o quarto, era sempre uma pessoa positiva e alegre. Ele saía de casa bem cedo e ia para a rua conversar com as pessoas. Por volta da 6h já tinha tomado um tomado café em casa e, então, saía. Parava na barbearia, sentando-se na cadeira do barbeiro apenas para bater papo, e quando chegava

um cliente, ele se despedia e ia embora, então, sentava-se com o gerente do Banco do Brasil e lá ficava mais um pouco. Quando o gerente se ocupava, ele ia para a cooperativa. Pouco antes das 11h, começava a se despedir e saía apressadamente de onde estivesse, para evitar levar bronca da Nonna caso se atrasasse para o almoço. Era um figuraço!



Meu filho Rodolfo Marques Bellese, Rodolfo

“Encontrei meu bisavô pessoalmente poucas vezes na vida, mas me lembro que ele era um homem muito forte, muito lúcido e a voz dele era igualzinha à voz de meu Nonno José. A semelhança era incrível, especialmente ao telefone, eu nunca conseguia distinguir qual dos

dois estava ligando.

Nas oportunidades que tive de estar com ele, apesar de curtas as conversas, pude perceber que ele era um homem que havia batalhado muito na vida e que tinha fortes valores éticos, dos quais não abria mão, corroborando o que meu pai falava sobre ele.

Quando completou 98 anos, antecipar a festa que havíamos planejado para seu

centenário, com receio de que ele não chegasse aos 100 anos, mas ele viveu até os 102. Foi muito bom. Fizemos um festão em Santa Felicidade, Curitiba, com toda a família reunida, foi interessante.

A impressão que eu fiquei é que ele morreu porque desistiu de viver, não via mais encanto na vida, até por ter vivido muito tempo já. Mas foi um homem espetacular.”



O Nonno, com cerca de 100 anos

Já a Nonna era um pouco brava, mas me ensinou bastante coisa de um jeito muito interessante. Lembro-me dela sempre chegando e **enxugando as mãos no avental**. Ela me mandava ver se o forno a lenha já estava no ponto para assar o pão e eu olhava, olhava e nada percebia. Naquela ansiedade de criança, eu dizia: “Nonna! Está um fogaréu danado; está muito quente!”. Ela ia, olhava para cima e dizia apenas: “no!”. Dali a pouco, ela me chamava de novo: “Newton, vá ver se o forno...”. Eu olhava e, de novo, dizia “Nonna! Está muito quente, tem um braseiro danado...”. Ela aparecia para observar e apenas dizia: “no!”.

E, então, na terceira vez, quando eu, desapontado, dizia que já não tinha mais fogo e que as brasas estavam se acabando, ela confirmava, mas não me explicava nada, eu é que tinha que observar. E o que percebi, foi que o teto do forno estava branco e esse era o sinal de que estava pronto para receber o pão. Nunca mais falhei...

Com ela aprendi como se mantinha o fermento. Como não havia fermento comercial, Nonna colocava um pedacinho da massa do pão do dia numa garrafa com água para a forrada seguinte. Aprendi a cortar com fio de linha a polenta para assar ou fritar... aliás, ela sempre deixava a panela de ferro com as casquinhas crocantes do fundo e das laterais, um acepipe para meu leite. Era brava, mas mimava do jeito dela. Era mais calada, mas ensinava do jeito dela. Foi



Santa Fé - Nonna com seu típico avental e o inseparável cachorro Lobo

com a Nonna que aprendi a ser observador. Tenho muitas saudades dela...

Minha Nonna faleceu em decorrência de pneumonia, no Hospital Adventista de Londrina, no dia 05 de setembro de 1983, dois meses antes de completar 85 anos. O Nonno

casou-se novamente com a Senhora Matilde, com quem permaneceu mais alguns anos, vivendo em Santa Fé. Após ficar viúvo pela segunda vez, passou a morar com os filhos até o dia de sua partida, em 29 de junho de 1998, em Curitiba, aos 102 anos.

Cada membro da família, a seu modo, vai compondo nossa

história e participando da construção de nossa personalidade, de nossa maneira de ser e de encarar a vida. Sou muito grato a meus nonnos, não apenas por tudo o que me ensinaram, mas e principalmente por seu amor, por tudo o que fizeram e enfrentaram para que nós, seus descendentes, pudéssemos chegar até aqui.



1994
Uberlândia
(MG) - Netos
e bisnetos
emoldurando
o Nonno



1991, São Paulo - José Bellesi, o Nonno, em seu 95º aniversário, com membros da família

Família Bellese, originária de San Donà di Piave, Veneto, Itália

Época e local de nascimento	Ascendentes descendentes
Década de 1850, Itália e Áustria	Luigi Valentino Bellese & Giuseppina Arnistil
Década de 1870, San Donà di Piave e Treviso, Itália	Giovanni Bellese & Páschoa Ceconatto
Década de 1890, São Paulo	José Bellese *26mar1896 +29jun1998 & Narciza Ruzzon *01nov1898 +05set1983
Década de 1920, São Paulo e Santa Catarina	José Bellese Filho *12fev1922 +14set2008 & Nair Böell *01ago1929 +29jul2021 Filhos: Newton, Odilon e Berenice
Década de 1940, Santa Catarina e Pará	Newton Bellese *06abr1947 & Lia Hachem Marques *02mai1949
Década de 1970, Pará	Rodolfo *13nov1971, Beatriz *12mar1974 e Marcio André *12nov1976
Décadas de 2000 e 2010, Pará ¹ e Lisboa ²	Roger¹, João Pedro¹, Marina², Laura², Miguel¹, Isaac José¹ e Davi¹
<i>Imigraram em 1891, da Itália para o Brasil (Fazenda Capão da Onça, comarca de Pirassununga, província de São Paulo). Luigi & Giuseppina e filha Brunichelda & marido retornaram para a Itália em 1898.</i>	

Filhos de Giovanni & Páschoa: José Bellese, Tonina, Pedro, Pompeu, Maria, Benedito, Ermínia, Ângelo, Aurélia, Guilherme, Luiz e Agostinho

Filhos de José & Narciza: João (Joanin), Carlina, José F° (Nené), Arlindo, Maria Paschoalina, Orlando, Orlanda, Waldomira e Dirce

Filhos de Newton & Lia: Rodolfo, Beatriz e Marcio André

CAPÍTULO 2

Vidas de lutas, mudanças e aprendizado

Viver significa lutar.

Sêneca

O trabalho de parto já durava três dias e Nonna sofria muito. Estava quase desfalecida. Parecia que não iria aguentar. Nonno estava com sarampo quando ela começou a sentir as primeiras contrações e precisou se esforçar tremendamente para chegar até a casa da vizinha e levá-la a tempo de ajudar na missão de trazer o terceiro filho ao mundo.

Ainda assim, a criança não nascia, e a situação configurava-se difícil. Tão difícil que Nonno tinha a impressão de que perderia mulher e filho. A vida feliz que tiveram naquela casinha de sapé em Fernando Prestes, com seus dois filhos, um trabalho que rendia bem e uma terra que produzia com fartura, parecia se esvaír por entre seus dedos.

Mesmo com febre alta, saiu novamente e foi até outra fazenda, pedir ajuda a seu irmão Pompeu, que foi buscar uma parteira italiana. Para que ela chegasse rapidamente à casa da Nonna, Pompeu cedeu-lhe o seu cavalo, e seguiu a pé.

Quando a parteira chegou, ficou nervosa ao ver a situação e, dando uma bronca danada na vizinha que, com boa vontade, tentava ajudar, arregaçou as mangas, trabalhou com firmeza e, duas horas depois, no 43º dia do ano, 12 de fevereiro de 1921*, conseguiu trazer a criança ao mundo. Ufa! O meu pai chegou.

O difícil parto seguido do nascimento bem-sucedido de meu pai foi um grande alívio e fato marcante para toda a família.

*04 de março de 1921, que aparece em meus documentos, é na verdade a data em que fui registrado, como costumeiro na época.



Tia Nena

“A chegada de meu irmão José foi bem atribulada. No dia em que minha mãe apresentou sinais do terceiro parto, meu pai estava com sarampo, febre alta, prostrado. Com muito esforço, consegui chegar à casa da vizinha para lhe pedir ajuda, pois o bebê não dava sinais de que estava nascendo.

A mulher apareceu com boa vontade, tentou ajudar, mas não tinha habilidade e experiência para acompanhar aquele parto que não se completava. Além do mais, não podia permanecer, pois também tinha filhos e marido para cuidar.

Foi um tempo difícil para a família, com

minha mãe em trabalho de parto prolongado, cuidando de dois filhos pequenos – Joanim e Carlina – e do marido enfermo. Beppe, meu pai, chegou a pensar que sua esposa não suportaria, como tantas outras mulheres daquele tempo que não conseguiam dar à luz. Na verdade, imaginou que nenhum dos três sobreviveria, além das duas crianças, que seriam deixadas à sorte, já que ele também se sentia muito mal.

Passaram-se três dias e nada de o bebê nascer. Minha mãe estava cansada e sem esperança, quando Pompeu Bellese, irmão de meu pai, chegou a cavalo para uma visita surpresa.

Percebendo a situação, saiu imediatamente a galope para buscar uma parteira conhecida, profissional competente,

que assistia as mulheres da região. Encontrando-a, ordenou que fosse em seu cavalo para chegar logo à casa da parturiente, enquanto ele retornaria a pé.

Logo que chegou ao casebre dos Bellese, a parteira examinou a paciente, observando que o bebê não se encontrava em posição favorável ao parto. Enquanto reavivava o fogo do fogão à lenha, colocou água para ferver, organizou seus aparatos e começou a trabalhar fazendo manobras até conseguir colocar o bebê em posição de nascer.

Então, disse para minha mãe ter coragem, que ajudasse, não demorando a observar a cabeça do bebê. Foi um trabalho árduo para a parteira e um parto muito penoso para nossa mãe e para meu irmão, que nasceu todo roxo.”

Até para nascer, meu pai, José Bellesi Filho, precisou lutar. Eram tempos atribulados: naquele 12 de fevereiro, os bolcheviques iniciavam uma revolta na Geórgia como preliminar para a invasão do Exército Vermelho à Rússia; no Brasil, o presidente era Epitácio Pessoa, cujo governo foi marcado por revoltas militares que acabaram na Revolução de 1930, levando Getúlio Vargas ao Governo Central. Tempos difíceis estavam por vir. Mas meu pai nasceu e sobreviveu demonstrando sua teimosia, sua força.

Estava semimorto. Meio arroxeadado, foi colocado em uma bacia com água fria para conseguir respirar e chorar. Deu certo. Pesou 4kg e, embora tenha recebido o nome de seu pai, era chamado carinhosamente de Nenê.

Mais tarde, a parteira italiana auxiliou o Nonno mais uma vez, sem nem mesmo reconhecê-lo. Quando ele estava internado em um hospital de Araraquara, ela lhe fez companhia até que o cunhado dele, João Ruzzon, voltasse do almoço. A Parteira estava ali, cuidando de seu filho, que também estava doente. Meu avô ainda estava sob o efeito da anestesia e quando acordou ela lhe contou que ele havia sido operado devido a uma apendicite e que deveria permanecer quieto.

No primeiro momento, ele não sabia que ela era a Parteira. Mas quando a conversa se seguiu, no quarto do hospital, ela lhe contou a história de um parto difícil, que havia se passado em uma casa de fazenda, mas que tinha terminado bem. Quando concluiu sua fala, ele lhe disse que aquela história havia acontecido em sua casa e que ele era o pai do menino que ela havia trazido ao mundo. Foi só alegria. O Nonno sempre foi muito grato àquela senhora, cujo nome nunca soube, mas cujo epíteto gostava de lembrar: um anjo enviado por Deus.



1922ago, Fernando Prestes, meu pai, com 6 meses no colo da Nonna, juntamente com o Nonno e seus irmãos mais velhos, Joanim e Carlina



Meu pai, José Bellesi Filho, Papai

As mudanças de minha infância

“Nossa família, agora de cinco pessoas, continuava bem naquela fazenda. O futuro vislumbrava-se promissor.

Caso os resultados do trabalho continuassem semelhantes aos dos dois anos anteriores, em pouco tempo haveria poupança suficiente para comprar uma pequena área de terra, o ideal da família. Sob essas condições, de surpresa, num determinado dia, vem visitar a família, o João Ruzzon – Nani –, o irmão mais velho de minha mãe e grande amigo de meu pai. Sua visita, constituiu-se motivo de muita alegria. Não se viam há bastante tempo, pois estava morando em Ibitinga. Ainda não conhecia a terceira criança da Família Bellese. Ficou muito contente ao me conhecer, enquanto minha mãe corria alegremente para a cozinha para preparar, com esmero, o almoço daquele dia especial.

Depois de brincar com as crianças e atualizar os assuntos da família, Tio Nani apresentou o motivo de sua visita. Vinha em nome de seu pai, o Nonno Ambrogio, convidar nossa família para ir morar mais próximo deles. Deveríamos trocar nossa vida organizada e bem-sucedida de Fernando Prestes, para vivermos em Ibitinga, junto de nossos parentes, com uma participação no sítio que o Nonno dispunha. Meu pai,

por gostar muito do cunhado, foi logo aceitando o convite, mas minha mãe reagiu, dizendo que agradecia, pois eles estavam muito bem ali e não havia razão para a mudança. Ela sabia que as terras de Ibitinga eram inferiores às terras de onde eles moravam, e estavam sendo bem-sucedidos.

Tio Nani esperou passar a noite e na manhã seguinte persistiu em seu dramático apelo reiterando que toda a Família Ruzzon sentia saudades da Família Bellese e que as crianças deveriam viver perto dos avós, tios e primos. Minha mãe continuou resistindo, mas mediante o entusiasmo de marido, e o amor e as saudades que sentia de seus pais e irmãos, finalmente cedeu, apesar de não ser o que desejava. Meu tio Nani despediu-se feliz, ao completar sua visita com a missão cumprida, na certeza de que, em pouco tempo, estaríamos todos juntos em Ibitinga.

Passado o entusiasmo, meus pais ficaram preocupados. Teriam que vender tudo o que haviam adquirido em Fernando Prestes. Mas diante do compromisso assumido, aplicaram-se a vender a empreitada do café (o café valia muito, naquele tempo), os cereais e as demais benfeitorias. Foram bem-sucedidos nas vendas. Conseguiram reunir três contos e quinhentos mil réis. Era dinheiro suficiente para comprar um pequeno sítio de dez alqueires em Ibitinga.

Em agosto de 1921, reuniram os três filhos, os bens da pe-

quena mudança, os cereais separados para o consumo de um ano, alguns animais domésticos, despedindo-se dos parentes e amigos que ficavam. Minha mãe chorou ao deixar aquele lugar e as pessoas com quem tinham sido tão felizes e bem-sucedidos. Partimos no trem da Araraquarense; em Itabatinga houve uma baldeação, quando fomos transferidos para um trem da Douradense. Finalmente chegamos na Estação de Ibitinga.

Lá estavam os nonnos Ambrogio e Carlota, nossos tios Nani, Maria, Antônio, José e Luiz, os dois últimos ainda solteiros, e os demais com seus cônjuges e filhos. Foi uma recepção emocionante, com muito choro de alegria. Meus irmãos Joanim e Carlina eram mais amorenados, parecidos com a família de minha mãe; e eu, com pouco mais de meio ano, de cabelos louros quase brancos, pele transparente e olhos azuis, parecido com meu pai, chamava a atenção da parentada. A comitiva familiar, então, partiu para o sítio do Nonno, na Fazenda São Paulo, que ficava quase duas léguas da sede da Comarca. Os humildes bens da pequena mudança foram arrumados na nova casa que o Nonno cedera.

Meus pais deveriam começar tudo de novo, da estaca zero. Eram lutadores e não admitiam fracassos. Foram criados e educados na dura luta do trabalho das fazendas de café. Confiavam em Deus e em Seu Nome, lutariam sem cessar, viesse o que viesse, custasse o que custasse. Olhavam para a frente, positivamente, sempre com a perspectiva do sucesso.

As primeiras estrepolias

Em casa, éramos três: o Joanim com uns cinco, a Carlina com uns três e eu com pouco mais de um ano de idade. Minha mãe cuidando de nós, fazendo comida, lavando roupa e tratando das demais tarefas da casa. Era muito dedicada e atenta aos filhos. Sem nada comunicar à minha mãe, meus irmãos saíram e eu os segui. Quando minha mãe percebeu que as crianças não estavam por perto e que não respondiam aos seus chamamentos, ficou assustada.

Seguindo as pegadas deixadas na areia da trilha, percebeu que havíamos nos dirigido para o riacho. As pegadas chegavam até a pinguela. Minha mãe prosseguiu, ficando muito aflita com a possibilidade de que eu, também, tivesse tentado passar a pinguela sem corrimão e, desequilibrando-me, caído nas águas que tinham profundidade suficiente para me cobrir. Ao completar a passagem da improvisada ponte, observou, aliviada, que nossas pegadas, particularmente as minhas, prosseguiram em direção à casa dos nonnos, cerca de 1km distante. Ela não conseguia entender como eu, com pouco mais de um ano de idade, havia conseguido atravessar a pinguela e caminhar, sob o sol forte, mais de 1km, sem nada sofrer.

Sei perfeitamente porque nada me aconteceu. Em Salmos 34:7 consta que “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra”. Quando minha mãe me deu à luz, Deus comissionou um anjo para cuidar de mim, que até hoje me protege.

É u'a maravilha. Cada pessoa que nasce neste mundo recebe, de Deus, um anjo para protegê-lo. Devemos nos lembrar, contudo, que o diabo também tem os seus anjos que caíram do céu, com ele, como rebeldes. Eles nos atacam para nos derrotar, mas nosso anjo-da-guarda, magnífico em poder, nos defende. Foi isso o que aconteceu comigo quando atravesssei aquela pinguela sobre o rio, com a fragilidade dos primeiros meses de meu segundo ano de vida. Tenho sentido esta proteção durante toda minha vida. Sou grato a Deus por seu anjo protetor, que me guarda todo o dia.

A vida na fazenda

Na Fazenda São Paulo nasceram meus irmãos Arlindo, no dia 17 de junho de 1923 e minha irmã Maria – Nena –, no dia 21 de outubro de 1925. Foram quase cinco anos de muita luta, trabalho e nenhuma recompensa. O dinheiro que meu pai havia conseguido poupar, de seus ganhos de Fernando Prestes, e que ‘estava a juros’, acabou perdido em um negócio, no qual meu nonno Ambrogio se envolveu, para acudir um amigo, que não conseguiu lhe pagar, e nem o Nonno, que foi à falência por não ter conseguido pagar empréstimo hipotecário no Banco do Brasil. Constituiu-se uma grande perda e atraso para os planos familiares de independência. O dinheiro reservado para a oportunidade da compra do sítio, desaparecera.

Tentando encontrar outro lugar melhor para a família que aumentava, nos mudamos para a Fazenda Água Quente,

perto dali, onde meu Pai foi admitido como colono. O proprietário, o senhor Vilella, não procedia corretamente. Ao final de um ano de dedicação, meu pai pediu as contas. Saiu com as mãos vazias, o patrão deixando de pagar-lhe os nove mil réis (o correspondente a uma saca de trigo de 50Kg) a que tinha direito.

Em setembro de 1928 a família mudou-se mais uma vez, desta feita para o lugar chamado Taquaral, de propriedade do Senhor Valentim Geretto, cerca de uma légua distante da sede da Comarca de Ibitinga. Minha mãe esperava outro filho. No dia 26 de outubro de 1928, nasceu meu irmão Orlando Ambrósio. A família crescia. O sétimo e oitavo filhos, a Orlanda e a Waldomira, nasceram, respectivamente, nos dias 01 de julho de 1930 e 11 de junho de 1933. Vivemos muito bem nesse lugar. Seu Valentim foi o melhor patrão que meu pai conheceu.

As primeiras lembranças

A lembrança mais remota que guardo da Fazenda São Paulo é de um episódio que aconteceu quando estava brincando ao lado de minha Tia Maria, que lavava roupa à beira do riacho. Num descuido qualquer, subi na tábua ensaboada, escorregando para o fundo da água. Minha tia percebeu logo, conseguindo puxar-me para fora. Assustados, chegamos em casa, eu, aborrecido, por estar privado de minhas roupas; a história, promovendo estupefação e contentamento geral, por tudo ter acabado bem.

Havia um ‘pé de laranja’ ao lado da casa, que produzia laranja e mexerica. Era uma condição inusitada, pois cada árvore produzia somente um tipo de fruta. Como aquela poderia produzir dois tipos diferentes?

Havia vacas que forneciam o leite. Apreciava a minha mãe tirando o leite de duas vacas, bem cedinho. Depois, ela separava o leite para o consumo do dia e o que restava preparava queijo.

Como havia muita cana, o Nonno mandou construir um engenho para moer-las e produzir deliciosa garapa, da qual, em tachos de cobre, eram produzidos o melado, o ‘puxa-puxa’ e o açúcar, dos quais emanavam agradáveis aromas, que até hoje minha memória olfativa recorda prazerosamente.

Próximo da casa tinha uma boa horta para consumo de toda a grande família, produzindo repolho, cenoura, rúcula, alface e o almeirão amargo, que o Nonno apreciava muito.

Dispúnhamos de várias caixas com colmeias de abelhas europeias, cujo melhor mel originava-se do néctar das floradas do café e dos laranjais. Numa ocasião, em que os meus tios estavam tirando os favos cheios de mel, minha prima Lídia foi picada por uma abelha, na garganta, que ficou inchada e quase fechou. Parecia que ela iria morrer. Chorou muito, mas alguns dias depois, me chamou: ‘Nené! – *El miele se dulce como el miele*’. Para nós, crianças, não havia nada mais saboroso que o mel, o melado e os seus produtos.

Alguns anos mais tarde, quando tinha uns 10 anos de idade, minha prima ficou gravemente enferma, tendo sido hospitalizada. Era meningite. Fui visitá-la, fiquei muito tempo com ela ao lado de seu leito. Tinha um exemplar da Bíblia que pedia para ser colocada no seu peito. Alguns dias depois, faleceu. Senti muito. Era minha amiga querida. Espero revê-la no Céu, quando Jesus voltar.

Próximo de nossas casas havia uma lagoa e uns tanques de peixes, de onde se pescavam enormes traíras. Um dia o Nonno viu um jacaré. Pegou a sua arma italiana e atirou, matando-o. Depois levou para a Nonna cozinhar. Não comi, mas a maioria das pessoas que estavam presentes, comeu.

Também havia algumas estradas: as da fazenda, mais primitivas, com mata-burros e outra maior, um pouco melhor, que chegava até a cidade de Ibitinga. Na época das chuvas, aparecia muita lama, tanto mais, quanto maior o trânsito de animais, carroças e carros-de-boi. Quando não chovia, em pouco tempo aparecia um enorme ‘poeiral’ com as boiadas e os demais trânsitos.

O Nonno apreciava convidar alguns médicos italianos, domiciliados em Ibitinga, para comer cabrito e porco assado no forno, acompanhado de polenta, e muito vinho e cachaça. As festas prosseguiam pela noite adentro até de madrugada, a Nonna preparando as comilanças com a nossa ajuda. Conversavam muito, só em italiano e nunca paravam de falar. De vez em quando um deles deitava a cabeça sobre a

mesa, mas nunca vi o Nonno embriagado.

Tinha uns quatro anos. Um dia vi o Nonno dando pinga para o negro Joaquim, seu amigo, que bebia à vontade e o Nonno ria. Era tempo de campanha política. Da casa do sítio dava para ver o candidato a prefeito, o senhor Izidoro Lopes e sua comitiva, passando na estrada em frente. Quando ficaram encerradas as atividades políticas daquele dia, Joaquim saiu gritando repetidas vezes: ‘Viva Izidoro Lopes!’. Num dado momento o pobre homem tropeçou e caiu. Meu pai e eu corremos para ajudá-lo. Ele estava caído, inerte. Meu pai disse que ele havia quebrado o pescoço, mas o Nonno achava que era resultado da bebedeira. Gritava-lhe: “O Dr Tato está aqui!”, colocou vinagre em seu nariz, mas nada.

Acreditando que estivesse bêbado, o Nonno mandou que o levassem para o paiol, onde passaria a noite com ele, até que acordasse. Pela manhã, seu amigo estava frio e duro. Havia morrido, mesmo. Meu pai e o tio Nani foram buscar o delegado, que confirmou sua morte. O Nonno apenas dizia ‘bebeu muita pinga e faleceu’. Nonna, passando, dizia “*Maria Verchene, cosa que fato, Ambrogio?*”. Foi uma ocasião muito triste.

Lembro-me, também, de algumas artes, como o fogo que o Arlindo e eu colocamos no campo e que fugiu de nosso controle, ocasionando uma grande queimada não planejada. Noutra ocasião resolvi derrubar uma árvore, não prestando atenção que o Arlindo estava em cima. A árvore veio ao chão com o Arlindo e tudo. Foi um susto.

Quando tinha uns 6 anos de idade, mudamo-nos para a Fazenda Vilella. Lembro-me pouco de lá. Comecei a frequentar a escola, que ficava um pouco distante de casa. Sempre usava um boné na cabeça. Não gostava de frequentá-la, pois como não falava bem o português, era motivo de riso e chacota dos outros meninos. Mas a professora me defendeu.

Um dia fiquei maravilhado: vi o primeiro veículo automotivo, um automóvel Ford 28 novinho, passando ‘velozmente’ nos campos e estradas em frente à sede da fazenda.

Também me lembro da tristeza de meus familiares e de toda a gente pelo assassinato do senhor Guido de L’Água, em Ibitinga, ele que era um homem muito honrado e querido.

Mais ou menos nessa época comecei a ajudar nos trabalhos da fazenda. Meu pai me comprou uma enxadinha pequena, própria para uma criança da minha idade. Acordava cedo, antes do sol, lavava o rosto, tomava um gole de café e ia para a lavoura acompanhando o grupo de trabalhadores. Sentia-me orgulhoso por poder participar e responsável pelas tarefas das quais me encarregava meu pai. Ensinou-me a capinar, a colher café, arroz, milho, feijão, algodão e também a cuidar da horta e das colmeias de abelhas.

Gostava muito de trabalhar, correr, brincar na represa e de comer a comida gostosa de minha mãe. Como guloseimas dispunha de laranjas, limas e tangerinas; melancias, mangas e goiabas, e também as frutas silvestres. Da cana-de-açúcar

chupava o caldo, tomava a garapa, degustava o melado, o açúcar batido e o ‘puxa-puxa’. Na época do milho verde, tinha o prazer de assar uma espiga ou de comê-lo cozido com um pouco de sal. Da cozinha de minha mãe vinham o cural, a pamonha e os bolos de milho. Havia os favos cheios de mel que tirávamos das caixas das colmeias ou de abelhas do mato.

E a vida não era somente de trabalho. Havia também as festas, promovidas pelos nossos pais, como na época do milho verde e em outras ocasiões. As frutas, como as melancias, os mamões, as mangas e as goiabas, abundavam nas proximidades, estando disponíveis, cada uma, em sua safra.

A fazenda do Senhor Valentim Geretto

Quando eu tinha 7 anos, mudamo-nos para a Fazenda Taquaral, do senhor Valentim Geretto, onde meu pai ‘pegou’ uma empreitada para a formação de um cafezal. Nossa casa era de tábuas, cercada de lindas figueiras e ‘coqueirais’, e da macaubeira, cujas castanhas a gente comia. O lugar era quente no verão, mas agradável no inverno. A fazenda era muito organizada, com sua bela sede, curral, e campo de gado cortado pela estrada que ligava os cafezais.

Meu pai recebeu a área derrubada e queimada. Então, procedeu a coivara e queima da galhada, depois o alinhamento com a marcação das covas e a plantação das mudas de café. Uma pequena cobertura de sapé foi levantada no final de cada corredor (entre duas linhas de café). Nesses corre-

dores e em outras partes da propriedade, meu pai, meus irmãos maiores e eu plantávamos mandioca, abóbora, pepino, tomate, verduras em geral, milho, arroz, feijão, cana, bananeiras, mamoeiros, uma fartura! Era fascinante ver a semente germinar, os primeiros brotos das estacas de cana e de mandioca, a chuva e o sol fazendo tudo crescer, as plantações crescidas e depois a colheita.

Também dispúnhamos de algumas colmeias de abelhas trazidas da Europa, produzindo mais dos tão apreciados favos e mel, do que podíamos consumir.

Com a chegada dos imigrantes japoneses – instalados nas piores terras, aquelas rejeitadas pelos nativos e outros imigrantes da região – aprendemos a plantar o algodão. Para essa cultura o terreno era, primeiro, arado (com o arado puxado por cavalo ou boi) e gradeado, e depois plantado. Matávamos as formigas saúvas (que se constituíam uma praga capaz de devastar quaisquer plantações) com ‘foles’ de fumaça; e para o controle das pragas, aplicávamos um veneno nas folhas, através de u’a máquina que ficava presa nas costas.

Os espinheiros do campo eram uma praga danada. Não conseguíamos controlá-los. Meu pai não gostava daquela situação. Num certo dia teve um plano e saiu para comprar um lote de cabritos. Em pouco tempo não havia mais nenhum espinheiro. Eles comiam tudo. E estávamos com um belo rebanho. Um duas vezes por ano, cada cabra produzia dois ou três cabritinhos. O que era uma dificuldade, passou a

constituir-se mais uma fonte de comida e de renda para nossa família.

Nessa época, aprendi – na escola e com a ajuda do meu pai – a ler e a fazer contas. Das quatro operações aritméticas, a que mais dificuldade tive foi a de dividir. Mas lá pelos 8 anos de idade sabia ler, escrever e tinha a tabuada na ponta da língua. Fazia todas as contas, incluindo os cálculos do valor da venda do café, do arroz e de tudo o que produzíamos, das despesas que fazíamos no armazém de Ibitinga e os pequenos balanços de nossas economias. Além de facilidade, sentia prazer em proceder esses cálculos e controles.

Joanim, Arlindo e eu fizemos uma represa do riacho que passava a cem metros da casa. Nos sábados à tarde, domingos e feriados, constituía-se um grande prazer tomar banho naquelas águas limpas e frias, folgando alegremente com meus irmãos, inventando brincadeiras mil.

Numa dessas ocasiões, estávamos lá o Arlindo e eu. Já era hora de voltar para casa, mas estava tão bom, que decidimos ficar mais um pouquinho. Meu pai mandou o Joanim nos chamar. Por preguiça ou implicância, Joanim nos chamava de uma distância que, em função do barulho das águas e de nossos gritos, não pudéramos ouvir. Ele não insistiu. Voltou para casa sem que tivéssemos recebido a mensagem de nosso pai.

Quando chegamos em casa, levamos uma grande surra de corda. Minha mãe nos defendeu: “Beppe! – Esta surra não é justa. Os meninos trabalharam a manhã toda. Estavam sujos e suados. Eu os mandei tomar banho na represa”. Meu pai ficou arrependido. Selou alguns animais – a sua melhor égua, oferecendo-nos para cavalgar – levando-nos a passear pelas estradas e pelos campos da fazenda, mostrando-nos as plantações, as árvores, os animais que iam aparecendo e cumprimentando os passantes.



1933, Ibitinga, eu com cerca de 12 anos de idade

Aprendi a cavar poços. Quase sempre contava com o Arlindo para me ajudar. Constituíamos uma boa dupla. Fizemos vários poços, alguns muito fundos. Um deles – o do sítio de Londrina – , continua servindo até hoje. No Educandário do Butiá, com Guilhem e alguns colegas, fizemos vários, inclusive um, muito bom, de quase vinte metros de profundidade, que deve estar lá até hoje.

Toda semana seu Valentim fazia uma visita para meu pai. Conversavam em italiano. Ficávamos por perto escutando tudo o que diziam. Falavam dos serviços da fazenda, das coisas da política, da saúde, dos fatos do passado, do preço do café e dos cereais. Era um homem muito bom, justo e de palavra certa. Algum tempo depois, meu pai, Joanim e eu fomos fazer-lhe uma visita em sua fazenda de Ibitinga. Recebeu-nos com muita alegria. Estava enfermo. Não demorou muito, faleceu. No ano de 2001, com meu filho Newton e meu genro Adelchi, estivemos nessa fazenda, acompanhados de uma sua neta. Especialmente a casa principal, os terreiros de secagem do café, a tulha, algumas outras edificações, algumas árvores e o relevo, continuavam lá quase como na década de 20, o nosso tempo de colonos.

O sítio de Londrina

Progredimos tanto na Fazenda do seu Valentim Geretto, que meu pai pode concretizar seu tão almejado sonho de dispor de uma propriedade para a sua família. No dia 15 de setembro de 1936 deixamos a casa e o lugar onde vivemos tão bem por quase oito anos, e o querido e leal patrão, de quem éramos amigos.



1943 Butiá, Guilhem e eu, que não apareço porque estava dentro, cavando o poço

Por dezessete contos e setecentos mil réis, meu pai havia comprado uma área de terra de vinte alqueires, na Comarca de Londrina, uns 10km da Cidade. Chegamos no dia 16 de setembro de 1936. Durante dois dias ficamos em uma pensão esperando a mudança chegar pelo trem. Londrina era uma cidade nova, com ruas sem pavimentação e casas de madeira, cobertas de taboinhas. Quando chovia, a gente ‘crescia’ pelo barro que grudava no solado dos sapatos.

Após ter comprado mantimentos para seis meses, ainda sobraram uns 25 contos de réis, o que era muito dinheiro, assegurando-nos condições para as despesas de instalação e sobrevivência durante mais de um ano, sem fazer dívidas. A propriedade era constituída de terra roxa da melhor qualidade, uma nascente de águas cristalinas e a floresta virgem. Meu pai já havia providenciado uma casa de madeira, coberta de telhas, para nos receber, e uma derrubada de mato para o início dos plantios. Como naquele ano chovia muito, a queimada não consumira bem as árvores derrubadas e suas galhadas e, em consequência do aguaceiro, também, nenhum transportador se arriscava a colocar o seu caminhão no rústico caminho da propriedade. Nossa mudança foi sendo levada, aos poucos, em uma carroça.

Continuando as derrubadas, fazendo a coivara, queimando, abrindo caminhos, vendendo a madeira de lei, plantando café – dezoito mil pés – formando pastagens, plantando cereais e todo o tipo de fruteiras, o sítio ia se formando e o negócio progredindo.



1945, São Paulo, foto oficial de minha formatura em Contabilidade

Logo em seguida, fui para o Educandário Butiá, para cursar o ensino médio, prosseguindo, em 1944, para o Colégio Adventista Brasileiro em São Paulo, onde fiz o curso de Contador. Logo depois, em 1945, ingressei na Faculdade de Teologia, uma vez que havia decidido ser pastor. Mantinha meus estudos através da colportagem.”

Tia Nena

“Morávamos num lindo sítio de nossa propriedade, próximo de Londrina, formado com o maior capricho. Nossos cafezais em ruas direitinhas, sem curvas ou algum pé fora do lugar, nossas lavouras de arroz, feijão, milho e tantas outras, eram de causar admiração e até uma certa ‘dor de cotovelo’ para os vizinhos que não sabiam tanto do cultivo da terra; nossas pastagens, bem verdinhas, onde pastava o nosso gado, que até brilhava, pelo bom trato que recebia, constituíam-se outra maravilha. O leite era do tipo A: como apreciava degustá-lo!

As abelhas de nossas colmeias forneciam excelente mel, cujo aroma agradável, percebido de longe, nunca mais esqueci. Algumas vezes nos picavam, sem dó ou piedade, mas era pouco em compensação pelo que nos forneciam. Talvez a maior apreciadora do mel e de suas guloseimas, tenha sido eu, pois me lembro de sempre ter os olhos para o maior pedaço de favo, para a maior porção do mel ou para a maior quantidade das balas que, do mel, a minha mãe preparava.

A propriedade dispunha, também, de uma linda nascente de água limpíssima, o Córrego Quintana, que aumentava ainda mais o valor de nosso torrão. Em suas águas viviam pequenos peixinhos e nadavam os nossos marrecos, patos e gansos. Tínhamos galinhas em abundância que nos forneciam ovos

e carne. As hortaliças viçosas e saudáveis, legumes variados e muitas frutas, provinham de uma “terra promissora”. Nunca vi, em qualquer lugar, coisa igual: tudo o que plantávamos crescia e produzia em grande quantidade. Não conseguíamos consumir tanta abundância, mesmo distribuindo pelos vizinhos e para os amigos da cidade. Uma parte do que sobrava era fornecido para os animais e o que não conseguíamos aproveitar, voltava para a terra, como adubo.

Meu pai, que entendia muito da terra, resolveu formar um pomar. Dirigiu-se a um comerciante que produzia e vendia mudas de excelente qualidade. Comprou as melhores, pois desejava oferecer para a família, o melhor que o seu pomar poderia produzir. Eram muitas variedades de laranjas, mexericas (cravo e do Rio), pêssegos, mangas, jabuticabas, limas (da Pérsia), abacaxi e muitas outras. Escolheu uma área, logo acima da nossa casa e lá, cuidadosamente as plantou. Não era necessário adubo, pois a terra, por si só, era muito fértil. Com a chuva, o sol e os dias, as mudas começaram a crescer e depois a produzir olorosas flores e perfeitos frutos que, ao amadurem, constituíam-se um de nossos maiores prazeres.

O lugar era extremamente aprazível. Nossa família de nove irmãos e mais os meus pais éramos muito unidos e felizes. Ali conhecemos a Bíblia Sagrada e o Caminho do Senhor.

Naturalmente havia muito trabalho cansativo, intenso e algumas vezes até angustiante, mas fomos sempre ajudados pelo nosso grande Deus.

Havia nas redondezas um jovem, Alberto Palma, que apreciava minha companhia, porém seu comportamento e costumes não eram bem vistos por meus pais. Um dia nos visitou. Fomos juntos ao pomar apreciar algumas frutas. Tínhamos a sensação de estarmos sós. Durante nossa conversa ele me convidou para acompanhá-lo a um lugar pernicioso, de mulheres de vida fácil. Fiquei surpresa, dizendo que não dispunha de dinheiro para as despesas. Prontamente respondeu que não havia problema, pois ele pagaria tudo. Fiquei preocupada, não sabendo o que fazer. Continuou, então, dizendo que passaria no dia seguinte para buscar-me.

Algumas horas depois, meu pai me chamou, dizendo-me que

havia ouvido toda nossa conversa e que aquele rapaz tentava colocar-me num caminho errado e pernicioso. Não recebia sua aprovação, nem a de sua mãe e muito menos a de Deus. “Não caia nessa armadilha, não vá àquele lugar”, aconselhou-me ele. Quando, no dia seguinte, o moço veio buscar-me, disse-lhe que de forma alguma poderia aceitar seu convite. Ele não gostou, mas seguiu seu caminho. Fiquei feliz por ter-me livrado de tamanho perigo.

Algum tempo depois, Alberto Palma contraiu núpcias com uma donzela de ótima e honrada família. Apesar de sua bela esposa, continuou freqüentando lugares ilícitos. Numa dessas ocasiões, durante a disputa de uma mulher de pele negra, levou um balaço na testa, perdendo sua preciosa vida, deixando uma mulher viúva. Dou Graças a Deus por não ter tido a mesma sorte, por ter ouvido os conselhos de meu pai.”

Papai

Meu irmão Orlando Ambrósio

“Meu sexto irmão, Orlando, veio ao mundo em outubro de 1928. Nasceu bem, mas uns quatro dias depois apresentou um violento acesso de bronquite. Ficava arroxeadado, quando

tossia exaustivamente. Ficava sem ar. Sofria muito. Achávamos que ele não suportaria mais, nenhum dia. Mas ele ia aguentando e crescendo. Tudo o que os curadores sugeriam, meus pais faziam. Receitaram que ele deveria comer, todo dia, seis anuns pretos. Os anuns quase desapareceram,

mas ele não melhorou nada.

Aí veio outro que lhe indicou fumar. Ele ficou viciado e ainda piorou. Meu pai e Joanim também fumavam. Orlando ficou muito magro e pálido: pele sobre osso. Parecia que o fim estava próximo. Meus pais não sabiam mais o que fazer. Um dia, uma senhora italiana disse que poderia curá-lo com azeite de oliva e uns papéis especiais. O azeite de oliva importado foi comprado, o tratamento procedido conforme as recomendações e ele ficou bom do que era conhecido como Doença do Macaco ou Mal de Simioto.

A batalha agora era em Londrina: remédios e mais remédios. Levei-o para São Paulo, para ser tratado por um bom médico. Melhorou um pouco e depois de um longo período, voltou para casa, agora em Santa Fé.

Quando morava com minha família em Campo Mourão, foi passar um tempo em nossa casa, com Nair e as crianças. Gostava de ir à Delegacia, para conversar com os soldados, onde passava horas. Numa cidade próxima atuava um grande médico, o Dr Bruno. A pedido de meus pais levei-o até lá. “O prognóstico é muito desfavorável”, disse-me o médico. “Ele não conseguirá sobreviver muito tempo”.

Algum tempo depois, estando em Maringá a trabalho, fui abordado por dois rapazes que vinham da parte do meu pai, para levar-me em seu Jeep para Santa Fé. Ao chegar, minha mãe não me reconheceu, tão atribulada, estava. Meu pai encontrava-se abatido, mas sob controle. Havia mais de quinhentas pessoas prestando sua última homenagem ao

Orlando. O pastor, por algum motivo, não havia conseguido chegar para o funeral. Então, eu deveria fazer o sermão de despedida de meu próprio irmão. Preparei-me rapidamente. Frente aos meus pais, sua viúva e filhos, demais parentes e a multidão de amigos, comecei dizendo: “A vida do falecido Orlando foi curta e marcada por um longo sofrimento...” Havia muitas pessoas chorando. Gostavam dele, perderam um grande amigo. O prefeito declarou luto oficial de um dia em Santa Fé. Quem mais sofreu foi minha mãe. Ela amou todos os filhos, mas nenhum como Orlando.

Meus estudos

Meu primeiro professor foi meu pai. Ensinou-me as quatro operações aritméticas, a ler e a escrever cartas. Gostava de ler livros infantis de histórias. Lia o mesmo livro várias vezes. Desde pequeno tinha ambições. Queria ser útil aos meus pais, que tanto amava. Queria muito que eu estudasse para padre. Não aceitei. Não desejava ser padre e eles aceitaram minha posição. Na escola próxima à fazenda do senhor Valentim Geretto, em Ibitinga, completei o curso primário.

Depois fiquei vários anos sem estudar. As escolas ficavam distantes e inacessíveis. Quando tinha cerca de vinte anos, vivendo no sítio da família próximo de Londrina, meus pais me encaminharam para o Educandário Adventista Butiá, na divisa dos estados do Paraná e Santa Catarina. Lá, com certa facilidade, completei o curso ginásial.”

Criado na fé adventista, educado no amor

Meu pai iniciou seus estudos em uma escola de Ibitinga (SP), perto da fazenda onde morava com a família. No começo teve alguns problemas com as brincadeiras dos coleguinhos, principalmente, porque não entendia português, e também por usar um boné à moda italiana, feito pela Nonna. Voltando à casa disse à sua mãe que não iria mais falar italiano; que se comunicassem com ele em português, ou não responderia. E rapidamente assimilou a língua e a rotina da comunidade brasileira.

Em Londrina, quando o Nonno se tornou adventista, nem todas as pessoas da família concordaram. Como meu pai não queria mais trabalhar na roça e gostaria muito de estudar, o Nonno decidiu enviá-lo a um educandário adventista, próximo da divisa com Santa Catarina.

A estratégia do Nonno era incentivar a família nos caminhos de Cristo. Naquele colégio, meu pai foi batizado, em 1939, pelo pastor e então diretor Waldemar Ehlers.



1938, Londrina, meu pai, em torno dos 17 anos de idade, já como estudante do Educandário Butiá



1941, distrito de Butiá dos Colaços, Lapa, Paraná, próximo da divisa de Santa Catarina, dormitório dos rapazes do Educandário Adventista Butiá



Recordação para meu
querido Papai
deste teu filho que te
estima de todo o
coração
José Bellesi filho
Dia 17 de Junho de 1946
colégio Adventista de Butiá

Foto de 1943, com dedicatória de 1946, Butiá. Prédio maior: dormitório feminino, cozinha e refeitório; prédio menor: aulas e administração. Observe que na dedicatória, meu pai grafou errado o seu próprio nome, denotando o pouco valor que se dava à grafia dos sobrenomes na época. Entre seus irmãos, a grafia aparece de forma muito variada, como Belezi, Belesi, Bellesi, entre outros

Tia Nena

“Naquela época, a família foi visitada por um colportor adventista (evangelizador através da venda de livros) que os convidou a frequentar a Igreja de Londrina, onde ficaram sabendo de um internato adventista que estava recebendo alunos. Apesar da resistência aos adventistas, mediante a possibilidade de substituir a roça pelos estudos, meu irmão José se interessou.

Sob orientação do pastor da Igreja, começaram os preparativos do enxoval, do dinheiro para o pagamento do estipêndio do 1º ano, à organização da viagem... Num dia do começo de fevereiro de 1941, pegou sua mala, despediu-se da família e, às 9h, tomou o trem com destino a Curitiba e depois para Rio Negro. Deveria deixar o trem na estação do Butiá, aonde chegou às 15h do dia seguinte.

Ao deixar a estação, embarcou, juntamente com outras pessoas, num carroção puxado por cavalos, com destino ao Colégio, que ficava cerca de uma légua (6km) de distância.

Depois de aproximadamente uma hora, chegou à fazenda, onde ficava o Colégio, tendo sido bem recebido e orientado sobre sua instalação, por professores e outros estudantes.

No dia seguinte, após a refeição matinal, dirigiu-se à Secretaria para a matrícula e o pagamento da anuidade, o que fez de uma só vez. Da mesma forma como nossos pais, José não gostava de ficar devendo. Sentiu-se aliviado por ter cumprido o compromisso que o deixaria livre de cobranças por todo o ano letivo. Aos 20 anos recém-completados, estava feliz, agora um estudante, e não mais um lavrador.

Mantinha resistência à fé adventista,

particularmente ao dízimo. “Não vou dar dinheiro pra comprar gravata de pastor”, dizia, mas sentia-se bem naquele ambiente. Logo desenvolveu camaradagem com vários colegas, destacando-se um jovem, descendente de espanhóis, de nome Manoel Guilhem Filho, que nos anos 50 seria seu cunhado, porque nos casamos, e com quem manteria laços de profunda amizade por toda a vida.

Não demorou muito, aceitou a fé adventista, tendo sido batizado por imersão - conforme o ritual bíblico - no pequeno rio que passava próximo ao Colégio. Decidiu que seria pastor.

Em 1944, começou a namorar Nair, uma bela jovem de família alemã, originária da cidade de Bom Retiro, no Planalto de Santa Catarina. Permaneceu no Butiá até concluir o segundo grau, nesse mesmo ano.”



Tia Waldomira Bellesi Durante, Tia Waldo

“José era mais velho que eu 12 anos e 4 meses. Lembro-me melhor dele quando o encontrava em Curitiba nas férias do Butiá.

Era muito amoroso conosco, gostava de criança. Tenho uma boa lembrança dele: quando chegava dos estudos, sempre ia até o quarto falar oi, era brincalhão e amigo. Logo percebemos que era inteligente, muito estu-

dioso e que teria um longo e belo caminho pela frente.

Quando morou em Guarapuava, em 1951, nos convidou para passar uns dias com sua família, e tivemos a oportunidade de conviver mais. Ele e Nair nos receberam muito bem, com atenção e carinho.

Temos boas lembranças, mas não convivemos muito, pois José já era rapaz, estudava e trabalhava longe; e nós, caçulas, ainda éramos muito crianças.”



Tia Dirce Bellesi Moura, Tia Dirce

“Minha diferença com o José é grande, são dezesseis anos. Tenho uma lembrança muito forte de quando ele voltava do internato, nas férias. Ele me dava uma atenção especial, pois eu era a menor da casa, a caçula da família. E ficava feliz porque ele me chamava para seu quarto, onde passávamos tempo conversando. Eu adorava, tinha 6 anos nessa boa época de nossas vidas.

Uma vez aconteceu um problema muito sério em casa, quando ainda tinha 6 anos. Fui brincar na cozinha e subi num armário em que estavam os pratos, copos, toda a louça da casa. Adivinhe o que aconteceu? Caiu tudo no chão e fiquei apavorada com aquilo tudo despedaçado. Minha mãe chegou bem naquele momento, também ficou muito assustada e brava quando viu a cena, pois toda nossa louça estava em cacos.

José chegou em casa bem na hora e viu aquela situação. Como minha mãe estava nervosa, foi saber o que tinha acontecido. Conversou com ela e apaziguou a situação. Em todos os momentos, era possível perceber o carinho que ele tinha por nós, uma atenção especial com as crianças. Apesar de ser bem pequena, lembro-me com bastante alegria de seus retornos do colégio.

Na juventude, mesmo depois de casada, tivemos algumas briguinhas como, por exemplo, numa ocasião em que ele

já era pastor e havia ficado chateado com algumas pessoas, tratando-me mal, só que, na verdade, eu não tinha nada a ver com o acontecido, ele não soube separar a situação e descontou em mim. Mas foram contratempos normais, que acontecem na vida de qualquer pessoa, ainda mais entre irmãos.

José era um rapaz muito bonito. Alto, loiro, belíssimos e cativantes olhos azuis, que rendiam elogios. Sempre realizou seu trabalho de pastor com dedicação e entusiasmo.”

Tia Nena

“Depois que meu pai se tornou adventista, muita coisa mudou em nossa casa. Antes, ele brigava muito com os filhos, exigia um trabalho perfeito na lavoura, era bravo e impaciente. E, desde que passou a frequentar a igreja daquele amigo Adventista do Sétimo Dia, se acalmou. Depois, levou minha mãe para a igreja e tentou levar os filhos, mas nem todos quiseram ir.

Meu irmão José também era muito bravo. Quando o

pastor ia nos visitar, José se trancava no quarto, pulava a janela e sumia. Ele não queria saber de jeito nenhum da Igreja, mas queria estudar, nunca gostou de trabalhar na roça. Aí meu pai ficou sabendo desse educandário adventista próximo de Santa Catarina e perguntou para José: “Você quer estudar mesmo, é isso que você quer? Então vou te enviar para esse colégio”. Foi assim que essa história começou.”

Pastor Jonas Gouveia

“A administração da Associação Paraná-Santa Catarina da Igreja Adventista do Sétimo Dia havia decidido construir uma escola para os jovens de famílias adventistas de sua jurisdição. O local selecionado, denominado Butiá, encontrava-se próximo do Rio Negro (limite natural dos estados do Paraná e Santa Catarina), no Município de Lapa, no Paraná. Ficava distante das cidades de Mafra ou Rio Negro (separadas pelo rio) uma légua de caminhada até a balsa, mais alguns quilômetros de caminhada até a estação do trem e mais uma hora de trem.

A bela área, com centenárias imbuieiras e araucárias, e também as benfeitorias, foram adquiridas da Família Stang, para receber o Educandário Adventista Butiá. Além das precárias edificações remanescentes da antiga fazenda, alguns prédios de madeira, um para o dormitório das moças, cozinha e refeitório, outro para a administração e salas de aula, foram rapidamente construídos. Em 1941, foram iniciadas as aulas. Os alunos pioneiros originaram-se da família Stang e de diversas outras, provenientes de vários lugares dos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Entre eles estava José Bellese Filho, vindo de Londrina. Moço esbelto, de boa aparência, um tanto tímido e

desconfiado. Logo que começaram as aulas, demonstrou ser inteligente, estudioso, e de fácil relacionamento com os colegas e professores. Era tratado por Bellese. Tornamo-nos amigos.

Com os rapazes chegaram, também, as moças, o que tornava o ambiente do educandário alegre e animado. Em pouco tempo, algumas daquelas jovens passaram a demonstrar interesse pelo Bellese que, além da boa aparência, era educado e atencioso. Mas ele não correspondia a nenhuma delas.

De vez em quando aparecia no Educandário, o senhor Vicente, pai de alguns alunos. Numa tarde, em frente ao refeitório, esperando o horário do jantar, estava, também, o Seu Vicentinho, como era tratado. Em um determinado momento, olhando firme para o Bellese, disse: “Você é o Barão do Butiá”.

Com o tempo, outras alunas foram chegando, entre elas, u’á bela mocinha vinda de Bom Retiro, Santa Catarina, de nome Nair Böll. Logo o jovem Bellese se afeiçoou pela Nair e com o tempo começaram a namorar.

Um dia convidei o Bellese para irmos até Curitiba. Depois de uma feliz viagem de trem, chegamos à Capital do

Paraná. Para o Bellese, tudo era novidade. De vez em quando sumia. Ao procurá-lo, encontrava-o, lá atrás, parado, encantado com a altura dos prédios e todas as novidades de uma cidade maior, como ele nunca vira antes.

Nas férias escolares do meio do ano, passamos em Curitiba para requerer os nossos cartões de identificação, seguindo para a colportagem (venda de livros religiosos e/ou educativos com vistas à evangelização) na pequena cidade de Antonina, litoral do Paraná. Logo após instalados, como de praxe, fomos visitar inicialmente as autoridades locais. Começamos com o delegado. Ouviu nossa apresentação com atenção, mas com expressão carrancuda. Num dado momento, levantou-se muito agressivo, tratando o Bellese como se fosse uma ‘quinta

coluna’. Era a época da Segunda Guerra Mundial. Bellese, muito claro, com os seus olhos azuis, ainda sem a identificação, quase foi preso. No dia 6 de julho de 1942, ao receber nossos documentos em Curitiba, voltamos para os apresentar ao delegado. A partir de então, pudemos voltar a trabalhar em Antonina, sem impedimentos.

Numa ocasião de dificuldades financeiras, planejei interromper os estudos. O pai do Bellese, ao tomar conhecimento dessa situação, arrumou-me cem mil réis emprestados. Com esse dinheiro pude continuar os estudos. Algum tempo depois, devolvi o dinheiro integralmente.”

Enquanto isso, em agosto de 1928...

Minha mãe, Nair Böll, chegava ao mundo no primeiro dia do mês, o 214º dia do ano, em Bom Retiro. Ela também nasceu em casa, pelas mãos de uma parteira. Como meu pai, era a terceira filha. Meus avós maternos, Manoel Böll e Guilhermina Heiz Böll, que carinhosamente chamamos de Opapa e Omama, descendentes de alemães, nascidos na Colônia da Entrada, em Bom Retiro, Santa Catarina, estado onde meus ancestrais se instalaram quando vieram da Alemanha. **Casaram-se no dia 17 de dezembro de 1916 e tiveram dez filhos:** Leonardo, Clarêncio, Adelina, Nair, Almira, Roberto, David e Holberto, além das duas primeiras meninas, que faleceram novinhas, cujos nomes não são lembrados.

1



2



1. Bom Retiro, Opapa e Omama com os filhos, da esquerda para a direita, Holberto, David, Almira, Nair, Roberto e Leonardo
2. Certidão de casamento de Opapa e Omama



Tio Holberto Böll, Tio Nene

“Em Bom Retiro, onde nasci, meu pai criava gado, produzia leite, tinha uma queijaria, um comércio e uma serraria, onde eram cortadas madeiras destinadas ao comércio local e à exportação para Argentina e Europa. Toda a família trabalhava muito. Saíamos bem cedo para o estábulo, ainda escuro, para ajudar a tirar leite de cerca de cem vacas. Era difícil, porque fazia muito frio e nós trabalhávamos descalços, isso porque os únicos calçados que tínhamos na época eram tamancos, mas, no barro, o tamanco saía do pé e ficava grudado, então íamos descalços mesmo.

Meu pai era duro, severo, exigente, nos fazia trabalhar desde pequenos, mas era muito presente, amoroso,

fazia questão de reunir a família para as refeições. Já minha mãe era a defensora de todos, muito amorosa e trabalhadeira, ajeitava tudo para os filhos. Era ela quem cozinhava e fazia tudo em casa. O pão de fubá ficava tostadinho, era maravilhoso.

Antes de sair de casa para a ordenha, tomávamos apenas um ‘café’ (cevada tostada), bem quente. Na volta, fazíamos uma oração com toda a família reunida e, aí sim, fazíamos a refeição matinal, que incluía polenta, queijo, pão com mel, geleias e leite quente. Na sexta-feira, ela fazia um pão diferente, que eu gostava muito, com farinha de trigo e um pouco de fubá, era muito bom. Ela fazia arroz doce, que também era delicioso, e sempre nos servia frutas, porque na região havia muitas: pera, maçã, uva, caqui, marmelo, entre outras.

Por causa da Segunda Guerra, os colonos alemães de Bom Retiro sofreram muito, inclusive com a apreensão de rádio, itens da loja e até gado. Desgostosos, meus pais decidiram sair de lá. Sou o caçula de dez irmãos, era pequeno, pouco me lembro dos tios e avós, mas sei que eram bem apegados e se ajudavam mutuamente.

Quando as propriedades de Bom Retiro foram vendidas, nos mudamos para o Paraná, primeiro Londrina, onde ficamos um ano, e depois no município de Paranaíba, onde meu pai comprou uma fazenda.

Eu tinha 11 anos quando chegamos lá e logo fui posto a trabalhar duro, ajudando em todas as tarefas de formação da fazenda, a ordenhar as vacas e cuidar do rebanho. Todos nós trabalhávamos do amanhecer do dia até a noite.

1



2



3



1. 1951, Londrina, casa onde residiu a família de Manoel e Guilhermina Böll, entre a saída de Bom Retiro e o ingresso na fazenda de Paranaíba. Fotografia de 13 de outubro de 2015
2. Meu pai, num sábado, lendo sua Bíblia alemã escrita com letra gótica
3. Páginas internas da Bíblia que o Opapa lia todo sábado

Meu pai queria que toda a família estudasse, mas ninguém conseguiu avançar além da segunda série ginasial, inclusive eu.

Tínhamos que comer o que era servido, não havia escolha. Os pais colocavam a comida no prato, e não podíamos

deixar sobrar; o que nos ensinou muito sobre evitar o desperdício, tornou-se nossa base.

Éramos dez irmãos, dos quais as duas irmãs mais velhas faleceram bem pequenas, então havia bastante trabalho. Os irmãos maiores ajudavam na agricultura e na leiteira.

Ela só não exigia muito da Nair, devido aos problemas respiratórios que minha irmã apresentava quando criança.

Meu pai também era exemplo de trabalho, nunca tirou férias. Estudou até a quinta série, sabia ler e escrever, diferentemente da minha mãe, que não teve oportunidade de frequentar escola. Mas era mulher muito atenta, assimilava o que via e ouvia, era instruída e conseguiu bem encaminhar a nossa educação.

Em nossa casa sempre tivemos o privilégio de ter energia elétrica por causa da serraria, mas, na cidade, era tudo com lâmpião. Mesmo assim, tínhamos que ir para a cama cedo, por volta das oito da noite, para conseguir madrugar no dia seguinte.

Foi com meus pais que aprendi a zelar pelos princípios de vida que são indiscutíveis: temer a Deus em primeiro lugar, ser honesto e não enganar ninguém. Meu pai era de uma honestidade incrível. Alguns anos antes do seu falecimento, voltou a Bom Retiro. Em seu sepultamento, um homem se aproximou de mim e disse: “Seu pai foi o homem mais honesto e trabalhador que conheci. Todos aqui queriam emprestar dinheiro para ele e nem assinavam promissória, porque, na data combinada, ele estava lá com o dinheiro”. Eu estava com 42 anos e não me esqueço disso. Senti muito orgulho de ser filho dele.”



Meu casamento com Esther, companheira de toda vida

Minha mãe era bem saudável até os 9 meses de vida, mas depois desenvolveu uma forte bronquite, o que obrigava minha avó a passar noites e noites acordada, com a filha no colo, abanando, oferecendo medicamentos caseiros, enfim, tudo o que as comadres indicavam. Mãe é mãe e, em geral, elas são tremendamente dedicadas, mas minha Omama era incrível. Foi uma das pessoas mais afetuosas que conheci.

Aliás, dentre meus avós, com quem mais convivi foi o Nonno, mas a quem mais amei foi a Omama. Ela não protegia apenas os filhos, mas também os netos. Meu pai era sistemático, anotava nossas artes em um caderno e, quando juntava um certo número, imagino, ele dizia: chegou o dia de você apanhar. Uma vez, quando ela cuidava da horta em casa, eu corri dele e me enfiei embaixo de seu longo vestido, que a protegia das picadas de insetos. **Minha Omama**, que sempre me defendia, disse que eu era muito bonzinho, ao que ele comentou: “Não, minha sogra, você é vó e eu sou o pai dele”. Ela lhe enfrentou e disse: “Para pegá-lo, você vai ter que passar por cima de mim primeiro!”. Meu coração saltou de alegria!

Em outra ocasião, eu peguei uma batata frita antes que ela terminasse de fritar e ela me enxotou dizendo em alemão “*Geh raus, schweinarein!*”, que significa “Saia daqui, porcaria!”, de uma forma tão carinhosa, que essa lembrança ainda me evoca agradável sensação. Quando criança, durante temporais com relâmpagos e trovões, assustado, corria para o colo dela, que me envolvia com seu abraço, me protegia



Guilhermina Böll, Omama, com mais de 80 anos de idade

tão carinhosamente, que até hoje, quando aparece um temporal, volto a sentir aquela sensação de enlevo.

Bem, a vida dela com a terceira filha seguiu daquela forma, acordando durante a noite para dar assistência, até que completou 7 anos. Durante todo esse período, minha mãe era acomodada ao lado da Omama – na cozinha, enquanto lavava roupas, na loja, ou em qualquer lugar – sempre numa caminha improvisada para poder ficar sob seu olhar.



Minha mãe, Nair Böll Bellesi, Mamã

“Eu era uma criança como qualquer outra, tirando o fato de que tinha bronquite asmática e os acessos

ocorriam com muita frequência, praticamente todo mês, durando até uma semana. A partir dos 7 anos, comecei a olhar para fora do ambiente da casa, acompanhar a atividade de meus pais, irmãos e empregados nas lidas da fazenda, especialmente a ordenha de mais de cem vacas a partir das 4h da madrugada, o que se estendia com os cuidados com o leite até completar a produção de queijos, no final da tarde.

E, juntamente com alguns de meus irmãos, particularmente Almira e Roberto, passamos a ir toda manhã para a Escola Adventista, que ficava ao lado da Igreja. Os professores Lourdes e Pedro Braga foram os que mais me marcaram. Com eles aprendi a ler, a escrever, a fazer contas e tudo o que se aprende no

curso primário de cinco anos, que terminei quando tinha 12 anos de idade.

Como as aulas começavam às 8h e era muito frio, minha mãe nos cobria com capas de feltro grossas, sem mangas, azuis, com aberturas laterais para a saída das mãos, que protegiam muito. Eram capas da loja que minha mãe retirava para nosso uso e, depois de muito limpas e escovadas, eram devolvidas para venda, o que meu pai condenava, pois achava que não estava certo usar peças da loja.

A partir dos 9 anos, nos domingos e nas férias, juntamente com meu irmão Roberto, quando acabava a ordenha, em torno das 8h, passei a recolher o leite das vacas nos vizinhos, em geral, tios. Trazia um latão de cada lado do cavalo, equilibrando as quantidades para não pesar mais de um lado do que de outro. Esta atividade durava mais de uma hora até a entrega dos latões na fábrica de queijos.

A loja, também chamada de venda, encontrava-se praticamente colada na casa, de frente para as margens da estrada de terra que ligava Bom Retiro a Florianópolis (SC). Era uma edificação de madeira bem construída, de dois pavimentos, com cerca de 100m².

O pavimento térreo era dividido em duas partes: a da frente, onde ficava a loja propriamente dita, e a de trás, dividida por uma parede, onde ficava o estoque dos alimentos e a escada para o pavimento superior.

A parte térrea da frente era subdividida em duas por um balcão: à frente ficavam os fregueses e, atrás, de um a três vendedores. O aviamento das compras era feito pelo balcão.

Nas paredes atrás do balcão ficavam prateleiras com exposição de peças de tecidos, roupas, feitios, aviamentos, chapéus, caixas de sapatos e ferramentas. Na parte de trás ficavam as sacarias com sal, açúcar, trigo, barris com banha

1



1. Habitação típica da família, nos anos 1940, em Bom Retiro

2. 1943, Bom Retiro, à direita na foto, com Mamãe, Almira, David e Holberto

2



e todos os demais alimentos que eram consumidos pela comunidade. O pavimento superior destinava-se ao depósito.

O horário oficial de funcionamento da venda era das 8h até escurecer, de domingo a sexta-feira, e também no sábado após o pôr do sol, mas a qualquer hora que chegasse um freguês, alguém iria atendê-lo.

As vendas eram feitas à vista, mas outras eram anotadas num caderno para posterior recebimento. Qualquer pessoa

da família poderia ser destacada a qualquer momento para operar o comércio, receber produtos, ou ajudar o vendedor contratado.

O preço de venda dos produtos era 30% maior que o da compra. Antes de ir para o colégio, tive um namorico com o vendedor da loja. Tinha pouco mais de 14 anos e ele, uns 20. O flerte consistia em olhares e toques de mão. Quando fui para o colégio, ainda trocamos cartas durante mais um ano, até que comecei a namorar com José.”



Com minha irmã Almira, em 1940, em Bom Retiro, e em 1999, em Curitiba.

Mamãe

A fábrica de queijos

“A fábrica de queijos funcionava de domingo a sexta-feira. Não funcionava aos sábados, dia de descanso para os fiéis Adventistas do Sétimo Dia.

Todo o leite ordenhado de 110 – ou mais – vacas e mais o coletado dos tios e de outros vizinhos era processado pelo queijeiro da fábrica, que primeiro passava pelo coador, um dispositivo grande com o formato de um coador de café. Todo o leite coado era depositado num grande tonel de aço inoxidável, com capacidade de mais de mil litros.

Esse grande volume de leite era aquecido com fogo à lenha à temperatura de 36°C a 38°C, aferida por um termômetro, quando recebia o coalho (provavelmente da marca Estrella), que era muito bem misturado, antes que o tonel fosse tampado para permanecer em repouso por cerca de duas horas.

A coalhada era, então, cortada, através de um grande dispositivo de madeira feito como uma faca, em blocos de 5cm a 6cm de lado e deixado em repouso por cerca de mais uma hora para separar o soro.

Depois, todo o material era intensamente revolvido através de um dispositivo próprio de madeira para separar o soro do coalho. Ao final desse processo, os grânulos consistentes de coalho subiam, e o soro ficava em baixo.

A partir desse momento os grânulos de coalho eram coletados e colocados em fôrmas de madeira forradas por tecido de algodão e, então, comprimidos para formar a massa do queijo, livre da maior parte possível do soro, cobertos pelo tecido e por uma tampa de madeira. Em seguida, essas formas tampadas eram colocadas na prensa para remover todo o soro e dar forma ao queijo.

No dia seguinte, os queijos novos eram desenformados, as bordas aparadas e novamente enformados, para que as bordas ficassem lisas e arredondadas. No final do dia, os queijos eram novamente desenformados e levados para prateleiras de maturação, onde eram diariamente virados para que as superfícies adquirissem a mesma cor amarela própria do queijo tipo prato, o que ocorria ao final de dez a quinze dias.”

Tio Nene

“Meus pais moraram em Paranaíba por muitos anos, mas os filhos foram saindo para estudar. Fiquei pouco tempo na fazenda, saí em 1954 porque fui morar e estudar em

Guarapuava, onde residia a família de minha irmã Nair, e depois para o Ginásio Adventista Paranaense (GAP), próximo de Curitiba.”

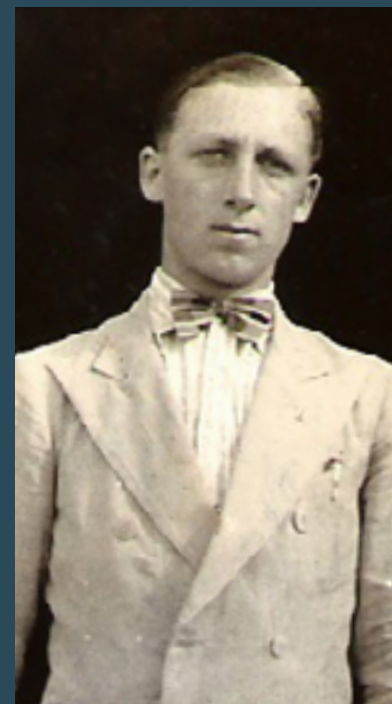
Mamãe

“**Leonardo, o Leo**, foi o primeiro a sair de casa para estudar, tendo sido matriculado em um educandário adventista em Benedito Novo, próximo de Rio do Sul, a uns 100km de casa. Mas não resistiu muito tempo, gostava mesmo era da lida na fazenda.

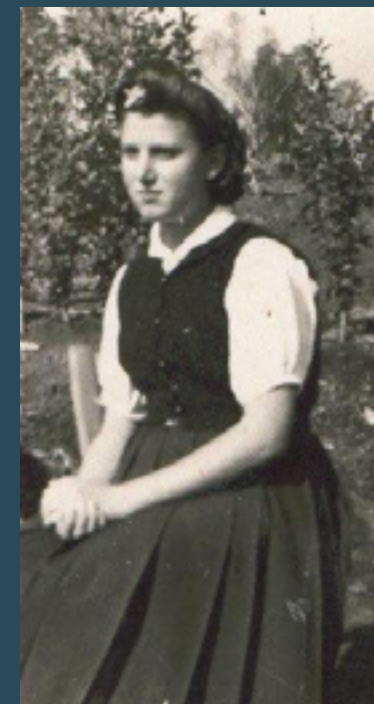
Depois, Clarêncio e Roberto foram encaminhados para o Educandário Adventista Butiá, no distrito de Butiá dos Colaços, município de Lapa (PR), seguidos por mim e Almira. Roberto também não quis continuar e voltou pra casa.

Fui para o **Butiá** em de fevereiro de 1944, quando tinha 14 anos. Meus pais e meu namorado – o gerente do armazém –, que era o condutor da carroça, me acompanharam até Rio do Sul, onde passamos o sábado. No domingo, me acompanharam até a estação onde peguei o trem que seguiu até próximo do colégio.

No trajeto havia uma pequena elevação que o trem não dava conta de subir, então parou e voltou de ré. O maquinista e o foguista desceram, colocaram areia nos trilhos e, depois de algumas tentativas, conseguiram fazer o trem transpor a elevação. Foi um sufoco!



Leonardo Böll, meu irmão



1944, com o uniforme do Butiá

Um funcionário do Colégio nos aguardava em frente da estação, numa carroça puxada por dois cavalos. Acomodamos as malas, embarcamos e nos dirigimos para a balsa que atravessava o rio. Seguimos para o Colégio, onde fomos recebidos pela preceptora e por outras pessoas do corpo docente. Fui bem recebida, acomodada num quarto com duas colegas mais velhas, fiquei alegre, me senti bem e logo me adaptei.

Naquele ano tivemos um incidente muito triste em nossa família: perdemos Clarêncio. Esse meu irmão era alto, vistoso, da mesma forma que o Nene (Holberto, o caçula), a alegria da casa. Também estudava em Butiá e, nas férias escolares de julho, resolveu fazer uma viagem transportando cargas de Bom Retiro para o Rio do Sul e de lá trazer mercadoria para os negócios do armazém do Papai.

Ele gostava dessa atividade. Usava um grande carroção puxado por duas parelhas de lindos animais bem selados. Partiu alegremente. Deveria retornar em uma semana trazendo as compras programadas. Foi uma viagem dura, todavia. Foi pego por uma tempestade, dormiu molhado, e as fontes de água para beber estavam sujas com as enxurradas.

Chegou em casa muito abatido, com febre, parecia um resfriado. Mas o mal-estar não passava, ao contrário, o quadro se agravou, passava todo o tempo na cama, não era normal. Meus pais e os irmãos estavam preocupados.

O Leo decidiu buscar um médico em Florianópolis, mas o transporte era a carroça e a viagem de ida e volta demorava cerca de uma semana. Nesse intervalo, Clarêncio apresen-



1944, Bom Retiro, casa de meu irmão e cunhada, Leonardo e Alice [Grütner] Böll

tou uma forte diarreia sanguinolenta, incontrolável, sujando todas as peças da cama (que tiveram que ser queimadas).

Logo que o médico chegou, o examinou demoradamente chegando à conclusão de que Clarêncio estava sofrendo de febre tifoide e o prognóstico não era bom, pois naquela época não se dispunham de antibióticos, mas disse que algumas pessoas costumavam se recuperar depois de um episódio de diarreia como a que o meu irmão apresentara.

No entanto, Clarêncio não resistiu. Faleceu alguns dias depois, em 20 de outubro de 1944. Foi uma grande tristeza. Até o passarinho que era cuidado em uma gaiola aberta por Clarêncio não voltou mais. Os cães ficaram abatidos sentindo falta do amigo, que seguiram até o cemitério. O constrangimento persistiu intenso durante vários meses e sempre sentimos muita falta dele.”

Justamente por querer que os filhos estudassem, meu avô Manoel os encaminhou para fora, pois em Bom Retiro só havia curso primário; era um homem de visão. Sabia que a educação seria importante para o futuro.

É o único caminho? Já vimos que não. Em nossa família há muitos membros que cresceram e se desenvolveram dedicando-se fortemente ao trabalho. Mas vale observar que todos tiveram um alicerce firme e construído com base em princípios como a dedicação, a honestidade e a fé. Meu avô queria que ao menos um de seus filhos estudasse Teologia para seguir a carreira de pastor adventista.

O Educandário Adventista Butiá foi instituição pioneira, que deu origem ao Ginásio Adventista Paranaense de Pinheirinho que, com a criação da Zona Industrial de Curitiba, foi mais uma vez transferido para a Fazenda Santa Maria, em Ivatuba, próximo de Maringá, Paraná, onde permanece até hoje sob a denominação de Instituto Paranaense Adventista (IPAE).

Embora muito simples, todas as construções de madeira, a água sendo retirada do poço em baldes e o banho precário (enchia-se de água morna uma vasilha de latão com chuveiro embaixo, que era alçado por uma corda) deixavam a vida dos estudantes excitante e alegre. Sem contar que a comida era boa. Minha mãe amava! Tanto que, quando chegavam as férias, ficava em dúvida se voltava pra casa ou se permanecia com os poucos colegas que não saíam.

Como muitos da família, minha mãe teve uma vida longa e pôde me contar muitas histórias, o que me permitiu registrar a trajetória de nossa gente. É uma honra para mim poder preservar essa memória, que explica como chegamos até aqui. E uma das histórias que não poderiam faltar, e que muitas pessoas perguntam quando conhecem um casal, é como o namoro começou.

Minha mãe cursou os dois primeiros anos do ginásio em 1944 e 1945, e começou a namorar meu pai no primeiro ano de internato no **Educandário Adventista de Butiá**. O namoro começou apenas com uma troca de olhares e, depois, com bilhetinhos colocados debaixo do prato no refeitório. Talvez por isso ela gostasse tanto das refeições...



1945, Butiá, professores Oscar Linquist, Emílio de Azevedo, Riter, Beckenkampf, Alice Azevedo, Circe, Ana Beckenkampf e Haydée Linquist

Numa tarde de sábado, a preceptora os encontrou sentados sobre o tronco de uma árvore no campo, um pouco distante da sede do colégio. Ela foi gentil e não lhes chamou a atenção, mas os convidou a voltar com ela. No fundo, eles sabiam que não deveriam sair das imediações, mas a paixão falou mais alto.

Após concluir o ensino médio, em 1944, meu pai foi para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB), em São Paulo, para estudar Contabilidade e Teologia. O namoro continuou à distância e, nas férias daquele fim de ano, minha mãe voltou para casa, em Bom Retiro. No início de 1946, meu pai foi para lá conhecer a família dela e ajustar o namoro.

Naquela época, Opapa e Omama tocavam uma grande fazenda com ordenha diária de mais de uma centena de cabeças de gado, fábrica de queijo e manteiga, armazém de secos e molhados, tecidos, roupas e ferramentas, serraria, carpintaria e todo o movimento que essa atividade demandava.

Tudo corria muito bem na fazenda, mas meu avô convivia com um problema: não tinha um guarda-livros para organizar seus bens e suas contas. Quando meu pai chegou,

assumi essa função: passou a organizar as contas e a receber as dívidas, afinal, havia se formado como contador. Colocou os livros em ordem, inclusive para o pagamento de impostos que, naquela época, eram bem baixos, e, logo nos primeiros meses, recuperou mais de 80 mil cruzeiros só de clientes do armazém. Meu avô ficou muito animado e, claro, meu pai também.

Ele gostava de trabalhar na venda, era um lugar movimentado, onde os amigos se encontravam para tomar uma gasosa, atualizar as conversas, alguns falando em português, outros em alemão, a maioria com um forte sotaque.

Quando as férias terminaram, em março, meu pai tinha que retornar para iniciar seus estudos de Teologia em São Paulo. Meus avós estavam desolados, então minha avó pediu para meu pai ficar. Como ele estava entusiasmado, ficou.

Minha avó disse que seria melhor se eles se casassem, pois não era bom que morassem na mesma casa sendo apenas namorados. O casamento foi marcado para maio e meu avô separou uma área de sua propriedade para construir uma casa para eles.

Mamãe

“José e eu nos casamos no dia **23 de maio de 1946**, na Igreja Adventista da Entrada, em Bom Retiro. Eu ia completar 18 anos em agosto. Continuamos residindo na casa dos pais – José tratava os sogros por pais – até que a nossa fosse terminada, o que ocorreu em junho.

Nossa casa, aliás, foi construída em menos de três meses com o melhor pinho das araucárias do município, cuidadosamente preparado na serraria e carpintaria de Papai. Coberta de telhas vermelhas de cerâmica e pintada de branco, a nova casa, com uma varandinha na frente, era um sonho, muito confortável para os padrões da época. Toda forrada, era bem vedada para nos proteger do frio do planalto catarinense. Da janela da cozinha víamos o movimento da casa de meus pais, acenávamos e gritávamos algum cumprimento, uma vez que a distância entre as duas casas era de menos de 100m.

Separada da estrada por uma cerquinha de ripas de madeira e da área da fazenda dos pais por cercas de estacas e arame, confinava mais de trinta cabeças de gado, de cujas vacas, toda manhã bem

cedo, tirava o leite para beber, o queijo, a coalhada, a nata e a manteiga de nosso consumo. O excedente do leite era entregue na queijaria do Papai.

Os ovos vinham do galinheiro, de onde também vinha o assado do domingo. Da pequena horta saíam rabanetes, beterrabas, cenouras, alface, couve, repolho e outras verduras. De algumas árvores frutíferas, recentemente plantadas, aguardavam-se maçãs, peras, ameixas, uvas e romãs.

Tudo estava preparado para uma vida feliz, como de fato era, pois tínhamos a prática para cuidar da casa, da roupa, da alimentação, mas nenhuma orientação para a vida conjugal, o que nunca imaginamos que teria sido muito bom que, de alguma forma, tivéssemos aprendido com os mais velhos da família, na escola ou na igreja.

Conversar sobre menstruação ou sexo era um tabu, nem a Mamãe, nem as irmãs e nem as amigas tocavam nesses assuntos. Aprendia-se sozinha, deduzindo, observando as outras quando era possível.



23 de maio de 1946, nosso casamento

Também nossa comunicação não era muito boa: eu, de família alemã, muito afetiva, José, de família italiana, educado para ser um homem forte, trabalhador, honesto, mas não afável e nem gentil. Foi um grande desafio!”

Nasci no dia 6 de abril de 1947, Domingo de Páscoa. Sou o primogênito de três irmãos. Depois de mim, vieram Odilon e Berenice. Dei um trabalhão danado para minha mãe ao nascer, primeiro, porque as contrações começaram dois dias antes e, segundo, porque eu demorei para aprender a mamar no peito e chorava muito. Mas mãe é

mãe, e ela logo encontrou um jeito.

Minha paixão pela Omama parece que nasceu comigo. Desde criança, amava passar os momentos com ela e ia com alegria a seu encontro, mesmo que encontrasse algum perrengue no caminho. Nada me abalava. Essas histórias foram contadas com ricos detalhes pela minha mãe.

Mamãe

“Em julho suspeitei estar grávida. No decorrer das semanas, com as náuseas e outros sinais, minha mãe e outras mulheres da família confirmaram minha gravidez, embora a barriga não aparecesse. Começou o tempo de cortar peças de flanela para fazer dezenas de fraldas, tricotar sapatinhos, luvinhas e gorros, coser pequenas calças e camisas, enfim, todos os aparatos para proteger e cuidar do bebê que estava chegando.

Apesar das náuseas, a gestação evoluiu bem, chegando ao nono mês com barriga que as irmãs e amigas diziam ser de cinco ou seis meses. Mas, no dia 3 de abril, a bolsa rompeu. Mudei-me para a casa de meus pais, com a mala previamente preparada para a ocasião do parto, com as roupas que usaria e toda a parafernália do bebê.

No dia 4, uma sexta-feira, passei a sentir uma pressão na barriga e as contrações começaram, espaçadamente, a princípio, e depois mais frequentemente. Fui levada para o úni-

co hospital da cidade. Minha mãe e José me acompanharam segurando minhas mãos sempre que as contrações apareciam. Foi um sofrimento, uma canseira, não só para mim como para minha mãe e para José, que estavam comigo.

Somente no dia 6, o Domingo da Páscoa de 1947, assistida por minha mãe – o único médico estava cuidando de outro nascimento – o parto se completou. O trabalho do médico foi apenas cortar e amarrar o cordão umbilical. Minha mãe foi uma ótima parteira! Era um menino pesando cerca de 3,5kg, chorão e que não acertava mamar, outra tarefa difícil, cansativa, após o parto esgotante.

A salvação veio de uma senhora que também havia dado à luz recentemente, que amamentava muito bem seu bebê. Trocamos: ela ficou com o meu, que encontrou um peito pronto cheio de leite, e seu bebê ajudou a fazer os bicos de meus peitos e a gerar o leite que nutriria meu filho durante mais de seis meses.

1



1. 1948, Bom Retiro, com minha mãe Guilhermina e Newton, com 1 ano de idade, em frente à casa que meu pai construiu para nós
2. 1948, Bom Retiro, à direita, com Newton e outros familiares, em frente a estábulo da fazenda do Opapa

2



Dois ou três dias depois retornamos à casa de meus pais para o resguardo. Não tinha apetite. Novamente a experiência e a dedicação de minha mãe fizeram a diferença. Com pequenas porções de leite, mingau, um naco de pão com geleia e queijo, alguns biscoitos, uma pequena porção de sopa fui acertando o estômago e ganhando apetite.

O menino foi chamado de Newton pela admiração que José tinha pelo físico inglês Isaac Newton. Foi registrado no Cartório de Bom Retiro com o nome de Newton Bellesi. Cresceu saudável, amamentado exclusivamente no peito até os seis meses e, depois, com sopinhas, enquanto ia se adaptando à comida da família.

Logo que aprendeu a andar, descia a escada dos fundos aos

trambolhões e saía a caminhar pela trilha em direção à casa da Omama. Os dois se amavam muito, e a paixão tanto de um quanto do outro era ficar juntos.

Numa dessas ocasiões, da janela da cozinha acompanhando sua trajetória, angustiada, observei uma vaca dar-lhe uma delicada cabeçada, saindo de perto em seguida. Não dando a menor atenção, Newton continuou prosseguindo para a Omama que vinha correndo buscá-lo.

Duas ou três vezes apresentou convulsões febris por causa da garganta, o que nos preocupou muito, mas, depois, mais taludinho, embora sempre muito magro e agitado, não apresentou mais nenhuma doença especial.”

Tia Nena

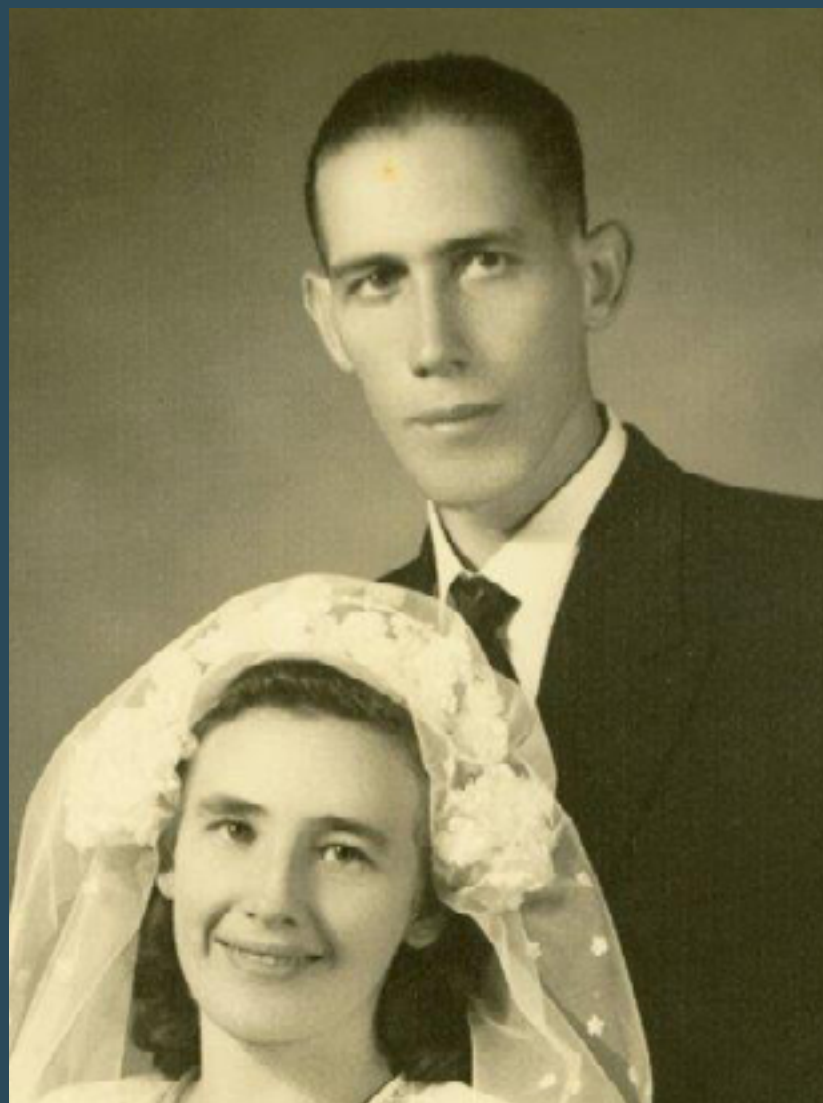
“Era, ainda, solteira quando meu irmão chegou em casa e disse: “Agora não vou mais estudar, vou me tornar fazendeiro e trabalhar com meu sogro”. Foi uma tristeza lá em casa, porque ele estava pronto para prosseguir o curso de Teologia.

Ainda bem que, mais pra frente, o coração dele se inclinou novamente para a Teologia, porque José sempre falou bem e era evidente que ele seria um ótimo pastor.

Meu marido – na época meu namorado – era muito amigo dele e, um dia, quando estava vendendo livros para se manter, foi visitá-lo. Ele falou: “Bellese, você foi chamado para ser um pastor, como você pode largar o pastorado para trabalhar numa fazenda? Você tem que parar com isso, você tem que ir para o colégio”. E ainda completou: “Olha, quando faltar pouco tempo para irmos para o Colégio, eu venho aqui te buscar”.

Meu irmão se sentiu tocado com aquela mensagem e realmente comentou: “Deixei de cursar Teologia para fazer riqueza, mas Deus me chamou, e agora vou voltar”. José falou para o sogro que não cuidaria mais da fazenda e que cursaria Teologia com o futuro cunhado.

Quando os professores da escola souberam que José voltaria para o curso, deram pulos de alegria, porque eles viam que meu irmão estava pronto para cursar Teologia, ele era muito bom com as pala-



Nosso casamento

vras e muito dado com as pessoas.

O sogro disse que o apoiaria e que venderia a fazenda para comprar outra no norte do Paraná. Nessa época, Newton já era nascido. O sogro dele realmente vendeu a fazenda de Bom Retiro e comprou uma casa em Londrina, perto da nossa, possibilitando que nos tornássemos vizinhos.

Nair foi morar naquela casa com Newton, com cerca de 2 anos, e a família dela. Ela estava grávida de Odilon. Nesse período, José ficou no internato do CAB (Colégio Adventista Brasileiro), no Capão Redondo, em São Paulo, para estudar, até conseguir comprar uma casa para a família, próxima da Faculdade. O sogro do José pretendia abrir uma fazenda mais adiante, em Paranavaí, por isso, ele tinha ido viajar para fazer negócio.

Eu era professora da Escola Adventista de Londrina, e Holberto, o Nene, irmão caçula de Nair, estudava lá. Tínhamos que andar cerca de 2,5km até a escola, e íamos todo dia a pé. Newton, vendo aquilo, quis ir para a escola também, mesmo com apenas 2 anos.

Então, quando o Nene ia, levava Newton pela mãozinha, caminhando todo aquele trecho e, chegando lá, o entregava para mim. Eu arrumei uma mesinha para pôr ao meu lado e



A Casa em Londrina que permitiu que nos tornássemos vizinhos. Foto de 13out2015

ele ficava ali o tempo todo escrevendo, desenhando, fazendo as coisas dele. E Newton não me atrapalhava em nada, ao contrário, quando eu ia contar alguma história da Bíblia, ele parava para ouvir. Era uma gracinha. Foi assim até que Odilon nasceu e eles se mudaram para São Paulo.”

Papai

Ser pai

“Em abril de 1947, chegou nosso primeiro filho, o Newton. Logo após o nascimento, enquanto necessitei ir a Florianópolis para cuidar de assuntos do sogro, minha jovem mulher-mãe Nair, e o bebê, ficaram sob os cuidados de sua mãe, a Dona Guilhermina.

Como pai, agora, estava ansioso por retornar e encontrar meu filho e a minha esposa. Olhava para o lindo bebê. Eu não sabia o que fazer. Tinha a consciência da paternidade e alegrava-me com o “meu pimpolho”. Não acordava durante a noite. Podíamos dormir bem, sem interrupções. Percebi que o menino era inteligente. Desejava que ele pudesse vir a ser uma pessoa útil.

Um dia, ao me preparar para sair com um caminhão que deveria levar até a serraria, ele me perguntou: “Papai vai com o caminhão para a serraria? – Sim, respondi. Vamos para a serraria. Você quer ir junto?” – Seus olhinhos brilhavam com a possibilidade do passeio e, enquanto avançávamos pela estrada tosca, esticando-se o máximo que podia na ponta de seus pezinhos, apreciava com grande atenção a paisagem que se deslumbrava através do para-brisas. Ele não ti-

nha dois anos, mas podia compreender muita coisa.

Preocupava-me com ele, como todo pai se preocupa com seu filho, acho, mas Graças a Deus, ele era uma criança especial e com isso eu me regozijava.

Mais tarde, em 06 de julho de 1949, nasceu o segundo filho, Odilon. Era uma alegria ter os dois: Odilon, ainda muito pequeno, e Newton, um menino esperto, que algumas vezes me acompanhava, andando de casa até o Colégio. Ficava na sala de aula, quietinho, até o encerramento.

Uma vez, enquanto íamos subindo pelo caminho, mostrei-lhe a fábrica da Superbom, de produtos comestíveis saudáveis. Ele olhou e disse: “quando ficar grande, vou visitar a fábrica de avião”. Ele era conhecido no Colégio como o Pimpolho do Bellese.

Numa ocasião o menino desapareceu. Ele saiu de casa, sozinho, chegando ao internato, onde estava o Guilhem, que o trouxe de volta para casa. De outra feita, em época de campanha eleitoral, foi colocado num palanque. Lá ele fez um pequeno discurso encerrado com a frase “... e viva o Ademir de Barros de São Paulo!”.”

Bellesi ou Bellese?

Creio que seja hora de fazer uma explicação: fui registrado como Newton Bellesi, embora meu bisavô fosse Bellese. Meu avô e meu pai eram Bellesi, assim como também foi acrescentado ao nome da Lia, no casamento, e foram registrados meus filhos.

No decurso da vida, descobrimos que nosso sobrenome verdadeiro é Bellese, como o de nossos ancestrais, e a maioria dos membros da família corrigiu. No entanto, como era difícil corrigir todos os meus documentos, continuo usando Bellesi, mas sou Bellese.

1



2

COMUNE DI SAN DONA' DI PIAVE
(PROVINCIA DI VENEZIA)
RIPARTIZIONE SERVIZI DEMOGRAFICI
UFFICIO DELLO STATO CIVILE

ESTRATTO PER RIASSUNTO DAI REGISTRI DEGLI ATTI DI NASCITA
Anno 1915 - Parte I - Serie - N. 246

Del registro degli atti di nascita di questo Comune, anno - parte - serie e numero sopra indicati risulta che:
il giorno 21 di Settembre del mese Settembre
dell'anno Milcentocentocettantacinque
alle ore posseriane dieci e minuti
in SAN DONA' DI PIAVE
nella casa posta in via Galvecchia N.
E'NAT 0

Capone BELLESE GIOVANNI
Primo nome risultante dall'atto di nascita (?) GIOVANNI

Eventuali altri nomi: Nessuno
di sesso Maschile
Paternali: Luigi Valentino
Maternali: Armentis Giuseppina

ANNOTAZIONI
Nessuna

Per estratto dell'originale, ai sensi degli articoli 184 e seguenti del R.D. 9 luglio 1939, n. 1238
Data 20/5/1991

L'UFFICIALE DELLO STATO CIVILE
Walter Zucchetto
Capo Sezione

17) A norma della circolare Ministeriale di Roma e Venezia, Direzione generale degli Affari Civili e della Stato Civile, Roma, 10/11/1939, n. 1238, del 1939, n. 1238, il presente estratto è stato compilato in base all'originale dell'atto di nascita, che è conservato presso l'Ufficio dello Stato Civile del Comune di San Donà di Piave. Il presente estratto è valido per tutti gli effetti giuridici che derivano dalla nascita, ma non può essere utilizzato per la trascrizione negli atti di stato civile. Il presente estratto è valido per tutti gli effetti giuridici che derivano dalla nascita, ma non può essere utilizzato per la trascrizione negli atti di stato civile. Il presente estratto è valido per tutti gli effetti giuridici che derivano dalla nascita, ma non può essere utilizzato per la trascrizione negli atti di stato civile.

1. 2017mai10, San Donà di Piave, bela comuna italiana da região do Vêneto, que hoje tem cerca de 40 mil habitantes
2. 1991mai20, San Donà Di Piave, transcrição do registro de nascimento de meu bisavô, Giovanni Bellese, que indicou nosso sobrenome original e que possibilitou a naturalização italiana de grande parte de meus familiares

1



1. 2017maio, San Donà di Piave, com Lia, Marcio e Lilian em visita à terra natal de nossos antepassados Bellese

2. 2017maio, fizemos questão de registrar o rio Piave, onde o Nonno pescava

2



E a história continua...

Minha mãe contava que passou os primeiros anos da vida conjugal lembrando a meu pai que, mesmo com os negócios indo bem na fazenda da família, ele havia prometido dedicar a

vida à sua fé e, portanto, deveria terminar o curso de Teologia iniciado no Colégio Adventista Brasileiro em 1945 e interrompido antes de começar o segundo ano.

Imagino que ela tenha insistido nesse assunto mesmo porque

se teve uma pessoa da nossa família que era ligada à Igreja Adventista como nenhuma outra, foi ela. Sua insistência para que as pessoas se tornassem adventistas ou seguissem os preceitos de sua igreja foi tanta que acabou, no futuro, gerando um movimento contrário em muitos de nós, seus descendentes, que nos distanciamos da igreja, como um gesto de respiro e liberdade.

Em 1949, quando ela estava grávida de meu irmão, finalmente decidiram se mudar para São Paulo. Meu pai vendeu alguns bens que havia reunido nos dois anos de trabalho na fazenda – as 33 cabeças de gado, os dois cavalos e a casa que meu avô havia dado a eles – e seguiu para o Curso de Teologia no **Colégio Adventista Brasileiro**, próximo de Itapeverica da Serra (SP).

Ali começava uma nova etapa na vida do casal José Bellesi Filho e Nair Böll Bellesi, por sincronismo, meus pais.

Papai nos deixou na casa que o Opapa havia comprado em Londrina – com vistas a se mudar para o Norte do Paraná – para que minha mãe e eu, então com 2 anos, ficassemos ali, onde ela pudesse passar o restante da gravidez, o parto e o resguardo sob os cuidados da Omama.

Nessa época, meu Opapa comprou uma fazenda no município de Paranavaí, a uns 10km da sede. Preparou instalações provisórias para a família, que seria trazida de Londrina, o que ocorreu em 1950.



1950, São Paulo, CAB, formatura de meu pai no Curso de Primeiros Socorros da Faculdade de Teologia

Tia Conceição Garcia Böll, Tia Conceição



“Entrei oficialmente para a família Böll quando tinha 18 anos. Mas conheci David, irmão de Nair, três anos antes. Frequentava a mesma igreja que ele, em Paranaíba, quando conheci também Almira e a Omama.

Eu tinha 18 anos e David, 21, quando nos casamos, no dia 15 de dezembro de 1955, nessa mesma igreja. A recepção foi na casa de meus pais em Alto Paraná. No dia seguinte ao casamento, fomos morar na Fazenda Bom Retiro, do sogro, que ficava próximo do vilarejo Guaritá, a uns 10km de Paranaíba.

Passamos a ocupar um quarto da casa grande. Foram os anos mais tranquilos de nossas vidas. A relação com minha sogra e meu sogro e com meus cunhados era muito boa e a vida era feliz. Minha participação na família consistia em colaborar nas atividades próprias da casa, embora não tivesse muita prática com os costumes especiais da família de cultura alemã.

David era um faz-tudo: derrubava árvores, preparava as toras, as transportava para a serraria, serrava a madeira, trabalhava no moinho, com o gado e no que fosse necessário. O dia começava às 3h da madrugada, algumas vezes prosseguindo até meia-noite. Tinha uma força e uma disposição imbatíveis, mas não era tratado com cortesia pelo pai, o Opapa, embora não se importasse. Lembra-se de seu Papai com muito carinho. É um homem de boa natureza, não guarda rancor e tem vocação para ser e fazer os outros felizes.

Na fazenda, embora a vida fosse muito árdua, era de grande fartura. O que ali se consumia, como leite e laticínios, cereais, verduras e frutas, tudo da melhor qualidade – não havia doenças – e as carnes de gado ou de frango, ovos, óleo vegetal de amendoim, arroz integral, quirera, fubá, melado, geleias e açúcar mascavo, tudo era produzido na fazenda. Só eram comprados sal, arroz polido, trigo e açúcar refinados. Embora se trabalhasse muito, a fazenda era um paraíso.

Eu, particularmente, acordava entre 7h e 8h, mas o Opapa, David e Almira, a partir das 3h para os afazeres da ordenha de 25 a 50 vacas, conforme a época do nascimento dos bezerros. Uma caneca de leite recém-ordenhado, quente e espumoso constituía seu desjejum. Após a ordenha, vinha o processamento do leite para a fabricação de queijo, ricota, manteiga e coalhada.

Em torno das 7h era servida a refeição matinal, composta por leite e laticínios, pão de fubá, batata, inhame; batata-doce cozida ou assada, e/ou aipim cozido, rosca de polvilho, às vezes pão de trigo branco; geleias e doces de todas as frutas que a fazenda produzia, melado de cana, ‘café’ de cevada, açúcar mascavo, sopas de triguilho ou fubá com ‘clempes’, polenta, compotas de frutas. Precisava ser uma refeição reforçada, pois o trabalho era pesado e o almoço seria servido somente entre 12h e 13h.

Depois do café matinal, todos retornavam ao trabalho. A fazenda, de 475 alqueires, continha 75 de pastagens de capim colômbio, para a cria e engorda de 775 cabeças de gado separadas em cinco divisões; roças de milho, feijão, algodão, aipim (uma raiz mediu mais de 170cm), batata-doce (uma delas pesou

28kg), inhame, abóbora (eram gigantes), melancia (uma delas pesou 27kg), e um pouco de arroz e trigo; um pomar de frutas cítricas (laranjas, limões, limas, mimosas [tangerinas]), mamões, bananas e até uva; uma horta com tomates, cenouras, beterrabas, repolho, couve-flor, couve, alface, quiabo, chuchu, almeirão, agrião-da-água; e uma plantação de cana-de-açúcar.

A terra mista roxo-arenosa era muito boa, produzia mais do que qualquer outra área já cultivada pela família, e não havia doenças, não se usava nenhum agrotóxico.

Para o transporte interno da fazenda eram usados de um a dois caminhões, a fim de recolher as toras na mata - levá-las para a serraria e, depois, a madeira serrada para as fazendas vizinhas de Paranaíba - e para o transporte da produção das roças.

A energia para a serraria e para o moinho provinha de rodas d'água, uma tecnologia alemã preservada pelos colonos por gerações. As duas pequenas indústrias da fazenda foram fabricadas artesanalmente pelo senhor Henrique Böll, primo-irmão do Opapa. Comprado, mesmo, praticamente só os eixos, serras (circulares e de fita), as correias, a pedra mó e os tachos de cobre, o restante era produzido de madeira.

A casa de força para gerar energia elétrica e a rede de distribuição foi feita por David, que estudou muito para conseguir dar conta de uma obra inédita. Até hoje ele não sabe como conseguiu. Um fato interessante: o gerador deveria ser desligado entre 20h e 21h enquanto os familiares dormiam. O sistema de geração de energia elétrica, que ficava no moinho, distava uns 300m da casa. No começo David caminhava até lá para desligar, mas era um aborrecimento fazer isso.



Paranaíba, início dos anos 1950, caminhão empregado no transporte de toras para serraria, com várias pessoas da família (à esquerda, Dona Guilhermina, David ao volante, Nair em pé do lado direito e, talvez, Seu Manoel sobre o caminhão)

Então projetou e executou um sistema que, através de um cabo estendido até a casa, permitia que o desligamento fosse feito com apenas um puxão. E ele nunca mais precisou fazer a caminhada noturna...

A serraria produzia todo tipo de madeira rústica: palanques, tábuas, vigas, caibros, ripas, mata-juntas. Entre as madeiras serradas havia peroba, cedro, canafístula, marfim, canela e amendoim.

O moinho tinha dois setores: o moinho propriamente dito, para fazer quirera e fubá, e o engenho, que moía a cana para a garapa que dava origem ao melado, ao açúcar mascavo e à rapadura, que raramente era produzida.

Moramos apenas dois anos na fazenda. Nosso primeiro filho, Odailson, já nasceu em Curitiba, no dia 26 de janeiro de 1959.”

Mamãe

“José teve a sorte de conseguir uma casa muito boa com os recursos de que dispunha. Ficava ao lado do Colégio, no centro do bairro de Capão Redondo. Era uma casa de alvenaria com três quartos, copa, cozinha, despensa, sala, varandas com arcos, quintal gramado e com árvores e uma boa edícula, que foi cedida para a família de Manoel, um estudante pobre, colega do José.

Em julho, José deixou o Seminário para trabalhar como colportor, uma atividade de evangelização que se dá por meio da venda de livros religiosos, e que também gerava renda suficiente para cobrir as despesas dos estudos e da família que estava crescendo. Antes de seguir para seu campo de trabalho, passou em Londrina para nos rever. Encontrava-me no nono mês de gestação.

No segundo dia após a chegada do José, entrei em trabalho de parto, mas, desta vez, foi bem mais fácil do que o primeiro. Durou de duas a três horas e, em torno das 23h do dia 6 de julho de 1949, nasceu um menino forte, com 3,7kg, que logo mamou, prosseguindo com a rotina de mamar e dormir. Quase não me dava trabalho.



1949, São Paulo, com meu filho Odilon ao colo, enquanto Newton brincava dentro da casa

Inicialmente, pensamos em chamá-lo de Waldir. Um a dois dias depois, José seguiu para Campo Mourão (PR), a fim de fazer seu trabalho, onde conheceu um advogado de nome Odilon, de quem gostou muito. Telefonou-me e disse para que eu registrasse nosso filho com esse nome, o que foi feito. O bonito menino passou a chamar-se **Odilon Böll Bellesi**.

Ao retornar da colportagem, no começo de agosto, passou em Londrina, levando-nos com ele para a casa de Capão Redondo, em São Paulo, que já se encontrava meio mobiliada, com camas, fogões (um a gás e outro a lenha), mesa, cadeiras e quase toda a parafernália de uma residência.”



1950, São Paulo, casa da família, Newton com 3 anos em seu triciclo

A vida transcorreu muito bem nos dois anos e meio que passamos em Capão Redondo. Já habituados à vida conjugal, meus pais se davam bem e minha mãe considerava aquela uma das épocas mais felizes de sua vida.

Aquela casa tinha muito espaço para brincar, e meu irmão e eu éramos bem saudáveis. Tive apenas aqueles episódios de convulsões febris por causa de amigdalites e nada mais. Em frente de casa havia uma padaria que também vendia sorvetes e bombons, o que eventualmente fazia a festa da criançada

Eu era uma criança esperta, curiosa, gostava de conhecer as coisas e não suportava que me limitassem. Era muito arteiro. Meu pai me batia com cinta. Embora na Bíblia o filho primogênito seja considerado especial, por ter uma responsabilidade maior e herdar os afazeres do pai, em nossa família não tinha isso. Em meu caso, ser o primogênito me fez apanhar mais do que meus irmãos, porque meus pais ainda não sabiam educar. Aliás, esse é um desafio de todo filho primogênito – mesmo sem que ele saiba, acaba ensinando os pais a serem pais.

Para mim era angustiante, porque meu pai tinha uma tabelinha em que anotava minhas falhas e, depois de certo número, ele dizia: “Está chegando a época de você apanhar”. Se minha Omama não estivesse por ali, eu entrava na cinta. Era algo traumático. Depois, ele me levava para o escritório, me sentava em seu colo e explicava porque eu tinha apanhado, e eu me sentia aliviado.

Muito tempo depois, ele reconheceu que estava errado. Para falar a verdade, eu não percebi benefício algum que

tenha ficado registrado em decorrência daquelas surras. Não tenho a filosofia de deixar as crianças fazerem o que quiserem, sou pai e sei que é absolutamente necessário conduzir seus caminhos, mas precisamos oferecer elementos para que elas desenvolvam suas potencialidades ao máximo, intervindo também, mas com sabedoria, prudência e amor.

Eu mesmo aprendi na prática a melhor maneira de ensinar meus filhos, embora, impulsivamente, tenha aplicado algumas palmadas.

Mamãe

“Quando faltava um ano para a conclusão dos estudos de José, apareceu um comprador para a casa. Ele me consultou sobre o negócio, considerando que, logo após a formatura, seria chamado para trabalhar em algum lugar, pouco provavelmente em São Paulo, e que seria bom estar livre de quaisquer posses, não ter nenhum impedimento.

Vendemos a casa por um bom valor e nos mudamos para uma chácara no alto de uma colina, de onde se avistava todo o colégio a partir da horta. Havia uma casinha pequenina de madeira, com apenas quarto, sala, cozinha, banheiro e uma puxada. Improvisamos os armários com caixotes

de latas de querosene e assim foi composto o mobiliário de toda a casa. Ficaram lindos, cobertos com roupas e bordados do enxoval.

A propriedade foi alugada do seu Ballot, um senhor de uns 60 anos, imigrante esloveno, que havia passado pela Primeira Guerra Mundial. Ele nos contou que as pessoas que comiam alho e cebola durante a guerra não ficavam infestadas de piolhos e sarna.

Com a casa vieram 32 galinhas e uma vaca. Toda manhã, bem cedo, eu tratava os animais, ordenhava uns três litros de leite da vaca e recolhia mais de uma dúzia de

ovos das galinhas. A vaca, embora mansa, de vez em quando escapava do cercado e lá ia eu procurá-la pelos terrenos vizinhos.

José não participava dessas atividades. Nasceu e cresceu em fazendas de café, aprendeu a negociar, mas não tinha familiaridade nos cuidados com animais domésticos.

Seu Ballot todo final de semana chegava com sua charrete para nos visitar e levar alguns litros de leite e algumas dúzias de ovos que eram guardados para ele. As crianças gostavam de dar uma voltinha em sua charrete.

Foi o ano mais feliz de nossas vidas!”



1951, São Paulo, com Mamãe e minha irmã Adelina, durante visita à fazenda do CAB, entre espécimes premiados do famoso gado leiteiro do Colégio

Meu pai concluiu a graduação em Teologia no final de 1951 e, em seguida, foi chamado para trabalhar em Guarapuava, no Sudoeste do Paraná, uma região linda, alta, fria e de povo conservador. Meus pais deixaram São Paulo passando em Curitiba - onde ficaram algumas semanas sendo preparados para a nova experiência -, levando apenas roupas, alguns utensílios e livros em caixotes e malas. Os poucos itens do mobiliário foram doados ou vendidos.

Foi lá que meu pai começou a trabalhar como pastor licenciado

na Associação Paraná-Santa Catarina. Não me lembro da viagem e nem da chegada em **Guarapuava**. Minha memória deve ter começado a fixar lembranças algum tempo depois, quando tinha uns 5 anos de idade. Também foi lá que minha irmã Berenice nasceu, no dia 25 de fevereiro de 1954.

A residência era geminada com a Escola, uma casa de madeira pintada de amarelo-claro que, com a Igreja, que ficava na esquina, compunha o cenário desse tempo de grandes descobertas.

1



2



1. 1951, São Paulo, CAB, formandos da Faculdade de Teologia, turma de meu pai

2. 1952, Guarapuava, meus pais, Odilon e eu

À frente da Igreja havia uma grande praça que abrigava os circos que passavam pela cidade. Ao lado, um terreno vazio onde foi improvisada uma quadra de vôlei e, atrás, uma área livre; entre a Igreja e a casa, mais próximo da casa havia um poço raso, revestido por grandes lajes, que não produzia boa água, era salobra.

Atrás da casa, separada por uma calçada cimentada, havia uma edícula – que servia como depósito e lugar para brincar nos dias de chuva –, seguida de um grande quintal, no fundo do qual Papai mantinha uma colmeia de abelhas e mamãe, um pequeno galinheiro.

Era possível brincar em todas essas áreas, correr circundando a casa sobre uma calçada estreita, passando em frente à escola, ou simplesmente se sentar na calçada. A escola e a residência

ficavam de frente para uma avenida, ao lado de uma oficina mecânica. Prosseguindo, na esquina seguinte, havia um posto de gasolina; o bombeiro, que nos tratava com alegria e afeto, se chamava Romeu.

Mais à frente, distanciando-se da praça, havia uma ponte sobre um riacho e, do outro lado da rua, um chafariz, onde nos abastecíamos com água para consumo, pois a água de nosso poço era salobra e só servia para limpeza. Diariamente, buscávamos água em panelas e baldes; nós, os menores, carregando uma panelinha pequena.

Embora faça muito frio em Guarapuava, alguns dias de verão são quentes e, numa dessas incursões, não resisti e resolvi entrar no riacho de águas límpidas ao lado da fonte, que passava sobre pedras, uma tentação.

Uma delícia aquela água fria nos pés, até que senti uma fisgada e observei a água se manchando de vermelho. Havia pisado em um caco de vidro que causou um corte

longo e profundo no pé, próximo do grande artelho. Até hoje carrego a cicatriz da peraltice.

Papai

Deus me chamou

“Logo após minha formatura, aceitei o chamado para ser o obreiro assistente do pastor da Igreja Central de Curitiba. Antes de assumir esse posto e de fazer nossa mudança para Curitiba, fui convidado para participar da Assembleia Bial da Associação Paraná – Santa Catarina, do ano de 1952. No final da Bial, o rumo de nossas vidas foi alterado. Fui nomeado para assumir o campo de Guarapuava, uma região muito fria, no Sul do Paraná.

Mudamo-nos para a casa do pastor, que também tinha uma sala de aulas, localizada na área do terreno ao lado dos fundos da igreja. Era um campo enorme, que começava em Prudentópolis e acabava em Foz do Iguaçu, divisa do Brasil com o Paraguai e Argentina. Nessa época não havia estradas pavimentadas. Quando chovia, era muito difícil trafegar. Adquirimos um veículo apropriado para essas condições: um Ford bigode, pé-de-bode, fabricado no ano de 1928. Era um carro duro, mas forte e valente. Com ele visitava todos os lugares e todos os membros do meu campo, um por um. Eu os amava e eles me amavam.

Contava com a ajuda de muitos membros da Igreja de Guarapuava. O casal Oswaldo e Ana Saldanha de Araújo, me ajudaram muito. Tornaram-se nossos amigos. Uma vez por semana faziam questão de nos receber, Nair os meninos e eu, para um jantar em sua casa, onde comemorávamos, também, as festas de Natal, estas, revestidas de um caráter especial para as crianças, pela expectativa da chegada do Papai Noel, com os presentes, que a Dona Ana sabia tão bem organizar.

Seu Oswaldo era Coletor Federal de Impostos. Durante o mês de julho – muito frio – ele me ajudava na Campanha de Assistência Social da Igreja Adventista, para a obtenção de fundos em prol de pessoas necessitadas. Chegamos a passar a noite juntos, no pé-de-bode atolado no meio da estrada, um frio danado, cobrindo-nos com o que havia, incluindo jornais. No dia seguinte, com a ajuda de pessoas bondosas, o carro era tirado da lama e nós prosseguíamos em nosso trabalho.

Mesmo não sendo batizado, seu Oswaldo dedicava muito tempo e esforço de sua vida ao trabalho da Igreja Adventista. Sua esposa era a pianista da Igreja e uma missionária dedicada. Foi

a primeira professora de piano do Newton.

Num certo dia de inverno, apareceram lá em casa os irmãos Sebastião e Jacinto Sebulski. O pé-de-bode estava muito sujo. Eles me convenceram a levá-lo, uns 5km fora da cidade, num rio lajeado, para lavá-lo e para tomarmos banho. Eles fizeram um excelente trabalho. O Fordinho ficou novo. Quando o carro estava lavado e enxuto, eles começaram a nadar naquela água gelada. Pareciam pinguins. Não tive condições. Mesmo de fora, só olhando, estava com o corpo gelado, os lábios tremendo. Fiquei no carro para proteger-me do frio e para refletir sobre a atenção e o carinho daqueles jovens.

A filha do Seu Saldanha, Consuelo, ao retornar para sua casa após o término da faculdade, pediu para participar conosco de estudos bíblicos, o que fizemos com muita dedicação e carinho. Algum tempo depois, com mais seis jovens, incluindo Sebastião Sebulski e Jacinto Krueger, foi batizada no Rio Jordão, próximo de Guarapuava. Sentia-me feliz por ajudar os jovens a conhecerem o caminho do Senhor e a se tornarem úteis à Igreja.

Todos permaneceram na verdade. Sebastião e Jacintho eram jovens ainda quando faleceram. Os outros irmãos da Família Sebulski – José, Joanino e Eduardo – também me ajudaram muito. José era meu braço direito para cuidar do carro. Fez muitas viagens comigo. Dormimos em lugares tenebrosos. Deus e os seus anjos nos guardaram.



Final dos anos de 1990, Guarapuava, com meus pais, em visita ao querido amigo Martin Wolski, já bem idoso, e sua netinha cuidadora

Eduardo era regente do coral e dos conjuntos musicais, e Joanino o tesoureiro da Igreja. Muitos anos mais tarde, numa ocasião, fui fazer uma visita ao José, que havia perdido a esposa. Estava só, em sua casa de Guarapuava. Não se sentia bem. Ele abriu uma gaveta, tirando de lá um bilhete dos velhos tempos em que trabalhamos juntos. Olhei para ele e as lágrimas caíram. Era um irmão fiel em Cristo, um grande companheiro. Faleceu algum tempo depois.

O irmão Martin Wolski era outro membro e ancião dedicado da Igreja. Ele fez o seu melhor. Perdeu a esposa, ficando sob

os cuidados de uma filha e neta muito dedicadas. Faz alguns anos, juntamente com Nair, Newton e sua mulher Lia, fizemos uma visita para ele. Ficou muito alegre. Logo depois, faleceu.

Muitos outros nos ajudaram. Trago uma imensa gratidão por todos eles. A morte é triste. Vamos nos encontrar, todos, quando Jesus voltar.

Durante os três anos do trabalho no Campo de Guarapuava, Deus nos permitiu organizar várias igrejas. Quando acabamos de levantar a Igreja do Cerro Verde, não havia mais dinheiro para a contratação de pintores. Nair e eu resolvemos fazer esse trabalho, ela pintando as paredes e eu pintando o forro. Nem sei como ela dava conta de cuidar das crianças, da casa e de mim e ainda ajudar nessas tarefas. Ela era muito afoita. Temia que ela caísse da escada. Mas Graças a Deus, nada aconteceu. Odilon e Newton também queriam ajudar na pintura, mas eram muito pequenos. Mesmo assim, fa-

ziam alguma coisa como buscar mais uma lata de tinta e até ir pintando algumas partes mais próximas do chão. Louvo a Deus pelo espírito de participação de todos os membros de minha família. Sempre nos apoiamos uns aos outros. Não esqueço do gesto, do carinho desses meninos ao esforçarem-se para aliviar o fardo de seus pais.

No dia 25 de fevereiro de 1954, a ‘cegonha trouxe’, para nossa casa uma linda bonequinha. Recebeu o nome de Berenice, por sugestão da dona Ana Saldanha de Araújo, que aceitamos com muita alegria. Logo depois recebemos o chamado para assumir o Distrito de Campo Mourão, no Norte do Paraná. Deveríamos deixar Guarapuava. Agradecemos a Deus pela oportunidade de servi-lo, arrumamos a mudança, despedimo-nos de nossos tão queridos amigos, colocamos a família no velho e bom pé-de-bode, e rumamos, pelos quase 200km de estrada de chão, para o lugar que seria nosso novo campo de trabalho e residência da família.”

Mamãe

“Chegamos em Guarapuava à tardinha, todos juntos: José, Newton, Odilon e eu. A área da igreja, onde também ficavam a casa do pastor e a escola, estava localizada em uma

esquina. A igreja era voltada para uma praça, e a casa do pastor conjugada à escola primária – que só tinha uma sala – de frente para a rua.

A casa de madeira era espaçosa, com três quartos – um ocupado por Newton e Odilon, outro por nós e o último era destinado à biblioteca e ao escritório de José. Da grande cozinha chegava-se ao banheiro e à saída dos fundos, descendo por uma escada que dava numa área cimentada e numa edícula.

A igreja, que comportava cerca de 150 fiéis, era de alvenaria, muito bem construída. O acesso até nossa casa era confortável: a família só precisava caminhar alguns metros para chegar até ali.

Após comprar o mobiliário mínimo, arrumamos a casa e José saiu pesquisando um veículo que servisse para o trabalho ministerial em um campo muito grande, que ia até Foz do Iguaçu (PR), distante uns 400km, sempre por estradas precárias, sem pavimentação. O assunto foi resolvido através dos irmãos Sebulski, que indicaram um Ford Bigode 1929, em ótimo estado.

Tínhamos mais ou menos a mesma idade, o **Pé de Bode** e eu. Era um carro rústico, mas muito forte e alto, permitindo viajar pelas piores estradas, inclusive naquelas em que nem um Jeep era capaz de trafegar.

Em Guarapuava nasceu a Berenice, assistida por uma parteira. Dona Ana Saldanha de Araújo, integrante da igreja, foi quem mais me ajudou nesse momento: indicou a parteira, me acompanhou e até sugeriu o nome da menininha de mais de 3,5kg, que passou a se chamar Berenice Böll Bellesi.



O famoso Pé de Bode

Fomos muito bem-sucedidos no trabalho evangelístico e construímos relações que persistiram no tempo, como a amizade de José Sebulski e toda a sua grande família, de Oswaldo e Ana Saldanha de Araújo, com dois filhos – Consuelo e Celso – que se tornaram amigos de nossos filhos, e Martin Wolski, que tinha uma mercearia onde nos abastecíamos.

Todo sábado terminávamos o dia na residência dos Saldanha para o culto de pôr do sol e o lanche, era quase uma festa. Também nos natais e aniversários, dona Ana fazia questão de que participássemos das celebrações como se fôssemos da família.”

Não me lembro como eram as paredes internas da casa de Guarapuava, talvez semelhantes às externas, de tábuas verticais com mata-juntas. O piso, de um amarelo-pardo, era encerado.

A cozinha era grande e dava para o banheiro, uns dois degraus abaixo. A água para beber era preparada num filtro de cerâmica e tinha um gosto suave e agradável de alho. Mais tarde soube que era por causa do *Allium sativum*, um extrato de alho que minha mãe colocava na parte de cima do filtro para prevenir doenças.

A cozinha se comunicava com a sala, ao lado da qual ficava nosso quarto - meu e do Odilon - e o escritório de meu pai, de frente para o fundo da Igreja. Do lado oposto, atrás da escola, o quarto de meus pais, que se comunicava com a escola por uma porta que nunca vi aberta. Havia um pequeno vaso com flores sobre a mesa da sala e uma varanda à frente. Gostava de ajudar a minha mãe nas tarefas da casa, arrumar as camas, recolher as roupas para lavar, buscar água no chafariz, lavar calçadas.

Aos 5 anos ingressei na Escola Adventista. Tenho a impressão de que todas as séries ficavam ali, já que só havia uma sala de aula. O professor Haroldo Linhares, um homem de estatura mediana e tez avermelhada, era gentil e firme, mantendo disciplina. Se o lápis caísse, só poderia ser recuperado após levantar a mão, mediante autorização do professor. E se caísse novamente, o professor nos deixava esperando algum tempo com a mão levantada, antes de autorizar que nos abaixássemos para pegá-lo. Hoje, quando me lembro dessa história, acho graça, mas funcionava bem.

As carteiras escuras de madeira envernizada acomodavam dois alunos. Não me lembro dos colegas. Aprendi a ler em uma cartilha tradicional da época, talvez a Cartilha Sodré e, através da tabuada, as quatro operações.

Em duas ocasiões fiquei muito entusiasmado, correndo para a casa a fim de mostrar à minha mãe as recentes descobertas: de que havia aprendido a ler – como num *flash* – e que havia aprendido a amarrar os cadarços dos sapatos. Até então, os nós se desfaziam toda hora, já que eu não sabia amarrar direito. Fiquei eufórico e orgulhoso com aqueles aprendizados!

A vida na igreja e o relacionamento social

O meu pai era o pastor da Igreja e minha mãe, sua assistente. Em casa tínhamos cultos de manhã e à noite, preces antes de refeições, assim que acordávamos e antes de nos deitarmos. Na igreja, os cultos aconteciam aos sábados, das 9h às 12h e das 15h às 16h, e aos domingos e quartas-feiras, das 20h às 21h.

Sábado de manhã, participava de uma escola sabatina para crianças, da qual Mamãe era a dedicada professora com suas histórias, gravuras e recursos audiovisuais que ela mesma preparava.

Nos cultos para adultos, eu sentia muito sono, era difícil ficar acordado. O suplício mesmo eram os cultos à noite. Ficávamos na primeira fila e minha mãe queria mostrar para os demais fiéis que tinha filhos bonitos, bem arrumados, exemplares, que não dormiam no divino e interessante culto. Momentos tensos que se prolongaram por toda a infância e adolescência.

Eu ainda não entendia por que não podia participar da Santa Ceia e desfrutar dos pães ázimos que ‘ajudara’ Mamãe a preparar e o suco de uva servido em pequenos cálices. Mais tarde, entendi que esse privilégio era conquistado pelo batismo, quando se passava a ser membro da igreja.

Lembro-me de muitas pessoas de Guarapuava, com destaque para uma jovem que veio de uma igreja do interior para estudar na escola e ajudar minha mãe com as tarefas da casa. Era uma pessoa formidável, gentil, prestativa, com quem sempre gostava de estar.

Havia as famílias Wolski, seu Martin dono da quitanda e Joel, seu filho, nosso amigo; das irmãs cujo pai era o encarregado do abatedouro de Guarapuava, uma tocava piano; a família Sebulski, José, mecânico muito amigo de meu pai; Adão, um homem afável, linda e amplamente gordo - sim, eu achava gordo bonito -; e, especialmente, a família Saldanha, seu Oswaldo, o coletor estadual de impostos, dona Ana, sua esposa, muito amiga de minha mãe e minha primeira professora de piano, e seus dois filhos, Consuelo e Celso.

Era em sua linda casa verde, estilo chalé europeu, que passávamos os Natais com (o ‘assustador’) Papai Noel e sacos de brinquedos. Celso foi um de meus primeiros amigos. Seu Oswaldo era frequente companheiro de viagem de meu pai e contribuinte generoso da Igreja. Colecionava xícaras e cachimbos de porcelana.

Dona Ana indicou o nome de minha irmã Berenice, que nasceu quando eu tinha 6 para 7 anos. Naquela época, eu não entendia o que era a gestação. Lembro-me de ter ob-

servado que minha mãe engordara somente na barriga, o que eu achava feio. Achava bonitas as pessoas gordinhas por inteiro. E que certo dia apareceu lá em casa um médico que conversou com meu pai, logo depois apareceu um bebezinho, e a barriga de minha mãe murchou...

O Pé de Bode

Também me lembro bem do Pé de Bode, um Ford Bigode 1929 de capota de lona preta, que pegava na manivela. As rodas eram de ferro, com raios de madeira, cobertas por um pneu estreito. Funcionava muito bem.

Logo que meu pai o comprou, resolveu refazer a pintura azul escura. Comprou o material e toda a família participou. Ficou muito ruim! Teve que mandar para a oficina vizinha para refazer todo o trabalho. O barato custou caro, mas o Fordinho ficou muito bonito, de um azul brilhante.

As experiências ao lado de meu pai nas viagens ao interior

O campo de trabalho religioso adventista do Distrito de Guarapuava era muito grande, chegando até Foz do Iguaçu. Em algumas viagens mais curtas, tive o privilégio de acompanhar meu pai. De três delas me lembro bem: Rio Pedrinho, Chapéu de Sol e Termas de Santa Helena.

Tudo era muito primitivo. Não havia um palmo de pavimentação. As estradas eram poeirentas ou enlameadas, com caminhões, ônibus e até jipes encalhados pelo caminho. Mas o Fordinho, ah, o Fordinho... era alto e dava conta de passar

por todos os lugares.

Lembro-me de que uma vez ficamos frente a frente com um caminhão que vinha pela contramão porque a pista era melhor, mais segura. Meu pai não saiu da frente. Ficamos nessa situação um tempo prolongado, até que o caminhoneiro resolveu ir para sua pista – ficar encalhado – e nós pudemos passar (ficamos com pena, mas não havia possibilidade de boa sorte para ambos). Pontes eram improvisadas, pinguelas de madeira, mas Papai era um bom motorista, enfrentava tudo e não reclamava de nada.

Quando íamos viajar, mamãe preparava um farnel para o consumo da viagem, geralmente de três a quatro dias, pois não havia hotéis ou restaurantes naquela região, e a casa dos fiéis, embora acolhedoras, careciam de higiene.

Numa colônia agrícola do Rio Pedrinho, onde havia um grupo de adventistas, durante um almoço na casa da família do líder, observamos que o mesmo pano que limpou o nariz de uma criança enxugou o prato, deixando uma linha brilhosa de muco...

Era primavera, fazia frio e o único lugar para dormir eram os bancos longos da igreja. Como nossas cobertas não eram suficientes para nos aquecer na noite gélida, os generosos irmãos nos cederam alguns de seus melhores cobertores, todavia tinham um cheiro tão forte de xixi, que preferimos dispensá-los, substituindo-os pelo papelão das caixas da comida, tapetes de borracha do carro e as roupas que conseguimos reunir.

Essa área era muito bonita. Havia um rio e uma poderosa ca-

choeira muito perto – o som forte era perceptível, inclusive durante os cultos –, que os meninos locais foram me mostrar. A mata bosqueada, imensa, com araucárias derramando pinhões de suas pinhas, pitangas, guabirobas, bananas de macaco, era irresistível. Só havia um problema: Papai não autorizou passeios a mais de alguns metros da Igreja. E quando uma pinha resolveu se debulhar na minha cabeça, o susto, a corrida para o carro, fui pego em flagrante e lá mesmo ganhei uma boa esfrega.

A viagem a Chapéu de Sol foi difícil, muito trânsito de caminhões carregando toras de madeira e outras cargas agrícolas numa estrada em que apenas uma das pistas era trafegável. Quem saía da calha acabava ficando atolado. Papai colocou correntes na roda do Fordeco, seguindo em frente.

Chegamos à casa de uma família, casal e uma filha, que nos esperava com almoço de galinha muito bem preparado. Foi um alívio comer tão bem. Daquele ponto em diante, para visitar outras famílias de fiéis e interessados, a viagem seria a cavalo. Fiquei em casa brincando com a menina até que meu pai voltou para, no dia seguinte, regressarmos à nossa casa.

Voltando de uma dessas viagens, não me lembro de onde, trafegávamos por uma estradinha campestre, onde tudo era capim, só se via os trilhos das rodas do carro, a uma velocidade de 30 km/h, o que eu achava o máximo.

Como Papai estava cansado, resolveu passar uns dois dias numa estância hidromineral chamada Águas de Santa Helena. Ficamos acomodados em um quarto com cheiro de ovo podre. Era por causa da água sulfurosa que saía das torneiras para higiene e para beber. Algumas vezes por dia, meu

pai me oferecia um copo daquela água difícil de tomar, mas ele dizia que fazia muito bem.

Havia um grande rio muito próximo da Estância, que estava assustadoramente cheio, fazendo-me sentir medo de chegar perto e cair na correnteza. Numa noitinha, fomos visitar um fazendeiro conhecido do Papai, cuja família residia naqueles campos gerais de Guarapuava havia gerações. Tinha moedas e vários artefatos antigos que fez questão de nos mostrar.

Ao deixar a estância, prosseguimos rumo à nossa casa. Seguíamos calados até que resolvi fazer uma pergunta: “Pai, como é que eu vou saber com qual mulher deverei me casar quando crescer?”.

Caindo numa gargalhada, que me deixou acanhado, Papai demorou algum tempo para processar a questão e então me ensinou:

(1) Quando as pessoas pensam de forma parecida, têm os mesmos gostos e interesses, elas têm afinidade. Essa é a primeira qualidade que você vai precisar identificar na pessoa que procura para se casar. É possível ter um casamento bem-sucedido com somente essa qualidade.

(2) Num casamento, o casal reúne as famílias e amigos de ambos os lados. Fica mais fácil quando existem semelhanças religiosas, sociais e educativas entre os grupos. Essas duas primeiras condições têm o poder de ajustar um bom casamento. Mas ele pode ser ainda melhor se conseguir acrescentar mais uma condição...

(3) O amor é uma qualidade que dá tempero à união, torna tudo mais gostoso, mais feliz. E tem outra:

(4) Se conseguir uma mulher bonita, ainda melhor, pois ‘é duro acordar de manhã, olhar pra sua mulher, e observar que ela é um bagulhão’.

Essa foi, talvez, a maior conversa que tive com meu pai. Durou quase o restante do tempo da viagem explicando para uma criança de cerca de 7 anos um conceito tão complexo e amplo. Já não deve ser a versão original, naturalmente modificada com o tempo, mas a essência se mantém.

As inúmeras mudanças – marca registrada da família

Na Igreja Adventista, por padrão, o pastor é transferido a cada dois ou quatro anos; meu pai, mais frequentemente, era transferido a cada quatro anos, o que, de certa forma, era considerado um prêmio. Mesmo assim, mudamos de cidade e de casa muitas vezes.

Em janeiro de 1955, meu pai foi transferido para Campo Mourão, onde permaneceu até 1958. Sua ordenação ao ministério pastoral ocorreu nesse período, em 1957.

A viagem de Guarapuava, via Pitanga, para Campo Mourão foi feita no velho e bom Pé de Bode. Chegamos à noite, fomos recebidos pelo irmão Francisco Nascimento e alojados em um barracão que, embora primitivo, nos hospedou bem. Logo após nossa mudança, minha irmã Berenice completou seu primeiro ano de vida.

Campo Mourão era uma cidade em formação. As ruas eram largas, mas nenhuma delas pavimentada. Durante os dias secos, a poeira de terra roxa entrava em todos os orifícios

da casa e de nossos corpos. Quando chovia, as pessoas cresciam um pouco por conta do barro grudento que se acumulava no solado dos calçados.

Papai

Campo Mourão

“O Distrito de Campo Mourão começava no Rio Piquiri, terminando nas Sete Quedas, vizinho ao Paraguai. Era época da ocupação dessa parte do Brasil. Havia muitos conflitos de terra. Para tratar dessas situações, eram contratados jagunços, homens perigosos, que não hesitavam em matar. Na época da campanha para a coleta de fundos para a manutenção da obra social adventista – a recolta –, precisei ir até Sete Quedas. Para passar o Rio Piquiri, que ficava no caminho, tinha que colocar o pé-de-bode em uma balsa. O operador avisou-me que aquela era uma área muito perigosa. Enquanto atravessava o rio, mostrou-me alguns objetos flutuando: eram os corpos de onze aventureiros, invasores de terras, amarrados em duplas ou em trios, que haviam sido mortos, e cujos pés, que ficavam para cima, apareciam, e as cabeças com o corpo, mergulhados para baixo.

Logo que cheguei do outro lado do rio, liguei o carro e acelerei para as Sete Quedas onde havia um quartel na divisa entre o Brasil e o Paraguai, impedindo a entrada de paraguaios, resguardando as terras do Paraná para os brasileiros. Quando apresentei minha missão para o Comandante, foi logo tirando de sua escrivania sua doação. Reuniu os oficiais,

repetindo-lhes o motivo de minha presença ali, enfatizando que parte das suas contribuições iriam para as lanchas que prestavam assistência aos ribeirinhos da Região Amazônica. A contribuição foi geral. Agradei a todos e a Deus. Que alegria estar com pessoas tão generosas.

Fui para o hotel. Jantei e dormi em paz, muito agradecido a Deus. Tinha saudades de minha esposa e de meus pequeninos filhos dos quais, muitas vezes, em minhas viagens, ficava afastado quase um mês.

Numa ocasião levei o Newton comigo. Tinha uns 6 ou 7 anos de idade. Fazia muitas perguntas. Queria saber tudo sobre as matas, os lugares e as gentes. Ajudava-me a lavar o carro e a sua companhia me fazia sentir-me bem.

A área que me competia trabalhar era muito grande. Meu trabalho era imenso. Algumas vezes pregava de manhã, à tarde e à noite. Eventualmente tinha que interromper o trabalho para fazer uma pausa e descansar um pouco. Deus estava comigo. Eu amava cada uma das ovelhas de meu rebanho. Cheguei a ter cerca de trinta igrejas e grupos para assistir. No começo o Distrito de Campo Mourão tinha poucos membros. A Igreja cresceu muito. Quando saímos, eram mais de mil e quatrocentos.”

Mamãe

“Após a primeira noite no barracão, procuramos uma casa para alugar. Passados alguns dias, conseguimos uma de madeira, com quintal grande, que nos agradou. Ficava no declive de uma rua, tendo como vizinhos, de um lado, uma marcenaria e, do outro, a família Garcia.

As mobílias chegaram alguns dias depois, em um caminhão de mudanças. Já estávamos acomodados confortavelmente na nova casa quando o primeiro aniversário da Berenice chegou – dia 25 de fevereiro de 1955 – e pudemos celebrá-lo com alegria. Vivemos nesta casa por quase três anos.

Newton, então com 7 anos, foi matriculado no terceiro ano da única escola primária da cidade, localizada ao lado da igreja católica, em frente à praça principal, e mantida por irmãs religiosas. O problema é que, naquela época, havia uma grande separação entre cristãos católicos e evangélicos, e como Newton não acompanhava os ritos tradicionais da escola, algumas irmãs o tratavam mal, chamando-o de sabatista do diabo.

Concluído o semestre, transferimos Newton para a escola pública de Santa Fé, cerca de 100km de Campo Mourão, onde residiam os pais e dois irmãos de José. Minha cunhada Elza era professora naquela escola, justamente do terceiro ano.

Nessa época, José fez um apelo à Associação Paranaense da

Igreja Adventista, cujo Secretário de Educação era o pastor Wady Bechara, para que fosse autorizada a construção de uma escola ao lado da igreja. **Em 1956, a escola foi inaugurada, com duas salas de aula**, uma para a terceira e outra para a quarta série, e Newton voltou para casa. Como era muito novo, achamos melhor que fizesse novamente o terceiro ano.

Em 1957, o matriculamos no Ginásio Adventista Paranaense (GAP), para onde, aos 9 anos, viajou sozinho, sob os cuidados da tripulação do Douglas DC3 da Real Aerovias, sendo entregue a membros da Associação, que o deixaram no Ginásio para fazer a quarta série primária e o exame de admissão ao ginásio. Odilon e **Berenice** ficaram conosco.

Naquele ano, o senhor Peixoto, amigo de nossa família, proprietário de uma usina de beneficiamento de arroz, sugeriu a José a compra de um terreno próximo de suas instalações industriais e residência. Ali, algum tempo depois, José construiu uma casa, também de madeira, mas um pouco mais confortável, onde residimos por cerca de um ano. Meu pai contribuiu instalando pomar, horta e outras benfeitorias com uma pequena ajuda do Newton.

No início de 1959, fomos transferidos para o GAP, localizado numa grande fazenda próxima do bairro de Pinheirinho, a 10km do centro de Curitiba.”

1



2



3



1. 1956, Campo Mourão, inauguração da Escola Adventista, com José de terno branco, membros da Igreja e, na outra ponta, o pastor Wady Bechara

2. 1959, Curitiba, GAP, Ford 1951 do José, com Berenice e o Professor Milton Caputo

3. 1959, Curitiba, GAP, José fazendo pose junto ao seu Ford 1951

1



2



3



4



1. 1959, Curitiba, GAP, Holberto, Leonardo, Alice, eu, minha mãe, Almira e Sílvio, Odilon, Newton, James, Berenice e Joedir, num sábado à tarde

2. 1957, Campo Mourão, Berenice sob o maracujazeiro de frutas dulcíssimas

3. 1960 Curitiba, GAP, Newton, Odilon e José com seu primeiro Volkswagen

4. 1960, Poços de Caldas, férias: nas extremidades, Newton e Odilon, José e Berenice, com amigos

Papai

A maior caminhada de minha vida

“Um irmão pernambucano comprara um sítio a 40km da cidade de Cafezal. Havia outras pessoas residindo naquela área. Mudou-se para lá com a esposa e filhos. Um dia, estando próximo da cidade de Cruzeiro do Oeste, ele me fez um pedido: queria começar um trabalho de evangelização na área de sua propriedade, lá no meio do sertão. Aceitei. Convidei dois membros oficiais da Igreja de Cafezal, que conheciam o caminho, deixando o carro na casa do tesoureiro, o irmão Bezerra.

Partimos às duas horas da madrugada. A primeira etapa, de 10km, vencemos ao raiar do dia. Paramos um pouco para algumas preces e para descansar. Tínhamos, ainda, um longo trecho pela frente. Como na mata tinha cobra e onça, um dos irmãos ficou na frente e outro ficou atrás, para proteger-me. Eles estavam armados, para a eventualidade do ataque de um animal silvestre. Mas eu não temia, pois sentia a presença de Deus e dos seus anjos ao nosso lado.

Em torno das quatro horas da tarde chegamos, finalmente, ao rancho de madeira coberto de folhas de palmito, de nosso amado irmão. Foi uma ocasião de muita alegria. Lá estavam a sua esposa, os seus oito filhos, de todas as idades, alguns ainda muito novinhos, e uns poucos adventistas do lugar. Alguns choravam. Nunca haviam visto ou ouvido um pastor. Descansamos um pouco e então nos reunimos para o jantar de aipim e melado. Estava gostoso.

Era o melhor que tinham.

Então começaram a chegar os vizinhos. Comecei a pregar. Quando acabava de fazer um sermão, tendo a ideia de encerrar, pediam um novo sermão. Às duas horas da madrugada, oramos e nos despedimos de todos. Não havia lugar para nós dormirmos. Tínhamos que retornar. Estava muito escuro.

Iniciamos a viagem de retorno, orientados pela lanterninha de pilha fraca, mas que ajudava muito. Sentia-me alquebrado. Num determinado ponto havia uma árvore de peroba, caída, com as suas grossas cascas saindo do tronco. Pedi aos irmãos um intervalo para descansar um pouco. Eles queriam continuar, mas eu não aguentava mais. Fiz daquelas cascas meu leito, adormecendo profundamente. Após algum tempo, chamaram-me para continuar. Sentia-me melhor. No começo da tarde conseguimos chegar à casa do irmão Bezerra, em Cafezal.

Sua esposa, a irmã Marieta, disse-me que como estava muito cansado, não iria me servir comida; que primeiro ela iria me preparar um banho de salmoura numa grande bacia que dispunha. Somente após dormir, estar descansado, me serviria uma refeição. Após o banho coloquei meu pijama, dormindo imediatamente. Dormi todo o restante da tarde, a noite toda, até o meio-dia seguinte. Então, almocei uma boa refeição. Embora sentindo-me melhor, voltei a dormir à tarde e à noite toda. Na manhã seguinte, sentindo-me bem, agradei e me despedi dos irmãos. Entrei no meu

bom Ford bigode e voltei para casa. Durante a viagem refleti muito no amor que nos unia, os irmãos, em particular daqueles com quem havia estado recentemente. Não me lembro de ter recebido tanto carinho e dedicação como daquele casal simples e cristão. Espero vê-los no Céu.

Partindo de Cafezal, passei por Cruzeiro do Sul, seguindo rumo a Campo Mourão. Quando cheguei em casa, estacionei o carro. Minha esposa, ao ver-me, ficou chocada. “Você não está bem”, disse-me ela. Sentia-me fraco. Conte sobre a viagem. Sentia que demoraria um longo tempo para me recuperar. E assim foi. Fui para a cama e na manhã seguinte chamei meus filhinhos. Que bom brincar com eles na cama. Estavam alegres, mas percebiam que seu pai não estava normal. Nair se desdobrava preparando-me a melhor alimentação, mas minha fome era canseira.

Uma semana depois, Graças a Deus, estava bem. Agora podia voltar a brincar normalmente com os meus filhos queridos e compartilhar a vida de família com a minha esposa. Todos me ajudaram: os companheiros de viagem, o casal Bezerra, minha mulher, meus filhos e amigos que vieram visitar-me e assistir-me. Um pastor nasce para cuidar de suas ovelhas. Eu amava meus irmãos em Cristo.

Pastor age como Cupido

A 100km de Campo Mourão havia três igrejas dos irmãos das famílias Lago, Santos e Ruelos. Gostava de estar entre eles. Os membros da Família Lago eram os que tinham o melhor nível cultural. Cantavam bem, pregavam, faziam estudos bí-

blicos, preparavam pessoas para o batismo, tudo com muita alegria. Um dos jovens Lago, o Sílvio, desejava ter um contato com u’a moça com vistas ao casamento. Viajamos juntos, no bom pé-de-bode, até Cafezal, conversando e trocando ideias. Achei que Almira, minha cunhada caçula, poderia fazer um bom par com ele.

Então, o Sílvio viajou até Paranavaí, à fazenda de meu sogro. Foi bem-sucedido. Conseguiu conquistar Almira, seus pais e irmãos. Após algum tempo, casaram-se. Sílvio ficou morando na fazenda. Recebeu uma parte da fazenda. Não foi bem-sucedido. Mudaram-se, então, para Curitiba, indo trabalhar no Ginásio Adventista Paranaense, ele na área de construção e a sua mulher, Almira, como chefe da cozinha, onde prestou excelente serviço. Mais tarde Sílvio foi para os Estados Unidos, sendo seguido, logo depois, pela Almira com os dois filhos. Nos Estados Unidos tiveram sucesso. Alguns anos depois, voltaram para o Brasil, instalando-se no estado do Acre, onde obtiveram uma fazenda de dez mil alqueires de terra de primeira qualidade.

Tudo ia bem, mas Sílvio e Almira resolveram vender muita terra para os parentes. No fim, não tiveram sorte. Perderam tudo. Mais tarde voltaram para os Estados Unidos, onde se aposentaram. Atualmente residem em Curitiba, em uma boa casa edificada com a ajuda dos filhos Joedir e James. James continua morando nos EUA, onde trabalha em uma empresa da área de saúde. Amo meus cunhados. São pessoas de muita fé. Passaram por grandes provações, mas continuam fiéis a Deus.”

Meu viés empreendedor nasceu ali, em Campo Mourão. Vira e mexe, meu pai ganhava alimentos de presente, e era muito para nós: um cacho enorme de bananas, 20kg de feijão, entre outros. Papai me autorizou a vender o excedente, o que não consumiríamos e eu adorava, porque o dinheiro ficava todo para mim.

Para vender, eu utilizava um carrinho feito em parceria com o marceneiro alemão que era nosso vizinho e muito gentil. Ele fez os eixos, as rodas, e eu preguei uma caixa em cima. Saía todo feliz, puxando o carrinho e vendendo os alimentos, inclusive para o vizinho marceneiro. O dinheiro recebido era guardado em um cofrinho amarelo de louça, que tinha formato de um porquinho. Quando eu queria tomar sorvete ou atender a algum outro desejo, habilidosamente, tirava uma moeda com o auxílio de uma faca.

Depois, quando fui para Santa Fé com meus avós, resolvi fazer dois negócios: uma loja de estilingue e uma caixa de engraxate. Eu gostava de estilingue, embora não acertasse nada... ia ao mato próximo, tirava forquilhas, na oficina de bicicleta conseguia câmara de ar, arrumava um pedacinho de couro de um sapato velho, pegava emprestada a tesoura da Nonna e montava os estilingues. Assim, construí vários. Nunca consegui vender nada, mas tive uma loja de estilingues.

Já como engraxate, consegui clientes e até ganhei umas moedas. Tinha apenas 8 anos e montei sozinho a caixa com ferramentas do Nonno: as laterais ostentando a logomarca vermelha da popular bebida Martini, o fundo e a tampa de parte do mesmo material; já a coluna e o receptáculo para o pé eram de madeira de lei, tão dura que não consegui fincar todo o prego sem que ele entortasse, e assim ficou.

Dentro dela eu guardava graxas de sapato preto, marrom, retalhos de pano que consegui na alfaiataria para lustrar, escovas para engraxar e água para lavar os sapatos quando chegavam muito sujos. Para engraxar botinas, cobrava 1 cruzeiro, sapatos 50 centavos e botas 2 cruzeiros. A maioria dos clientes era encontrada na rodoviária, para onde ia, orgulhosamente, carregando minha caixa nas costas. Às vezes, demorava mais de uma hora para completar um serviço, e a pessoa aguardava fumando. Foi lá que coloquei um cigarro na boca pela primeira vez, e também foi lá que aprendi a brigar.

Entregava a renda como engraxate para a Nonna quando retornava para casa, e dizia: “dê para as pessoas que vêm pedir as coisas para a senhora”. Minha alegria mesmo era produzir e ver o resultado, não tinha nenhum apego ao dinheiro.

Dulcinha

“Eu conheci a caixa de engraxate do Newton, era um barato. Meu primo sempre foi negociante, desde pequeno.”



Tia Nena

“Naquele tempo, Newton dizia que ia ser pastor, porque o pai dele era e ele se inspirava no pai. Isso deixava as freiras ainda mais bravas, por isso ele teve que se mudar e foi morar com meu pai, onde ficou durante um semestre.

Ele era um menino muito trabalhador e queria fazer as coisas,

mas não encontrava onde trabalhar. Como ele tinha um dinheirinho, foi depressa comprar e coletar material para montar uma caixa de engraxate. Quando meu pai viu, o Newton já estava com a caixa nas costas. Ele era bem pequeno ainda, ia para a escola à tarde e, em seguida, para a rodoviária para engraxar sapatos, garantindo umas moedinhas.”

Papai

Ginásio Adventista Paranaense

“Sentia-me cansado. Precisava deixar Campo Mourão, que me consumia muito. O presidente da Associação paranaense era o pastor Rubens Segre Ferreira, amigo fiel e companheiro. Entendeu minha fadiga. Nomeou-me, então, para preceptor dos jovens do Ginásio Adventista Paranaense (GAP), que ficava localizado a uns 10km de Curitiba, no bairro do Pinheirinho. (O GAP deu continuidade ao Educandário Adventista do Butiá). Nos mudamos de Campo Mourão para Curitiba no início do ano de 1958. O Newton já estudava nessa escola desde 1957, onde fez o 4º ano primário e o exame de admissão ao ginásio. Fomos instalados em uma casa localizada entre o dormitório dos rapazes e a quadra de espor-

tes. Estávamos satisfeitos, reunindo a família mais uma vez. Era muito confortável residir e trabalhar no mesmo lugar e os meninos estudando a cem metros de casa. Não precisava mais viajar. O pé-de-bode, que tanto tempo havia fielmente sido meu companheiro de centenas de viagens, ficara para trás. Foi substituído por um Ford sedan 1951, que pouco usávamos.

Tornei-me amigo de toda a rapaziada. Tinha alguns parentes no Ginásio: Nadir, Ivanir e Lenir, filhas de meu irmão Joanim; Leonardo Valdoni filho, de meu cunhado Leonardo; meu cunhado Holberto, irmão da Nair; Joel, Josué e Ataliba Capistrano, Orly Grütner, e Lindolfo Würzler, estes de Bom Retiro, parentes um pouco afastados. Um dia, Lindolfo brigou com Erich Stute, chefe da fazenda, porque não queria deixá-lo to-

mar banho numa represa que ficava nos limites das terras da escola, ameaçando-o, inclusive, com uma picareta. Conforme as normas da Escola, deveria ser expulso. Como conhecia bem sua família, empenhei-me junto ao Conselho para que lhe fosse dada mais uma oportunidade. Foi uma boa decisão, pois Lindolfo encaminhou-se como um bom homem, servindo a Força Aérea Brasileira, onde chegou ao posto de Coronel Aviador.

Estávamos felizes. Podia ver meus filhos e minha esposa to-

dos os dias. Nair foi convidada para a dirigir a cozinha da Escola, que servia quase mil refeições por dia, atendendo os cerca de trezentos alunos e alguns professores solteiros. Fez o seu trabalho com muita competência. Nunca a comida havia sido tão regularmente boa. Ela sempre foi muito dedicada aos meninos e a mim. Mesmo trabalhando na cozinha, dava conta das necessidades da casa com eficiência. Foi uma época especial de nossas vidas. Dou Graças a Deus e ao meu amigo pastor Rubens pela oportunidade.”

No GAP, nossa residência ficava atrás do Dormitório dos Rapazes, o que era conveniente, pois meu pai foi encarregado de sua preceptoría. Entre 13h e 15h, havia o trabalho educacional para todos os estudantes, então pensei, por que não oferecer um lanche para os meninos que retornam famintos do trabalho? Assim, às 15h, junto às escadarias do Dormitório, aguardava a passagem dos clientes

com um tabuleiro de irresistíveis sanduíches e fatias de bolo que preparava na cozinha de casa. Vendia tudo, mas não me lembro o que fiz com o dinheiro que arrecadei.

Novamente tínhamos toda a família reunida. Logo, minha mãe foi convidada para dirigir a cozinha e a padaria da instituição, cerca de mil refeições por dia.

Mamãe

“Com a graça de Deus, fui muito feliz como chefe da cozinha do GAP. Era um setor difícil, as refeições não agradavam. Mas, durante essa gestão, nossa equipe foi sempre elogiada. Na Bienal da Associação Adventista Paranaense, tivemos que preparar mais de 2 mil refeições diárias, e tudo correu

muito bem, sem arroz queimado, nem pão solado.

David, meu irmão, me ajudou muito com a padaria, produzindo pães e bolos de excelente qualidade. O secretário do GAP, pastor Idílio Thurtchentaler, aprovou todas as contas

pela maneira correta e econômica como esse delicado setor da instituição foi conduzido.

Nessa época, tentei mais uma vez me desenvolver no piano, que havia iniciado no CAB, em São Paulo, novamente sem sucesso. Nenhum membro da família tinha dom para a música, nem meus filhos, que tiveram muitas oportunidades para aprender.

No GAP, tínhamos muitos animais: um galinheiro com 17 galinhas brancas, um cão pastor alemão, a Lili, uma cadelinha pulgenta que apareceu numa caixa de sapatos na varanda de casa numa época de muito frio; um casal de pombos, também deixado em uma caixa de sapatos na sala onde Newton estudava, alguns coelhos e os preás, que ficavam na área de cultivo abandonada atrás da casa. Certa noite, com cachorro e tudo, todas as galinhas foram silenciosamente

subtraídas. O habilidoso larápio nunca foi identificado.

Lili era uma cadelinha branca peludinha tratada de maneira especial, pois era muito frágil. Foi lavada, cuidada, aquecida sob o fogão de lenha da cozinha, alimentada com miolo de pão embebido em leite e foi ficando saudável, esperta, escovada, muito bonitinha, mas não resistia e vivia correndo atrás dos preás no campo que ficava no fundo da casa. Voltava sempre muito feliz, mas cheia de picão, o que dava um trabalho danado para tirar.

Os meninos viveram tempos bons enquanto moramos no Colégio. O campo de esportes ficava a 50m de casa; e mais uns 100m ficava a casa de Almira, minha irmã, que morava com os dois filhos – James e Joedir. Quando deixamos o Colégio, Almira me substituiu na cozinha.”

Em 1960, meus pais foram transferidos de Curitiba para Poços de Caldas, Sul de Minas Gerais, onde meu pai passou a ser o pastor da Igreja principal e de todo o Distrito. Meu irmão e eu ficamos no internato para concluir o ano letivo. Berenice foi com eles.

Naquele ano, meu pai realizou uma série de evangelismo público ao lado dos obreiros evangélicos João Barcelos e Zoé Garcia, em Andradas (MG), o que resultou na instalação da primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia daquele município, inaugurada em 31 de março de 1962.

1



2



1. Papai durante pregação numa igreja Adventista

2. 1961 Petrópolis - IPE, meu pai, em frente ao dormitório dos rapazes

3. Papai em visita ao cemitério em Poços de Caldas, fazendo graça ao lado de bela escultura

4. Com Mamãe, ao lado de Berenice sentada no capô

2



4



Papai

Poços de Caldas

“Em 1961 fui convidado para ser o pastor do Distrito de Poços de Caldas, no Sul de Minas Gerais, quase divisa com o Estado de São Paulo. Novamente um grande campo para ser cuidado com o grande entusiasmo que Deus sempre me deu. A cidade de Poços de Caldas tem um dos melhores climas do Brasil. Moramos em várias casas até, finalmente, construirmos nossa, própria.

Nessa época os meninos estavam na puberdade. Odilon, com 11 anos, foi encaminhado para o Ginásio Adventista de Campinas (GAC). Newton, com 13 anos, ficou no GAP para concluir o curso ginasial; aos 14 anos foi para o Instituto Adventista Brasileiro, o mesmo Colégio Adventista Brasileiro onde fiz a Faculdade de Teologia, para iniciar o curso colegial. Aos 15 anos resolveu ir morar sozinho no Rio de Janeiro. Nessa época começaram as ‘artes’, a nos dar preocupação e trabalho.”

Mamãe

“Poços de Caldas, com suas águas termais, hotéis e lindas praças foi, talvez, o melhor lugar onde vivemos. Era uma cidade organizada, de clima de montanha, na verdade de inverno quase tão rigoroso quanto no Sul, mas sem vento, quase sempre com muito sol e de uma gente muito amistosa.

O fato de ser uma cidade turística nos dava a alegria de, frequentemente, encontrar pessoas que havíamos conhecido em outras cidades, ou desconhecidos que tínhamos a oportunidade de conhecer, vindos principalmente de São Paulo



Durante o tempo de Niterói, um passeio à praia

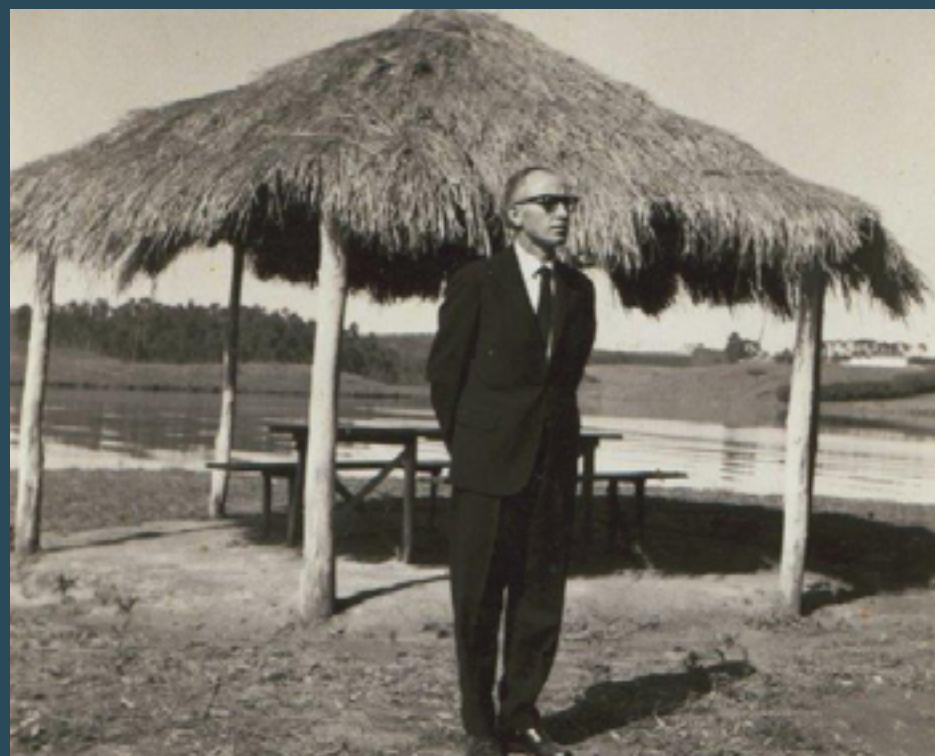
ou do Rio de Janeiro.

Fizemos ótimas amizades, particularmente com o casal Aparecida e Vitor Moraes, cujos filhos também se relacionavam com os nossos. Essa família alugava bicicletas e motocicletas para os turistas da cidade e, muitas vezes, presenteava nossos filhos com algumas horas desses equipamentos, o que era uma gentileza muito apreciada.

Em Poços de Caldas, residimos em duas casas alugadas na mesma rua e, depois, numa que construímos. Lecionei durante um ano na Escola Primária Adventista, com uma colega. Eram 95 alunos. Foi um tempo muito interessante, de bons resultados. Pela especial organização dos uniformes escolares juntamente com os pais, fui homenageada pela Associação Rio Minas com uma medalha.

As Casas Pernambucanas cederam as peças de tecido azul para as calças e saias e bege para as camisas de todos os alunos, e os pais foram chamados um a um para receber as peças e as instruções para fazer os uniformes padronizados de acordo com o desenho que havíamos desenvolvido, todos com uma gravatinha que tinha faixas correspondentes ao ano escolar.

Em 1961, Berenice continuou seus estudos na Escola Adventista local, e os meninos ficaram no internato de Curitiba. Em 1962, Newton foi para o Instituto Adventista de Ensino



Início da década de 1960, Poços de Caldas, José às margens da represa Saturnino de Brito

(IAE), em São Paulo, e Odilon para o Instituto Adventista de Campinas (SP). Em 1963, Newton foi para o Rio de Janeiro e Odilon para o IAE.

Em 1964, com muito pesar, deixamos Poços de Caldas para residir no Rio de Janeiro, Rua Alfredo Pinto, 66, apartamento 404, na Tijuca.”



1962, Poços de Caldas, casa da família, construída sob minha administração e direção

Meus pais ainda moravam em Poços de Caldas quando lhes dei um grande susto. Na igreja de Botafogo, conheci Rojelio Fernandez, o Jejo, filho de um armador de navios. Tínhamos mais ou menos a mesma idade, fizemos amizade e jogávamos vôlei na praia do Leme aos domingos. Ele queria voltar para a Espanha, então decidimos fazer uma viagem juntos para Montevideu e de lá para a Europa.

Inicialmente, fomos até Santos (SP), onde nos hospeda-

mos em um hotel enquanto planejamos como iríamos continuar a viagem em direção ao Sul - éramos menores de idade. Como tinha parentes em Curitiba resolvemos fazer uma escala nessa Cidade.

A maior parte do dinheiro era de meu amigo. Num salão de bilhar, em Curitiba, o dinheiro foi roubado do bolso do paletó que ficara pendurado num cabide enquanto jogávamos sinuca. Isso atrapalhou muito nossa programação,

mas mantivemos o propósito de chegar a Montevideu com uns trocados que conservava em meu poder.

No bairro de Pinheirinho, próximo de onde meu tio Nene morava, havia vários postos de combustível. Conversando aqui e ali, conhecemos um motorista de caminhão - tinha um olho verde e outro azul - que aceitou nos levar de carona até Lajeado, no Rio Grande do Sul.

De Lajeado fomos até Porto Alegre e de lá para Jaguarão, fronteira com o Uruguai. Atravessamos a ponte sobre o rio homônimo, pegamos o trem na primeira cidade uruguaia, Rio Branco, e chegamos em Treinta y Tres, cidade à margem esquerda do Rio Olimar; nos hospedamos no Hotel Las Rosas, onde tinha um café da manhã diferente para nós, porque serviam muitos frios. Nós achávamos aquilo o máximo.

Conhecemos algumas pessoas, mas achávamos os meninos patetas e as meninas muito alegres e gentis. Encantados, resolvemos ficar alguns dias por ali. Fazíamos ponto num bar da esquina da Praça principal tomando

Martini com água tônica, servida à vontade - havia uma garrafa em cada mesa. Uns dez dias depois, pouca grana e muito Martini, Rojelio começou a se sentir mal, com dor de estômago e vômitos. Decidimos encerrar a viagem-fantasia. Então, meu amigo enviou um telegrama para o pai com a frase: “*Perdón, papá y mamá. Estoy en el Hotel das Rosas, en Treinta y Tres, Uruguay*”.

Dois dias depois chegou seu irmão mais velho que não nos tratou mal, mas que me fez entender que eu havia sido a influência negativa para aquele desatino. Foi quando soubemos que até a Interpol (*International Criminal Police Organization*) estava atrás de nós. Imediatamente voltamos para o Rio de Janeiro.

Foi um grande susto para meus pais. Voltei para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, eles se mudaram para lá, pesarosamente, como comentou minha mãe, que amava Poços de Caldas. Contudo, mudança de cidade era a sina de nossa família – e da família de qualquer pastor adventista.

Tia Nena

“Lembro-me bem dessa história, José nos telefonou para saber se o Newton tinha passado por lá. Eles ficaram bem angustiados, procurando desesperadamente o Newton. Felizmente, tudo terminou bem.”

Mamãe

“Newton, contra nossa vontade, saiu do IAE para morar no Rio de Janeiro. Não queria mais estudar no internato. Tinha 15 para 16 anos. Compartilhava um apartamento na Lapa e, depois, em Botafogo, próximo da igreja da Rua da Matriz, com o amigo mais velho Severino Almeida de Jesus, o Sílvio, um paraibano propagandista do laboratório Parke-Davis, que o considerava como um filho.

Numa noite de setembro de 1963, já estávamos dormindo, quando recebemos uma ligação de Sílvio comunicando que não tinha notícias do Newton havia três dias. Pegamos o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro, chorei quase o caminho todo.

José estava muito preocupado. Na estação rodoviária, quando chegamos à tarde, encontramos o pastor Rubens Segre, com a expectativa de que Newton já tivesse sido localizado. Sua ausência aumentou nosso desespero.

José e o pastor Rubens passaram a procurá-lo em prontos-socorros, hospitais, a ligar para os navios que haviam zarpado do Rio de Janeiro nos últimos três dias e apresentar a ocorrência de seu desaparecimento nas delegacias e na Interpol.

Alguns dias depois, recebemos um telefonema do Böll (Nene) de Curitiba, informando que o Newton havia pas-

sado pelo colégio (GAP) com um amigo espanhol. Ambos tinham sido roubados em um salão de sinuca, tendo ficado quase sem dinheiro. Mesmo assim, pegaram carona em um caminhão e seguiram rumo ao Rio Grande do Sul, de onde pretendiam chegar ao Uruguai.

Embora não tenham sido boas notícias, sentimos um grande alívio, pois ele estava vivo. Ainda não sabíamos de seu paradeiro, tampouco a família de seu amigo espanhol, membros da igreja de Botafogo. Voltamos para Poços de Caldas.

Continuamos mantendo o acompanhamento da Interpol, delegacias, pastor Rubens e a família do espanhol Rojelio.

Uma a duas semanas depois, recebemos um telegrama da cidade de Treinta y Tres, com uma única palavra: “Perdão”. Isso nos deu mais um alento.

A família de Rojelio também havia recebido um telegrama com o mesmo teor e decidiu mandar o irmão mais velho para buscá-los. Alguns dias depois, estavam os dois novamente no Rio de Janeiro.

Embora tenha faltado às aulas por quase um mês, Newton não perdeu o segundo ano do colegial que cursava na Associação Cristã de Moços, na Lapa.”



Berenice

“Nós nos mudamos muitas vezes, em geral no início do ano, por causa da escola. Eu mesma estudei um ano em cada escola, às vezes em sistema de internato adventista, às vezes na casa de meus pais.

Quando meu pai chegava em casa falando que teríamos que nos mudar, minha mãe nunca reclamou, ela parecia gostar das mudanças e reorganizava nossa vida muito rapidamente. Esse levantar de acampamentos e assentar novamente era feito quase que como em uma dança, com maestria, e como um sinal de apoio ao trabalho de meu pai. Aliás, ela era muito religiosa e vivia tentando nos catequizar. No início, respeitávamos, mas, com o tempo, aquela insistência tornou-se cansativa, o que contribuiu para que nos afastássemos da religião.

Sobre a mudança de casa, às vezes eu gostava, às vezes não, dependendo da época da vida e da escola em que estivesse. Foi uma vida de recomeços que, por um lado, deixou consequências ruins para minha formação. Por exemplo, não

tenho raízes, não tenho amigos de infância; mas, por outro lado, me deixou mais aberta. Não tínhamos passado e não sabíamos do futuro, só tínhamos o presente, mas que podia mudar a qualquer momento.

Minha mãe era uma pessoa muito trabalhadeira. Ela fazia bolo para fora, flores artificiais, docinho, crochê, macramê, só que ela era inconstante, não perseguia algo até se tornar expert. Ela mudava muito rápido de atuação, a vontade de aprender era maior do que a de cultivar os hábitos.

Meu irmão Odilon era muito assim. Uma expectativa fora do comum pelo novo, talvez causada por esse excesso de mudanças. Apesar dessa inconstância nas tarefas, nossa casa era sempre cheia de vida, uma constante, e era Mãe que proporcionava essa movimentação toda, que deixava a casa viva.

A folga de meu pai quando éramos crianças ocorria às segundas-feiras; ele dormia muito, ficava o dia inteiro de pijama. Às vezes, eu me deitava um pouco na cama com ele para brincar. Eram brincadeiras meio desajeitadas, ele gostava de malinar, mesmo assim, eu adorava, deixou saudades.”



Beatriz

“O vovô era muito brincalhão, mas ele realmente tinha umas brincadeiras estranhas. Ele passava a barba dele em nossas costas e ficávamos desesperados para soltar dele. Outra atitude muito comum era que ele sempre nos fazia perguntas bizarras como, por exemplo: “Se não tivesse nada para comer e você estivesse com fome, você

ia preferir comer rato morto ou cocô?” Eram sempre duas opções estranhas.

Mas ele era uma delícia, sempre trazia muitas frutas para casa e tínhamos que comê-las para não estragar. E até para as leituras religiosas ele tinha um jeito doce de ser, não era como a minha avó, que queria nos catequizar de um modo mais chato, nós fugíamos dela por causa disso. Já dos ensinamentos e das fábulas do vovô nós gostávamos.”

Berenice

“O que você prefere: um prato de minhoca ou um prato de asa de borboleta? Um prato de cocô ou um prato de vômito?”. Meu pai fazia isso com todos os sobrinhos e netos, sempre brincava muito com eles, mas a presença dele enquanto pai em nossa casa era rara. Filho de pastor é o último da fila, porque primeiro ele atende as pessoas de fora.

Na igreja, sempre falavam que meu pai tinha bastante habilidade para lidar com crianças e jovens, mas nós só fomos

usufruir disso muito tempo depois. Hoje tenho essa visão, mas até os 20 anos de idade, o que eu sentia é que ele era um pai ausente.

Levei uma única surra dele. Já a minha mãe batia na gente duas ou três vezes ao dia. Ela tinha uma varinha e a limpava, sadicamente, como se quisesse dizer: “estou deixando aqui, pronta para usar quando precisar”.

Meus pais deixaram Poços de Caldas em 1964, quando meu pai foi nomeado diretor dos departamentos de Escola Sabatina, Obra Missionária e Rádio-TV da Associação Rio-Minas. Trabalhou nessa atividade até 1967.

Minha mãe contava que quando soube que se mudariam para o Rio de Janeiro, ficou com muito medo e, quando viu o caminhão chegando para levar nossa mudança, sentiu até moleza nas pernas. Na época, não percebíamos isso, ela disfarçava bem.

Naquele ano, toda a família estava reunida novamente, ainda que por pouco tempo, pois no final de fevereiro, Odilon e Berenice foram para o internato do Instituto Petropolitano de Ensino (IPE), e eu fiquei em casa terminando o colegial enquanto me preparava para o vestibular de Medicina.

Meu pai assumiu funções administrativas departamentais na Associação Rio-Minas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, então presidida por seu velho amigo e companheiro, pastor Rubens Segre. Em meados do ano, minha mãe foi convidada para trabalhar na correspondência da Escola Radiopostal da Voz da Profecia, na Rua da Matriz, em Botafogo, onde permaneceu durante quinze anos, os últimos dez como coordenadora.

No dia 5 de janeiro de 1966, me mudei para Belém (PA), a fim de cursar Medicina, onde acabei me radicando e constituindo família. No ano seguinte, Odilon também se mudou para Belém. Berenice continuou em Petrópolis.

1



2



1. 1967, Rio de Janeiro, Igreja de Padre Miguel, Papai e tio Guilhem, na conclusão da série de conferências que resultou em cerca de 160 batismos

2. 1967, Rio de Janeiro, meu pai batizando uma senhora de 102 anos da Igreja de Padre Miguel



Meu irmão Odilon Böll Bellese, Odilon

“Quando Newton foi para o Rio de Janeiro, no final de 1966, para passar Natal e Ano-Novo com a família, ele me disse que, quando voltasse para o Pará,

me levaria, o que aconteceu em fevereiro do ano seguinte.

Moramos juntos durante um ano dividindo residência. Enquanto ele frequentava a Faculdade de Medicina e dava aulas de Química em vários colégios, eu ia trabalhar vendendo geleia real, um produto espetacular para nutrição humana, e que até então não tinha no Pará. Levava do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Preparei meu *book* e saía para vender. O pessoal de Belém se encantava, cheguei a vender cinquenta vidros em um único dia, várias vezes.

Algum tempo depois, fui morar com amigos de Newton – seu Antônio e dona Alcina Carvalho e seus sete filhos –, que nos tratavam como se fôssemos da família. Foi um período maravilhoso, cerca de um ano e meio. **Eu me casei** primeiro que Newton, deixamos de morar juntos, mas continuei no Pará.”



1. 1970, Belém, M^a Augusta Moura Palha e eu, com Pedrinho, nosso primeiro filho
2. Final dos anos de 1970, Maria Augusta com nossos filhos Pedrinho, Lonca, Murillo e Manuela

Nesse ínterim, meu pai foi chamado para trabalhar na União Este da Igreja Adventista do Sétimo Dia, localizada na Rua Lopes Trovão, 84, em Icaraí, Niterói. Durante cinco dias por semana, pegava ônibus, barca e novamente ônibus, duas vezes ao dia, para ir ao trabalho e retornar para casa. Era puxado, mas ele encarava como parte do ofício.

Em 1971, foi chamado para presidir a Associação Bahia-Sergipe, onde ficou até 1973. Foi presidente da Associação Leste de 1974 a 1975, onde também liderou o Departamento de Jovens, e da Associação Rio-Minas Gerais de 1976 a 1977. Apenas Berenice, ainda solteira, seguiu com eles. Mais tarde, Ana Maria, minha sobrinha, chegou a morar com meus pais durante algum tempo.



Minha sobrinha Ana Maria Bellese De Cesaro, Ana Maria

“Tive bastante contato com Vovô e Vovó, eles me tratavam como se eu fosse a filha caçula. Quando nasci, em 16 de março de 1976, minha mãe estava no último ano da Faculdade de Bibliote-

conomia em São Carlos, em São Carlos, e não conseguia conciliar os cuidados da filha e os estudos. Queria largar a faculdade, mas meu avô não permitiu, então, Vovó foi me buscar em São Carlos e me levou para morar com eles, no Rio de Janeiro, até que minha mãe concluísse a graduação.

E sempre tive muita afinidade com eles. Fazia estrepolias, como nenhum filho conseguiu fazer. Por exemplo, batia a mão no prato de sopa e passava a mão toda suja no rosto do Vovô, que apenas dizia: “não faça assim, filhinha”. Eles cuidaram de mim nos meus primeiros meses de vida, e depois morei com

eles novamente em 1999, quando vim para Curitiba fazer faculdade. Esse período foi um pouco conflituoso, porque eu era jovem e queria sair à noite, e meus avós não gostavam.

Mas todo aquele amor permanecia, minha avó não sabia o que fazer para mim. Uma vez, ela ligou para um primo meu pedindo ajuda para comprar uma impressora. Ela realmente não media esforços quando ia ajudar o próximo, sempre dava um jeitinho. Aliás, Vovó era uma pessoa extremamente generosa, se entregava muito aos outros. Quando nasci, ela fez todo o meu enxoval, costurou roupa de cama, toalhas de banho, cortina, tapete, bichinhos de pelúcia, enfim, tudo.

Ao mesmo tempo que era super amorosa, era muito rígida e absurdamente aficcionada à Igreja, inclusive nos ameaçava com frases do tipo: “Deus tá vendo” ou “Ele está anotando tudo”. E não importava a nossa idade. Uma vez, ela ficou

brava até com o meu pai, mesmo depois de anos que ele havia se casado com minha mãe, por causa da religião. Mas nós já conhecíamos esse jeito dela e eu procurava olhar o lado bom.

Ela era sempre presente de alguma maneira. Quando eu estava com 19 ou 20 anos, vim passar férias em Curitiba e um dia, do nada, Vovó me perguntou: “Você conhece Foz do Iguaçu? Vamos lá conhecer?” E fomos, passamos o dia lá, foi muito gostoso. Fui a única neta que morou com eles, que viajou com eles, fui a única que ganhei o enxoval completo deles, nós éramos muito amigas, parceiras, ela era boa de conversa.

Desde menina, Vovó foi alguém à frente de seu tempo. Casou-se com 17 anos, o que era considerado tarde; teve três filhos, o que era pouco para a época, e ainda usou o dinheiro que tinha recebido de seus pais para ajudar a manter a família, incentivando o marido a estudar Teologia, ou seja, quebrou todos os padrões. Era demasiadamente econômica. Só para se ter ideia, cozinhava todo o almoço utilizando um único palito de fósforo.

Quando ficou mais velha e queria alguma receita, por exemplo, de broinha de fubá, eu pegava para ela na internet; ela não entendia - e perguntava - como cabia tanta coisa no Google. Era engraçado. Vovó fazia a melhor pizza do mundo, com uma massa bem grossa. Eu gostava tanto que cheguei a pedir a pizza de presente de aniversário, queria comer sozinha, sem ter que dividir com ninguém (risos). Ela tinha um *Tupperware* redondo, verde-água, com tampa branquinha, que era inesquecível. Fazia nhoque ao sugo como ninguém. E a salada de frutas tinha abacate, morango, goiaba, era muito boa!



Sempre tive grande afinidade com minha avó

As festas de fim do ano e a generosidade da Vovó

Quando começávamos a discutir sobre como seriam as festas de fim de ano, ainda em julho, Vovó já começava a cozinhar. Quando chegava dezembro, parecia que a ceia tinha sido feita para um batalhão, mesmo que fôssemos só nós cinco - meu pai, minha mãe, Fernando ela e eu. Vovó não tinha dó, cozinhava para valer, e nunca desperdiçou nada. No dia seguinte à comilança, já tinha um bolinho de verdura preparado com sobras ou recheio de panqueca. Isso ficou muito marcado em mim.

Outra marca registrada, que veio da Vovó, é a caridade. Ela sempre foi assim. Uma vez, quando o tio Odilon morava numa vila de pescadores em Cuiarana, Vovó foi visitá-lo e conseguiu ajudar as pessoas com financiamento dos estudos, enfim, estava sempre fazendo arrecadações para auxiliar alguém dos colégios.

Sempre muito humana, Vovó era protetora das pessoas e dos animais, tinha um amor muito grande por bichos. Quando um passarinho caía do ninho, ela pegava e tratava com todo cuidado, até que tivesse condições de voltar para o ambiente. Vovó humanizava os bichinhos. Quando ganhei o Kiwi, um *poodle*, convidei-a para conhecer o 'bisneto'. Ela estava meio deprimida devido à doença do Vovô, e o Kiwi trouxe um novo ânimo para Vovó. Ela dizia brincando: "o Kiwi é muito mais meu do que seu".



Vovó com a Luna, que ela tanto amava

Quando completou 80 anos, sugeri que os filhos lhe dessem de presente uma cachorrinha, e foi assim que ela ganhou a Luna, de quem nunca mais se separou. Havia verdadeira adoração entre ambas, e Vovó cuidava da Luna como se fosse uma criança.

Vovó era tão querida que quando vinha para Curitiba, os netos faziam questão de visitá-la e de levar os bisnetos para vê-la. Sempre foi uma relação muito amorosa com todos, mas ainda acho que sou a neta preferida (risos).”



2018, Campo Largo, Ferraria, Condomínio Torres, minha avó com seus bisnetos na casa de meus pais

2



Os cuidados com Ana Maria, logo que nasceu, ocorreram paralelamente às movimentações no trabalho de Papai, que depois de deixar a presidência da Associação Rio-Minas, no início de 1978, atuou por algum tempo como diretor dos departamentos de Expansão Patrimonial e Espírito de Profecia da União Este-Brasileira. Em meados daquele ano, aceitou o convite para ser diretor administrativo do programa A Voz da Profecia (VP), no Rio de Janeiro. Ao assumir a função, prestou importante auxílio no processo de recuperação financeira da instituição.

Em 1979, reativou o quarteto Arautos do Rei, que havia ficado inativo por quatro anos. Trabalhou ainda para a expansão da área de transmissão da Rádio Voz da Profecia, através de estações de rádio afiliadas e da inserção dos programas nos canais de televisão. Permaneceu à frente da VP até se aposentar, em 1987.

1



1. 1980, Bom Retiro, Opapa e Omama ao centro com meus pais (à esquerda) e tios Leo e Alice

2. 1980, Meus pais, em visita a Bom Retiro

Meu pai exerceu muitas atividades durante o pastorado, elaborou inúmeros sermões e chegou até a escrever a letra de um hino de louvor, denominado Vem logo, Senhor. Talvez tenha escrito outros, dos quais ainda não temos o registro. Tais ações demonstravam sua dedicação à vida que escolheu para si e na qual muito se empenhava.

Era um homem querido. Ainda em vida, chegou a receber homenagens de algumas pessoas, que fizeram questão de registrar em palavras essa admiração, como é possível ver no Tributo a José Bellesi, assinado por Consuelo de Araujo Bondarczuk, filha do casal Oswaldo e Ana Saldanha de Araújo, em Guarapuava, e na carta Amigos Inseparáveis, escrita por seu grande amigo e cunhado, **Manoel Guilhem Filho**.

2



1



3



1. Família de meus tios Maria Paschoalina e Manoel Guilhem
2. 1970, Atlantic City, meu pai com tio Guilhem
3. Meu pai e tio Guilhem no Colégio Adventista Brasileiro, onde estudaram

Consuelo de Araújo Bondarczuk

Tributo de Consuelo Araújo Bondarczuk ao casal Bellesi, no 80º aniversário do José

“No ano de 1952 conheci José e Nair em Guarapuava, minha cidade natal, localizada no Sudoeste do Paraná. Eu tinha terminado a faculdade e retornava à casa paterna. Naquele ano, eu iniciava meu magistério e José realizava o seu primeiro campo de trabalho como Pastor.

Já existia entre meus pais e o casal Bellesi um bom relacionamento. A minha mãe era batizada, exercendo a função de pianista da Igreja, além de outras atividades. O meu pai, embora convertido, ainda não havia sido batizado em virtude do seu cargo de Exator Federal, o que lhe obrigava a abrir a repartição aos sábados pois era nesse dia que os donos das serrarias e comerciantes do interior procuravam a Exatoria.

Bem, eu retornava depois de 10 anos de estudos em internatos e pensionatos de freiras e, obviamente, ligada ao catolicismo. Por isso, fiquei surpresa com a mudança radical na vida de meus pais. Até então eles pertenciam a “alta sociedade” de Guarapuava, frequentando e organizando festas sociais e beneficentes. Na minha ignorância religiosa, achava que eles poderiam freqüentar

uma igreja evangélica sem, contudo, abandonar as suas atividades sociais.

A minha mãe foi intransigente, tentando me fazer compreender. Disse-me: você fez os cursos que desejou e está preparada para a vida, mas para ser feliz deve estudar as Escrituras Sagradas. Ela me deu uma Bíblia com uma linda dedicatória e me fez prometer que iria estudá-la. E foi mais objetiva: vou solicitar ao Pastor que lhe oriente nesse estudo. Assim, o José, passou a estudar comigo semanalmente. Não houve resistência, meus pais irradiavam felicidade e a nossa amizade se fortalecia.

Certo dia de maio, estando na casa dos Bellesi, a Nair e eu preparávamos um programa para o dia das mães, quando chegou uma visita. Era um jovem estudante que conhecera o José no Colégio Adventista Brasileiro – CAB, em São Paulo. Preparava-se para o vestibular de Odontologia e foi para Guarapuava vender produtos dentários para pagar os seus estudos. Fui apresentada ao Piotr Bondarczuk, conversamos e, como os Bellesi, à noite, iriam à nossa casa, sugerilhes que levassem o moço, também. Nessa ocasião nasceu uma amizade, passando, o José, a desempenhar o papel de Santo Antônio.

Naquele ano, no mês de junho haveria um Congresso de Jovens no CAB, em São Paulo. Os Bellesi achavam que eu deveria ir. Fizeram muitos arranjos, mas eu não me sentia muito animada, até que o José fez uma proposta irrecusável: “... e se a Nair for com você?”. Fomos de ônibus até a cidade de Ponta Grossa. Na ferroviária nos juntamos à caravana de Curitiba, com os jovens do Coral da Igreja.

A viagem foi ótima. Nos hospedamos no Colégio e eu fiquei maravilhada com o ambiente. Assistimos todas as reuniões e eu me sentia atraída à Voz do Espírito Santo. Lembro-me de dois cultos especiais e marcantes: um, devocional, dirigido pelo Pastor Renato Oberg, baseado no verso 14, do Primeiro livro de João - Eu vos escrevi, jovens, ... porque sois forte” – ; e o último sermão de sábado, através do qual o Pastor Jairo Araújo fez um veemente apelo. Fui impulsionada a me levantar para ir à frente, decidida a manifestar-me pelo batismo.

Na viagem de volta, no trem, Piotr e eu começamos o namoro.

Com o regresso, surgiu um empecilho. Eu lecionava no Ginásio e Escola Normal e tinha, no sábado, as duas primeiras aulas. O Diretor, amigo da família, foi muito compreensivo, mas não pode mudar o horário, pois iria criar problemas com outros professores que, além das aulas, tinham outras atividades. O batismo foi adiado com a promessa de que, no ano seguinte, teria o sábado livre.

Entretanto, Deus teve outro plano. Recebi um convite para lecionar no CAB, durante um ano, em substituição a uma professora que estaria de licença. Com a aquiescência de meu noivo, aceitei. Apesar da distância dos familiares e do Piotr, foi muito bom. O noivado foi alimentado com duas visitas e cartas diárias. Aquele ano foi de muita valia para minha vida espiritual. Retornei no final do ano e o meu casamento foi marcado para março. Então, novamente, na minha vida, a atuação dos Bellesi foi, novamente, marcante.

Os meus pais queriam para mim, a única filha um bonito casamento, com uma linda cerimônia na Igreja, muitos convidados e uma grande festa. A Igreja de Guarapuava era pequena e simples, mas de grande significativo para mim. Meu pai conseguiu a doação do terreno que pertencia a um deputado estadual. Ela foi construída com a colaboração do Papai que junto com os pastores realizaram recolta na cidade.

Naquele tempo não havia floriculturas. Meus pais se preocupavam com a ornamentação e mais uma vez veio a colaboração efetiva da Nair. Ela, entre tantas outras qualidades, também florista, confeccionou com habilidade lírios brancos feitos de seda e parafina. No dia 16 de março a Igreja estava linda e ricamente ornamentada. E eu, muito feliz!

Este relato é um preito de gratidão ao José e à Nair. Eles contribuíram para a realização de dois fatos importantes de minha vida: a minha conversão e o meu casamento, fatores

de grande felicidade. Considero o José o meu pai espiritual e a Nair, a grande amiga de todas horas.

Quero registrar mais um fato significativo que lembra e engrandece a amizade do José e meu pai. Quando ele se converteu, recebeu, de presente de uma tia idosa, uma Bíblia antiga, editada em Londres em 1865. Essa preciosa Bíblia ele ofereceu ao José. Anos mais tarde, quando tomei conhecimento da doação, solicitei ao José a sua devolução, pois eu tenho uma coleção de Bíblias em várias línguas. Ele me disse que ainda a usava e que a apresentava em concursos bíblicos, mas prometeu que após a sua aposentadoria ela seria minha. Quando ele retornou a Curitiba, já jubilado, a Bíblia veio para minha preciosa coleção.

Também quero testemunhar a atuação do casal, em Guarapuava. Permaneceram lá por quatro anos, de 1951 a 1954. Foram muito estimados e a Igreja cresceu com o seu trabalho. O meu pai auxiliou o José no que pode. Eram companheiros em todas as atividades. Realizaram muitas coltas. Papai costumava dizer que trabalhava 11 meses para o governo e um exclusivamente para Deus e para a igreja. Em suas férias e sempre que era necessário, ajudava no que podia. Com o carro do José, um Ford bigode 1929, empreenderam muitas viagens pelo interior do Município, que era o maior do Paraná, estendendo-se para o norte, noroeste e oeste do Estado. Por essas plagas eles se embrenhavam com o famoso Ford enfrentando estradas ruins, campos, banhados e rios, muitas vezes ficaram

atolados, sendo salvos por juntas de bois. Dormiram no carro, passaram medo e até fome porque os lanches que a Nair e minha mãe preparavam eram roubados. Eles, porém, não desanimavam e enfrentavam com fé e galhardia todos aqueles obstáculos.

Graças a Deus, eles sempre voltavam felizes, principalmente com o resultado da colta. Os donos das serrarias e casas comerciais, não rejeitavam os pedidos e generosamente contribuíam em consideração ao meu pai e, talvez, respeito pelo seu cargo. Graças a essas coltas, foi construída a Escola Adventista, comprado um piano e mais tarde um órgão para a Igreja, e mais tarde, construída a Igreja de Laranjeiras do Sul, que pertencia ao distrito.

O José Bellesi teve um ministério profícuo. Foi distrital em Guarapuava e Campo Mourão, preceptor e professor de Bíblia no Ginásio Adventista Paranaense – GAP – , em Curitiba, distrital em Poços de Caldas, Minas Gerais, departamental da Associação Rio-Minas, presidente da Missão Bahia-Sergipe, da Associação Espírito-Santense, da Associação Rio-Minas, departamental da União Este Brasileira e Diretor da Voz da Profecia. Hoje, jubilado, reside em Curitiba.

Com este modesto relato, presto um tributo ao José e à Nair, queridos amigos, contribuindo com o livro que o seu filho, Newton, está organizando.”

AMIGOS INSEPARÁVEIS

Manoel Guilhem Filho

“Conheci José Bellesi Filho no dia 25 de dezembro de 1939. Fui a sua casa no Sítio Bellesi, em Londrina-PR, onde morava, para ajudar na colheita do feijão. Como a família não era adventista, somente seu pai, ninguém quis fazer o trabalho naquele dia, pois o Natal estava sendo comemorado e era considerado dia Santo. Pouco falei com ele, estava com 18 anos, mas vi que era um jovem alto e bonito. Sua personalidade dominava o ambiente e seus amigos o cercavam.

Quando o dia terminou, voltei para minha casa na cidade de Londrina. Só tornei a revê-lo dois anos depois, quando fui estudar no Educandário Adventista de Butiá, no início de 1942. Quando cheguei, ele já estava lá. O primeiro encontro foi de surpresa! Então perguntei: - Você está aqui?

Íamos juntos para o refeitório, para as salas de aulas, só que não éramos da mesma classe. Ele estava um ano na minha frente. A amizade foi se firmando. Nas férias nos separávamos. Quando voltávamos para o Colégio, nosso encontro era de muita alegria.

No ano de 1943 ele levou para o Colégio dois irmãos: **Arlindo**, que também se tornou meu amigo, e a Maria, em que logo fiquei de olho. Nas férias de julho desse ano, fomos colportar juntos nas proximidades do Colégio. A família Stang nos



Manoel Guilhem Filho

emprestou dois cavalos para fazermos nosso transporte na região. Vendemos os livros e conseguimos ganhar algum dinheiro. Ele era um bom negociante. Isso herdou de seu lado materno, a família Ruzzon.

Nessa ocasião, resolvi namorar a irmã dele que a princípio, não quis aceitar a proposta, por ser muito nova. Ela foi se aconselhar com José que, sabiamente disse: – Ele é um bom rapaz e tem bons planos para o futuro. Experimente! – Se de tudo, não der certo, você estará livre. O conselho foi aceito e a vida mostrou que ele tinha razão. Tudo se normalizou e estamos casados por mais de 58 anos. Aí nossa amizade se concretizou e nos tornamos amigos para sempre.

José era bom de briga, de quando em vez estava metido em encrencas. Mas a diretoria do Colégio tinha muita paciência porque via nele um jovem promissor, inteligente e simpático. Um dia houve um problema muito sério com ele e seu irmão Arlindo, que o apoiava em tudo. Havia no Colégio um jovem, chamado Valdemarção, de quem eles não gostavam. Então armaram um pretexto por causa das ferramentas do trabalho agrícola e o moço, com medo, se colocou embaixo de uma carroça para se proteger. Eles chegaram, um com uma foice e outro com um facão.

Ambos ameaçavam o rapaz. Os alunos, vendo isso, depressa chamaram o diretor, Pr. Emílio R. de Azevedo, que, chegando alarmado com a situação, pôs fim à tragédia iminente. Muitas vezes eu o aconselhava, porque seus impulsos eram agressivos, e ele me atendia.

No final de 1944, ele terminou os seus estudos no Butiá e, em 1945, foi para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB), em São Paulo (hoje UNASP São Paulo), onde cursou o primeiro ano do curso técnico em Contabilidade e algumas matérias do curso teológico. Eu ainda permaneci esse ano estudando no Butiá.

Depois das férias, no início de 1946, ele foi à cidade de Bom Retiro (SC) fazer uma visita a sua namorada Nair. Como gostava de comércio, acabou ficando por lá. Abandonou os estudos para trabalhar com o futuro sogro, que era fazendeiro, industrial e comerciante. O trabalho foi bem e tudo progredia. Casou-se em 23 de maio desse mesmo ano e, 11 meses depois, nasceu seu primogênito, Newton.

Eu continuei meus estudos em Curitiba,



Carlina e Nena, com quem me casei

mas sempre o convidava para retornar a sua vida estudantil. Quando resolvi ir ao CAB para cursar Teologia, no início de 1948, fui a seu encontro onde residia para convidá-lo a ir comigo, mas estava

tão ocupado com os negócios que me disse o seguinte: - Este ano não tenho condições de acompanhá-lo, quem sabe no próximo ano. Seu sogro gostava muito de seu trabalho. Tudo o que ele dirigia Deus abençoava. Ao deixá-lo, me senti só, mas não perdi a esperança. Orava para que Deus o impressionasse com Seu Espírito. Sempre me comunicava com ele através de cartas devido à distância.

No início de 1949, fui a seu encontro novamente e lhe disse: - Agora vim para buscá-lo e você irá comigo. Depois de uma longa conversa, com a presença de sua esposa, que esperava o segundo filho e concordava plenamente que ele fosse comigo, oramos. Então ele disse: - Deus está me chamando, irei com você. Os arranjos foram feitos. Seu sogro era seu patrão, que ficou muito triste em perder um homem de negócios e confiança como ele. Sua esposa e o filhinho ficaram com seus pais até que o bebê nascesse, recebeu o nome de Odilon.

No final de fevereiro de 1949, nós dois estávamos dentro de um trem que nos levou a São Paulo e chegamos ao Colé-

gio para cursar juntos o segundo ano de Teologia. Ambos estávamos felizes, porque nosso companheirismo tinha voltado. Também nesse ano, terminamos juntos o curso de Técnico em Contabilidade por correspondência na cidade de Curitiba, onde realizamos os exames. Tenho até hoje meu diploma da Escola Técnica de Comércio De Plácido e Silva.

Estudamos juntos no curso teológico por três anos. Ficava feliz em encontrá-lo a cada manhã. Agora, a vitória foi alcançada e, no dia 15 de dezembro de 1951, recebemos o diploma de bacharel em Teologia. Nosso lema era: “A Coroa pela Cruz”. José foi o presidente, e eu o pastor da turma. Fomos onze os formandos naquele dia. Quero agradecer a Deus porque, por Seu Espírito e minha ajuda, ele tomou a decisão certa. Deus o preparou para Sua Obra.

Nossa amizade cresceu ainda mais quando casei com sua irmã. Sempre manifestou muita alegria em se tornar meu cunhado. Fomos chamados para ingressar na Obra do Senhor pela Associação Paraná-Santa Catarina. Ele foi

para Guarapuava (onde nasceu sua filha Berenice), e eu para Sertanópolis, ambas no Paraná. Ficamos juntos nessa Associação por apenas três anos, quando recebi um chamado para trabalhar na grande Associação Paulista na cidade de Santos. Sempre que possível, ele nos visitava, mesmo morando em cidades distantes. Chegava com seu Pé de Bode (Ford 29 - importado) e fazia uma grande arruaça buzinando em frente a nossa casa, chamando atenção de todos.

Agora uma nota muito triste. Em 15 de abril de 1958, seu irmão Orlando (Gico) faleceu, e lá estava ele para proferir o sermão de despedida de um ente tão querido. Nessa ocasião, eu não pude comparecer. Senti muito. Foi na cidade de Santa Fé. Realizou ainda as cerimônias de despedida de outros familiares próximos como: sua mãe, sua cunhada Benvinda, seu irmão Arlindo e seu pai.

Em 1962, ele trabalhava na antiga Associação Rio-Minas, dirigindo os departamentos de Escola Sabatina e Ação Missionária, e eu trabalhava como distrital, cuidando de igrejas. Ele dirigiu

uma série de conferências em meu distrito na igreja de Padre Miguel, subúrbio do Rio de Janeiro, que foi um sucesso. Batizamos 172 pessoas. Ele era carismático e ótimo conferencista. Porém, só ficamos juntos nessa associação por seis anos, porque voltei para a antiga Associação Paulista, em São Paulo.

Ele foi para a União Este-Brasileira e, em seguida, foi presidente das antigas Missão Bahia-Sergipe, Associação Leste e Associação Rio-Minas e, por último, dirigiu por dez anos a “Voz da Profecia”, no Rio de Janeiro, com muita competência. Sempre que podia, mesmo morando em outras cidades, ia a nossa casa. E o víamos chegando com um belo sorriso. E como era muito econômico, viajava da forma mais simples possível, carregando sua própria mala.

Fizemos duas viagens juntos para os Estados Unidos para assistir às reuniões da Conferência Geral da Igreja Adventista. A primeira foi em julho de 1970. Tudo correu bem até chegarmos em Nova York. Ali nos hospedamos em uma pequena pousada, junto com os pastores que via-

jaram conosco em um avião fretado.

Algum tempo depois, Bellesi me disse que não estava bem. Avisei os colegas e me dirigi com ele para o banheiro. Estava muito mal. Começou a vomitar e o jato que expelia ia além de dois metros. Então me disse: - Vou morrer. Quando voltei para avisar os companheiros, não os encontrei mais. Nem ele nem eu falávamos inglês, mas eu falo o espanhol. Comuniquei-me com a dona da pousada que me entendia e perguntei para ela para onde meus companheiros haviam ido. Disse que não sabia e que eles não tinham deixado o endereço. Meu cunhado piorava cada vez mais. Também lhe perguntei se conhecia um hospital adventista, me disse que não. Pedi o endereço de outro hospital e ela me deu. Naquela grande cidade, dei sinal para um táxi, que parou. Entramos. Quando o motorista viu o meu problema de comunicação e percebeu que eu falava o espanhol, disse: - Yo soy portorriqueño y hablo español. Así me senti em casa.

Contei a ele meu problema e nos deixou em frente ao hospital. Quando entramos, ninguém nos atendia. A en-

fermeira só falava inglês, e o médico, grego, só falava sua própria língua e o inglês. Ele fazia sinal que não consultaria o doente que ali estava. Como a situação de José piorava cada vez, mais eu pedi a direção de Deus para que viesse em nosso socorro e a oração foi prontamente respondida. Sem que eu percebesse e nem sei de onde veio, se aproximou de nós um jovem alto simpático e nos falou: - Minha noiva é brasileira e eu falo português, estou aqui para ajudá-los. Conte o drama que estávamos passando, quando me disse: - Eu serei o intérprete entre vocês e o médico. Com aquele jovem, o médico e a enfermeira nos atenderam e com o remédio aplicado ele foi melhorando e logo ficou bom. Quando nós voltamos para agradecer o jovem desconhecido, não o vimos mais. Sempre penso que foi um anjo enviado por Deus para nos ajudar naquele momento difícil. Conte esse ocorrido para o amigo e Vice-Presidente da Conferência Geral, Pr. Moisés Nigri, e ele me disse: - Realmente, este jovem foi um anjo vindo do céu.

E agora, como encontrar nossos companheiros? Nossas malas e tudo o que tínhamos estava com eles. Quando saímos na rua, dissemos: - Vamos voltar para a pousada e certamente irão nos procurar lá. Demos então sinal para o táxi parar: que surpresa! Dois dos nossos companheiros estavam dentro deste táxi, e iam à nossa procura, mais uma providência divina. Agradei a Deus por tanta proteção e disse: “Até aqui nos ajudou o Senhor”.

A outra viagem que fizemos juntos para a América foi em 1985, também para assistir às reuniões da Conferência Geral. Ficamos lá por quarenta dias e tudo deu certo, com a graça de Deus. Dessa vez, minha esposa também viajou conosco pela primeira vez para os Estados Unidos e tivemos a oportunidade de viajar por muitos estados e lugares interessantes por lá.

Quando se aposentou, José foi trabalhar em Salvador, na empresa familiar dos Santana. Ficou lá por algum tempo e, no início de 1991, a convite do empresário e amigo Paulo Freitas, mu-

dou-se para São Paulo para dirigir suas empresas de produtos audiovisuais, cosméticos e alimentícios. Com sua direção, os negócios cresceram. Nessa ocasião, eu morava em São Paulo e ele se hospedou por alguns meses em nossa casa e depois foi morar em um apartamento. Foram mais dois anos de uma convivência feliz. Depois disso, ele fixou de forma definitiva residência em Curitiba, e eu fiquei na capital paulista.

Outra viagem longa que fizemos juntos foi para a Europa e durou quarenta dias, tendo início em 9 de setembro de 1993. Tomamos um avião em São Paulo, no Aeroporto de Cumbica, com uma conexão no Aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, onde encontramos meu filho Demilson, que nos acompanhou durante a viagem. Éramos quatro: José, Maria, Demilson e eu. Embarcamos em um grande avião da Aerolíneas Argentinas com destino a Madrid, Espanha, país onde nasceram meus pais.

Muitas coisas interessantes aconteceram. José era o tesoureiro e o dinheiro ficava com ele para as compras. Comprava

grandes quantidades e sempre escolhia as maiores e mais bonitas frutas. Como não tínhamos onde guardá-las, muita coisa se perdia. Mas foi um grande companheiro e pronto para ajudar em tudo. Como foi maravilhoso tê-lo conosco.

Um episódio que não esqueço foi quando entramos na cidade de San Donà di Piave, na Itália. Ele e sua irmã se emocionaram, pois estavam na terra de seu nonno Giovanni. Eles eram *oriundi* dali. Parecia que estavam vendo o passado. Quando nos aproximamos do Rio Piave, ambos disseram: - Aqui nosso Nonno pescava quando menino e na adolescência, pobre, quase sem roupas e os pés sem sapatos. Os peixes pescados ajudavam na alimentação da família. A comida era escassa, pois suas colheitas eram levadas pelos soldados da Áustria que invadiam a Itália constantemente. Outra emoção foi quando entramos na igreja onde o Nonno foi batizado. Parecia vê-lo bebê levado pela mãe ao altar onde o padre esperava para a cerimônia do batismo.

Perto do fim da viagem, ele pregou em uma igreja adventista de brasileiros e

portugueses na cidade de Genebra, na Suíça. Falou sobre Zaqueu. Nesta cidade vivia, naquela época, nosso sobrinho Emerson, filho de minha cunhada Dirce. Nessa viagem de quarenta dias, visitamos os seguintes países: Espanha, Portugal, Andorra, França, Mônaco, Itália, Vaticano, San Marino, Áustria, Alemanha e Suíça. Nossa amizade cresceu ainda mais nesses dias que estivemos juntos. Chegamos de volta ao Brasil em 18 de outubro de 1993. Ele voltou para Curitiba, onde vivia, e eu fiquei com a Maria, em São Paulo.

Depois disso, outra coisa importante surgiu em nossa vida. Em 19 de dezembro de 1993 fomos convidados pelo professor Iarle Linhares para irmos onde existia o antigo Educandário Adventista de Butiá, para inaugurar e dedicar uma igreja que foi construída naquele local. Também onze pessoas estavam preparadas para o batismo. Que emoção voltarmos juntos depois de 51 anos ao lugar onde nossa amizade nasceu. Tudo estava diferente. Os prédios não existiam mais, a paisagem era outra. Onde estavam as altaneiras araucárias agora era uma capoeira. Mas uma be-

leza incomparável da natureza que era o açude onde tomávamos banho, nadávamos e andávamos de canoa ainda estava lá, com suas águas azuladas. Então surgiu a pergunta: quem realizaria o batismo? Ele ou eu? Depois de uma conversa com o pastor local, decidiu-se que eu seria o pastor oficiante. Naquelas mesmas águas onde Bellesi foi batizado pelo Pr. Waldemar Ellers, havia 52 anos. Ele levou para esse evento seu amigo Kobletz, que também havia sido seu colega naquele Colégio, e sua irmã Dirce, como convidados.

Sempre que podíamos, estávamos juntos. Lembro-me com saudades dos momentos de nossos encontros. Aquele forte abraço, aquele sorriso espontâneo sempre mencionava: - Guilhem, você é o meu melhor amigo.

Sempre admirei seu trabalho na Obra do Senhor. Tudo o que ele administrava progredia. A organização superior sempre estava de olho nele. Sabia que podia confiar no cargo que lhe era designado.

Caminhamos juntos no trabalho do grande Mestre por cinquenta anos, depois disso ele adoeceu. Seu entu-

siasmo, sua alegria, sua personalidade, seu sorriso, suas palavras de ânimo e muitos outros predicados ficaram no esquecimento. Não disse mais: - Guilhem, você é meu melhor amigo. Faço agora uma pergunta: - Por que aconteceu isso? Não sei responder.

A última vez que fui visitá-lo, no dia 6 de janeiro de 2006, ele morava em um belo apartamento em Curitiba. Não ficou alegre em me ver e nem me reconheceu. Aquela linda conversa que sempre tínhamos e o encontro feliz, acabaram. Sinto-me muito triste de não tê-lo mais aqui nesta terra, porque no dia 14 de setembro de 2008 Deus o chamou para descansar. Sei que não será por muito tempo. Jesus logo virá e o chamará para gozar uma eternidade no Reino Eterno. Certamente sua linda coroa estará cravejada de estrelas brilhantes e será colocada em sua cabeça pelas mãos do amável Jesus. Então nossa amizade continuará para sempre naquele lugar onde não haverá mais separação. Sinto muito sua falta.

Eu poderia escrever páginas e mais páginas sobre este meu melhor amigo.

Eu também não estou muito bem, sinto-me muito cansado e não sei o plano de Deus para mim. Uma coisa sei e tenho certeza disso, que brevemente o encontrarei. Quero abraçá-lo e dizer-lhe: - Oh! Meu grande amigo, você está aqui? Que alegria será tê-lo para sempre comigo. Nossa missão aqui foi

cumprida. Uma coisa que muito me alegra é que descansou firme no Senhor.

Meu abraço a você, José Bellesi Filho, seu melhor e grande amigo que sempre o amou.”

Berenice

“Logo após a aposentadoria, Papai foi convidado pela família Santana, amigos da Igreja Adventista, para administrar uma empresa de calçados em Salvador. A família Santana dispunha e administrava uma ampla rede de lojas de calçados e outros comércios, mais de cem unidades em todo o Nordeste.

A empresa era muito grande e bastante conceituada, mas

atravessava um período difícil. Os donos convidaram meu pai para ajudar no controle financeiro, como gerente, e organizar as finanças. Papai os conhecia da época em que trabalhou na cidade como pastor.

Novamente, ele e a mãe se mudaram para Salvador, onde ficaram por cerca de três anos.”

Mamãe

“Saímos do Rio de Janeiro com destino a Salvador no dia 5 de maio de 1987. Passamos cinco meses na casa da praia dos Santana, seguindo posteriormente para o apartamento de Matatu.

Uma semana depois, José começou a trabalhar dedicadamente, voltando apenas para almoçar e tirar uma sesta; e depois ao anoitecer para o repouso noturno. Fiquei cuidando das coisas da casa.”

Berenice

“Numa viagem de Salvador a Uberlândia, minha mãe manifestou interesse em se mudar para lá. Naquela época, meu pai entendia que o tempo dele em Salvador estava terminando. Minha mãe foi na frente e se mudou para Uberlândia antes dele. Logo meu pai saiu da empresa de calçados e também foi para Uberlândia, onde ficou

durante algum tempo, até que foi convidado por outro amigo para trabalhar em São Paulo.

Desta vez, meu pai é que foi na frente. Mais tarde, minha mãe foi morar com ele na capital paulista.”

Eu me lembro dessa história. Meu pai tinha um amigo, chamado Paulo Passos, que produzia material audiovisual denominacional adventista, para palestras e sermões, além de alimentos saudáveis. Ele queria alguém para ajudá-lo na organização da empresa para poder vendê-la e convidou meu pai. Esse trabalho não durou muito, porque, cerca de um ano depois, a empresa foi vendida para a Casa Publicadora Brasileira, uma importante instituição da Organização Adventista, localizada em Santo André.

Depois disso, eles voltaram para Curitiba, onde tinham morado e trabalhado quando ainda éramos crianças. Minha mãe quis voltar por causa dos parentes que residiam lá: tia Almira, **tio Nene, tio David**, as cunhadas Waldomira e Dirce e os sobrinhos. E também porque assim ficaria mais perto dos outros irmãos: **o tio Leo, que morava em Bom Retiro**, o tio Roberto, que residia em Lages, e a tia Adelina, em Blumenau.



1960, Bom Retiro, família dos tios Zilda e Roberto Böll, com seus sete filhos, na casa do tio Leo



Minha mãe com seus irmãos, tios Nene, David, Almira e Roberto

Berenice

“Tempos depois de voltarem para Curitiba, meu pai resolveu morar em Uberlândia. Embora minha mãe preferisse continuar em Curitiba, ele comprou um apartamento e, quando minha mãe foi conhecer, achou o apartamento lindo e decidiu se mudar para Uberlândia, onde eles ficaram por mais dois anos.

Mas minha mãe, sempre muito inquieta, não se adaptou àquele clima quente de Uberlândia e quis voltar para Curitiba. Na época, meu pai já apresentava os primeiros sintomas do Alzheimer. Insisti muito para que ficassem, sabia que ela precisaria de apoio, mas ela não quis e **voltou para Curitiba com meu pai**, onde permaneceram até o fim da vida.”



Mamãe e Papai durante jantar festivo

Odilon

“Os princípios que tenho na vida hoje trago do que aprendi com meus pais: amor, carinho, solidariedade, zelo com a família e honestidade. Eles nos ensinaram que liberdade não se negocia. Tive várias oportunidades de arriscar minha liberdade em prol de muito dinheiro e nunca arrisquei.

Até hoje sou um pai que acompanha diretamente os filhos, tenho muito zelo com os seis. Nas raras vezes em que consegui tirar férias, saí acompanhado deles.

Os Bellese são pessoas idôneas, corretas, e isso vem lá de trás. Das histórias que ouvi e daquelas que vivenciei, constatei que todos são muito laboriosos e íntegros.

Minha mãe era uma bondade em pessoa. Bondade, generosidade, coração, emoção, gentileza, carinho são palavras que bem poderiam defini-la. Ela era uma pessoa extremamente laboriosa, acho que ninguém nesta vida trabalhou mais do que ela, uma prática que aprendeu com o Opapa, que trabalhava das 4h da madrugada até as 22h, era impressionante.

Tive a oportunidade de conviver com ela e de cuidar dela durante quatro anos, foi um privilégio. Lembro-me de uma vez que a levei para Paragominas (PA) e ela foi sem a Luna, uma cachorrinha que ela amava muito, a filha preferida, depois de mim, claro. **O reencontro foi uma festa**, era visível a paixão em ambas. Inclusive, tenho uma foto que foi tirada da minha mãe se divertindo com as lambidas da Luna.”



Minha mãe no reencontro com a Luna

Mamãe

“Meu filho Odilon mantinha um hotel e restaurante numa vila de pescadores denominada Cuiarana, a uns seis quilômetros de Salinópolis, o polo praiano mais importante do Estado do Pará.

Gringo Louco, como era chamado seu estabelecimento, era muito bem cotado entre os turistas que frequentavam Salinas, oferecendo instalações confortáveis, culinária e bar de alto padrão.

Durante as várias visitas que fiz ao Odilon no decorrer da década de 1990, particularmente no ano de 1991, permaneci mais tempo, uns quatro a cinco meses, enquanto José alternava períodos em Belém com Newton.

Procurava ajudar Odilon e sua mulher, a Cacau, fazendo pães, bolos, incluindoucas, biscoitos e algumas sobremesas. No tempo livre, observei que os trabalhadores do Gringo Louco e outros nativos se interessavam pelas mensagens da Bíblia.

No intervalo das jornadas de trabalho, passamos a estudar juntos o Livro Sagrado sob a ótica Adventista. Havia um interesse ativo. Nas folgas do trabalho, as pessoas pediam para continuar o estudo. Ao final de uns dois meses, catorze pes-

soas foram batizadas pelo pastor do Distrito de Salinópolis, na Igreja de Salinas.

Após dois ou três meses, mais um número de pessoas quis receber o batismo, o que também ocorreu. Nesse decurso, o grupo manifestou interesse em dispor de uma igreja própria.

Odilon conseguiu um terreno grande na área central do vilarejo, próximo das demais igrejas, através de uma permuta com um terreno que dispunha na praia. Os integrantes do grupo de Cuiarana conseguiram uma planta para a igreja, fizeram as fundações e deram início à construção.

Contudo, como eram pobres, não conseguiram avançar muito. Então, a associação regional da Igreja Adventista assumiu a construção e entregou pronto um templo simples, de quase cem assentos. Um dos membros, o Ronaldo, observando a necessidade de cuidados da Igreja e do terreno, construiu uma pequena casa para residir e poder zelar melhor pelo imóvel.

Tenho saudades dos irmãos pioneiros e vontade de voltar a Cuiarana para revê-los e saber como prosseguiu a Igreja.”

A inesquecível viagem à Itália

Era um dia nublado do outono europeu, no início de outubro de 1993. Depois de passar pelo anel rodoviário de Pádua, o carro seguia em baixa velocidade pelas estradas vicinais do Vêneto, no norte da Itália.

Os ocupantes do veículo estavam curiosos e ansiosos por chegarem ao local determinado. As pequenas comunas se sucediam uma após outra. Através da janela, viam uma bela paisagem, totalmente agrícola, e que muito lembrava os campos de cultivo do norte do Paraná, no Brasil. A topografia era plana, com algumas nuances de colinas suaves. Era a primeira vez que passavam por ali, e tudo era novidade. Conversavam sobre o que viam e sobre a história de sua família, buscando nos relatos que tinham ouvido de seus antepassados tornar tudo aquilo familiar.

De repente, começam a visualizar casas, pequenos comércios e, mais à frente, sobressai das baixas edificações a bela e imponente torre da Igreja Católica. Guiados por ela e fazendo um zigue-zague pelas ruas, chegam à Piazza XX Settembre. Param o carro em frente ao importante prédio com mais de 250 anos da Parrocchia S. Lorenzo Diacono e Martire. A emoção aflora e o coração fica apertado por imaginarem que seus amados antepassados foram batizados ali, naquele local, ali contraí-

ram núpcias ainda bem jovens e batizaram sua primeira filha, antes de seguirem para o Brasil como imigrantes.

Descem do carro e admiram o prédio, a praça, o entorno. Olham para as pessoas que passam buscando encontrar alguma identificação física de seus queridos nascidos naquela terra. Estão no local em que esperaram muitos anos para estar. A pequena cidade de 10 mil habitantes.

Com algumas palavras em italiano perguntam para um casal que está de passagem se eles conhecem algum Ruzzon. A resposta vem rápida e espontânea: “Sì, qui ci sono molti Ruzzon” (Sim, aqui há muitos Ruzzon).

Estamos falando da aconchegante Conselve, cidade italiana onde se iniciou nossa saga na segunda metade do século XIX, com o nascimento de Ambrogio Ruzzon e Carla (Carlotta) Baretta. Viajaremos na história e no tempo, entre o passado e os dias atuais, entre a Itália e o Brasil, até nos depararmos com o resultado da formação da grande família Ruzzon, que não para de crescer e hoje tem mais de duzentos descendentes daquele humilde casal. Muitos graduados em Medicina, engenharia, direito e tantas outras profissões, além de muitos empresários de sucesso.

Estavam naquele carro três descendentes diretos de Ambrogio e Carlotta: os netos José Bellese Filho e sua irmã Maria (Nena) Bellese Guilhem, filhos de Narciza Ru-

zzon, o bisneto Demilson Bellese Guilhem, além do esposo de Maria, Manoel Guilhem Filho.

Espero que, através dos relatos aqui contidos, possamos entender e refletir sobre o trabalho e a importância da formação de uma família que conquistou a América com muita luta, trabalho, suor e preparação acadêmica para obter uma posição de destaque nas cidades onde residem seus descendentes. (Guilhem, 2018)

Foi uma viagem marcante. Não só para Papai, que registrou cada detalhe daqueles dias em um diário, mas também para todos aqueles que ali estavam, ansiosos por conhecer a terra de seus antepassados. Meu pai e minha **tia Nena** sempre se deram muito bem. E, ao longo da vida, até antes de que a tia Nena se casasse, ele se tornou um grande amigo do marido dela, Manoel.

A viagem foi acompanhada e registrada por meu primo Demilson Bellese Guilhem, que escreveu o livro “Família Ruzzon - lutas e vitórias”, do qual o trecho acima foi retirado.

As memórias de tudo o que nossos antepassados viveram para chegar ao Brasil, somadas à imaginação para preencher as lacunas deixadas na história, tornaram aquele momento ainda mais emocionante e inesquecível.

O Diário, que carrega a letra tão característica de meu pai, era de uma agenda de 1992, ano anterior à viagem,



Em torno de 2015, Santa Fé, queridas tias Maria e Nena. Tia Maria imigrou da Itália ainda mocinha

mas Papai fez questão de registrar os fatos nas páginas dos dias exatos em que ocorreram.

As anotações iniciais têm uma lista de nomes e endereços na Itália, possivelmente de contatos levantados a partir da pesquisa para viajar, de informações que eu havia lhe

passado ou durante o processo. Alguns contatos ainda carregam alguma descrição como “Tem fábrica de máquinas de fazer pão”.

A ‘romaria’ teve início no dia 5 de setembro de 1993, com a viagem que Papai fez de Curitiba a São Paulo, de onde partiriam para o Rio de Janeiro, a fim de pegar o voo para Madrid, alguns dias depois. O roteiro incluía breves estadias por outros países da Europa.

Logo no primeiro momento, em São Paulo, um pequeno acidente fez disparar o coração de todos: o carro em que estavam pegou um menino, jogando-o no chão. Nada de grave aconteceu e a mãe reconheceu que a culpa era do garoto... ou seria da mãe? O fato foi para o Diário do meu pai, mas não abalou o empenho de todos que estavam na expectativa para aquela tão importante viagem.

Nos dias em que ficou em São Paulo, antes de partir para a Europa, Papai aproveitou para acertar alguns detalhes pessoais, como passar no barbeiro para cortar o cabelo, e outros para o grupo, como ajustar o plano financeiro para a jornada.

O grupo Ruzzon-Bellese & Guilhem pousou no Rio de Janeiro no dia 9 de setembro. E, logo na chegada ao aeroporto, Manoel foi checado porque desconfiaram que ele pudesse estar carregando armas. Tudo esclarecido - obviamente não havia nenhuma arma, era hora de aguardar o próximo voo.

O embarque para Madrid ocorreu pouco depois da meia-noite. A viagem foi pela Aerolíneas Argentinas, a maior companhia aérea da Argentina, fundada em 1950. A chegada a Madrid foi às 14h do dia 10, após uma noite muito cansativa: “A noite não foi gostosa, ficamos cinco horas mais velhos”, comentou Papai no Diário.

O aniversário de 73 anos do Manoel, no dia 12 de setembro de 1993, foi comemorado em um restaurante de Madrid. Papai parece ter gostado da cidade.

Passeamos muito, vimos hoje tanta coisa boa. A gente pode falar com os espanhóis. Aqui tem gente bonita, são mais morenos e menos loiros. (...) Ficamos cansados de tanto andar.

No dia seguinte, viajaram para Portugal, onde passaram alguns dias em Porto, Coimbra e Lisboa.

16/09/93 - Passamos o dia todo em Lisboa e vimos o Tejo, o mar, coisas muito importantes. (...) Com emoção ficamos sabendo sobre o local onde ocorreu o terremoto de 1755 em Lisboa. Sentimos profunda admiração por alguém nos falar que as 13 caravelas comandadas por Cabral partiram da foz do Rio Tejo, vimos por onde passaram. Visitamos o convento dos Capuchos que praticavam a penitência. Visitamos o Palácio Nacional da Pena, em Sintra, ficamos encantados ao ver carros, louças, sofás, jogos de mesa com cadeiras, piano e sala de jantar

de vários monarcas. Visitamos o Mosteiro dos Jerônimos, não temos palavras para descrever, foi o Rei Dom Manoel que mandou construir: começou em 1502 a 1ª parte e em 1517 a 2ª parte. Tudo impressiona muito.

De Portugal, os viajores foram para a Espanha, onde passaram por cidades como Málaga, Barcelona e depois seguiram para Mônaco e França, países onde a estadia foi de apenas um dia.

24/09/93 - Vimos a França, nem nossos passaportes foram exigidos. Fazia frio e finalmente vimos gado, ovelhas, campos, e a chuva caía. Almoçamos longe - queijo e pão -, como sobremesa compramos frutas. Ficamos felizes em conhecer a França, terra de Napoleão. Já sabia muita coisa da França, mas ver pessoalmente - as terras, a cidade, homens, mulheres e crianças da França - é outra coisa. Tudo está sendo ótimo, agradeço a Deus.

Papai chegou à Itália no dia 25 de setembro. Os relatos em seu Diário revelam o forte sentimento que invadiu os corações dos viajantes naquele dia.

25/09/93 - (...) Senti profunda emoção por saber que pela 1ª vez eu estava pisando em solo italiano, de meus ancestrais Giovanni (João) Bellese e Ambrogio Ruzzon com suas esposas. Continuamos a viagem e na Itália chovia muito. Finalmente chegamos em Pisa, onde nos hospedamos em um bom hotel 3 estrelas. Foi ótimo descan-

sar. Fizemos planos para visitar a nossa igreja.

Dois dias depois, o destino seria Roma.

27/09/93 - (...) O nosso coração batia mais forte, as placas avisando a chegada em Roma. Entramos no hotel às 19 horas.

Os relatos de meu pai sobre a visita à capital da Itália evocam o poder do antigo Império Romano. De lá, seguiram para San Donà di Piave, comuna italiana da região do Vêneto, província de Veneza, hoje com cerca de 40 mil habitantes. Cidade de nossos antepassados Bellese.

*03/10/93 - (...) **Chegamos em San Donà di Piave**, passamos por cima de uma ponte, vimos o [rio] Piave onde o nonno Bellese pescava. A cidade está em festa, há uma feira de tudo. (...).*

05/10/93 - (...) Vimos no catálogo telefônico de San Donà uma lista de telefones de Bellese acima de 20. Passamos pela ponte do [rio] Piave, mais uma emoção. (...) Passamos em Pádova e rumamos para Conselve, onde nasceram e casaram-se Ambrogio Ruzzon e Carlotta Baretta. Lá moram muitos “Ruzzon”. Que emoção.

De San Donà di Piave o quarteto foi a outras cidades da Itália, visitou a Suíça e depois foi para a França, onde ficou por mais tempo do que na ida, inclusive, com direito a conhecer Paris.

1



1. 1993-09 San Donà di Piave - Papai e tia Nena na praça em frente à comuna de San Donà di Piave

2



2. 1993-10 Genebra - Papai e tio Manuel na Praça dos Reformadores Lutero, Calvino e outros

Eles chegaram à cidade no dia 13 de outubro, onde permaneceram até o dia 17, quando voltaram para o Brasil.

Papai foi diagnosticado com Alzheimer

Foi minha irmã Berenice quem notou que nosso pai vinha apresentando alguns lapsos de memória. Em 1996, quando estava em Belém, levei-o para uma avaliação geriátrica com o Dr Karlo Edson Moreira, que o estudou detidamente, fez testes e pediu exames.

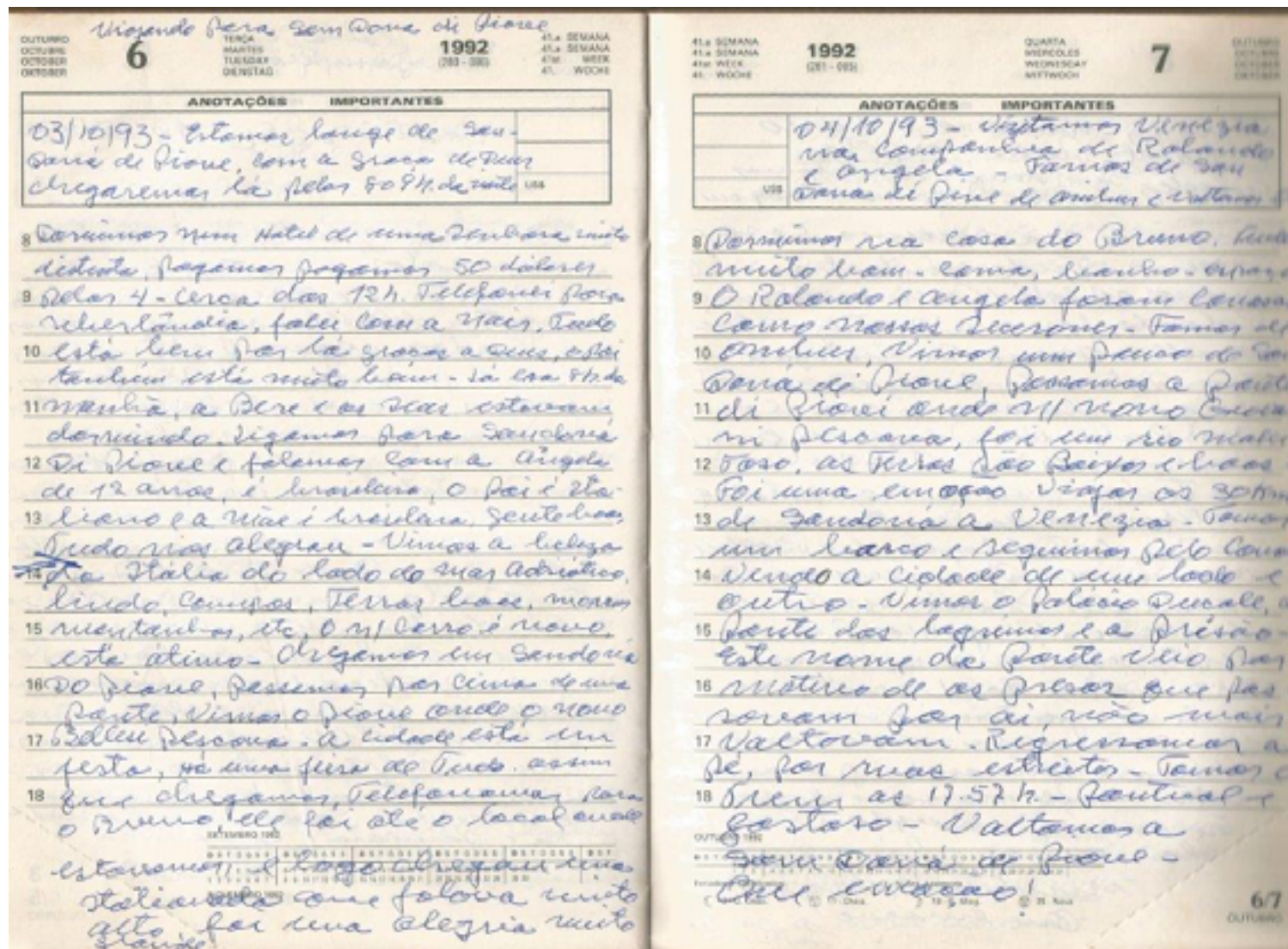
Então, me chamou e disse que o estudo médico de meu pai indicava um quadro clínico compatível com demência, possivelmente o mal de Alzheimer, recomendando confirmação de médico neurologista. Reuni todas as informações do geriatra e levei os resultados de exames ao Professor Dr Paulo Rosado, que confirmou o diagnóstico de mal de Alzheimer.

Durante os doze anos seguintes, meu pai recebeu os melhores tratamentos disponíveis em Curitiba e ainda viveu praticamente na normalidade, com apenas alguns lapsos de memória. Em 2001, celebramos todos juntos os seus 80 anos, e meus pais ainda fizeram **algumas viagens**.

Papai, em Curitiba, foi acompanhado pelo neurologista Dr Walter Oleschko Arruda, contudo, gradativamente, foi perdendo a memória como, inevitavelmente, evolui o paciente que sofre dessa doença.



1993-09 Conselve - JBF e Maria Guilhém na praça da cidade de onde emigrou o Nonno Ambrogio Ruzzon



A chegada a San Donà di Piave foi marcada por forte emoção. Papai registrou tudo em agenda do ano anterior à viagem, mas foi fiel aos dias em que cada passeio ocorreu.

1



2



3



1. 2001, Curitiba, celebração dos 80 anos do Papai
2. 2003, Gramado, meus pais em passeio por floridas avenidas da cidade
3. 2003, Gramado, nossos pais com Berenice e Adelchi em jantar festivo

1



2



3



1. Papai e Nonno num encontro agradável
2. 2003, Gramado, nossos pais e Berenice com vestes típicas de gaúcho
3. 2003, Gramado, Papai fazendo pose com seu gesto típico



Bariloche, num frio danado, meus pais

Odilon

“Alguns anos após o diagnóstico de Alzheimer, minha mãe me pediu socorro, porque a doença de meu pai estava bem avançada. Resolvi me mudar para Curitiba a fim de ajudá-la.

Passei a cuidar de meu pai em 2005; Giovanna, minha filha caçula, tinha 3 anos na época. A doença já estava bem

avançada e, às vezes, ele até batia nas crianças, que ficavam sem entender o motivo. Eu explicava que o vovô estava doente e que era preciso ter paciência.

Quando Berenice se aposentou, ela se mudou para Curitiba e passou a tomar conta de meu pai.”

Berenice

“Desde que meu pai começou a apresentar os primeiros sintomas do Alzheimer, em torno de 1996, até o ano em que nos mudamos para Curitiba, conseguimos dar muita assistência para ele, apesar de morarmos em cidades diferentes. Fizemos várias viagens com ele, nunca o deixamos sozinho.

Ele adorava o Adelchi, meu marido, ambos se davam muito bem, tanto que assim que os primeiros esquecimentos começaram a aparecer, ele nos pediu que cuidássemos dele, mesmo sem saber ainda o que tinha. Ele nos disse: “Ainda não sei que doença é, mas é horrível, estou

perdendo a memória”.

Nós nos comprometemos com ele, dizendo que até janeiro de 2007 estaríamos prontos para vir para Curitiba. Naquele momento, só não imaginávamos que seria um pouco tarde, porque quando nos mudamos, Papai já estava bem doente. Não conseguir voltar a tempo foi a única tristeza que tive, porque, quando nos mudamos, Papai não tinha mais condição de reconhecer que estávamos cumprindo o que havíamos prometido.

Por outro lado, carregamos a satisfação de ter podido

ajudar um pouco, fizemos tudo o que foi possível para auxiliá-lo. Quando Papai nos fez aquele pedido, nós morávamos em Uberlândia, e eu ainda estava trabalhando. Pedimos um tempo para ele a fim de que pudéssemos nos organizar. Levamos dois anos para vir.

Tive que me aposentar proporcionalmente, e meu marido organizou a empresa dele para trabalhar um pouco à distância. Ainda assim, ele viajava a cada quinze dias, percorrendo cerca de mil quilômetros para cuidar dos negócios e outros mil para voltar. Sempre foi muito parceiro nessa história.

Aliás, esse é um ponto que temos em comum: o respeito. Da minha parte, é um legado que aprendi em casa: a família de meu pai sempre respeitou muito a família de minha mãe e vice-versa. Minha mãe era muito bem quista na família de meu pai. Ele era adorado na família de minha mãe, como um filho. Eles sempre se referiam aos sogros e sogras como extensão da família.

E já me casei com o Adelchi com esse senso de família, algo que ele também tinha. Se não fosse o apoio que ele me deu nessas décadas todas com meus pais, eu não sei se teria conseguido. Mesmo antes de meu pai adoecer, eu já cuidava dele, porque ele passava três meses conosco e três meses em Curitiba; foi nesse vai e vem que comecei a notar os esquecimentos dele e falei com Newton. Como

Papai fazia o *check up* anual em Belém, pedi ao Newton que o levasse a um neurologista. E, assim, foi diagnosticado que ele tinha Alzheimer.

Quando nos mudamos para Curitiba, em 2007, minha mãe foi morar conosco e alugamos uma casa que tinha uma edícula destinada para ele, porque Papai ficou muito bruto, agressivo, não tinha como ficar na mesma casa. Ele cuspiu, batia na gente, fazia xixi. Aquele homem lindo, amoroso foi embora e entrou um homem totalmente desconhecido. Ficou muito diferente.

Nossa casa parecia um micro-hospital. Teve época que contávamos com cinco funcionários, porque tinha um folguista, tinha a senhora que tomava conta da casinha dele porque eram várias roupas de cama por dia, enfim. Ele foi hospitalizado várias vezes, aí veio a sonda para fazer xixi, depois para se alimentar e os últimos meses dele foram assim.

Quando ele faleceu, a sensação como família é que tínhamos dado tudo e mais um pouco em prol da proteção e dos cuidados dele. O sacrifício que fizemos para vir para cá foi grande, embora o período que passamos com ele aqui, qualquer um poderia ter passado, porque assumimos a tarefa de arregañar as mangas e ir à luta. Mas nos sentimos com a missão cumprida.”

As fortes lembranças de meu pai

Tenho grandes lembranças de meu pai e reconheço nelas muito do que sou hoje. Era um italiano intenso, de fortes realizações na vida. Sua personalidade marcante foi revelada cedo, através de seu comportamento e de suas atitudes desde o tempo de estudante.

Quando ele estava no internato, as xícaras começaram a

aparecer quebradas, e ninguém trocava, o que o incomodava muito. Ele reuniu os amigos e falou: “Hoje à noite, na hora do jantar, vamos quebrar todos os pratos e xícaras, assim a Administração será obrigada a trocar”.

Meu pai fez isso e foi arrumar as malas, porque sabia que seria expulso, mas o diretor reconheceu naquele gesto sua liderança e o tratou tão bem, que, naquele momento, ele decidiu que queria ser pastor. Minha irmã conta essa história em detalhes.

Berenice

“Quando o Papai foi estudar no Butiá, não estava totalmente convencido de que lá era o lugar ideal para dar continuidade à sua vida. Estava decidido a cooperar, mas andava meio desconfiado.

Após uns meses no Colégio, uma garota se apaixonou por ele, mas não era correspondida. Esta moça tinha como função arrumar as mesas no refeitório. Os lugares dos alunos eram marcados, e ela sabia exatamente qual era o lugar do Papai.

Como vingança pelo carinho não correspondido, ela começou a colocar xícaras sempre sem asas e já meio quebradas no lo-

cal onde Papai se assentava. Mas xícaras meio quebradas não eram um privilégio só do Papai; outros alunos também eram obrigados a fazer uso delas, já que, de forma geral, as louças andavam em estado de bastante uso e desgaste.

Um dia, Papai ficou aborrecido e já não aguentava mais usar xícaras sem asas. Comentou com alguns colegas e logo encontrou eco em sua revolta, surgindo a ideia de fazer uma manifestação pública, durante uma refeição já definida para a tal ação.

Papai daria o sinal para começar o ato de repúdio, dizendo em alto e bom tom, a seguinte frase: “Chapéu na terra,

tempo de guerra”. Após esta frase, atiraria seu chapéu no chão, devendo ser seguido por todos seus colegas participantes do movimento. Neste exato momento, todos deveriam pegar uma faca e bater nas asas restantes das xícaras, deixando assim, todas no mesmo estado. E assim foi feito. Tudo correu como combinado e a manifestação foi realizada.

Em seguida, Papai, sabendo que seria expulso por ter liderado este movimento, pegou seu chapéu e foi para a casa do diretor, professor Waldemar Hellers, para comunicar que estava saindo do colégio e pedir a devolução das mensalidades, já pagas no início do ano.

O professor Hellers recebeu-o em casa com todo o respeito possível, ouviu-o com atenção e ao final, disse as seguintes palavras: “José, você é um excelente rapaz, com um futuro muito promissor e um ser humano de bom caráter. Não vou expulsá-lo por causa do fato ocorrido, pois concordo com você que as xícaras já estavam muito usadas e feias e já estava na hora de substituí-las. Eu serei o professor que dará a primeira aula em sua turma hoje, sendo boa ocasião para explicarmos o ocorrido e dar a notícia de que você permanece no colégio”.

Papai ficou de boca aberta, pois jamais contara com tal decisão. Sua admiração e carinho pelo professor Hellers tornaram-se imensos, desde aquele momento até o fim dos dias do querido mestre.

Antes do final da história, tem outro detalhe interessante: o professor pediu à sua esposa que servisse chá com biscoitos em xícaras e pratos bem bonitos, pois nesta confusão toda, Papai havia perdido o café da manhã no refeitório e não poderia ir à aula de estômago vazio.

Não conheci o professor Hellers, mas ouvi durante toda minha vida o Papai contar essa história. Aprendi a amar esse homem tão inteligente e sensível, que por seu sábio comportamento, permitiu que Papai continuasse seus estudos e se tornasse pastor.

Dá para ver, claramente, as mãos de Deus conduzindo nosso amado pai para o caminho que havia planejado por Ele, colocando esse homem maravilhoso em seu caminho. Fico pensando que uma pessoa tão sensata como o professor Hellers deve ter ajudado muitos jovens.

Deixo aqui meu carinho e agradecimento póstumos ao professor Hellers.”

Papai pegou uma boa fama no colégio, ele tinha um espírito de liderança forte e natural. Gostava de realizar. Nisso, eu me sinto parecido com ele, também sou assim, gosto de realizar. Nem sempre me saio bem, contudo, confio muito nas pessoas e já quebrei a cara com isso, tanto que hoje tenho quem monitore os negócios. Mas meu pai tinha uma psicologia muito boa, o que o ajudava nessas relações, fruto das vivências de sua família. O Nonno havia sido tungado pelo próprio sogro e aquilo serviu de lição para **meu pai, que realmente era um sábio, um empreendedor** e, mesmo com todos os defeitos, foi um homem incrível.

Outra história que me marcou revela o quanto meu pai tinha um espírito beligerante. Certa vez, viajou do Rio de Janeiro para São Paulo e, quando chegou à rodoviária, saiu com sua maletinha em direção ao hotel onde descansaria um pouco antes de ir para sua reunião. No caminho, passou no meio de um grupo que estava na calçada de um bar festejando o fim da noite. Naquele momento, mexeram com ele, tirando sarro da maletinha, o que o deixou furioso. Meu pai partiu para cima e ‘destruiu’ todos eles.

Dizem que foi algo impressionante. Chamaram a polícia, mas meu pai foi liberado, tinha uma conversa muito boa.

Também veio da convivência com ele a minha inclinação para a Medicina. Sempre gostei dos bichinhos, das plantas, da vida... ficava fascinado ao ver como um feijão se transformava e amava mesmo os animais. Gostava da galinha Pitoca, das abelhas de meu pai e o acompanhava em um trabalho voluntário que me encantava: os adventistas mantinham uma atividade muito grande na área educacional e médica, visitando pessoas de baixa renda, levando a palavra e fornecendo alimentos. Eu olhava aquilo e pensava: quero ser médico para atender a essas pessoas também.

Deixei de ser religioso ainda muito jovem, em torno dos 17 anos, mas as virtudes da cultura adventista vivida no lar de meus pais estão alicerçadas em mim: o amor ao próximo, a tolerância, o perdão, a humildade... E, sobre esse alicerce, construído com exemplos de meus pais, edifiquei toda minha vida.

Família Böll, originária de Schleswig-Holstein, Confederação Alemã

Época e local de nascimento	Ascendentes descendentes
Década 1800, Schleswig-Holstein	Friedrich Dettlef Böll & Magdalena Krüger
Década 1830, Schleswig-Holstein	Ludwig Böll *1831 & Charlotte Baasch *1837 (filha de Wulf Heinrich Christian Baasch & Magdalena Christina Getkopf)
Década 1860, Rio de Janeiro	Christian Dettlef Böll , *29abr1862 +29jan1951 & Marichen Deucher, filha de Johann Deucher & Christina Margaretha Von Rüpp
Década 1890-1900, Santa Catarina	Manoel Böll *20mar1895 +10mar1982 & Guilhermina Heinz *22abr1900 +26out1989
Década 1920, Santa Catarina e São Paulo	Nair Böell *01ago1929 +29jul2021 & José Bellese Filho *12fev1922 +14set2008
Década 1940, Santa Catarina e Pará	Newton Bellese *06abr1947 & Lia Marques Bellesi *02mai1949
Década 1970, Pará	Rodolfo *13nov1971, Beatriz *12mar1974 e Marcio André *12nov1976
Décadas de 2000 e 2010, Pará ¹ e Lisboa ²	Roger¹, João Pedro¹, Marina², Laura², Miguel¹, Isaac José¹ e Davi¹
<i>Imigraram em 1852 da Dinamarca para o Brasil (Fazenda Independência, Província Rio de Janeiro. Relacionados na Colônia Teresópolis em 23jan1861, Lote número 8 - 50.000 braças quadradas, Rio Miguel, margem direita).</i>	

Filhos de Manoel & Guilhermina: Leonardo, Adelina, Nair, Clarêncio, Almira, Roberto, David e Holberto; além de duas irmãs que faleceram novinhas, cujos nomes não ficaram registrados na memória.

Filhos de Nair & José: Newton, Odilon e Berenice.

CAPÍTULO 3

Construindo caminhos

São os passos que fazem os caminhos

Mario Quintana

Comecei a pensar em ser médico aos 5 anos de idade. Um fato marcante, um ano depois, reforçou esta decisão. Lembro-me bem daquele dia. Mamãe recebeu a visita de um médico, que chegou em casa com u'a maletinha na mão e quando saiu do quarto, deixou um bebê em seus braços.

Não entendia como, tampouco sabia que Mamãe estava grávida. Minha única percepção, até então, era a de que ela estava gordinha – diga-se de passagem, o que achava um pouco feio, afinal, apenas a sua barriga tinha crescido. E justamente por não ter a menor ideia de como aquilo havia acontecido, vi naquele médico um milagre... Fiquei fascinado.

Mais tarde, esse sonho foi reforçado nas ações dos adventistas, que saíam em viagem com as lanchas Luzeiro, um projeto atuante desde a década de 1930, em que voluntários dedicam um período de suas vidas para oferecer serviços de saúde à população ribeirinha da Amazônia.

Era um trabalho muito bonito, documentado em fotos que

eram acessíveis nas igrejas adventistas através de projetores de slides - o máximo de modernidade da época - mostrando detalhes das ações realizadas, o que me encantava. O cuidado que tinham com os ribeirinhos me chamava a atenção, achava aquilo fantástico, sempre gostei de cuidar das pessoas.

Aliás, até hoje, quando alguém comenta que quer cursar Medicina, eu digo que, para se tornar um bom médico, é preciso gostar de pessoas, empenhar-se em aliviar suas dores, gerar algum benefício, um sorriso, promover bem-estar, enfim, fazer com que elas se sintam melhor. Se o candidato a médico não tem esse dom, deve escolher outra profissão. Vida de médico é dura, às vezes um pouco frustrante, exige muito estudo e atualização constante, então, é preciso realmente gostar do que se faz.

Na verdade, ainda menino, eu sonhava em fazer um trabalho como aquele que os adventistas faziam, contudo, quando concluí a graduação em Medicina, eu já não tinha mais fé religiosa que seria meu passaporte para ingressar como

missionário na Organização Adventista. Mas em minha criação, aprendi muito sobre o amor, o perdão, a humildade e a importância de fazer o bem.

Minha mãe atuava no Ministério das Dorcas, que recebe e prepara roupas e alimentos para os pobres e necessitados, além de outras atividades como visitação, trabalhos domésticos, enfermagem caseira, aconselhamento, enfim, sempre a vi fazendo o bem. Hoje sou contra dar esmolas, mas sou absolutamente a favor de ensinar a pescar, mesmo que te-

nhamos que ser os responsáveis por providenciar a vara, o anzol e a linha.

E ainda que não tenha mais fé religiosa, cultivo como princípio de vida fazer o bem, prática que desenvolvi ao longo dos anos sobre um alicerce muito bem estruturado por meus pais. Notadamente, quando olho para o meu passado, vejo que as lições aprendidas vieram cedo, e se instalaram aos poucos – por meio do amor ou da dor – impingindo coragem para enfrentar os desafios da vida.



Demilson Bellese Guilhem, meu primo

“O Newton tem um lado humano e muito ligado às pessoas. Embora não tivéssemos muito contato, até porque ele é 11 anos mais velho que eu, sempre tivemos afinidade, ele é um primo muito querido.

Até hoje, quando vem a São Paulo, saímos para passear, e isso é algo que me enche de alegria. Ele é sempre muito interessado em conhecer coisas novas, é muito saudável, preocupado com a alimentação, divertido, enfim, o Newton é uma pessoa agregadora, que gostamos de ter por perto.”

A coragem forjada nos desafios da infância

Desde os primeiros dias em sala de aula, aprendi que precisava ter um bom comportamento. Na Escola Primária Adventista de Guarapuava (PR), a disciplina era muito grande.

Não me lembro de nenhum colega desse tempo, mas não me esqueço do professor Haroldo Linhares, o mestre que me ensinou a ler e a fazer as quatro operações, que impunha respeito só com o seu olhar.

Meu pai também era um homem severo. contei no Capítulo 2 sobre a esfrega que levei porque uma pinha caiu em minha cabeça. É verdade, eu era arteiro, gostava de ser livre. Mas também é verdade que Papai talvez fosse exigente demais.

De Guarapuava, nos mudamos para Campo Mourão, onde fui matriculado no 2º ano da única escola primária da cidade, mantida por freiras. Era diferente. A professora não conseguia me olhar com bons olhos por não participar dos rituais católicos, o sinal da cruz, as rezas. Meus pais sabiam e me davam instruções de como me comportar. Era um tempo de conflitos entre católicos e evangélicos.

Numa ocasião, não me lembro porque, a freira-professora me ‘deu um carão’, chamando-me de sabatista do diabo. Fiquei muito constrangido, tinha apenas 7 anos, chorei e contei em casa o que havia acontecido. Meu pai foi à escola conversar com a diretora, voltando preocupado.

Nos dias seguintes me chamou dizendo que iria continuar os estudos no 2º semestre em Santa Fé, na escola pública de Santa Fé, onde tia Elza, esposa do tio Jico (Orlando, irmão de Papai), era professora. Moraria com os nonnos, que já não tinham mais filhos em casa.

Guardo *flashs* de memória da viagem pelas estradas de terra deixando um rastro de poeira – não havia um único quilômetro de pavimentação nas cidades de Campo Mourão e Santa

Fé, ou entre elas, talvez um pequeno trecho em Maringá – , a travessia em balsa acionada por dois homens fortes que usavam umas chaves de madeira para puxar / levar a balsa, presa a cabos de aço cheios de graxa preta, de um lado ao outro do rio, os acepipes – peixe frito, pão com carne moída – servidos a bordo, o transbordo de ônibus em Maringá...

Com os nonnos, ganhei um quartinho estreito e longo ao lado da copa. Estava bem acomodado naquela casa de madeira, bem construída, pintada de verde e muito limpa. Se recebi alguma instrução de como deveria me comportar, não me lembro. Meu interesse concentrava-se do meu quarto para os fundos, passando pela copa, cozinha, despensa, área coberta onde ficava o poço d’água, o depósito e um quarto para receber hóspedes. Dali, abria-se um enorme terreno varrido, com galinhas, pomar e horta contornados por cerca de madeira, forno de tijolo, garagem sem carro, mas com aquele quintalão maravilhoso. Ali, sim, eu ficaria bem, poderia brincar à vontade, pintar o sete.

Não me impressionei com a Nonna e o Nonno, que já conhecia, mas sem nenhum afeto especial. A comida era boa, o cheiro do café sendo torrado, moído e coado transcendia toda a cidade, cercada por grandes cafezais. Era um cheiro com o qual não estava acostumado, mas que apreciava, embora achasse o café muito amargo. Com o tempo fui gostando cada vez mais da Nonna cuja figura me aparece sempre enxugando as mãos no avental.

O Nonno passava o dia na ‘Máquina’, a usina de descascar arroz que operava com o tio Joanim. No mesmo grande terreno cheio de mangueiras e outras fruteiras, ao lado da Máquina – que era acionada por um motor barulhento cujo escapamento saía num buraco – moravam os tios Maria e Joanim – que logo se mudaram – e mais ao fundo, tia Elza e tio Orlando, do qual não me lembro de ter visto por lá.

Era divertido andar por sobre a sacaria, brincar no monte de palha de arroz, comer o farelo e passar tempo vendo a movimentação da indústria, o Nonno classificar e negociar o cereal que os agricultores traziam para descascar.

Almoçava com os nonnos lá pelas 11h seguindo para a casa da tia Elza, onde ainda pegava uma rebarba do seu almoço, especialmente se houvesse linguiça frita, que ela carinhosamente guardava para mim. Dalí caminhávamos até a Escola Pública de Santa Fé, com aulas entre 13h e 17h. Embora estivesse no segundo ano primário, fui matriculado no 3º ano, que era o da turma que tia Elza ensinava. Ela me ajudava muito e acabei dando conta do recado.

Em casa Nonna me encarregava de algumas tarefas, como moer o café para ser colocado no coador, passar a massa do pão no cilindro e ajudar a assar o pão, a cuca, o amendoim, o café e a batata doce; colher almeirão e outras verduras; ajudar a varrer o quintal. Ela era muito amorosa, embora não

fosse de usar palavreio adocicado, e uma grande educadora, embora não falasse muito.

A situação melhorou muito para mim, guardo boas lembranças daqueles tempos em que morei com meus nonnos e tive aula com tia Elza.



Tia Elza, minha querida professora do 3º ano primário, no 2º semestre de 1955, no Grupo Escolar de Santa Fé



Tia Elza Bernardino Bellezi

“Tinha 16 anos quando conheci o Orlando em Santa Fé, em 1953. Um ano depois estávamos casados. Quando estava com a família dele, sentia-me muito bem, o ambiente era diferente. Dois anos depois comecei a dar aula para o Newton, ficamos muito ligados.

Ele passava um bom tempo comigo em casa. Era muito esperto e ativo. Enquanto eu estava na cozinha preparando o almoço, ele se sentava embaixo da mesa e ali ficava conversando comigo. Eu fazia umas lingüicinhas fritas, que lhe agradavam demais. Era um menino de coração grande, gostava de ajudar as pessoas, característica que mantém até hoje.

Nossa casa ficava a quatro ou cinco quadras da escola; a casa da Nonna ficava a um quarteirão e meio da nossa, então, ele ia sempre que tinha vontade e eu o recebia com muita alegria. Newton era companheiro, procurava sempre ajudar em algo, era a alegria da casa.

Estudou um semestre comigo, em 1955. Santa Fé pertencia ao município de Astorga, e eu tinha começado a lecionar fazia dois anos. Era uma escola nova, prédio de madeira, **carteiras que acomodavam três alunos** espalhadas em duas amplas salas de aula, separadas por uma grande área. Naquela época havia seis turmas em três períodos. No início,

dei aula para o primeiro ano em uma sala; depois para o segundo e o terceiro, que ficavam juntos em outra. As crianças tinham que levar o tinteiro e na carteira havia o lugar para molhar a pena das canetas, era bem peculiar.

Todos os dias depois do almoço, Newton passava em casa e íamos juntos para a escola. Às vezes, ele se atrasava e eu não podia esperá-lo, mas ficava espiando da sala de aula para ver se o enxergava. Então, o via lá em cima, de calça rancheira,



Modelo de carteiras das salas de aula na minha época de estudante

pulando os restos de derrubada do cafezal e descendo na direção da escola.

Apesar do atraso eventual, Newton era um aluno comportado, nota dez em disciplina e em aproveitamento. Não tinha paciência para fazer tarefa e nem para estudar, o que me causou preocupação no início, pois não trazia as lições de casa. Mas comecei a perceber que na prova se saía melhor do que os colegas e acabava se sobressaindo na turma. Isso porque prestava muita atenção nas aulas e era um menino inteligente, gravava toda a matéria e sempre tirava notas altas.

Inocência e bondade

A Nonna, às vezes, chamava a atenção dele para alguma arte, mas Newton era obediente e nos divertíamos com o seu jeito. Ele fazia uma trouxinha de lanche e dizia que iria acampar. Lembro de uma vez em que voltou de um desses passeios e disse: “Nonna, fui acampar num lugar todo cercado, onde tinha várias mulheres morando - ciganas (?) - , mas quando me viram, me jogaram água e saí correndo”. Naquele dia, chegou em casa todo assustado, e a Nonna riu de sua história e de ver a inocência em seus olhos.

Em geral, Newton estava sempre sozinho, não era dado a amigos. Tinha bom relacionamento com os alunos, mas não ficava pelas ruas atrás da molecada, gostava mais de ficar com a família. Outra curiosidade é que ele tinha muitos sonhos, vivia traçando planos, idealizando algo e buscando uma maneira de realizar.

Uma vez, viu uma senhora ser expulsa de um estabelecimento comercial por ter pedido comida no local. Newton foi correndo atrás da mulher e disse: “Não fique triste, vou arrumar dinheiro para a senhora comprar o que precisa”. Foi para casa e disse: “Nonna, quero fazer uma caixa de engraxate”.

Ao ouvir aquilo, a Nonna ficou toda feliz e disse: “Olha, o ‘Nirto’ quer trabalhar”, e o ajudou como pôde: deu-lhe uns trocados para comprar graxa e uns trapos para engraxar os sapatos. Depois dos primeiros trabalhos, Newton foi até a casa daquela senhora que estava pedindo comida e levou umas moedas para ela.”



Final dos anos de 1950, Santa Fé, José Bellesi com meus filhos Landinho e Waldinha, meus sogros e eu em frente à casa deles

No final do ano letivo de 1955 retornei para casa, em Campo Mourão. Papai havia obtido autorização e estava animado e atarefado concluindo a construção de uma escola no grande terreno da Igreja, que deveria começar a funcionar no início de 1956. E assim foi. Em fevereiro desse ano a escola foi inaugurada, passando a funcionar para as 3ª e 4ª séries primárias. Fui matriculado na 3ª série, novamente, porque meus pais me achavam muito novo para seguir na 4ª. Completei a 3ª série nesta escola.

Outra experiência marcante da minha infância aconteceu a



1956, Campo Mourão PR, inauguração da Escola Adventista. O primeiro do lado esquerdo sou eu, com meu pai logo atrás

partir do final de 1956. Curioso, ao ver minha mãe preparando um enxoval, fui ficando por perto até perceber que era para mim, pois iria para o internato. Embora não sabendo bem do que se tratava, me sentia o máximo...

Dois meses antes de completar 10 anos, em fevereiro de 1957, com enxoval, mala e tudo, no velho fordeco 29 fomos, toda a família, para a pequena estação de passageiros do Aeroporto de Campo Mourão. Após os procedimentos e as despedidas chorosas fui entregue aos cuidados da tripulação e embarcado num voo para Curitiba. Nunca havia entrado em avião. Era um Douglas C 47 da Real Aerovias. Pareceu-me enorme e fazia um barulho tão grande que o tornava ainda maior. A pista não era pavimentada e o avião bimotor decolava levantando um poeirão apocalíptico. Gostei muito da viagem e do inesperado serviço de bordo. Estava faceiro.

Quando chegamos a Curitiba fui entregue pela aeromoça a uma pessoa desconhecida que estava me esperando. Levou-me para a sede da Associação Paranaense da Igreja Adventista e de lá, de ônibus, para um lugar chamado Pinheirinho, uns 10 km do Centro. O dia já estava terminando e o Internato ficava longe, cerca de 3km por uma estradinha vicinal.

Essa foi a pior parte da viagem, pois mesmo ajudado por algumas outras pessoas que também se dirigiam caminhando para a Escola, era penoso carregar as duas malas, uma com roupa de cama e banho, e outra com minhas roupas e objetos pessoais.

Ginásio Adventista Paranaense, o GAP

Chegando ao destino fiquei admirado com as plantações de eucalipto, os pinheiros, as edificações, jardins e caminhos. Fui apresentado ao preceptor, Pastor Albino, que me instalou na creche, um alojamento com uma dúzia de camas e armários destinados ao acolhimento dos pequerruchos, uma reservada para mim. O encarregado era o Tio Nene, alojado no quarto ao lado, separado da creche por parede com uma abertura de vidro, por onde ele podia acompanhar a movimentação dos meninos.

Logo que abri as malas e arrumei minha cama tocou o sino indicando a hora do jantar, às 18h, no refeitório que ficava no dormitório das moças, uns 150m de distância do nosso. Tudo novidade, muita gente, cerca de 300 meninas, meninos, professores e funcionários, tudo festa. Ao retornar, às 19h45, na capela do dormitório assistimos o culto noturno diário, nada de novo, estava habituado com os cultos domésticos.

Ao retornar para a creche começou um tempo difícil. À noite, sozinho, comecei a ficar triste. Um de meus vizinhos de cama era um menino bom, gordinho, com quem fiz camaradagem, atenuou o sofrimento, mas não foi suficiente. Bombeiro - era o apelido dele, pois fazia xixi na cama - também estava triste sentindo falta de casa.

A situação piorava principalmente quando as luzes eram apagadas - rigorosamente às 21h45 - , chorava com sauda-

des de casa sentindo falta de minha mãe. Tinha pesadelos, vendo-a verde, imóvel em um féretro. Era terrível...!

Alguns parentes como o tio Nene, o primo Leonardo (Bubi), a prima Nadir, e conterrâneos de Bom Retiro, os irmãos Joel, Josué e Ataliba Capistrano e ainda o gentil Rubens Crivellaro e mais as ocupações do Educandário ajudavam a atenuar a falta da família.

A rotina da instituição era rígida. Às 5h45 o despertar acontecia mediante o som irritadiço de um sino badalado insistentemente pelos corredores, por um dos alunos mais velhos. Levantávamos, arrumávamos a cama e em seguida a epopeia do banheiro de nosso pavimento: mais de 50 meninos entre 9 e 16 anos tinham apenas meia hora para atender às necessidades, tomar banho, alguns, fazer a barba, voltar para o alojamento, colocar roupas, seguir para o culto matinal às 6h15 e chegar ao refeitório para os desjejum, o que acontecia entre 6h30 e 7h.

O ritual do refeitório era uma festa: mesa de seis lugares compartilhada por uma turminha de famintos, com serviço atendido por colegas, alunas treinadas, muita conversa, uma balbúrdia moderada pelos preceptores.

A refeição matinal era constituída de uma fruta, leite com cevada tostada (substituindo café), mingau de aveia, fubá ou chocolate, pão integral, margarina, geleia, mel ou melado de cana, às vezes, queijo. O pão era de muito boa qua-

lidade. A maioria dos alunos levava um sanduíche para comer como lanche na hora do recreio, em torno das 9h30.

Às 7h30 em ponto começavam as aulas que se estendiam até as 11h45. Estava matriculado no 4º ano primário e no curso de admissão ao ginásio. Era inquieto, e permanecer quatro horas sentado assistindo às aulas não era tarefa fácil, algumas vezes quase dormindo.

Ao meio-dia o almoço ovolactovegetariano - sem nenhuma carne - era servido. Depois de algumas semanas a comida - apelidada de concreto - passava a ser menos apreciada.

Alguns alunos saíam no final de semana para visitar a família - quando moravam próximo - ou para uma churrascaria em Pinheirinho ou em Tatuquara. Constituíam-se oportunidade para tirar a barriga da fome. Era uma felicidade sentir o cheiro e o sabor do churrasco. Chegávamos às 11h para sermos os primeiros a entrar e começar a desfrutar os prazeres da carne... Algumas vezes permanecíamos até às 14h ou 15h comendo, alguns, fazendo um pequeno "intervalo emético" para começar novamente. Saíamos de lá empanturrados.

Às 13h começava o horário de trabalho educacional - serviços de jardinagem, limpeza, manutenção - que prosseguia até às 15h. Fazia parte do currículo diário duas horas de trabalho, o que considero muito interessante, até porque nos preparava para a vida.

Algumas vezes, trabalhei na casa do diretor, o Pastor Rubens Segre Ferreira, grande amigo de meu pai; e a dona Cecília, sua esposa, me premiava com deliciosas lingüicinhas fritas, que tinham um valor especial.



1958, Curitiba. GAP, Dona Cecília, Pastor Rubens com os filhos Marilda e Reinaldo

Depois das 15h, estávamos livres para ir ao campo de esportes, passear pelas matas, visitar os estábulos e a leiteria, o pomar, ou permanecer no alojamento. Jogávamos futebol, basquete, bola queimada e, embora a quadra fosse muito primitiva, de terra ainda, aquele era um momento muito esperado por todos nós.

Às 16h30 deveríamos estar no dormitório para o banho e uma hora de estudos. Quando tocava o sino, sinalizando que acabava aquela jornada, saíamos correndo para o refeitório. Era hora do jantar e todos estavam famintos.

Depois ainda havia um culto de 15 minutos e nova rodada de estudo até às 21h30, com pequeno intervalo às 20h. Às 21h45 tocavam o sino e apagavam as luzes, tínhamos que estar na cama. Até hoje, o meu relógio biológico funciona assim: acordo em torno das 6h e gosto de dormir entre 21h30 e 22h.

O tempo de escola foi passando, mas as saudades de casa, não. Na manhã de um sábado de abril, ao descer da capela / auditório para o banheiro, não acreditei no que vi: minha mãe havia chegado de surpresa. Comecei a chorar convulsivamente, correndo para abraçá-la. Em seguida vi um homem que me pareceu muito familiar e também o abracei, pensando que fosse Papai; era meu tio Sílvio. Abracei-o fortemente. Até hoje me lembro da intensidade desse momento.

Com o tempo fui me adaptando àquele local e às rotinas.

Quando fiquei um pouquinho maior fui transferido para um quarto - havia uns 40 distribuídos nos dois andares do dormitório. Em cada um residiam quatro meninos, um mais velho, mais experiente para ajudar a manter a disciplina.

As meninas eram em menor número. Instalações de cozinha, refeitório, padaria e lavanderia ficavam no mesmo prédio do dormitório feminino.

Atrás do dormitório masculino tinha algo de que eu gostava muito: uma caldeira onde se esquentava água para tomar banho. Eu achava incrível, na verdade, aquilo era algo novo para mim, porque tomar banho sempre tinha sido muito difícil, era preciso esquentar água em panela ou rabo quente, ou ainda utilizar um tipo de chuveiro que precisava ser abastecido com água quente. Funcionava assim: descíamos o latão com chuveiro até o chão, enchíamos de água e depois o erguíamos, mas ainda assim, saía pouca água, não era muito bom. E quando cheguei ao colégio e vi aquela abundância de água e ainda quente, achei fantástico, fiquei maravilhado.

Outra característica que me chamou a atenção é que havia vários boxes onde ficavam os chuveiros e os vasos sanitários, mas em nenhum deles havia porta, nem para tomar banho e nem para atender às necessidades. Saíamos do quarto embrulhados em toalha, mas no banheiro todos nós ficávamos pelados, não havia maldade.

Além disso, o vaso sanitário não era como esses que temos hoje, era bacia turca, que se usa agachado, não sentado. Aquilo era tudo bem diferente para mim, mas logo me adaptei, até porque era tudo muito rápido.

Nossa rotina era cheia e nunca tive muita paciência para prestar atenção aos cultos, muitas vezes, eu dormia durante a oração. Alguns professores faziam uma oração muito longa, eu ajoelhava de frente para o assento do banco, apoiava a cabeça nos braços e dormia. Quando a oração terminava, quem estava do lado me alertava com um cutucão: era tempo para sair. Na igreja, com os meus pais, também era assim, ficar acordado era um sacrifício, e eu sempre acabava cochilando.

Enfim, lembro-me de muitos detalhes desse colégio, onde passei cinco anos da minha vida. Houve períodos desafiadores, mas, como preconizou Charles Darwin, sobrevive o que melhor se adapta. Eu sobrevivi.

Curso Ginásial

Durante o curso de admissão ao ginásio, tirei notas muito boas, até me integrar com a bagunça do colégio, então, comecei a tirar notas baixas. Mas logo chamaram minha atenção e voltei a estudar mais.

Fiz o curso ginásial de 1958 a 1961. Ali era mais parecido com

o que vemos hoje, as aulas de 40 minutos com 10 minutos de intervalo, e os professores iam trocando de sala. Tínhamos cinco aulas de português por semana, então, todo dia havia uma tarefa dessa matéria, como escrever um texto, uma carta ou produzir algum conteúdo. O professor de português chamava-se Sílvio Schoenberg.

Também me lembro da professora Helena, de quem gostávamos muito, tanto porque ela ensinava desenho, quanto porque ela era linda e falava com suavidade. Aliás, durante minha adolescência, tive muitas paixões platônicas.

Minha primeira namoradina no colégio chamava-se Aydée Schweitzer, irmã do meu melhor amigo, o Aurélio Schweitzer. Ela conseguiu servir a mesa onde eu fazia as refeições e colocava os talheres bem arrumadinhos, o prato mais bonitinho, e quando ela passava para servir, eu me derretia todo. Quando nós íamos à capela, para o culto das 7h, eu olhava todas as filas para tentar me sentar na mesma fila em que ela estivesse - e vice-versa, esse era o nosso namoro. Apaixonei-me também por outras meninas do colégio, muitas nem souberam dessa paixão. Eram namoricos sem malícia.

Uma a duas vezes ao ano eram organizados acampamentos em praias para alunos com média boa. Lembro-me de ter participado de alguns nas praias de Matinhos, e outra

vez em Caiobá, próximo a Paranaguá. A viagem de trem era muito divertida, com brincadeiras, ‘mosquitinhos’, pasta de dentes ou graxa de sapato nas pálpebras de quem estivesse dormindo, cânticos... Algumas vezes dormíamos em barracas, outras em casas alugadas ou cedidas, a comida era diferente, passeios eram mais ou menos livres, desde que comunicássemos para onde iríamos. Após um dia inteiro na praia, como não havia protetor solar, ficávamos muito queimados de sol, ardidos, alguns dias depois, a pele se soltando.



1960, Paraná, sobre uma baleia de 19m encalhada na Praia do Leste, com colegas do GAP

A chegada dos meus pais

No início de 1960, meu pai foi transferido para o GAP, então saí do internato e fui morar com eles. Nossa casa ficava entre o dormitório dos rapazes e a quadra de esportes, uma edificação de madeira bem feita, simples, mas muito agradável. No entanto, meu pai não ficou muito tempo em Curitiba, logo aceitou o convite de seu grande amigo - Rubens Segre - e se mudou com Mamãe e Berenice para Poços de Caldas, Sul de Minas. Odilon e eu ficamos no internato, onde concluí o curso ginásial em 1961.



1961 Curitiba, GAP, em minha formatura ginásial

A disciplina no colégio foi uma experiência muito boa. Embora na época achasse um ‘saco’, tem me ajudado durante toda a vida. Consegui ter um curso ginásial relativamente bom, um sólido alicerce moral que me ajudou a crescer e a me desenvolver dentro de padrões elevados de civilidade e de civismo.

Ainda hoje me lembro com carinho e saudades de vários de meus professores: a professora Adelina Passos ensinava

francês, antes das provas anunciava com acento: ‘colô, zer-rô’; o professor Milton Caputo ensinava matemática, que eu tinha dificuldade para assimilar; o professor de latim se chamava Elemer Hasse, era um homem muito culto, que falava alemão, inglês, latim e grego, além de português, e também ensinava música. Ele regia e gostava que participássemos de canto solo, duetos, trios, quartetos e do coral. Cheguei até a pensar que poderia ser cantor...

Nova cidade, nova fase, novos desafios

Após férias encantadoras em Poços de Caldas, em 1962 fui para o Colégio Adventista Brasileiro (CAB) que, naquele ano, ganhou a denominação de Instituto Adventista de Ensino. Fundado em 1915, o colégio fica no bairro Capão Redondo, em São Paulo, próximo a Itapeverica da Serra, instalado numa fazenda enorme, era muito bonito. Ali passei pelo 1º ano do curso Colegial.

Em 1963, ao retornar das férias em Poços de Caldas, quando deveria começar o 2º Colegial, sem autorização de meus pais, não me lembro como, consegui obter a documentação para me matricular em outra escola, já que tinha planos de ir para o Rio de Janeiro.

Assim que cheguei ao Rio procurei apoio na Associação Rio-Minas da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), onde o pastor Rubens Segre era o presidente. Deve ter telefonado

para o meu pai a fim de saber como eu estava ali, no Rio de Janeiro... Tudo muito estranho, pois encaminhou-me para trabalhar como empacotador de livros na seção dos colportores, evangelistas vendedores de livros. Meu pai deve ter concordado com minha aventura para ver no que ia dar.

Trabalho resolvido, mas não tinha onde me alojar. Tenho vaga lembrança de que, quando eles fecharam o local ao final do expediente daquele dia, me escondi e dormi em cima das caixas de livros. Digo isso porque não me recordo de ter ido para algum lugar dormir e, por outro lado, não me consta que as sonecas sobre os livros, depois do almoço, fossem desconfortáveis.

Mas, na verdade, aquele foi outro período bem difícil porque eu não sabia telefonar, não sabia pegar ônibus, alguns transportes coletivos eram lotação, então, eles não paravam quando estavam lotados; e eu não entendia o porquê e me sentia arrasado. Aquilo que era banal para a maioria das pessoas, representava uma enorme dificuldade para o matuto que tinha ficado seis anos em internato.

O local mais barato para comer era um restaurante da UNE (União Nacional dos Estudantes), chamado Calabouço, um lugar bastante bagunçado e cujo cardápio diário era o mesmo durante todo um mês.

E precisava me matricular em uma escola para prosseguir os

estudos, o que consegui, também, com a ajuda do pastor Rubens, matriculando-me na ACM (Associação Cristã de Moços), na Rua da Lapa, para cursar o 2º Colegial. Era um ótimo estabelecimento de ensino, com quadras de esportes cobertas, bons e aplicados professores, inclusive, o melhor professor de português que tive na vida, o Professor Petrônio.

Algum tempo depois, com a ajuda do amigo Sílvio, que conhecera no Calabouço, consegui emprego para trabalhar entre 12h e 18h no escritório da empresa Setal Koppers, que ficava na Avenida Rio Branco, ao lado do prédio do Ministério da Educação, onde havia uma biblioteca surpreendente. A Empresa prestava serviço para a Petrobras, e eu era o *office boy*. Sentia-me um vencedor como empregado com carteira assinada e 21 mil cruzeiros por mês.

Nosso chefe era o engenheiro Francisco Landsman, que consumia refeições da Confeitaria Colombo. Em torno do meio dia, o Engenheiro me entregava sua encomenda por escrito e, caminhando apressadamente, ia comprar o seu almoço que ele nunca consumia completamente. Eu, muito curioso, ao limpar sua mesa, deleitava-me com sobras dos azeitões, como camarão que, por questões religiosas nunca havia consumido.

Num certo dia, atendendo à chamada do Dr Landsman pela campainha, recebi os manuscritos das cartas que Dna Tere-

zinha - que não havia chegado - deveria datilografar. Como não queria falar nada da colega superiora, datilografei as cartas. O Dr Francisco ao examiná-las comentou que 'Dna Terezinha estava cada vez pior', mas fiquei quieto. Ele as assinou entregando-me para levá-las à Petrobras. No dia seguinte, ela foi explicar sua ausência ao nosso chefe, que questionou, então, quem havia datilografado aquelas cartas. Assim que soube, me chamou em sua sala imediatamente. Quando cheguei, confesso, um pouco assustado, ele disse que ia me dar um aumento pela iniciativa e me orientou a ir treinando a fim de substituí-la quando necessário.

Como estava ganhando melhor pude compartilhar o apartamento de meu amigo Sílvio, que na verdade se chamava Severino Almeida de Jesus, um paraibano da roça que havia se mudado para o Rio de Janeiro, trabalhava como propagandista do Laboratório Parke Davis e estudava Direito à noite. Ele alugava um apartamento na Lapa, próximo da ACM, um local bagunçado, mas me acolheu afetosamente, me ensinou muitas coisas e se tornou uma espécie de tutor.

Mais tarde, comprou um apartamento pelo Sistema Financeiro da Habitação no bairro do Botafogo. Era um apartamento de três quartos, fiquei muito bem acomodado, com um quarto só para mim. E nos finais de semana, me levava para jogar buraco e almoçar com sua noiva Dna Terezinha, que morava em frente ao campo do Fluminense, no bairro

das Laranjeiras. Aos domingos, às vezes, íamos almoçar no Largo do Machado, onde tinha um restaurante português que fazia um bife de caçarola inesquecível.

Naquela época eu ainda frequentava os cultos adventistas, inicialmente na Igreja Central, que ficava na Rua do Matoso, no bairro do Rio Comprido, e mais tarde na igreja onde ficava a Voz da Profecia, na Rua da Matriz, nº 16, onde conheci umas moças e alguns amigos com quem ia para a praia.

Minha vida transcorria bem, até que conheci o Rogelio Fernandez (Jejo), com quem fiz uma fatídica viagem para o Uruguai, largando colégio e emprego pra trás, uma real loucura de adolescente. Depois de sermos resgatados pelo irmão do Jejo, voltamos para o Rio de Janeiro e meus pais foram lá me receber. Apesar da arte, fui muito bem acolhido pelo Papai, que ainda conseguiu acertar no Colégio para que eu não repetisse de ano.

Na ocasião, em parte em consequência dessa arte, passei a residir com meus pais que se mudaram para o Rio de Janeiro, ocupando o apartamento 401 do edifício número 54 da Rua Alfredo Pinto, no bairro da Tijuca, próximo do Largo da 2ª Feira, um lugar que gostei muito. Fiz o preparatório para o vestibular à tarde, no Curso Gallotti Kehrig na Rua Álvaro Alvim, e à noite, o 3º Colegial no Colégio Veiga de Almeida, localizado na Rua São Francisco de Assis. Os professores do

Cursinho eram excelentes, aprendi muito, inclusive com o professor de Biologia que me influenciou a ter uma nova visão da Criação de uma forma que não era exatamente a que eu havia aprendido, o que tornou a minha vida religiosa mais difícil, especialmente em casa, onde tínhamos o costume de fazer orações ao menos umas cinco vezes por dia: para dormir e quando acordava, antes de cada refeição, depois havia o culto vespertino, sem contar que tínhamos que ir para a igreja aos sábados de manhã e à tarde, aos domingos e quartas-feiras à noite.

Frequentemente, com o Fábio Belz, um amigo da mesma igreja e também filho de pastor, íamos à Praça Sáenz Peña para ver as garotas, tomar uma taça de vinho e comer um salsichão e, de vez em quando, fazer uma visita à Rua Alice... práticas não recomendadas pela Igreja. Estava com 17 anos.

Um dia, numa crise de consciência, o Belz pisou na bola: deixou chegar ao pastor Torres, da Igreja Central, que ‘frequentávamos nossos pequenos pecados’. Em consequência, fui chamado para uma reunião com os anciãos da igreja para uma sabatina. Concordando com todas as colocações, fui questionado se estava arrependido e se pretendia mudar minha postura dali em diante. Declarei que não e eles encerraram a reunião. Alguns dias depois, fui comunicado de que havia sido excluído, o que, na Igreja Católica, corresponde à excomunhão. Um procedimento

incomum, pois normalmente questões como essa eram tratadas com mais cuidado e bondade. Logo depois, soube que o pastor Torres tinha uma diferença com meu pai, o que explicava a forma como pequenos deslizes foram tratados: era uma maneira de atingir meu pai. Como eu já havia passado pela fase mais difícil no relacionamento com meus pais, me senti aliviado e não quis mais tratar do assunto, uma vez que a minha fé religiosa estava quebrantada.

Certa vez, eu estava na expectativa para participar de um acampamento em Satulina, Rezende, com amigos da igreja, que continuava frequentando eventualmente. A partida do ônibus coincidia com a última prova do vestibular para Medicina, realizada no Maracanã. Respondi às questões com a metade da cabeça na prova e a outra metade não querendo perder o passeio. Quando veio o resultado, faltava um ponto para eu passar. Tive que começar a estudar tudo de novo.

Era jovem e, muitas vezes, inconsequente. Sinto muito ter causado sofrimento aos meus pais, mas não sei se poderia ter sido diferente. Era a minha natureza...

A graduação em Medicina

Meu pai me convidou para acompanhá-lo ao Galeão levando Zildomar Deucher e Nicanor Reichembach, primos de minha mãe, que viajariam para Belém, capital do estado do

Pará, no Norte do Brasil. Era o mês de outubro de 1965. No aeroporto, enquanto aguardávamos a chamada, os primos me perguntaram o que eu fazia. Quando respondi que estava me preparando para o vestibular de Medicina, eles sugeriram que eu estudasse na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde o Hospital Adventista de Belém, do qual eram os diretores, oferecia muitas possibilidades para os estudantes, como uma república, refeições, trabalho e treinamento. Além disso, o curso de Medicina da UFPA era considerado o 5º melhor do País.

Olhei para meu pai, percebendo sua concordância. Então argumentei com os primos que àquela altura já não seria mais possível fazer a inscrição para o vestibular, ao que responderam que se a documentação chegasse nas duas semanas seguintes, eles dariam um jeito.

Cheguei em Belém no dia 06 de janeiro de 1966, uma quinta-feira. Viajei num avião quadrimotor DC4 do CAN (Correio Aéreo Nacional) da FAB (Força Aérea Brasileira). Quem conseguiu essa viagem para mim, como cortesia, foi um amigo de meu pai, que era suboficial da Aeronáutica, o José Maria da Luz Mescouto. Saímos da Base Aérea do Galeão no Rio de Janeiro para Recife no início da manhã da quarta-feira, dia 05. Chegamos no final do dia, pernoitando no mesmo hotel da tripulação.

Aproveitei para fazer um passeio pelas imediações. Foi a primeira vez que vi literatura de cordel, uma manifestação literária tradicional da cultura popular brasileira, com grande destaque nos estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Embora ainda no Nordeste, comecei a perceber que o Norte seria diferente...

Chegamos a Belém no dia 06, depois da habitual chuva da tarde. Um bafo quente nos surpreendeu ao chegar à porta do avião. Embora seco o asfalto, poças de água pareciam recentes. Peguei um táxi no singelo Aeroporto com destino ao Hospital Adventista de Belém. Além do calor abafado, o táxi era velho, a estrada primitiva com buracos e mato nas beiras, mas o motorista era muito simpático. Chegando ao Hospital fui recebido por um dos administradores, chamado Isaías.

Fiquei hospedado em uma república que tinha dois quartos: um onde moravam os estudantes mais antigos - Cristóvão e os irmãos Noé e Nael - e outro onde estavam Lauro e Paulo Eli que, como eu, também prestariam vestibular. Só tinha água fria, então tomar banho, mesmo num lugar quente, era um choque. Estava mal habituado com o banho quente da casa da Mamãe. Minha cama tinha um colchão de mola muito ruim, que só dava para dormir, com dificuldade, em somente uma posição. Mais tarde, soube que todos que chegavam eram instalados ali, como um trote.

Além disso, o quarto era quente, sem ar-condicionado ou ventilador, outro sufoco. Enfim, era um ambiente bastante primitivo, mas suficiente para os primeiros tempos. Ao anoitecer, com colegas da república, fui jantar no refeitório do hospital, alimentação ovolactovegetariana, com a qual eu já estava habituado desde os tempos de internato. Cozinha, funcionários do Hospital e colegas me receberam com simpatia fazendo-me sentir bem. Os paraenses são muito hospitaleiros.

As provas ainda eram impressas no mimeógrafo, cheiravam a álcool. Um fato curioso acabou me destacando no dia do vestibular, o que até me deixou um tanto encabulado. A vívida lembrança me permite registrar os detalhes.

No 1º Colegial, fui mal em Química e fiquei para segunda época. Meu pai me fez estudar muito e acabei aprendendo pra valer, tirando a nota máxima. Durante o vestibular, na prova de Química, percebi que faltava um dado para completar uma determinada questão, e quando o professor se aproximou, o informei, ainda meio acanhado, sobre a situação. Ele saiu da sala e quando voltou anunciou que a questão havia sido anulada. Com essa situação, fiquei conhecido pelos colegas que prestavam o vestibular comigo, pelos professores e também pelo diretor, Dr Afonso Rodrigues, responsável por avisar as demais salas onde estavam sendo aplicadas a prova.

Por fim, num ocasional encontro a bordo do navio Presidente Vargas, que fazia a linha Belém-Mosqueiro-Soure, foi o próprio Diretor quem me avisou que eu havia recebido a melhor nota da prova de Química e a 7ª melhor média do vestibular. A lista dos aprovados, ainda não havia sido publicada.

Como ainda voltaria para o Rio de Janeiro, onde prestaria outros exames vestibulares, pedi ao meu amigo Lauro Scheffell, com quem estava viajando, que não contasse nada a ninguém, para evitar o constrangimento do trote, particularmente o corte dos cabelos, pois não gostaria de chegar ao Rio com a cabeça raspada.

Essa viagem para a ilha do Mosqueiro foi decidida repentinamente, enquanto almoçávamos, num sábado, no Restaurante do Círculo Militar no Forte do Castelo. Ao ouvir um apito de navio, informados de que anunciava a saída do navio Presidente Vargas para Mosqueiro, pagamos a conta e saímos correndo - mais de 1km - até o Porto. Compramos as passagens e satisfeitos por termos conseguido iniciar a viagem, na expectativa de um bate e volta, pois deveria retornar ao Rio em torno do meio-dia do próximo dia, um domingo, para provas de vestibular nas quais havia me inscrito, mesmo antes, da de Belém.

O que não sabíamos é que o Navio só retornaria no domingo à tarde. E mais, que seria muito difícil sair da Ilha a não ser

por essa embarcação. Atordoado pela notícia desembarcamos saindo a perguntar como poderíamos voltar para Belém. Estava difícil. Enfim encontramos um jovem pequeno e magro - o José Farah, que nos ouviu, interrompendo para dizer: venham comigo. Um amigo está voltando agora de teco-teco para Belém. E, novamente, corremos o que deu até a pequena pista de pouso do Mosqueiro. A aeronave já estava com os motores ligados. O Farahzinho conversou pela janela com o piloto, seu amigo Dr Octávio Lobo, que argumentava que não dava, pois estava com seus três meninos e não havia como levar mais duas pessoas. Mas a insistência foi tão grande que, mesmo insatisfeito, o Dr Octávio abriu a porta para que entrássemos, um dos meninos - creio que o Arthur - viajando no colo. Foi uma grande sorte e uma feliz constatação: as pessoas de Belém eram / são muito hospitaleiras, simpáticas.

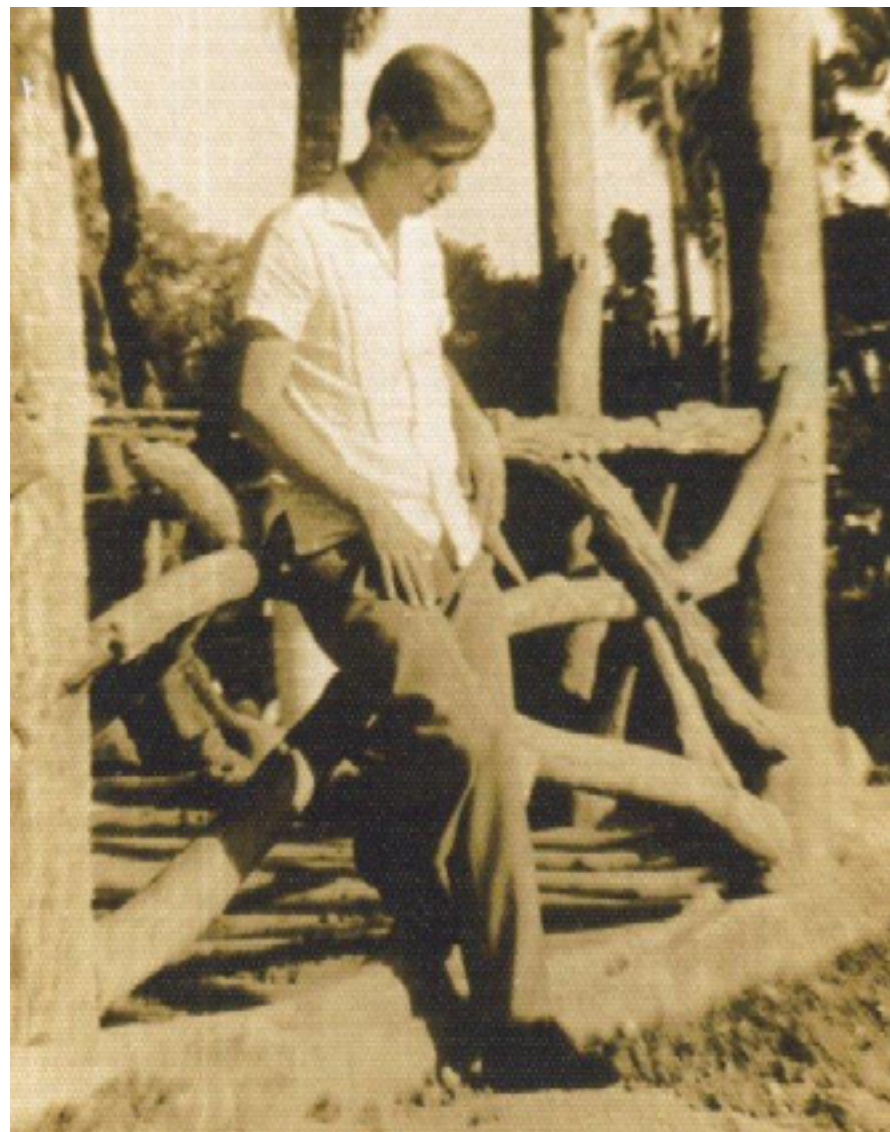
Ainda à bordo do Navio, por um instante, até acreditei que conseguiria sair ileso do trote. No dia seguinte, vesti meu terninho *pied-de-poule* - naquela época se viajava de terno - peguei minha mala e fui para a frente da república aguardar o táxi que me levaria para o aeroporto. Sentei-me na mala para esperar e logo comecei a ouvir uns 'clecs' estranhos, que imediatamente me acionaram adrenalina. De repente, fui cercado por diversos "Edwards, mãos de tesoura", e não consegui escapar. Até que eles me trataram muito bem, mas cortaram meu cabelo da pior maneira possível, e embarquei cheio de fios pelo corpo e todo suado.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, minha mãe ficou horrorizada de me ver naquela situação. Fiz o vestibular e fui muito bem em todas as provas, contudo, eu tinha que voltar para fazer a matrícula em Belém até que saísse o resultado. Então, meus pais me ligaram falando para eu voltar, porque eu tinha passado no Rio de Janeiro; no entanto, eu decidi ficar em Belém. Foi um choque para eles, que ficaram muito chateados, porém eu vi naquela situação uma oportunidade de ser livre. Eu já não me adaptava mais ao estilo religioso tão rígido de meus pais.

As aulas começaram em fevereiro e pouco tempo depois, decidi conversar com o bom diretor do hospital, Dr. Clemencau de Jesus Lopes, comunicando que estava deixando o hospital. Arguido sobre a razão, expliquei que não era mais adventista, carecia de fé e que não me sentia bem usufruindo das benefícios da instituição religiosa. Estava com 18 para 19 anos, era um menino.

Antes, todavia, precisava prover renda e moradia. Papai me passava uma pequena mesada mensal para passagens e livros, contando que mais não precisava, uma vez que não tinha despesas como estudante do Hospital. E não tive coragem de contar para ele que estava deixando aquelas comodidades.

A salvação veio através da Química, que dominava bem. E Belém era carente de professores dessa disciplina. Por sorte fui apresentado ao professor de Química Job de Jesus Mendes



Pensando na vida

de Castro Veloso, que estava repassando suas turmas porque havia concluído o curso de Medicina e iria exercer a profissão. Por sua vez me apresentou às irmãs do Colégio Gentil Bittencourt para substituí-lo em uma turma do 1º ano Colegial. Foi assim que comecei a dispor de alguma renda.

Edson Sarkis, colega de turma natural de Manaus, alugou um apartamento no Palácio do Rádio e passamos a dividir a moradia. Na loja Yamada da Manoel Barata compramos camas, geladeira, fogão e tudo o mais para o apartamento, mas esquecemos de comprar panelas. Naquela noite só conseguimos preparar o jantar graças a uma vizinha bondosa, Andrely, que nos emprestou as dela. E a bondade da jovem mulher foi além, já que se tornou nossa amiga e passou a cozinhar as nossas refeições. Ela sempre foi muito gentil conosco, em todos os aspectos.

Frequentemente, estudava na casa do colega e amigo Cláudio Neves Leão de Sales, algumas noites passando em claro para dar conta de tanta matéria. Mas, nem sempre com essa finalidade. Seus pais viajavam nos finais de semana para a Colônia do Prata, 90km de Belém, ficando, sua avó, uma pessoa maravilhosa, encarregada de nos monitorar. Algumas vezes Cláudio organizava reuniões de amigos fora dos padrões familiares, o que Vovó não aprovava, mas como tomava Valium para dormir e dormia profundamente, era só esperar um pouco e não fazer muito barulho que tudo corria bem.

A renda, todavia, era pequena, mas a sorte me favoreceu. O professor Job Veloso me passou mais uma turma e depois outras no Colégio Moderno, no Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, em um cursinho vestibular e na Escola Técnica Federal do Pará.

Até então eu não tinha habilitação oficial para ensinar Química. A oportunidade apareceu com o edital de prova de suficiência do Ministério da Educação para regularizar professores da disciplina, na qual fui aprovado.

Chegou uma época em que eu tinha 40 aulas na semana, o que tornava meu estudo na faculdade muito difícil. Com isso, sempre fui um estudante mediano durante o curso de Medicina, porque trabalhava muito.

Uma família muito especial

Elísio e Nelson, irmãos, eram alunos do 1º ano colegial de uma das turmas do Colégio Moderno, onde eu ensinava Química, em 1967. Sabendo que eu não era de Belém, Elísio me convidou para almoçar com sua família no sábado seguinte. Era o começo do 1º semestre. Chegando à hora marcada, fui recebido carinhosamente por seus pais - **Dona Alcina e Seu Antônio** - e seus irmãos Sônia, Sandra, Suely e Antônio Ely, uma família vibrante, com raízes marajoaras. Durante o agradável almoço, incluindo comidas típicas do Pará, tivemos oportunidade de nos conhecer e de nos

aproximar. À despedida fui convidado para retornar todo final de semana, ao que agradei entusiasmado: estava feliz e ansioso por poder voltar a encontrar aquela gente tão boa, alegre e generosa.



Dona Alcina Teixeira de Azevedo Carvalho e Seu Antônio Ely Cardoso de Carvalho (Seu Pessoa)

O semestre terminando, a família se preparava para passar as férias de julho na Fazenda Santa Maria, de Seu Antônio, localizada na ilha do Marajó, entre os rios Arari e Anabijú. Fomos incluídos entre os convidados, juntamente com uma ou duas amigas das meninas. Embarcamos no OLEICA na maré certa do dia agendado, juntamente com toda a família e parafernália pertinente para um mês de férias. A embarcação OLEICA servia ao transporte da Fazenda e à Óleos Industriais Cachoeira do Arari (OLEICA), empresa de sociedade de Seu Antônio e o futuro genro, o químico Fernando Leite. A tripulação era constituída pelo piloto Mestre Cai-N'Água, homem de confiança de Seu Antônio e um maquinista, que também era o cozinheiro. Saindo de um pequeno porto de Belém, ao final de umas 6h de viagem pela baía do Guajará e da agitada baía do Marajó, chegamos à foz do tranquilo rio Arari, prosseguindo até a sede do Município de Cachoeira do Arari. Ao desembarcarmos habilidosamente equilibrados por sobre pontes de tábuas, lá estava o fiel feitor da fazenda, Seu Dili (Dilermando), com mais de uma dúzia de cavalos encilhados para nos levar por cerca de uma légua até a sede da Fazenda.

Durante a viagem, Sônia e Sandra ficaram encarregadas de me deixar assustado com estórias de visagens e outras tradições do Marajó. Não cheguei a ficar horrorizado, mas comeci a prestar atenção...

A sede da fazenda era constituída de uma casa de madeira elevada a uns três a quatro metros do chão, fresca e confortável. Por sob a casa eram guardados equipamentos de cavalgadura, apetrechos de tratamento do gado e tudo o que precisasse de um depósito. Após estimulante banho frio – no Norte não é costume aquecer água para banho – no único banheiro da casa, refeição de reis que só Dona Alcina sabia preparar, nos esperava. Depois, as conversas até o sono e o repouso em redes, como é de praxe na Ilha.

A caça era livre. Acompanhamos Seu Antônio e seus habilitados vaqueiros numa caçada noturna de jacaré. Com uma lanterna era possível observar – pelos reflexos dos olhos – onde estavam e até o tamanho do animal. Uma vez decidido o abate um ou dois vaqueiros entravam na lagoa com água ao nível do peito, aproximando-se cuidadosamente do animal para, num lance de precisão, arpoá-lo. Não podia haver erro...

Fernando me emprestou uma espingarda calibre 12, cano duplo, o cabo de madeira entalhado com cenas de caça, uma preciosidade. Sai à caça abatendo passarões (jaburus) e curicacas, que Dona Alcina preparava como acepipes que os marajoaras apreciam muito, eu não... Num dos passeios pelos capões de mata da fazenda, ao perceber movimento no alto de uma árvore, atirei, sem nem mesmo saber o que era: desceu uma família de guaxinins. Assustado e com a arma desarmada, num ímpeto de defesa resolvi enfrentá-los com a culatra. Sem a habilidade

adequada acabei acertando o tronco da árvore, quebrando o precioso cabo de madeira (o que me rendeu constrangimento e quase um ano para encontrar artesão que pudesse fazer uma nova culatra com padrão artístico semelhante).

Contagem, vacinação e marcação eram motes (ou álibis) da viagem do Seu Antônio à fazenda. A movimentação começou muito cedo enquanto Seu Antônio se embalando na rede, tomando aperitivos, degustando tira-gostos, do alto da varanda da casa grande, aguardava a reunião dos lotes do rebanho para a contagem. Com muita habilidade o lote era contado, registrado em um caderno e os animais separados para um piquete. A ferra, vacinação e castração constituíam outra etapa que se desenrolava em clima de quase-festa. No final do dia tudo estava completo e a calma voltava ao frescor da noite.

Vaqueiros e suas famílias viviam em casas de madeira relativamente confortáveis para o clima do Norte, mas muito simples, um banco, uma prateleira e o fogão rústico, redes penduradas para o sono da noite e talvez uma folhinha (calendário ilustrado) na parede. Não sei se as crianças iam para escola. A comida era abundante: recebiam mensalmente um grande farnel constituído basicamente de farinha de mandioca, arroz, feijão, sal, açúcar e charque, além da criação miúda de cada vaqueiro, aves, porcos e cabritos; de caça e pesca; e uma pequena horta / pomar. Vez por outra, uma rês da Fazenda era abatida, consumida fresca, salgada ou frita, neste

caso guardada em latas com a gordura do animal para uso futuro – um acepipe. Dinheiro era pouco, que aumentava na ocasião da festa do Círio quando vaqueiros e familiares chegavam em Belém com patos, galinhas, porcos, peixe salgado e o que mais pudessem comercializar. Nessas ocasiões ficavam hospedados na casa do Patrão, o que acontecia também quando ficavam doentes. Quando na condição de enfermos, Dona Alcina providenciava o tratamento, incluindo internamento e até cirurgias no Hospital da Beneficente Portuguesa, poucas quadras da casa. A relação era de respeito, confiança, amizade, quase familiar.

Foram férias maravilhosas da melhor hospitalidade, de alegria e de boas relações. No retorno a Belém, a travessia da baía do Marajó foi muito difícil, com uma tempestade equatorial, ondas que levantavam o barco, a hélice funcionando mais fora da água do que dentro, tambores, caixas, sacaria, e todos nós ficamos amarrados para não cair, escuridão completa, nada se via; já estava até conformado com a ideia de que a qualquer momento o barco soçobraria e todos nós ficaríamos flutuando na Baía até que, por muita sorte, fôssemos encontrados. Foram horas de agonia sob os cuidados do piloto Cai-N'água que se mostrava sereno. Quando perguntado sobre o tempo restante da viagem, respondia tranquilamente com firmeza e acerto da experiência, sem demonstrar nenhuma preocupação, deixando entender que ocorrências como a que estávamos passando não eram incomuns. Foi um alívio chegar.

Desembarcamos e fomos para nossas residências. O reencontro para o almoço do sábado foi de muita alegria e histórias para comentar e contar. Sílvia, a quarta irmã que morava com tios que não tinham filhos, também estava lá. Não me recordo como, mas acabei indo morar com a família Carvalho, alojado no quarto dos meninos (havia um quarto para meninas e um para meninos), numa cama de campanha. Sentia-me muito bem, perfeitamente integrado à família, como se mais um filho fosse.



Com Elísio em brincadeira de abocanhar naco de carne, em companhia de Lia

1



1. Meus 'irmãos' Sônia, Nelson, Elísio, Sandra, Sílvia, Antônio Ely e Suely (Tutuca), os sete filhos de Dna Alcina e Seu Antônio
2. Com Seu Antônio (sentado), e os médicos Mariano (bebê ao colo), amigo próximo e colega de turma, seu irmão Roberto e Procion Klautau, na residência da família na Rua João Balby 105

2



Sônia Maria de Azevedo Carvalho

“Newton morou na casa da minha mãe na época da faculdade. Foi meu irmão quem o convidou para ficar conosco. Na verdade, inicialmente, ele veio para um almoço, depois para outro e passou

a frequentar cada vez mais nossa casa, e como ficava sozinho na cidade, logo foi convidado para morar lá.

Minha família é toda de Belém, éramos sete irmãos, a casa estava sempre cheia. Meu pai, Antonio Eli Cardoso de Carvalho,

era fazendeiro e vendia gado, então não passávamos necessidade em casa. Minha mãe, Alcina Teixeira de Azevedo Carvalho, era quem cuidava da meninada. E cuidava muito bem. Ela fazia um bife acebolado que todos gostavam muito. E o Newton também gostava de tomar leite com farinha láctea.

Ele sempre foi bem tranquilo e muito estudioso, não era de sair. Depois o Odilon também veio morar em nossa casa. Meus pais o receberam com naturalidade, eles sempre foram muito acolhedores. Naquele tempo, eu era responsável por alguns afazeres em casa porque era a primogênita, mas mi-

nha mãe tinha uma funcionária para ajudá-la, então os meninos podiam se dedicar apenas aos estudos e ao trabalho.

Também me lembro de quando ele começou a namorar a Lia, vira e mexe ela vinha nos visitar, sempre foi uma pessoa bacana. E embora o Newton fosse amigo do meu irmão Elísio, a convivência na casa dos meus pais era tão boa, que foi promovendo uma aproximação entre todos nós e a amizade se fortaleceu, tanto que o convidei para ser padrinho do Bruno, meu filho primogênito, que hoje tem mais de 50 anos. Foi uma boa época aquela.”

A faculdade ficava a uns 15 minutos de caminhada. Dona Alcina saía de casa de madrugada, diariamente para a missa da Basílica de Nazaré, também uns 15 minutos de caminhada da casa. Com os meninos e Seu Antônio – que frequentava a sede do Clube na Avenida Nazaré - aprendi a ser torcedor do Remo, o que sou até hoje.

Morei com a família até o final do 1º semestre de 1969, quando Lia e eu noivamos e Dona Dulce, sua mãe, nos cedeu um pequeno apartamento, ao lado do seu, para ser preparado como nossa futura residência.

Foi um tempo maravilhoso com a família Carvalho. Lamento

a perda precoce de Seu Antônio, Elísio, Nelson e Antônio Ely. Tenho saudades de todos, em particular de Dona Alcina. Com Sônia, Sandra, Sílvia e Suely, minhas irmãs do coração, cultivamos fraternidade.

A conclusão dos primeiros passos para a vida profissional

Os anos no curso de Medicina foram intensos, de muito trabalho, estudo na medida do possível e agradável convívio com pessoas a quem conheci nessa jornada. Uma, em especial, chamou-me a atenção. Fiquei tão encantado com Lia que, antes ainda de me formar, decidimos nos casar.

Estava no 4º ano da faculdade e acabei incluindo mais um compromisso entre os tantos que já havia assumido: o namoro. Ainda assim, consegui conciliar todas as atividades

e segui ensinando Química até o primeiro semestre seguinte ao ano da formatura, 1971, da qual me lembro com grata satisfação.

1



2



1. 1971dez07,
formatura em
Medicina na UFPA

2. 1971dez07,
Belém, de Mamãe
recebendo o anel de
médico na formatura
no Theatro da Paz

1



2



1. 1971dez07, com Lia chegando ao apartamento de sua mãe, Dona Dulce, após a formatura
2. 1971, com Papai, Odilon e Lia (aos fundos), no dia da formatura, na casa da minha sogra, Dona Dulce



Minha esposa, Lia Marques Bellesi, Lia

“Nasci em 02 de maio de 1949. Sempre fui muito estudiosa. Papai fazia questão que estudássemos, que aprendêssemos alguma arte e uma língua estrangeira. Apesar de tê-lo

perdido aos 15 anos, continuei estudando muito porque sempre gostei. Passei em 1º lugar no vestibular. Na faculdade só tirava notas boas, mas era tudo muito natural, e minhas colegas gostavam de estudar comigo, eu era organizada.

1



2



3



1. 1953, em Belém, aos 4 anos de idade
2. 1956, Belém, em pé, sobre as raízes da árvore, com minha família, no Bosque Rodrigues Alves
3. 1960, carteirinha do Clube do Remo onde praticava natação

Meu sonho era ser bailarina, fiz balé e dança moderna durante 18 anos, e só parei quando a Beatriz nasceu.

Na realidade, eu não imaginava que casaria tão cedo, o Newton ainda nem tinha se formado e eu tinha 18 anos quando começamos a namorar. Acho que o fato de ele morar

sozinho contribuiu para que casássemos cedo.

A primeira vez que nos encontramos foi no aniversário de 15 anos do meu irmão. O Newton era amigo do meu padrinho, o tio Kalil, que levou um grupo de amigos à festa. Nesse dia, eu não lembro dele, mas ele conta que me viu

1



2



3



1. 1961, Minha 1ª Comunhão

2. 1964 - Em meu aniversário de 15 anos, na Casa da Arcipreste

3. 1964, Belém, com as colegas da festa de debutante, na Assembleia Paraense

de longe e se interessou.

Eu o conheci mesmo durante uma viagem para Salinas, em 1968. Foi um ano em que, como experiência, o Governo antecipou as férias escolares, que ocorreram de 15 junho

a 15 de julho, o que depois nem se solidificou. Mas o fato é que no fim de junho estávamos na praia.

Naquela época era comum os meninos fazerem serenata para as meninas, e o Newton pediu para um amigo tocar

“Minha namorada”, do Vinicius de Moraes. Assim, no dia 28 de junho de 1968, começamos a namorar, ali mesmo,

em Salinas. Exatamente um ano depois ficamos noivos. E no dia 10 de dezembro de 1969 nos casamos.

1



2



3



1. 1968, Junho, já noivos

2. 1969dez10, nosso casamento, na Catedral Metropolitana de Belém

3. 1969dez10, com meus cunhados Luiz e Elisa, e minha sobrinha Tonya, sendo encaminhada para meu casamento

1



2



1. 1969dez10, nós, logo após o casamento

2. 1969, Salinópolis, em lua de mel

Mamãe nos cedeu apartamento de um quarto no Edifício Piedade, na Avenida Presidente Vargas, em frente à Praça da República. Eu gostei porque seríamos vizinhos dela, então, teria mais tranquilidade. E nós arrumamos o apartamento para ela, colocamos armários, deixamos no jeito para que facilitasse o aluguel posteriormente.

O Teatro da Paz ficava perto, por isso consegui continuar o balé mesmo depois de casada. Chegava da Universidade, onde eu trabalhava, e ia direto para a dança. Fiz isso até depois que o Rodolfo nasceu.

Aliás, a história dessa gestação é interessante, eu demorei a saber que estava grávida. Quando eu tomava

anticoncepcional, ficava bem mal e tinha muito enjoo, então, eu parava de tomar as pílulas durante um período e depois recomeçava, com isso, fiquei grávida. Mas tínhamos programado ter o primeiro filho dois anos depois do casamento, e o Rodolfo nasceu nesse tempo.

Naquela época, eu tinha que fazer uma cirurgia de amígdalas e pedi para o médico me dar anestesia local, em vez de geral. Foi por Deus, porque 15 dias depois da cirurgia, eu estava com muito enjoo e voltei ao consultório, imaginando que pudesse ser algo em decorrência da cirurgia. Perguntei ao médico se ele não tinha esquecido gaze, alguma coisa lá dentro que pudesse estar causando aquele mal-estar, ao que o otorrino respondeu: “Lia, eu não sou ginecologista, mas desconfio que você esteja grávida. Diga ao Bellesi que pode ser da gravidez”.

Fiz exame de urina e realmente estava grávida. Na hora pensei - graças a Deus que não tomei anestesia geral, porque poderiam aparecer sequelas importantes.

Sempre tive muito enjoo, em todas as gestações, apesar de que meus partos foram muito bons e até bem rápidos, mas eu passava mal durante os nove meses.

Trabalhei até o dia em que eles nasceram, não queria tirar licença antes porque naquela época a licença era curta e eu queria ficar mais tempo com meus filhos nos braços.

O Rodolfo não tinha nem um mês quando o Newton se

formou. Ele nasceu no dia 13 de novembro de 1971 e a formatura do Newton foi no dia 07 de dezembro.

Em dezembro de 2019, completamos 50 anos de casados, e em dezembro de 2021, Newton completou 50 anos de formado.”



2019dez10, Curitiba, com Newton, celebrando os 50 anos de casamento. À frente o buquê enviado pelos filhos

Além de ficar enjoada, a Lia teve alguns desejos, digamos, exóticos, quando estava grávida. Um dia ela quis comer taperebá-do-sertão, e eu saí de madrugada para procurar a fruta no Mercado Ver-o-Peso. Achei curioso porque é uma fruta um pouco ácida, de sabor especial e pouco comum, mas foi o que ela pediu e eu gostava de atendê-la.

A Lia usava uns vestidinhos que iam encurtando na frente durante a gestação, o que eu achava divertido. Ela ficava linda todas as vezes, aliás, como sempre foi.

A gestação era acompanhada pelo Dr Cláudio Pastor Dacier Lobato, meu professor de ginecologia e obstetrícia, que morava a uma quadra da maternidade Dalmazia Pozzi, e passava a maior parte de seu tempo ali, gostava de acompanhar suas pacientes. Ele treinava a minha esposa para ter um bom parto, ensinava a respiração adequada para ajudá-la durante as contrações e passava exercícios apropriados para isso.

Naquele tempo não havia ultrassonografia, mas ele tinha um jeitinho estratégico de opinar sobre o sexo do bebê: dizia para a gestante que era menino e anotava na ficha: menina. Quando a criança nascia, se a mãe dissesse que ele havia acertado, era só comemoração. Mas se dissesse que ele errou, ele rebatia: “Será mesmo? Vamos ao consultório ver minha anotação”. Era engraçado ver a surpresa dos pais. E todos riam ao saber da arte...

O Rodolfo nasceu saudável, com 4,1 kg, e mamou já na sala de parto, durante bastante tempo. Era faminto. Voltamos para o nosso apartamentinho, felizes, continuando firme em meu trabalho, com todo o apoio da Lia.



1971set, Lia feliz esperando Rodolfo

1



2



3



4



1. 1972, Rodolfo, com Lia, em seus primeiros passos
2. 1973, Rodolfo, aos 2 anos, no Clube dos Oficiais da Aeronáutica do 1º COMAR
3. 1973, Rodolfo aos 2 anos
4. 1974, com Rodolfo

A jornada do jovem médico

Logo depois de formado, fui convidado para trabalhar no Hospital Adventista de Belém, como plantonista. Eu deveria começar no dia 1º de janeiro, mas na escala apareceu o meu primeiro plantão no dia 31 de dezembro, uma peça para calouro. Não pude passar o *revéillon* com a família.

Foi um período bastante puxado, eu tinha cerca de 10 plantões mensais, de 12 ou 24 horas; assumia o período noturno nos plantões de 12 horas, ou um dia inteiro do fim de semana, se o plantão fosse de 24 horas. Era penoso passar noites em claro, sempre fui muito frágil para sono, no outro dia estava quebrado. Fiz isso no começo da carreira, e logo depois fui convocado pela Força Aérea Brasileira (FAB) sem, contudo, deixar o hospital, onde fiquei até 1976.

O colega de turma Romão Ferreira Cravo - com quem às vezes jogava vôlei -, mantinha boa relação com o médico coronel chefe do Serviço Regional de Saúde, da 1ª Zona Aérea de Belém, que era o responsável pela contratação dos novos oficiais médicos R2. Ele me apresentou como jogador de vôlei, porque eles gostavam de quem era afeito aos esportes, embora eu não jogasse bola muito bem. Mas fui chamado e já em fevereiro de 1972, comecei a fazer o Estágio de Adaptação e Serviço (EAS), que durou dois meses.

Fui aprovado com média 9,26 e classificado em 4º lugar nas

provas de verificação final para Seleção à 1ª Fase do EAS para o Quadro de Saúde da Aeronáutica.

Depois desse período como Aspirante, passei a Segundo Tenente Médico da Aeronáutica. Entrei como ortopedista, porque o meu trabalho de conclusão de curso foi “Redução do Genó Valgo pela Osteotomia Supracondiliana”, que fiz sob a supervisão do saudoso Professor Dr Júlio Nobre Cruz que, inclusive, foi o Paraninfo da nossa turma. Suas cirurgias eram obra de arte e me senti atraído pela especialidade.

Na Aeronáutica, todavia, não tive oportunidade como ortopedista, pois fui lotado no Quartel General para exercer atividades como médico generalista do Ambulatório, Secretário da Junta Regional de Saúde e membro da Comissão de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos.

Todo pessoal da Aeronáutica é submetido regularmente a exames de saúde, os de voo, até mais de uma vez ao ano. Meu trabalho consistia em preparar toda a documentação para o chefe do setor rever e assinar, que depois levava para o Comandante, Brigadeiro Camarão, que era muito perspicaz e exigente.

Viajava quase toda semana. Médico é tripulante orgânico de aeronave militar, isto é, todo voo tem que contar com um

médico para atender a tripulação e pacientes das localidades de pouso da aeronave, nas rotas da Amazônia, muitas vezes, a única possibilidade de acesso ao médico.

E também participando de viagens para a investigação de acidentes aeronáuticos, cabendo-me avaliar a condição dos tripulantes e passageiros da aeronave acidentada, identificar e preparar corpos com formol para a conservação, embalar os cadáveres e preparar relatório pormenorizado de toda a ação. Essa foi a pior, a mais penosa atividade das que me couberam na Força Aérea.

E se o médico tivesse 40 horas de voo, recebia uma remuneração chamada compensação orgânica, equivalente a 40% do soldo. Alguns médicos do Hospital preferiam não viajar porque não gostavam, porque temiam viajar nos velhos e desconfortáveis Douglas e Catalinas, ou para não interromper atividade na clínica privada ou aulas na Universidade - algumas viagens tinham duração de 5 dias. Nesses casos me pediam para substituí-los na escala, o que fazia com prazer. Sempre fui muito curioso e gostava de viajar.

A 1ª Zona Aérea englobava o Pará, Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima e o Amapá, e nós voávamos para toda parte. Numa das viagens passei duas semanas em uma aldeia recentemente identificada pelo Projeto Radam, que congregava índios cristianizados (Uaiuais, Hixkaryana, Atroari, entre outras



1973-75, FAB, visita à Aldeia dos índios Uai-Uai em Cachoeira Porteira, rio Trombetas (PA) desta feita levando o primo Daniel e tio Arlindo

tribos) que haviam saído da Guiana; noutra, 21 dias no Canteiro-Escola de Obras do Aeroporto de Boa Vista. Nas viagens maiores sentia muitas saudades de Lia e das crianças.

Além dos 40% adicionais ao salário, a viagem dava direito a uma diária para hospedagem em um hotel três estrelas e alimentação em um restaurante do mesmo nível, mas eu consumia os lanches disponíveis no avião e fazia apenas uma refeição à noite com os oficiais; dormia nos alojamentos da Aeronáutica ou do Exército. Com isso, não gastava as diárias, que eram muito boas.

Desta forma, naquele início de carreira, acabei economizando o suficiente para construir uma casa, o que foi ótimo para organizar a vida de nossa família.

Fiquei pouco mais de quatro anos na Aeronáutica, foi uma experiência incrível. Até hoje, mais de 40 anos depois, tenho boas lembranças daquela época e dos colegas de farda.

Lia

“Eu também queria cursar Medicina e por isso tinha optado pelo Colegial em Ciências Biológicas. Um dia, entretanto, o nosso professor de Biologia, Dr José Maria de Souza, um grande profissional do Pará, resolveu levar os alunos para visitar o laboratório de anatomia da UFPA. Só de entrar ali, comecei a me sentir mal, fiquei febril, parecia que estava doente. Naquela época, eu ainda estava muito abalada com a morte do Papai, éramos muito próximos, então, eu decidi sair das Ciências Biológicas. Passei um tempo fazendo o Científico de manhã e o Clássico à tarde.

Descartado o curso de Medicina, estava propensa a estudar Direito. Papai sempre falava que eu seria uma boa advogada, porque eu refletia muito sobre as informações. Mas quando ia me inscrever na faculdade, minha prima Ieda, filha da irmã

mais velha da Mamãe, me recomendou cursar Biblioteconomia. Ela disse que havia muita demanda para a área e que o curso oferecia uma boa dose de cultura geral. Gostei da ideia.

Quando vi a grade curricular, fiquei ainda mais animada, parecia um curso realmente muito bom. Decidi tentar, até porque, se eu não gostasse, eu poderia mudar para outro curso, já que havia passado em 1º lugar no vestibular geral. Mas acabei gostando muito.

No currículo havia disciplinas bem interessantes, como História da Arte, História da Literatura, Evolução do Pensamento Filosófico, Evolução do Pensamento Científico, Inglês, entre outras. No segundo ano, as matérias eram específicas, tais como Catalogação, Classificação, Administração de

Biblioteca, e eu não só gostei bastante, como também me dei muito bem. Formei-me aos 19 anos, em 1969, no mesmo ano em que Newton e eu nos casamos.

1



2



1. 1969, Belém, em
minha formatura
no curso de
Biblioteconomia
da UFPA

2. 1969nov30,
Belém, recebendo
de meu irmão
André o anel
de formatura
do Curso de
Biblioteconomia
da UFPA

Em 1971, prestei concurso para Técnica de Documentação na Universidade Federal do Pará e passei em 1º lugar. Gostava de estudar. Em seguida também fui aprovada no concurso para professora adjunta da disciplina Bibliografia e Referência do curso de Biblioteconomia, mas optei por ficar como técnica. Aos 18 anos, já tinha tido a experiência de ser professora de Educação Moral e Cívica na Escola Técnica Federal do Pará, e aquela vivência foi decisiva para que, mais tarde, eu soubesse que caminho gostaria de seguir. Fui lotada na Biblioteca Central da Universidade, como coordenadora da seção de Bibliografia e Referência.

Trabalhar como profissional sempre fora meu objetivo, embora pouco comum entre mulheres de minha geração. Compatibilizar trabalho profissional com os cuidados da família representavam um grande esforço. Se meu marido não fosse o Newton, que sempre teve uma visão mais aberta, talvez eu não tivesse essa oportunidade.

Em 1973 foi firmado um convênio entre USP e SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) para implantação da Rede de Sistemas de Informação na Amazônia, onde atuei até o início de 1974, participando da implementação da pós-graduação em Gerência de Sistema de Informação. Desse curso resultou a Rede de Bibliotecas da Amazônia (REBAM). Trabalhei até o dia 11 de março, a Beatriz nasceu no dia 12 de manhã.

No ano seguinte, licenciei-me sem vencimentos e fui trabalhar na ACAR-PA (Associação de Crédito e Assistência Rural). Fundada em 1948, foi a primeira experiência brasileira direcionada para a



Em torno de 2000, Lia em Caracas como Secretária Executiva da UNAMAZ

introdução de novas técnicas de agricultura e economia doméstica, de incentivo à organização e de aproximação do conhecimento gerado nos centros de ensino e de pesquisa aos produtores rurais.

A ACAR possuía equipes multidisciplinares, que prestavam assistência técnica aos agricultores que a solicitassem. A nossa equipe era composta por bibliotecária, engenheiros agrônomos, veterinários, assistentes sociais, entre outros.”

1



2



1. 1974, Belém, em casa, com os dois primeiros filhos

2. 1976jun, com Newton, Rodolfo e Beatriz numa das inesquecíveis férias em Salinas

A história da CLIMEP e a intensa trajetória na Medicina

No início de 1973, fui aprovado e classificado em 2º lugar no exame de seleção para Auxiliar de Ensino, da disciplina “Saneamento, Organização e Administração Sanitárias”, do Departamento de Medicina Comunitária do Centro Biomédico da Universidade Federal do Pará, que prestei por pressão da Lia, mas não assumi.

Andava pensando em montar um consultório ou uma pequena clínica. Durante uma conversa com a esposa de um amigo, o advogado Américo Viana, ela me contou de sua experiência positiva com uma clínica especializada em vacinação, em Belo Horizonte, da qual sentia muita falta. Comentou também que não tinha encontrado nada parecido em Belém, o que me motivou a buscar maior conhecimento sobre essa atividade.

Alguns tempo depois, o Américo me apresentou à sua irmã Amilde e seu cunhado Érbio, médico, que me abriram as portas para que eu pudesse visitar a clínica em Belo Horizonte, onde fui muito bem acolhido, recebendo todas as informações para replicar serviço semelhante em Belém.

No início de 1974, decidi montar a clínica. Aluguei uma casa na Avenida Magalhães Barata, 1.045, onde instalamos a CLIMEP - Clínica de Medicina Preventiva do Pará. Era um chalézinho no estilo suíço, que estava abandonado. Tivemos que

fazer grande reforma e adaptação no local, que ficou funcional, bonito e bastante agradável. A inauguração ocorreu no dia 24 de setembro de 1974.

Nos primeiros dois anos a clínica não gerava renda suficiente, precisávamos tirar dinheiro de outro lugar para mantê-la. Empreender é assim mesmo, leva tempo para render frutos.

Um grupo de médicos que deixou a Policlínica Infantil de Nazaré - uma das clínicas pediátricas mais importantes do Pará - Augusto Serruya, Amélia Ribeiro, João Maneschy e Iracema Almeida - passaram a referenciar a CLIMEP para seus pacientes tornando-a viável, autossuficiente.

A pequena clínica contava com uma recepcionista, uma técnica de enfermagem, um servente e médicos, eu e mais um ou dois colegas, em um sistema de revezamento.

Em determinada época, um colega de turma - Luiz Paulo de Azevedo Barbosa, cirurgião plástico em São Paulo - , com quem cheguei a morar durante um período do Curso de Medicina, me indicou seu tio, Dr Miguel Cordeiro de Azevedo - que já conhecia da casa de seus avós. Ele estava se aposentando do Instituto Evandro Chagas, onde havia sido diretor durante 18 anos. Tínhamos uma relação muito empática, e ele se tornou meu parceiro nessa empreitada.

Em 1978-79 mudamos as instalações da Clínica para a **Avenida Braz de Aguiar, 410**, inicialmente alugada, adquirida mais tarde.

Trabalhamos juntos durante vários anos. Miguel era pessoa formidável, homem sábio, experiente, honrado e corretíssimo. Nos anos 80 tivemos um período muito interessante da CLIMEP, promovíamos atividades pouco comuns em Belém, como simpósios sobre imunizações com profissionais de outros estados e do exterior, que chegaram a atrair até 900 participantes.

Como qualquer convivência intensa, tínhamos algumas diferenças, mas a forma como resolvíamos era interessante. Com temperamento italianado, às vezes me exaltava, as veias do pescoço saltadas. Quando ele percebia, saía da sala e deixava a poeira baixar. Poucos minutos depois, ele abria a porta, olhava para mim com um olhar simpático, entrava e continuávamos a conversa.

Com o falecimento do Miguel, em 07 de agosto de 1984, voltei a trabalhar sozinho na clínica, que já estava consolidada. Até hoje sinto falta de meu amigo Miguel.

Atualização constante

Vida de médico é dura e exige estudo e atualização constantes. Parte dessa movimentação na carreira também se deve



Início dos anos 80, Belém, segunda sede da CLIMEP já no endereço atual

à minha inquietude e curiosidade. Gosto de novidades.

Esgotado o tempo da Aeronáutica em março de 1976, logo depois fui aprovado em Concurso do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), no Pará, na especialidade de Perícia Médica, atuando no INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) de 1977 a 1979.

Entre os anos 1976 e 1979 atuei como médico na Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará, na Coordenação de Dermatologia Sanitária, e como Diretor da Colônia do Prata.

Em outubro de 1981, durante o I Congresso Brasileiro de Infectologia, conquistei o Título de Especialista em Infectologia pela AMB-SBI (Associação Médica Brasileira – Sociedade Brasileira de Infectologia).

Decidi me especializar em Infectologia porque a área está diretamente ligada à principal atuação da CLIMEP, a vacinação. Já a decisão de me tornar especialista em Alergia e Imunologia foi influenciada pelo amigo, o acarologista Professor Dr Domingos Baggio, da Universidade de São Paulo (USP).

Entre 1990 e 1993 atuei no projeto “*Immunogenicity safety and efficacy of Rhesus-human reassortant rotavirus (RRVtetraivalent) vaccine in Belém, Brazil*”, pela Organização Mundial de Saúde / Fundação Nacional de Saúde - Instituto Evandro Chagas / Clínica de Medicina Preventiva do Pará (OMS/FUNASA/IEC/CLIMEP), sob coordenação do dedicado pesquisador Dr Alexandre da Costa Linhares.

Em 1993, fui aprovado na prova para obtenção do Título de Especialista em Alergia e Imunopatologia pela Associação Brasileira de Alergia e Imunologia. Essa nova especialidade constituía-se importante ferramenta para o proALÉRGICO, programa voltado para a prevenção e controle de enfermidades alérgicas, desenvolvido na CLIMEP. Hoje, sou um dos raros médicos no Brasil titulado em ambas as especialidades, o que faz todo sentido para a CLIMEP e para mim, já que são correlacionadas

e possibilitam ampla atuação em Medicina Preventiva.

Mas, gosto de novidades e não me contento com apenas um desafio. Lá no começo da carreira ainda, passei a desenvolver, paralelamente, outras atividades. Inicialmente, comprei de meu irmão e seus sócios a ELETROBEL, uma empresa que prestava serviço de infraestrutura elétrica para concessionárias. A empresa foi adquirida em parceria com o meu cunhado Eng^o André Gil Hachem Marques e com o amigo Carlo Mantovani, mas foi um desastre porque os dois brigaram e saíram do negócio, me deixando sozinho. Foi um período terrível da minha vida, gastei tudo que eu tinha na época para pagar dívidas. Por fim, vendi a empresa para um engenheiro eletricista que havia sido meu colega na Escola Técnica Federal do Pará, e muito me ajudou a concluir contratos, sem o qual eu não teria conseguido. Todavia, no final agiu mal, sumindo, não era encontrado em lugar nenhum, não pagou nem as notas promissórias que assinou e tampouco dívidas da Empresa que haviam sido contraídas no período em que fui Diretor. Foi um sofrimento enorme, porque eu tive que pagar tudo sozinho. Depois, durante uns 10 ou 20 anos, eu evitava até passar na frente da sede da empresa porque aquilo me fazia mal.

Na vida, eu jamais deixei de cumprir com as minhas obrigações, então, se eu me compromettesse a pagar algo, mesmo que eu não fosse o responsável direto, ficava até o fim para

acertar a situação. Naquela época, eu tinha comprado um terreno que foi dividido em 39 pequenos lotes e criamos o condomínio Jardim do Narciso, cujo nome foi escolhido em homenagem ao meu afilhado, filho do querido amigo Arquiteto João Luiz Santos Cruz.

Naquela época eu imaginava que aquele terreno garantiria a minha aposentadoria, mas gastei tudo para ajustar a Eletrobel. Depois de dois anos e de alguns protestos, fui ajustando as contas e consegui liquidá-las.

Foi a pior experiência de trabalho na minha vida, mas tive muito apoio. O Miguel segurou firme as pontas na Clínica e

nunca reclamou dos períodos em que eu não podia atuar. A Lia trabalhava muito, tinha uma posição de destaque na UFPA, o que contribuiu para que não tivéssemos dificuldades em casa. Ela também foi muito bacana comigo, porque compreendeu a situação e esteve ao meu lado. E meus filhos eram uma motivação muito grande para eu continuar batalhando e, aos poucos, tudo foi se ajeitando.

À medida que meus filhos completavam 16 anos, eu os levava para ter uma experiência na CLIMEP. Inicialmente levei o Rodolfo, mas ele queria mudar toda a clínica, então, para a manutenção da boa ordem e convivência, foi dispensado.

Lia

Depois da criação de ACARES em grande parte do território nacional, foi instituída a ABCAR (Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural), que passou a congrega todas as unidades do país sob um modelo vertical e centralizado de orientação.

Mais tarde, o serviço de extensão coordenado pela ABCAR foi estatizado, com a criação da EMBRATER (Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural), responsável pela coordenação de todas as unidades da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Ru-

ral), empresa pública estadual vinculada às Secretarias de Agricultura dos Estados, criada em substituição à ACAR.

O trabalho no campo era intenso, sem direito ao conforto habitual, porém muito estimulante e gratificante. Uma das atividades externas era o Dia de Campo, em que nos dedicávamos aos produtores rurais e suas famílias levando soluções técnicas para melhoria da produção agrícola e de qualidade de vida.

Trabalhei na ACAR-PA, depois EMATER, de 1975 a 1986.

Inicialmente como chefe da Biblioteca, posteriormente como coordenadora do Centro de Comunicação, que abrangia Biblioteca, Gráfica e setor de Desenho e Composição. Como experiência profissional, o trabalho como extensionista rural, foi muito gratificante e, como resultado positivo, implantamos Núcleos de Documentação e Informação em todos os Escritórios Regionais da EMATER, situados nas sedes dos mais importantes municípios do Pará.

Retornei à UFPA em 1986, por ter se esgotado o tempo de licença. Sempre quis manter o vínculo com a Universidade da qual até hoje tenho orgulho. Outro motivo importante de meu retorno à UFPA foi manter o privilégio de nossos filhos estudarem no Núcleo Pedagógico Integrado (NPI), uma escola com professores dedicados e de alto nível mantido pela Universidade, que as crianças gostavam muito. Na verdade, foi muito bom poder retornar! - Recebi convite da Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação para implantar e coordenar o Departamento de Documentação e Informação. O Pró-reitor, Professor Netuno Villas, e toda a equipe da PROPESP, excelentes profissionais e amigos, tornaram esse tempo numa experiência única.

Em decorrência dessa experiência recebi o desafio de coordenar o curso de pós-graduação visando a criação do Projeto SIAMAZ (Sistema de Informação da Amazônia). O SIAMAZ consistiu no primeiro sistema de informação cien-



1981, como extensionista rural, travessia do Rio Tocantins de Miritituba para Itaituba

tífica e tecnológica automatizado da Amazônia, institucionalizado pela Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ), como linha de ação básica do Programa Interuniversitário de Cooperação Amazônica (PROGRAMAZ) e como suporte às universidades e instituições de pesquisa da região.

Em seguida, atuei como Secretária Executiva da UNAMAZ, até o término do mandato do meu superior e mentor, Professor José Seixas Lourenço.

Solicitei, então, aposentadoria por tempo proporcional de serviço, quando ganhamos o primeiro neto, o Roger, permitindo-me dedicar mais tempo para ele, minha filha e aos outros netinhos que certamente viriam. E vieram mais seis!

2020, Curitiba, com Newton e meus lindos netos no apartamento de Lilian e Marcio, na Rua Carneiro Lobo



Os tempos no Instituto Linguístico

Curiosidade

Uns 3km antes de chegar a Belém, vindo pela BR 316, uma placa azul indicando INSTITUTO LINGUÍSTICO ao lado de uma pequena estrada perpendicular, me chamava a atenção. A curiosidade só começou a ser esclarecida em 1967 quando rodava por todas as (precárias) estradas da região com o Fusquinha 1966 que Odilon e eu havíamos ganhado de nosso pai no começo do ano. Numa dessas incursões tive

oportunidade de adentrar a estradinha ao lado da placa, que terminou em uma construção rústica de madeira, menos de 1km depois.

Desci do carro sentindo-me emocionado ao perceber o cheiro familiar de gado: era um estábulo. Um homem cuidava da ordenha mecanizada de vacas bem tratadas. Estava ocupado, sério mas simpático, conversou comigo enquanto tratava de suas tarefas. Seu nome, Luiz, homem bom com quem cultivamos amizade durante mais de duas décadas. Explicou-me que a ‘fazenda’ destinava-se à produção de lei-

te para os missionários linguistas que trabalhavam com povos indígenas da Amazônia. Tratava-se do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Belém era deficiente na produção de leite, cujo suprimento do Sudeste e Sul era exclusivamente de leite em pó.

Minha curiosidade aumentou ainda mais. Fui embora, mas não conseguia passar mais de uma semana sem voltar ao nostálgico estábulo que fazia renascer em mim lembranças do tempo em que passei com meus tios e avós maternos em fazendas de Bom Retiro e de Paranaíba.

Numa das ocasiões me apresentou o Sr John Horstetler, o missionário responsável pela fazenda. Levou-me para uma pequena edificação com agradável cheiro de leite onde havia uma centrífuga que separava o creme. Ofereceu-me meio copo do saboroso leite cremoso, como não havia provado nenhuma vez em Belém. Seu João, como era conhecido, me explicou que o rebanho se destinava às aldeias indígenas onde os missionários linguistas trabalhavam, para seu suprimento e para melhorar a nutrição dos nativos - que não conheciam leite de vaca.

O Vilarejo Rondon

Passei a visitar o Instituto frequentemente, conhecendo o diretor, Sr Ricardo Parker, sua esposa, a enfermeira Dona Harriet, e seus quatro filhos. Com o tempo fui conhecendo

os demais, Eduardo e Sally Kohen, os Green, os Popjes, os Jensen, os Harrison, eram cerca de 20 famílias, residindo em confortáveis casas simples de madeira cujos vãos de portas e janelas eram sempre protegidos por telas para o controle dos mosquitos. Entre as casas não havia cercas. Todos os habitantes do vilarejo, muito educados e cultos – a maioria constituída de PhDs – me recebiam com cordialidade, simpatia, hospitalidade. Tornamo-nos amigos.

As casas ficavam bem separadas umas das outras interligadas por calçadas, o poço com a estação de tratamento à base de iodo e a caixa d'água, havia o prédio do Escritório – de alvenaria – , a Casa das Crianças – onde elas permaneciam em tempo de aulas quando seus pais estavam na aldeia – o hangar com um ou dois pequenos aviões, a pista de pouso de 700m, homologada pelo Ministério da Aeronáutica, tudo muito organizado.

O surto

Em 1968 alguns moradores começaram a ficar doentes, prostrados, com febre, náuseas, vômitos, urina escura, fezes cor de palha. Dona Harriet me trouxe as informações – estava cursando o 3º ano do Curso de Medicina – e o diagnóstico estava claro. Tratava-se de um surto de hepatite. Solicitamos apoio do Instituto Evandro Chagas (IEC) que coletou amostras de sangue de todos os moradores. Quase todos apre-

sentavam sorologia positiva para hepatite viral do tipo A, que se transmite por alimentos e água contaminados com fezes de paciente infectado. Pesquisando foi identificado que, alguns meses antes – quando faltou iodo para o tratamento da água – funcionários da CELPA estiveram cuidando da subestação e da rede de distribuição de energia elétrica – e que um deles havia defecado sob um arbusto próximo do poço. É provável que tenha sido a fonte da contaminação da água usada pelos pacientes que estavam enfermos. O tratamento preconizado era gama globulina. Todos receberam injeção do produto do Laboratório Boheringer Ingelheim e se recuperaram. Algum tempo depois, intrigante novo surto de hepatite. Novamente o IEC foi chamado e o diagnóstico feito: hepatite viral do tipo B. Por uma grande falta de sorte o lote de imunoglobulina administrada aos pacientes estava contaminado com o vírus da hepatite B. Apesar da sequência de má sorte, por fim, todos os pacientes ficaram completamente curados, nenhum desenvolveu hepatite crônica ou se tornou portador crônico do vírus da hepatite B.

Encontros no QG da 1ª Zona Aérea / 1º COMAR

Prosseguimos visitando e mantendo boas relações com os membros do SIL, mas pouco nos víamos, pois frequentemente estavam na aldeia, na igreja ou quem estava ocupado era eu, com faculdade, magistério, namoro, noivado, casamento e tanta coisa. Mas não perdemos contato e nem a camaradagem.

Após formado e ao ter ingressado como médico na Força

Aérea, no QG onde atuava, não era raro encontrar com alguém do Instituto visitando o Comandante, Brigadeiro Camarão, para tratar de assuntos indígenas. O Comandante os apreciava e os respeitava, pois muitos dos propósitos do SIL eram os mesmos da Aeronáutica: ensinar-lhes a ler e a escrever em sua língua e em português; preparar os nativos para a cidadania brasileira, desenvolvendo o sentido de civilidade, de pátria e de brasilidade; assimilar boas regras de convivência entre si e com o homem branco para viver em paz; dispor de recursos para o seu desenvolvimento, como cuidar e criar animais domésticos para melhor qualidade e regularidade de alimentação, para produzir e comercializar entre eles e com o homem branco; aperfeiçoar cuidados com a saúde para, enfim, ser incorporado à sociedade maior, cultivar os mesmos direitos e deveres.

Trabalhando com os missionários

Sempre que requisitado oferecia-lhes consultoria na área de saúde, tanto diretamente, como via rádio, para ajudar a planejar e a resolver questões de saúde locais e na aldeia distante. Quando deixei a FAB em 1976, numa das visitas ao vilarejo, encontrei-me com o Diretor, na época o Sr David Harthan, oferecendo-lhe algumas horas profissionais semanais. Levou nossa proposta para o Conselho, voltando com a proposta de 200 dólares mensais para atendê-los na sede e via rádio nas aldeias. Não havia tantos recursos. Aceitei na hora, muito satisfeito.

Gostava de estar entre eles. Conversei com Lia sobre levar nossa família – já com três filhos – para residir no Instituto Linguístico, lugar com bastante espaço para as crianças, boa vizinhança, 20 minutos de Belém. Fiquei positivamente surpreso quando, sem pestanejar, ela aceitou.

Vivendo no Instituto Linguístico

Em certa ocasião perguntei ao David se o SIL aceitaria nossa família para viver entre eles, se havia uma casa disponível. Algum tempo depois, com o retorno de uma família de missionários para os EUA, abriu-se a oportunidade de nos mudarmos para lá, primeiramente alugando e depois comprando a casa onde residimos entre 1978 e 1992.

Fomos muito felizes durante esses quase 15 anos de convivência, a casa era boa e melhoramos para atender nosso jeito e fantasias, cada um de nossos filhos dispunha de um pequeno quarto, Rodolfo, o menor com cerca de 4m², Beatriz o melhor e nós uma suíte com ar-condicionado, o que se constituía um raro conforto na época.

Aliás, morar ali era um privilégio. Jardim, árvores, especialmente os três jambeiros adultos ao lado da casa, mas também mangueiras e açaizeiros, com todo aquele espaço de mais de 10 hectares para andar, correr, passear, vizinhos bons para conversar, conviver, compartilhar, o hangar, a égua Sheena e seu Lourenço, o treinador, o Seu Peter Weisseburguer e sua maravilhosa horta, o Seu Luiz que,



Em torno de 1980, Ananindeua, com Lia, na casa do Instituto Linguístico

com a extinção do estábulo, passou para a portaria, o Seu Antônio que mantinha o gramado rústico sempre aparado, os indígenas revisando os textos bíblicos com os linguistas, o Seu Ray Liedke que tomava conta da ordem e das boas maneiras – silêncio para a sesta entre 13 e 15 horas... – , os chás das senhoras, as festas no Hangar, o futebol no campinho ao

lado de casa, a quadra (não muito boa) de tênis, os vizinhos do Jardim das Palmas, a *Amazon Valley Academy* (estabelecimento de ensino em inglês e alemão para filhos de residentes estrangeiros), a Churrascaria Tucuruvy, o Conjunto homônimo, o quadriciclo Fapinha barulhento, a cadela Jane, a gata Negrita, a pescaria no Lago do Utinga, uma festa...

1



2



1. 1980, Belém, Rodolfo, Beatriz e Marcio sob mangueira de nossa casa no Instituto Linguístico

2. 1980, Belém, com os três filhos, visitando a vovó Dulce

1



2



1. 1981, Belém, os três filhos no Instituto Linguístico, onde morávamos

2. Meus três filhos e um amigo em frente à casa das crianças no Instituto Linguístico

3



3. 1980, Belém, os três irmãos Bellese e suas famílias na casa dos pais da Maria Augusta

Mas as crianças cresceram, Beatriz moçoila apreciava o convívio e estudar com amigas que residiam em Belém, ficava difícil, cansativo buscá-la à noite, o trânsito começava a ficar mais pesado. Chegou um tempo em que decidimos voltar para Belém. Não foi uma decisão fácil. Rodolfo, com 18 anos, a princípio não aceitou, ficou morando na casa que mantínhamos no vizinho Jardim das Palmas. Sempre nos lembraremos com carinho dos anos compartilhados com nossos amigos do Instituto Linguístico.

E a vida seguiu

Quando saímos do Instituto Linguístico, compramos esse apartamento na Travessa Rui Barbosa, no bairro de Nazaré, onde moramos há cerca de 30 anos. Foi uma luta.

Na ocasião, não conseguia compreender porque uma casa tão boa como a que tínhamos valia apenas um terço do valor de um apartamento similar. Pensei até em comprar um imóvel que fosse mais em conta, em outro lugar. Por sorte, a Lia insistiu para que comprássemos este, o que foi ótimo, porque a cidade cresceu muito, o trânsito ficou caótico e hoje só preciso caminhar cerca de 150m



Os primos Rodolfo, Beatriz, Ana Maria, Marcio e Fernando no Museu Emílio Goeldi

para chegar à Clínica. Tudo é muito perto daqui. Ou seja, valeu a pena recorrer ao sistema financeiro da habitação para tornar a aquisição possível, até porque, depois de algum tempo conseguimos quitá-lo.

Lia

“Antes de morarmos no Instituto Linguístico, mudamos de casa algumas vezes. Quando fiquei grávida da Beatriz ainda estávamos naquele pequeno apartamento cedido por minha mãe, de apenas um quarto, sala, u’a mini cozinha e um banheiro, mas pleno de conforto e graça para nós, recém-casados e com o nosso primogênito Rodolfo.

Então, recebemos a proposta de amigos para ocupar apartamento novo no 10º andar do Edifício Benjamin Constant a troco do acabamento e o pagamento das prestações do BNH. Fizemos armários, grades nas janelas - Rodolfo era muito travesso - piso, forro e banheiro, uma beleza. Estávamos muito bem alojados. Mas, com tudo pronto, os proprietários pediram o apartamento de volta... Identificamos

e logo nos mudamos para apartamento em frente ao Tênis Clube, meio que na emergência, para esperar a Beatriz nascer. Cerca de um ano depois, com a vaga de apartamento maior, retornamos para o Edifício Piedade. Esse tinha mais um quarto e era muito pitoresco, ficava numa cobertura, acima do décimo andar e o elevador não chegava até lá, precisávamos subir o último andar pela escada. Mas era interessante, tinha até uma área ao ar livre para churrasco e uma bela vista da praça, que gostávamos muito. Marcio nasceu enquanto morávamos lá. Neste apartamento tivemos nosso primeiro aparelho de ar condicionado, uma conquista marcante na quente Belém, depois do almoço toda a família no fresquinho de nosso quarto.”

O apartamento do 11º andar do Edifício Piedade, em frente à Praça da República, era realmente interessante, mas nem todas as lembranças são boas. Aliás, como na vida. Ainda muito criança, a Beatriz começou a fazer xixi no carpete recentemente instalado. E dei uns tapinhas nela, mas a corrigi equivocadamente, confundindo a cabeça dela. Eu dizia: “você não vai fazer xixi no carpete de novo, né?” E ela respondia: “sim, Papai”. Eu entendia que ela continuaria a fa-

zer xixi, mas ela estava me respondendo que não faria mais. A pergunta estava mal formulada...

O meu modo de corrigir não foi o mais adequado. Também não foi de todo mal, porque depois eu sempre a abraçava e explicava o porquê tinha lhe dado aquelas palmadas, e ela me retribuía com um doce abraço. Mas a Lia e a Inês ficaram muito brabas dizendo que iriam embora... Foi bem difícil, mas passou.

Lia

“Quando eu encontrava a Mamãe, na época, eu lhe contava essa história e só chorava. Eu realmente dizia que ia embora dessa casa, nunca aceitei que ninguém batesse em criança, porque ela não pode se defender. Tenho a impressão de que ela quer revidar e não pode, e imagino que a criança se sinta impotente diante de uma pessoa maior e mais forte.

E embora eu não me sentisse preparada quando fui mãe - acho que nenhuma mãe se sente até que realmente seja -, ser mãe foi algo muito natural para mim. Minha mãe ficou viúva muito cedo com quatro filhos, então não conversava sobre esse assunto, acabei não tendo essa orientação, por isso aprendi sozinha, naturalmente.

O Rodolfo nasceu com mais de 4kg e 52cm, ele era grande e mamava demais. Tive que me adaptar às mudanças do corpo, que foram bem marcantes. Sem contar que você fica ansiosa querendo saber se vai ter leite, se saberá amamentar, mas eu até que consegui, só que ficava exausta, porque ele era faminto.

E quando chegou a hora de voltar a trabalhar, fiquei preocupada porque ele mamava o tempo todo, fiquei pensando se conseguiria deixar o leite para ele, enfim, decidi treiná-lo enquanto eu ainda estava ali. Então, à noite, levei o

carrinho dele para a sala e disse: “filho, vou lhe dar a última mamada às 22h, depois só amanhã cedo. Agente firme”. Coloquei algodão na porta para o Newton não ouvir, já que ele precisava descansar para trabalhar no dia seguinte cedo e fiquei ali, ao lado do Rodolfo.

Ele berrava e suave, mas eu resisti. Fiquei ao lado dele o tempo todo, enxugava o suor, quando ele se acalmava eu punha uma roupa sequinha e cochilava. E assim era até amanhecer. Às 6h em ponto eu dava de mamar e ele dormia tranquilo. E, assim, comecei a prepará-lo para que eu pudesse voltar a trabalhar; dava umas mamadeiras, de vez em quando, mas como eu passava muito tempo fora, tinha medo de que o leite azedasse. Ele gostava de tomar leite ninho com aveia, acho que por isso ficou grandão.

A Beatriz já nasceu um pouco menor e comia menos. O Marcio foi o mais calmo de todos, não chorava, não fazia xixi à noite, isso me chamou a atenção. Ele foi um bebê diferente, até na hora de nascer, aliás.

O Rodolfo e a Beatriz nasceram naturalmente, sob a preciosa orientação e acompanhamento do inesquecível médico Cláudio Lobato, professor do Newton. Desta mesma forma eu imaginava trazer meu terceiro filho ao mundo.

Com o prazo de espera se esgotando, o bebê pronto para nascer e nenhum sinal de trabalho de parto, meu obstetra e amigo Pedro Noleto, preocupado com a possibilidade de complicações, sugeriu-nos parto cesariano, que foi programado para a manhã do sábado, dia 20 de novembro de 1976, já que nesse dia o Newton estaria de folga.

Deixei meu trabalho na Universidade Federal do Pará à tarde, chegando à maternidade do Povo em torno das 18h daquela sexta-feira, dia 19, acompanhada por minha mãe. Lá, constatamos que o apartamento previamente reservado para mim fora ocupado, à revelia da administração e da enfermagem. Aguardando na recepção, foi-nos sugerido o retorno na manhã seguinte, quando outro apartamento seria liberado.

Enquanto esperávamos que o Newton viesse nos buscar, surpreendentemente, talvez em decorrência da expectativa da situação inesperada, senti a primeira contração. Não quis comentar com Mamãe porque imaginei que poderia ser uma pequena ansiedade da minha parte.

Só que de repente senti outra e mais outra contração. Minha mãe me olhou e imediatamente notou o que estava acontecendo: estava em trabalho de parto.

O Dr. Noleto foi comunicado e em torno das 21h, de forma natural, recebemos mais um menino, o nosso Marcio, saudável e tranquilo.

Ainda na maternidade, dois novos episódios marcaram aquele momento. A enfermeira-chefe, dona Nazilda, gentilmente cedeu sua pequena acomodação, misto de dormitório e almoxarifado, onde o bebê e eu passamos a noite. Mas logo após o parto Newton e o médico desapareceram.

Foi um pouco angustiante ficar ali sozinha, estava a ponto de ficar bem chateada, quando o Newton chegou e me explicou o que havia ocorrido: enquanto fazia meu parto, o Dr. Noleto sentia forte cólica de rim. Ainda assim, tratou-me com todo cuidado e paciência.

Ao concluir sua missão, precisou ser socorrido e o Newton lhe aplicou uma injeção e o acompanhou até que a pedra fosse expelida. Que sufoco.

Por fim, todos estavam bem. E o meu filho havia superado o primeiro obstáculo da sua vida. Marcio foi uma criança dócil, alegre e sempre disciplinado. Desde jovem demonstrava ter objetivos maiores; enquanto muitos de seus amigos aproveitavam a intempestiva adolescência, ele se mostrava focado e obstinado.

Sempre admirei meu filho por isso. Não me surpreende que ele tenha se tornado independente muito cedo e trilhado seu próprio caminho, mesmo que tenhamos dado tudo o que estava a nosso alcance.

1



2



1. 1994, Marcio e Rodolfo no Hotel 4 Rodas em São Luís, comemorando a aprovação de Marcio no vestibular para cursar Direito na UFPA

2. 1994, São Luís do Maranhão, com a família reunida no Hotel 4 Rodas, celebrando a aprovação do Marcio no vestibular

3



4



3. 1998, Marcio com sua BMW, aos 22 anos, adquirida de uma vencedora do Poupa Ganha

4. 2000, paraninfa na formatura do Rodolfo em Engenharia Elétrica na UFPA

1



2



1. 2000, com Marcio, em sua formatura de Direito pela UNAMA
2. 1996, com toda a família, no Chá de Panela da Beatriz

Os três têm características que lhe são peculiares e os tornam únicos no mundo. Os meninos têm espírito empreendedor, como o pai, que embora médico, desenvolveu

muitas atividades ao longo de sua vida. E a Bia, com seu sorriso doce, entregou-se à família e à profissão, cativando a todos.”

É verdade, os meninos sempre tiveram espírito empreendedor. O Rodolfo sugeriu que eu comprasse um amplo terreno que ele encontrou na cidade e gostou. Era jovem ainda. Depois dessa aquisição, queríamos comprar o terreno do lado, e o Marcio foi quem conseguiu convencer a proprietária, tornando o local apropriado para a edificação de um prédio, o que valorizou muito o terreno. Logo, ele passou a mediar essas negociações.

O Marcio sempre foi bastante atento, muito interessado. Ele estudava no NPI - Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA, com os irmãos, e quando saía da escola, ia direto para a Clínica. Enquanto aguardava o meu expediente terminar, ficava observando o fechamento do dia e como funcionava toda aquela questão burocrática.

Um belo dia ele disse que sabia fazer o serviço. Pronto, passei a missão para ele com uma alegria enorme, porque eu detestava aquele trabalho. Assim, ele foi expandindo sua atuação

na clínica para as operações bancárias e, por fim, se tornou o administrador da clínica. Foi uma época muito boa, ele era arrojado e cumpria seu dever. Conseguiu organizar toda a clínica.

Depois, assim como o Rodolfo, partiu para outras atuações. Mas juntos fizemos diversos negócios aqui em Belém, sempre com o Marcio à frente nas relações.

Para mim foi ótimo, porque não sou uma pessoa de negócios. Como médico, sinto-me um profissional bem harmonizado e equilibrado com a profissão, mas quando o assunto é administrativo, prefiro que outras pessoas comandem. Então, tenho sorte de ter podido contar com os meus filhos.

Tenho muito orgulho de todos eles, e muita gratidão à Lia, minha querida esposa, que sempre zelou pela educação dos nossos filhos. Mesmo que estivesse cansada quando chegava do trabalho, fazia questão de conferir as lições de casa, ensinando-os, motivando-os ou fazendo a tarefa junto com eles se necessário.



Beatriz

“Mamãe sempre foi muito prática, porque trabalhava tempo integral.

Ainda assim, conseguia nos dar toda a atenção que necessitávamos, nos levava para os médicos e estudava conosco. Com

ela, era possível negociar aquilo que queríamos, porque ela ponderava as situações. Já o Papai era mais bravo conosco, isso quando éramos crianças.”

1



1. 1976, no meu aniversário de 2 anos, ao lado da Suely, filha da Inês
2. 1975, celebrando meu 1º aniversário. Rodolfo com pouco mais de 3 anos

2





Minha cunhada Maria Clara Marques Penna de Carvalho, Clara

“A Lia sempre foi muito estudiosa. Ela é mais quietinha, mais tímida e inteligentíssima, sempre foi a mais intelectual entre nós. Somos quatro irmãos: Maria Clara, André Gil, Lia e Elisa Hachem Marques.

Hachem vem dos nossos avós maternos, ela síria e ele libanês. Vovó Adélia Xerfan Hachem era professora de francês. Ela tinha um anel de professora que era de brilhante preto e dava aulas em Damasco. Falava francês correntemente e cozinhava maravilhosamente bem. Já o vovô Kalil Hachem Sauaya era comerciante, como a maioria dos libaneses.

Eles vieram para o Brasil em busca de condições melhores para viver. Instalaram-se na antiga Villa do Pinheiro, atual Icoaraci, distrito de Belém.

Segundo alguns pesquisadores, Icoaraci significa “De frente para o sol”, ou “Onde o sol repousa”. Contudo, em pesquisas mais densas como a do historiador José Valente, na obra intitulada “Sinopse de Icoaraci”, esta palavra significa na língua Tupi-Guarani “Mãe de todas as águas” (Icoara=águas e ci=mãe).

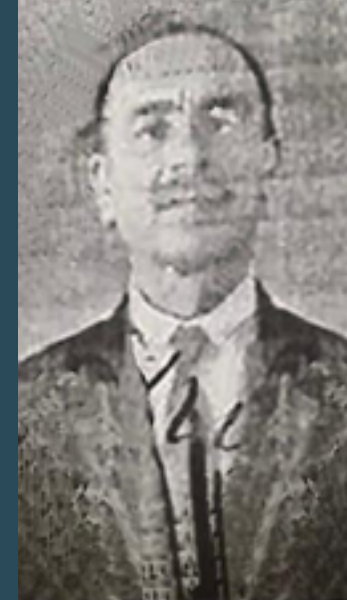
Segundo Valente, em 1943, o interventor Magalhães Barata

1



1. Nossa avó materna, Adélia Xerfan Hachem

2



2. Nosso avô materno, Kalil Hachem Sauaya

contratou o filólogo (estudioso em línguas) Jorge Urley para que escolhesse nova denominação para a Villa do Pinheiro. Em visita ao local, Urley teve sua atenção despertada pelo margeamento da baía do Guajará e do furo do Maguari; também lhe chamou a atenção a grande quantidade de igrapés cortando a Vila em todas as direções. Assim, sugeriu o nome Icoaraci.

A história de Icoaraci é contemporânea à história da fundação de Belém do Pará, quando a expedição de Francisco Caldeira Castelo Branco, fundador da Capital, desembarcou numa ponta de terra, em 1616, entre os rios Guajará e Maguari. Na ocasião, o local foi chamado de “Ponta do Mel” pela presença de inúmeras colmeias e favos encontrados no local.

Nessa Vila, os nossos avós maternos tiveram os 10 filhos: Ferdinando, Cesarina, Leonor, Olga, Maria Fernanda, Angélica, Martha, Dulce - nossa mãe -, Kalil e Regina. O Ferdinando e a Regina morreram ainda crianças.

Quando vovó Adélia estava grávida do último filho, o Vovô teve um tumor no estômago e faleceu no dia 30 de novembro de 1934. Vovó ficou muito abalada e se mudou para Belém, onde abriu uma loja de tecidos e aviamentos com o nome da mãe dela: Casa Santa Martha. E, assim, ela criou os filhos. Minha avó foi uma lutadora.

Morou em casa conosco e amava o Papai. Ele trazia biscoitos para ela da Fábrica Palmeira, e ela ficava feliz da vida. Vovó sempre foi muito carinhosa e adorava os netos. Nasci no dia do aniversário dela, 26 de agosto; só que eu em 1947 e ela em 1903. Vovó morreu cedo, tinha 62 anos; teve Parkinson e Esclerose. Muito religiosa, já estava doente quando fugiu de casa para ir à missa e levou um tombo, o que acelerou a sua morte, que ocorreu em 31 de março de 1965, algumas semanas após o falecimento do Papai.



1946, minha mãe, Dulce Marques

A tia Olga aprendeu a cozinhar com ela. Eu gostava muito de visitá-la, porque ela era mãos de fada na cozinha árabe. Como meu marido também ama comida árabe, aprendi a fazer algumas receitas, como o bassallé, prato típico de onde meus avós vieram, que está entre os favoritos de Lia e Newton. Se você for procurar no Google, não vai encontrá-lo com esse nome, por ser muito peculiar de seu local de origem.

Você pega uma carne de boa qualidade, como alcatra, corta bem pequenina, vai fritando e tirando o caldo. Depois, pica 800g de cebola, coloca pimenta síria, cominho e frita bem. Mistura na carne, põe canela em pó e tampa. Enquanto isso, faz o arroz de aletria (com cabelinho de anjo), frita berinjelas em rodela e depois é só montar. Numa bandeja, coloca a carne ao centro, o arroz de aletria em volta e as berinjelas por cima, e serve com coalhada seca. Fica maravilhoso!

Em nossa casa juntou-se o lado libanês da Mamãe com o lado português do Papai, então sempre comíamos muito bem.

Meu pai veio de Portugal aos 14 anos, para trabalhar na **Fábrica Palmeira**. Meus avós paternos, Avelina e José Marques, eram de Pinheiro da Bemposta, uma aldeia de Oliveira de Azeméis, localizada no distrito de Aveiro, a cerca de 40 minutos do Porto. Eles eram primos e por isso tinham o mesmo sobrenome. Casaram-se e tiveram sete filhos: Antonio, Cecília, Benjamin, Aniceto, Manuel, Álvaro e Ilda. A caçula foi a única que nasceu no Brasil, em Belém. Papai era o primogênito.

A casa onde eles moravam em Portugal foi restaurada e existe até hoje.”

1



2



1. Belém, Fábrica Palmeira, onde Papai foi presidente
2. 2012nov19 Toda a Família reunida



Prima da Lia, Aracy Marques Silva Lemos Rodrigues, Sissi

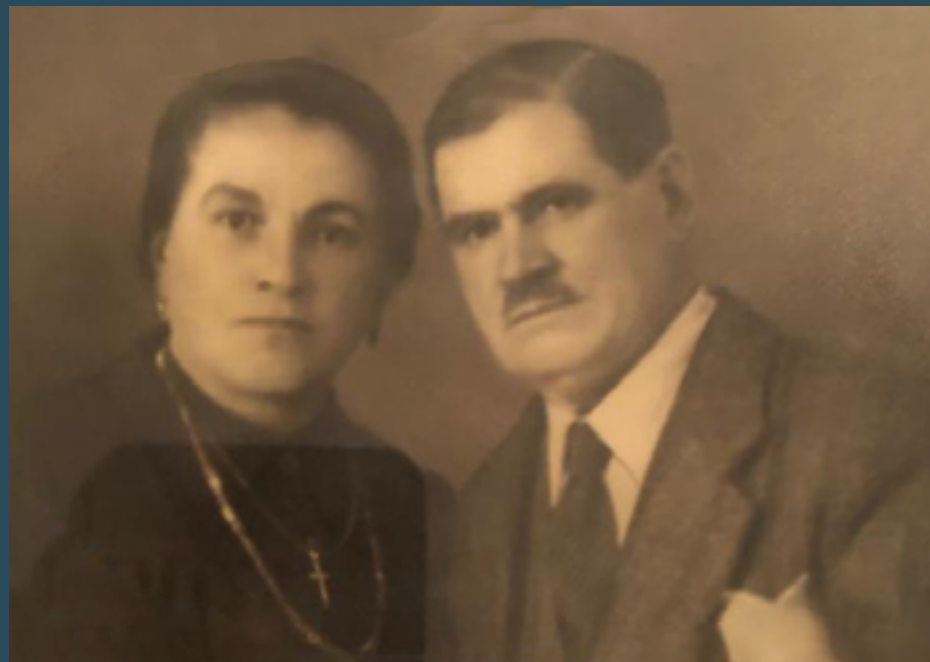
“Nasci em 24 de julho de 1948 dentro da casa que meus avós construíram, aliás, fui a única neta que nasceu ali. E era muito apegada à Vovó, a quem eu chamava de Madrinha, porque ela me batizou. Tínhamos muita afinidade, tanto que depois

que o Vovô faleceu, em 1953, dormi todos os dias com a minha avó, até 1975, quando me casei com o José David.

Aquela era uma casa bem bonita. No térreo, havia um rancho com cozinha e sala de jantar e o estabelecimento onde os avós tinham o seu negócio. No primeiro andar, ficava o quarto do casal e o quarto dos filhos.

Ela era uma lutadora, criou os filhos e sempre fez serviço de casa sozinha, gostava muito de fazer uma comidinha. Ainda tenho comigo o sabor daquelas refeições. Aqui em Portugal temos uma tradição que é o bacalhau cozido com batatas e ervilhas, aprendi com minha avó e ainda hoje faço esse prato na minha casa, me faz lembrar a comida que comíamos juntas. Ela também gostava de fazer carne assada, rabanada, bolos de abóbora e aletria, um prato doce com massa fina, que leva açúcar, ovos e leite.

Pois havia uma ligação muito forte entre nós duas, tanto que os primos diziam que ela não ficava muito tempo no Brasil, porque não aguentava de saudades minhas. Eu era



Meus avós, Avelina e José Marques

considerada a filha mais nova dela.

Aprendi muito com minha avó, tudo o que sou hoje devo a ela, que praticamente foi quem me educou. Minha mãe era muito nova quando eu nasci, ela se casou com 17 anos, então os maiores ensinamentos vieram da Vovó, ela é como se fosse a minha mãe.

E desde que comecei a namorar o José, ela me apoiou, porque teve grande admiração por ele. Quando ele esteve na Guerra do Ultramar, vovó lhe escrevia cartas toda semana, foi assim durante os dois anos em que ele esteve em tropa.

Com ela aprendi a importância da humildade, do respeito, do carinho e do amor pela família. Considero que sou muito parecida com ela. Gosto de paz e de amor, como ela gostava, e realmente me sinto muito feliz.

Quando a vovó Avelina ficou viúva, Tio Antonio mandou buscá-la, ela ainda não conhecia sua mulher tia Dulce e seus filhos, então, ela foi e ficou dois meses com a família no Brasil. Vovó tinha verdadeira adoração por ele e o admirava por sua garra. Tio Antonio se desenvolveu muito em Belém, começou como balconista na Fábrica Palmeira e foi galgando todos os degraus até chegar à presidência.”

Clara

“Meu avô era amigo dos fundadores da Palmeira e veio para o Brasil a convite deles, para trabalhar na Fábrica. Papai e o tio Benjamin vieram com ele e se instalaram em Belém. Outros dois tios também vieram, mas foram morar no Rio de Janeiro.

Na época, meu avô fez uma promessa para Nossa Senhora

de Fátima, que se os filhos tivessem sucesso na vida profissional, ele iria de Pinheiro da Bemposta a pé até Fátima. Vovô caminhou 160 km e cumpriu sua promessa, mas logo depois que voltou, faleceu. Isso foi em 03 de janeiro de 1953, fazia dois dias que ele tinha completado 68 anos.”

A Fábrica Palmeira é um marco em Belém e realmente merece destaque. A empresa, que já passou por um incêndio e foi

reconstruída quatro anos depois, se tornou essencial para a história industrial e gastronômica de Belém.

Fundada em 1892, a Fábrica Palmeira é uma das marcas do desenvolvimento industrial de Belém. Nasceu na antiga Avenida Paes de Carvalho, que depois passou a se chamar Rua Manoel Barata, próximo ao Largo de Santana, em frente à lateral da Igreja.

Estava sob a direção das indústrias Jorge Corrêa & Companhia, de origem portuguesa, que se instalou na cidade no final do século XIX, e também era proprietária do local. Naquela época, os portugueses tinham grandes negócios na Capital Paraense. Eram imigrantes que saíam do seu país de origem com o objetivo de investir na Amazônia.

Foi a convite da empresa Jorge Corrêa que Seu José Marques, avô da Lia, veio para o Brasil com o meu sogro, Antonio Marques. A fábrica tinha cerca de 15.000m² e produzia, principalmente, biscoitos, chocolates, doces finos, bombons e caramelos, entre outros produtos alimentícios como café, cereais, massas e vários tipos de pão. O prédio tinha dois andares e um sótão, chamado de “água furtada”, e dois subsolos onde se localizavam os frigoríficos (estocagem dos chocolates).

Em 1924, um incêndio destruiu a fábrica inteira, que foi reconstruída e aprimorada, ganhando equipamentos mais modernos e se tornando mais requintada. A produção da empresa passou a ser ainda mais diferenciada, com a nova modernidade instaurada. Diariamente, produziam-se 46 tipos de chocolate, 67 tipos de biscoito, 128 de caramelos e 70 de massas alimentícias, além de uma enorme variedade de doces finos.

Era uma empresa moderna e de renome internacional. No início da década de 1940, a fábrica possuía cerca de 250 empregados. A divisão das seções era



Início da década de 1960, Belém, meu sogro, Antonio Marques

feita pela organização da fábrica em: bolachas, biscoitos, torrefação de café, chocolateria, confeitaria e padaria.

No começo da década de 1970, a fábrica fechou suas portas. E conforme publicado no jornal A Província do Pará, o prédio começou a ser demolido em 5 de novembro de 1976. Após

anos de abandono, o espaço da antiga fábrica (que passou a ser chamado de “o Buraco da Palmeira”) foi desapropriado e sofreu intervenção urbanística. Hoje o local virou um estacionamento e abriga um pequeno camelódromo, praticamente em total abandono.

Clara

“Nossos pais se conheceram bem no início do trabalho dele na Fábrica Palmeira. Papai era viúvo e ainda trabalhava no balcão. A tia Olga ia se casar e pediu para a nossa mãe buscar umas encomendas na Fábrica. Ela foi de bicicleta e quando chegou, procurou pelo Antonio Marques. Quando lhe viu, Papai perguntou quem era ela e quis saber o que ela era da Olga. Quando ela respondeu, ele comentou: “Poxa, nem pra Olga me dizer que tinha uma irmã tão bonita!”.

Mamãe o achou meio atrevido, mas logo eles se aproximaram e seis meses depois decidiram oficializar a união. Casaram-se em casa mesmo, com a presença do juiz e do padre. Ela tinha 19 anos e Papai 30. Ele era apaixonado e lhe escreveu muitas cartas. Papai escrevia muito bem.



Linda foto de meus pais

Dada querida.

Confio o medo que inicie pela
 Rica, pois não há mais para perseguição.
 O que acontece é que a vida aqui em você
 é a vida e insípida de tudo ao qual,
 desta vez, estou tentando a adaptar-me.
 A realidade é que, como estou, lamentavelmente,
 ficando velho, inicia-se a minha
 vida aguda gela-cíclica ciclo em que o
 homem começa a pedir sacrifícios dos
 que lhe quer a vida, as injúrias de por
 eles os fareis. Esta a razão principal
 das minhas ponderações a hier. De
 resto está tudo bem: a velha Adelia
 em estado normal, vigorada... bem dis-
 porte... calma... coadjuvante... conferada...;
 tenho a visitado assiduamente, passando-
 me que estes meus visitas têm o caráter
 de irritar-la a lutar contra a insidiosa
 de molestia, o que para mim, como sabe,
 também é motivo de grande satisfação. Todos
 os de mais da "claxi" está bem.
 Na casa tudo em ordem... se vos

é licito exigir a vida numa casa onde
 falta o seu chefe total, a sua vida-gente,
 a sua raiz e a cultura...

Dada querida: perdona-me o despareio
 e via logo, pois o pobre diabo que te escreve
 está sentido a falta de tua gente, tua
 presença insuperável, tua frequentes amãos
 e... até das tuas piadas e injustificadas
 desconfiças conjugais de que dedido,
 leal e fidelíssimo marido. Ora logo é
 traz-me os meus três anões, os meus filhos
 querubins, - e não de ser de tua vida, de
 nome late. Traz-me a suave e linda Clara,
 a vibrante e insinuante Liza e, esse pequeno
 de nariz em forma de pato que se chama
 André Gil. Traz-me também, - esse pequeno
 de nariz que até já começa perturbar-me o
 sono, provocando-o de sonhos que são e
 inquietantes.

Finalmente, anão, está tudo bem,
 como vêis; mas espero tudo muito melhor se
 virem os meus queridos.

12-1-60
 Papai - te, abraçada e firmemente

1960jan12, a bela
 letra de Papai,
 registrada nas
 cartas enviadas
 à Mamãe
 durante período
 sob tratamento
 em Caldas da
 Rainha, Portugal

Papai se envolveu muito na sociedade paraense, foi um dos maiores empresários que a cidade já teve. Além de se tor-

nar presidente da Fábrica Palmeira, foi presidente da Associação Comercial do Pará, do Clube Tuna Luso Brasileira, da

1



2



1. 1965, Belém, homenagem ao Papai, publicada em jornal

2. Papai foi um dos fundadores da Cervejaria Paraense

Associação de Panificadores Reunidos e também idealizou e ajudou a fundar a CERPA (**Cervejaria Paraense SA / CERPA-SA**), inaugurada quatro meses depois de seu falecimento. Foi Mamãe, ao lado da nossa irmã caçula, quem cortou a fita de inauguração.

Papai faleceu precocemente, aos 49 anos, de acidente de carro. Ele tinha ido ao Clube Tuna Luso Brasileira jantar com o tio Benjamim e com duas pessoas que vieram de São Paulo para ver o maquinário da fábrica e, na volta, um motorista alcoolizado

em uma Kombi colidiu com o seu Aero Willys. O acidente aconteceu no dia 11 de fevereiro de 1965, na esquina da Avenida Alcindo Cacela, uma importante via de Belém, com a Avenida Conselheiro Furtado. Todos ficamos muito abalados.

Eu tinha 17 anos na época, e o que mais fiz foi rezar e ajudar minha mãe com os nossos irmãos. A Elisa tinha apenas 3 anos e Mamãe nunca havia trabalhado fora. Foi um período difícil para todos e Mamãe ficou abalada para o resto da vida.”

Sissi

“Quando o nosso avô morreu, a Vovó sofreu muito, os dois eram muito apaixonados e carinhosos um com o outro. Mas quando o tio Antonio partiu, ela me disse que não tinha dor pior do que aquela, nem mesmo a partida do Vovô doeu tanto para ela.

A Vovó sofria do coração, mas há 45 anos não havia a evolução na Medicina que há hoje, e ela teve uma morte súbita, quando tinha 83 anos.

Certa vez, o tio Antonio foi passar umas férias em Portugal, e eu consegui notar o quanto ele era um homem tão puro, de coração muito bondoso. A cada fim de semana, ele ten-

tava passear com um dos irmãos, para conseguir ver todos.

Em um dos fins de semana que foi dar um passeio conosco, aconteceu uma coisa que ainda hoje conto para muitas pessoas: meu tio estava abastecendo o carro e o frentista estava de chinelos, já bem gastos. Meu tio pagou a conta, mas não quis receber o troco dizendo que era para o frentista comprar sapatos. Na hora, o frentista chorou.

Não sei precisar o valor agora, mas sei que era um bom dinheiro, tanto que o frentista nem queria aceitar. Mas o tio Antonio insistiu e disse que queria vê-lo de sapatos quando voltasse lá. Foi pena, ele partir tão cedo. Era uma pessoa única.”

Clara

“O que guardamos no coração são as boas recordações que temos dele: um homem extremamente carinhoso, dedicado à família, ao trabalho e que tinha um grande talento: escrevia maravilhosamente bem.

Lembro-me direitinho de quando Lia e eu chegamos em

casa certa vez, com o álbum de recordações, e eu logo lhe pedi para escrever para mim. Imediatamente, ele pegou o álbum de minhas mãos e escreveu:

*“Maria Clara, que poderia eu escrever no teu álbum?
Que és a mais linda das lindas, que és a mais meiga das*

filhas, que és o amor e o encanto. Digo-te apenas, filha querida, tu és toda a minha vida.”

Quando leu a mensagem a Lia fez um beicinho e falou: “E agora, o que o senhor vai escrever no meu álbum, já disse tudo para a mana”, ao que ele lhe respondeu: “Quem lhe disse que eu botei tudo, me dê o seu álbum”, e escreveu:

“ Luz

Inocência

Amor

Como o mundo seria mais humano se as criaturas que o habitassem refletissem a Luz, cultivassem a Inocência, cultuassem o Amor.

Lia querida, na minha vida tu és Luz, Inocência e Amor.

És, sobretudo, o AMOR da minha vida!”

Papai foi um grande homem! Fazia questão de reunir a família nas refeições e, ao lado de Mamãe, nos educou perfeitamente bem. Tínhamos uma rotina muito bem estabelecida em casa: acordávamos cedo e íamos para o colégio; na volta, almoçávamos todos juntos – Papai vinha da Fábrica para almoçar conosco, aquilo era sagrado – descansávamos

um pouco e em seguida tínhamos que estudar. Papai dizia: “tem que rever a matéria dada de manhã para não deixar acumular”, e nos habituamos com isso. À tardinha, quando ele voltava da Palmeira, sempre tinha um tira-gosto, nós nos reuníamos, ele ia tomar a cervejinha e, então, conversávamos sobre como tinha sido o dia.

Em alguns dias, tínhamos aula de balé ou de inglês, então, estávamos sempre aprendendo. Tivemos uma infância e juventude maravilhosas. Também foi na família que cultivamos a nossa fé em Deus. Mamãe sempre nos convidava para participar das novenas, e até hoje sou devota de Santo Antônio, a quem chamo carinhosamente de “meu careca”. Inclusive, fui presidente do Asilo Pão de Santo Antônio, e Lia também fez parte da Diretoria.

Graças a Deus, somos irmãos muito unidos, sempre nos preocupamos uns com os outros. E todos carregamos os valores aprendidos como família: verdade, honestidade, amizade e responsabilidade.

Embora a Lia e eu sejamos muito diferentes, nos amamos muito e nos damos muito bem. Aliás, ela também escreve bonito, como Papai, e tem um ótimo coração. Tem sido uma irmã incrível para mim.”

Lia

“Sempre prezamos pela verdade em nossa casa e, graças a Deus, os nossos filhos entenderam rapidamente o quanto é importante não mentir. Ensinamos isso desde cedo, mesmo que seja difícil, é preciso dizer a verdade. Foi algo que Papai nos ensinou.

O estudo também era prioridade em casa e se tinha algo que eu fazia questão era de estudar com os meus filhos, mesmo que eu estivesse muito cansada, me sentava e estudava com eles. E quando eles entraram na adolescência e começaram a sair com os amigos e a voltar tarde, gostava de esperá-los para ver se chegavam bem. Coração de mãe é assim.

A importância do trabalho é outro princípio que sempre foi destacado em casa, todo mundo deveria se preparar para a vida, sem precisar depender de ninguém. E consegui transmitir todos esses valores para os nossos filhos, com apoio do Newton, que sempre foi exemplo de caráter, retidão e trabalho.

O Newton e eu temos mais de 50 anos de casados e fomos, a cada dia, nos ajustando. Aliás, relacionamento é construção diária. A espiritualidade é outra virtude que gosto de cultivar, sempre procurei incentivar os meus filhos a ter fé em Deus. E até hoje gosto de rezar com os meus netos, aliás, o que mais



2009, Lisboa, com Marina e Laura

gosto na vida é de ser avó!

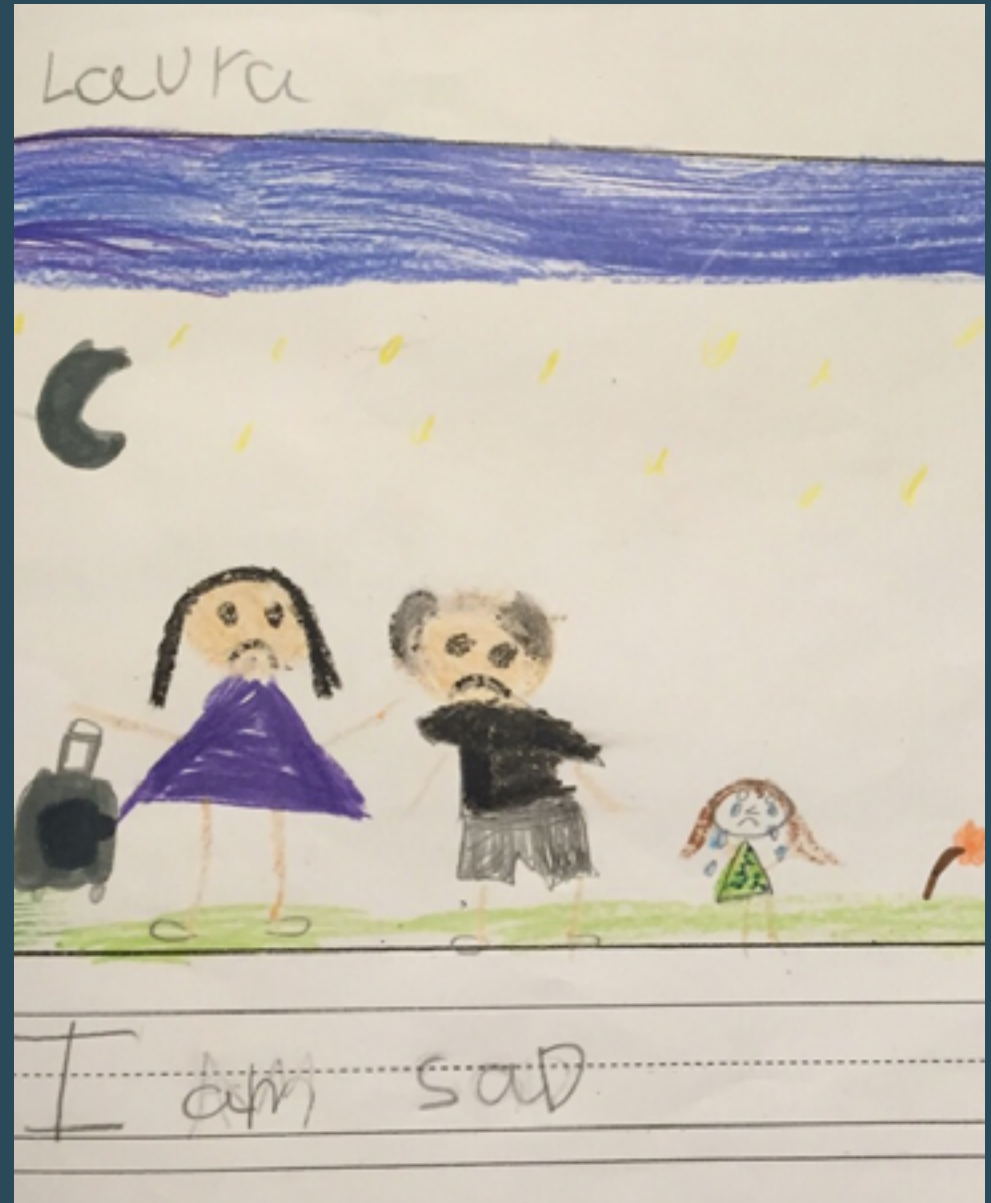
Sou muito apegada aos meus netos, gosto de passar o aniversário deles com eles. Quando vou aos Estados Unidos, onde moram as gêmeas, gosto de dormir com elas, apesar de serem mocinhas, é um momento muito nosso; depois, tenho que ‘fazer um balé’ para sair da cama sem machucá-las. Já houve vezes em que caminhei cuidadosamente entre elas para sair da cama sem acordá-las.”

1



1. 2009, Lisboa, com Maria Inês, Marina e Laura
2. 2016, Dublin OH, Laura expressando seu sentimento em nossa despedida

2





Minhas netas, as gêmeas Marina e Laura Nogueira Bellese, Marina e Laura

“A vovó Lia é muito legal, ela sempre vem passar nosso aniversário aqui nos EUA e fazemos vários programas juntas, vamos ao Target várias vezes, aos shoppings e em outros lugares de vez em quando.

Na cozinha é divertido, outro dia fizemos brigadeiro, foi muito legal. E ela faz um miojo muito gostoso também. Quando a vovó Lia vem pra cá, passamos bastante tempo juntas e ela fica ao nosso lado até dormirmos. Conversamos antes de dormir e só depois que pegamos no sono ela sai da cama, sem nos acordar, nem sabemos como ela consegue.

E mesmo quando a Vovó não está aqui, nós nunca ficamos paradas, estamos sempre procurando alguma coisa para fazer, isso é algo que puxamos dela.”



2009, Lisboa, com vovó Lia e o Nonno



Meu neto Isaac José Bellese Barcessat, cZé

“A vovó Lia é calma e muito carinhosa, já nos levou para passear em vários lugares: shopping, Estação das Docas, restaurantes... e quando estamos em casa, faz o que gostamos. O miojo dela

tem um sabor bem diferente.

E o Nonno é muito legal, inteligente, pensa de forma diferente na vida, gosto de conversar com ele. E também gosto de assistir a alguns programas com ele, no *Discovery Plus* ou no *National Geographic*.”



Meu neto David Marques Bellese, Bavi

“Não gosto de miojo, mas o que a vovó Lia faz, eu gosto. O dela é diferente, não sei o que ela põe. Também

gosto do bolo de laranja que traz quando vem para cá e do pão com manteiga que faz quando estamos juntos. Ela é muito legal e carinhosa com a gente.”

Lia

“Não sou muito boa na cozinha, mas o segredo para ser uma boa avó é fazer o que as crianças gostam. Eles gostam muito de bife, mas isso todo mundo sabe fazer, então, virei especialista em miojo. Eles gostam muito do meu miojo e ninguém sabe prepará-lo igual a mim.

Não utilizo o molho pronto, que vem junto, preparo com manteiga e sal. Também não deixo cozinhar muito para não ficar empapado. Quando estou fazendo, pego um fio ou dois e peço para cada um provar e testar o ponto que cada um aprecia. Esses são os principais segredos, além de fazer com

calma e amor. Certa vez, meus netinhos propuseram que criássemos um restaurante, cujo cardápio incluiria, além do miojo, pão com manteiga, nuggets e sucos feitos por mim, entre outros itens. O cardápio ficou extenso e até hoje eles não se esquecem dessa história.

Outro detalhe que considero fundamental na convivência é saber ouvir. Gosto de ouvir os meus netos e procuro conhecê-los muito bem. Essa é uma regra fundamental da vida, quando a criança quer falar, nós precisamos escutar, seja ela nosso filho ou nosso neto. Mesmo que estejamos cansados ou ocupados, sempre devemos escutá-la.

Essa é uma característica que tenho, gosto mais de ouvir do que de falar. E talvez por isso, goste muito de ler, porque quando lemos, ficamos em silêncio. E também por isso sempre fui conciliadora, penso que seja uma necessidade da vida.

Tanto que no colégio, quando completamos 15 anos, consegui mediar uma conversa entre um grupo de debutantes em que as meninas não se davam muito bem. Lembro-me que já naquela época, mediava conversas e ponderava situações com as meninas.

Isso pode ter relação com meu temperamento, nunca fui de tomar decisões precipitadas. Inclusive, quando surgiu o e-mail, confesso que fiquei um tanto preocupada, porque as pessoas passaram a responder mensagens com o calor do momento, às vezes com indelicadezas que ficavam registradas, causando mal-estar e aborrecimentos.

Enfim, essa é a visão geral que tenho da vida. Amor, paciência, conciliação, disposição para ouvir, família – com especial afeito pelos netos, livros, plantas e, acima de tudo, Deus, que nos conduz e nos dá um sábio direcionamento nesta vida.”



Meu neto Roger Bellese Pinheiro de Souza, Roger

“Vovó Lia é muito querida, sempre amou todos os netos, gosta de agradecer todo mundo. Quando está com algum neto, faz questão de ir à padaria comprar pão, doce e até hoje ado-

ra ir ao shopping. Já o Nonno é sério, esperto, às vezes bravo, mas sempre muito alegre e gentil.

A união é a marca registrada da família, principalmente nas férias de julho e dezembro. Por mais que seja difícil, porque cada um mora em uma cidade, todos fazem um esforço. Foi

na família que aprendi a respeitar o próximo, ter bons costumes e ser educado. Também aprendi a gostar da natureza, mas não como a vovó Lia que quase tem um jardim botânico

dentro de casa (risos), gosto da natureza do lado de fora, para apreciar e estimular a criatividade, que é o que eu preciso para meu curso.”

Os legados de meus pais

Meus pais deixaram alguns legados que carrego comigo até hoje. O respeito às pessoas, o amor e a dedicação à família, o respeito à lei e aos princípios judaico-cristãos - não mentir, não roubar - e, sobretudo, a honestidade e o trabalho.

Sempre admirei em minha mãe o seu amor por nós e pelas pessoas em geral e a capacidade de executar muitas tarefas ao mesmo tempo, com disposição inclusive para os imprevistos. Por exemplo, eu nunca a vi se queixar quando chegava uma visita em casa sem avisar. Se não tivesse comida, ela dava um jeito, enchia uma panela com batata e servia com queijo, alimentando todo mundo.

Mamãe sabia confeitar bolos, fazia aqueles bolos enormes de casamento, sabia fazer flores artificiais, era muito forte, muito saudável e muito bonita.

Meu pai era um pastor capacitado e também era forte e saudável. No início eu o achava muito severo, tinha medo dele, mas depois de certo tempo, ele passou a ser meu

1



2



1. Sempre admirei em minha mãe o seu amor por nós
2. Conversas com meu pai poderiam ser muito engraçadas

1



1. 1996, Carolina do Norte, com Papai, Lia e Rodolfo visitando amigos do *Summer Institut of Linguistics*

2. Papai com Lia, na casa de Salinas. Bons tempos...

2



grande amigo. Auxiliou-me no início da década de 1990, quando o então presidente Fernando Collor de Mello determinou o bloqueio das poupanças. Eu tinha começado a construir ao lado da clínica, quando o Plano Collor foi instituído. O apoio do meu pai foi um alívio para as preocupações.

Ele gostava de ajudar os filhos e as pessoas em geral, era generoso, alegre, bom contador de história e se relacionava bem com todos. Mas quando ele brigava, era pra valer, algo que ele também fazia muito bem, embora soubesse que não deveria. Mas tinha imensa capacidade de discernir as situações.

Papai gostava muito de ficar aqui conosco, passava grandes

temporadas em Belém. Eu até fiz um pequeno apartamento para ele no terceiro piso da clínica, porque ele preferia ficar lá, no cantinho dele, e manter sua individualidade, sua liberdade. Eu gostava de visitá-lo ali, ele fazia o mingau de aveia mais gostoso que já experimentei na vida: deixava a aveia grossa de molho na água, fervia o leite, punha sal e açúcar e quando jogava aquela aveia já hidratada, dava apenas uma mexida e desligava o fogo. Tampava a panela e deixava lá um pouco. Ficava divino.

Tive grandes momentos ao seu lado, em especial nas caminhadas, conversávamos o tempo todo. E também em algumas viagens.

Quando ele foi diagnosticado com Alzheimer, eu sabia que depois de um tempo seria algo difícil, mas não imaginava que seria tão difícil como foi. Momentos superados com o

apoio de toda família, em especial, da minha irmã Berenice e de seu marido Adelchi.



Meu filho primogênito, Rodolfo Marques Bellese, Rodolfo

“Papai é bem parecido com o Nonno José. Ele absorveu muitas de suas características durante seu período de maturação. Na verdade, ele nem concorda tanto com isso, mas nós percebemos. Só que

nos últimos anos - ou mais recentemente, ele não está tão argumentativo.

De fato, quando éramos mais novos, Papai era mais bravo. Em geral, não nos metíamos em confusão e éramos bons alunos, mas fazíamos algumas molecagens. Por exemplo, todo mês de julho passávamos as férias em Salinópolis, e meu pai voltava a Belém durante a semana para trabalhar. Uma vez, deixou uma nota de dez cruzeiros, para que dividisse com o Marcio. Eu, sempre com muita fome, acabei comprando a primeira comida que passou na frente da casa, que custou dois cruzeiros, e depois dividi só o troco com Marcio. Quando



Belém, com meus pais e Beatriz, no apartamento da família

meu pai soube, ele me chamou, me colocou numa rede e falou tão sério comigo, que ele mesmo até chorou.

Já para a Mamãe, somos todos perfeitos, ela não permite que falem mal de nós, revelando sua forte característica

de proteção tendenciosa.

De tudo, a educação que tivemos foi muito boa. Até hoje carrego comigo os princípios e valores que aprendi com meus pais.”

A convivência com os pais é sempre impactante. Das vivências de minha infância e juventude e de observar a conduta dos meus pais, carrego tantos princípios, inclusive a paixão pela Medicina e por fazer o bem ao próximo.

Mas tenho outras paixões desenvolvidas ao longo da vida, nas quais alguns de meus netos também se inspiram. A fotografia é uma delas. Meu interesse por esta arte nasceu quando eu ainda era criança, achava fascinante poder registrar determinadas cenas, focar numa joaninha, que se tornava o destaque na revelação da foto, ou eternizar um gesto.

No início, eu tinha uma Olympus Trip 35, uma câmera bem antiga; com o tempo, através do Rodolfo e de seu amigo Bob Bidner, adquiri uma Nikon, com lentes de até 600mm, muito boa. Mas depois que a capacidade dos celulares se expandiu e a possibilidade de fazer boas fotos se instaurou, eu praticamente abandonei a outra câmera.

De toda forma, meu olhar continua atento. Brinco que,



Fotografando por aí...

na verdade, não sou um fotógrafo, mas um caçador de imagens, gosto de fotos espontâneas. A natureza de forma geral me chama muito a atenção. Gosto de focar nas plantas, pegar detalhes das flores, dos bichinhos e das pessoas. Rodolfo sempre me chamou a atenção de que não deveria fotografar pessoas sem autorização.

As cenas cotidianas e até aquelas espalhafatosas me atraem, fico observando alunos saindo da escola, pessoas caminhando... Certa vez, passei uma hora fazendo fotos de um bêbado, em Oriximiná, no Oeste do Pará. O resultado foi interessante.

Numa ocasião, em Dublin, na Irlanda, tentei fotografar um grupo exótico: uma senhora anã e suas companhias. Ela percebeu e veio para cima de mim com palavras fortes. O Rodolfo acabou resolvendo a intriga e nunca mais fotografei pessoas, mas algumas vezes tenho uma cúria...

Também gosto de sair pelo mato fotografando e, para mim, as mangueiras de Belém têm uma beleza especial porque

seus troncos acomodam líquens chamativos, muitos vegetais que aproveitam para se instalar nessas belas árvores que, pelo jeito, não encantam apenas a mim. As imagens das mangueiras são lindas! Em 2018 até publicamos o Estatuto das Mangueiras, um livro de fotografias com texto de meu colega e amigo Amaury Braga Dantas.

Antigamente, quando ainda não existia drone para fotografar, subia naquele cesto aéreo acoplado por um braço ao caminhão que faz manutenção na rede elétrica, cedido pelo Flavinho Dulcetti. De lá, ficava gritando: “Mais pra baixo, mais pro alto, mais pra direita”, era bem divertido. Hoje até tenho drone, mas é diferente fazer foto assim. Gosto daquela fotografia com um plano bem definido e outros desfocados, isso é arte e não é possível fazer com um drone. Ao menos por enquanto.

Mas tudo está em movimento, e basta acurar o olhar para notar a diversidade da vida e saber lidar com as mudanças e com os desafios.



Meu neto João Pedro Marques Bellese, João Pedro

“O Nonno é meu parceiro. Quando vou para Belém, fico a maior parte do

tempo com ele, andamos pela cidade, tiramos fotos, é muito legal. No gosto pela fotografia puxei para ele.

Gosto muito de viajar, de passear, sem dúvida, esses momentos contribuem com a inspiração para as fotos. Também como meu avô, gosto bastante de Belém, onde nasci;

aquele clima quente e úmido, e a enorme vegetação fazem da cidade um lugar especial.”



Fotos que revelam meu olhar para a natureza e o cultivo desse hobby que aprendi com o Nonno

Laura e Marina

“O Nonno é engraçado, ele gosta de tirar foto nos momentos mais inesperados. Outro dia, tirou foto nossa enquanto estávamos comendo panquecas! Ele sempre faz isso, mas são boas as fotos dele. E aprendemos a gostar de tirar fotos também.

1



Ele não é bravo, é bem tranquilo... gosta de sudoku, não gosta do frio e não é tão animado como a vovó Lia. Quando ele está aqui, jogamos Rummikub quase todas as noites: ele, o Papai e nós duas. O Nonno nunca ganhava o jogo (risos). Nós duas ganhamos mais do que o Papai e o Nonno, e só jogamos quando ele está aqui nos EUA.”

2



1. 2011, nós com o Nonno

2. 2022, com o Nonno, repetindo a foto de anos atrás



Meu neto Miguel Marques Bellese, Miguel

“O Nonno parece aquelas pessoas antigas, quando chega aqui dá um aperto de mão bem forte, bem forte e um sorriso. E quando quer entrar em casa, faz um assobio assim: “fi, fi, fi, fi fiu”, que virou marca registrada.

Ele tem cara de bravo, mas é bem legal e bem carinhoso. Quando a família está reunida para alguma refeição e não quero experimentar algo, ele diz: “Oh, meu neto, você está sendo muito fresco. Vamos, coma, coma”. É bem engraçado.”

Ele tem cara de bravo, mas é bem legal e bem carinhoso. Quando a família está reunida para alguma refeição e não quero experimentar algo, ele diz: “Oh, meu neto, você está sendo muito fresco. Vamos, coma, coma”. É bem engraçado.”



2007, Curitiba, num chamego com o Nonno

A diversidade e as adversidades da vida

A vida tem muita diversidade, o que nos permite adquirir diversos conhecimentos conforme os caminhos que escolhemos trilhar. Eu trilhei o da busca pela saúde para os meus semelhantes, mas também o da devoção à família, o das

viagens, e o das artes, especialmente, da fotografia e da escrita. Tenho hobbies que gostosamente me distraem, como os que citei acima e outros que não comentei, como as caminhadas. Ultimamente até nem tenho feito tantas, mas já fiz muitas. Movimentar o corpo é algo necessário e que quase sempre me traz prazer.

A vida também apresenta adversidades. É preciso saber que viver é tomar decisões diárias, enfrentar desafios e superar obstáculos. A forma como vamos encará-los é o grande pulo do gato. Não devemos esmorecer diante de um problema se compreendermos que ele faz parte da vida, independentemente de seu tamanho. O apoio das pessoas próximas também é fundamental e torna a solução do problema mais assertiva.

Aliás, ela sempre deve ser buscada com conhecimento, sabedoria e amor. Esse foi o caminho que procurei escolher, embora nem sempre tenha acertado. Mas algumas vivências foram marcantes e, embora dolorosa para muitos, me trouxeram a oportunidade de auxiliar a tantos para evitar justamente essa dor, como foi o caso da pandemia do SARS COV-2, que pegou todos de surpresa e resultou em experiências inéditas vivenciadas, literalmente, por todo mundo.

Esta não foi a primeira pandemia que vivenciei. Em 1957, o Mundo enfrentou a Gripe Asiática, e estive entre os acometidos por ela. Tinha 10 anos, estava no GAP quando isso ocorreu, lembro direitinho. Havia saído da quadra de esportes mais cedo, porque me sentia inusitadamente muito cansado. Quando cheguei à creche, fui direto para minha cama com a intenção de descansar um pouco, mas só consegui me levantar uma semana depois. Não tinha forças para nada, faltava ânimo. Aquele não foi um período nem um pouco agradável.

Depois, também tive a gripe de Hong Kong, cujo nome se refere ao local onde o primeiro caso foi identificado. Essa foi uma das três grandes pandemias de gripe do século 20: a espanhola em 1918–20, a gripe asiática de 1957–58 e a Hong Kong, de 1968–1970. A primeira foi a mais agressiva e grave de todas. Causada por uma variante do vírus influenza H1N1, levou cerca de 100 milhões de pessoas à morte. A segunda, com o H2N2, matou 2 milhões. A terceira, do H3N2, tirou a vida de um milhão.

E, mais recentemente, também peguei CoViD. Tínhamos marcado o Natal aqui em casa e depois que todos havíamos nos beijado e nos abraçado, soubemos que a Gabriela estava infectada. Nos EUA, alguém estava fazendo o PCR para CoViD e ela se submeteu, só por curiosidade, e quando chegou aqui, recebeu o resultado e viu que deu positivo. E ela não sentia nada. Mas nós já tínhamos confraternizado.

Passei pela CoViD sem gravidade. Fiquei prostrado, naturalmente, como nos sentimos quando estamos com aquela sensação gripal. Meus familiares ficaram muito preocupados, e o médico infectologista que me atendeu, meu amigo Alexandre de Jesus Guimarães, queria me internar, mas eu não quis, porque notava que as pessoas internadas ficavam muito doentes. Fui tratado em casa, naquele sistema de *home care*. Recebia profissionais para fazer as injeções e até me colocaram oxigênio. Usei uma única vez, mas achava

que não precisava e, realmente, não senti falta. Recuperei-me bem.

O Marcio foi o único da família que precisou ser internado. Foi tratado em Belém e quando chegou na conexão do Rio de Janeiro, no seu retorno à Curitiba, sentiu-se muito mal, com febre, mas conseguiu embarcar. Em Curitiba, foi para um hospital, onde ficou na UTI, mas decidiu sair sem alta mesmo. Não estava satisfeito com o atendimento. Foi para o Hospital Nossa Senhora da Aparecida, onde ficou durante alguns dias e foi muito bem cuidado até ter alta. Nessa ocasião, quando fazíamos exames para saber como estava a doença, o hemograma indicou que estava com leucemia mieloide crônica (LMC), considerada benigna, mas que requer atenção e cuidados até hoje. De acordo com a médica hemato-oncologista que o acompanha, é muito provável que fique curado dentro de poucos anos!

Diferentes olhares para a CoViD-19

Quando a pandemia começou, troquei informações com um colega de turma que atende em Castanhal (PA), para definirmos que caminho seguir no tratamento de nossos pacientes. Nesse período, atendemos cerca de 500 pessoas, em geral, virtualmente. Nenhum desses pacientes ficou grave a ponto de precisar de hospitalização, muito menos de UTI, exceto dois pacientes, meu filho Marcio e um amigo engenheiro, mas que

logo recebeu alta porque não apresentava doença importante. Todos se saíram muito bem com o acolhimento precoce e com as drogas antiparasitárias e, algumas vezes, corticoides. Ainda que não tenham sido acreditadas por um segmento da Medicina, prescrevemos hidroxicloroquina, ivermectina ou nitazoxanida logo nos primeiros dias dos sintomas, e corticoides para os que evoluíam com quadro respiratório, nos dias seguintes. Todos os nossos pacientes se recuperaram bem.

Recebi a notícia de que estávamos vivendo uma pandemia com naturalidade, afinal, já tinha vivenciado outras em minha vida. Mas fiquei impressionado com os conflitos gerados, por exemplo, esse isolamento social tão imponente a ponto de parar toda a economia, as crianças não poderem ir para a escola, as pessoas não poderem trabalhar, me deu uma sensação muito ruim. Achava que seria um grande desastre, como realmente foi para tantas pessoas que perderam empregos ou aulas, entraram em depressão, tiveram suas rotinas drasticamente alteradas. Como Fagner eternizou em sua música, o trabalho é honra, é fundamental para o bem-estar do ser humano. Sempre fui defensor de ensinar e dar às pessoas a oportunidade de aprender e crescer na vida, isso é fundamental. Por isso me impressionou tanto ver tudo parado, nunca tinha visto isso antes. E no final das contas, temos visto nosso País - e outros também - enfrentando diversos problemas devido à forma como essa pandemia foi abordada.

Sou favorável ao modelo da Suécia. O povo sueco não foi obrigado a alterar o ritmo de suas vidas, exceto prestar atenção maior aos grupos de risco, simplesmente foram enfrentando. Nenhum radicalismo é bom. O isolamento, por exemplo, tem sentido para pessoas de alto risco, como idosos e pacientes com certas comorbidades. As demais poderiam ser infectadas e assim se tornarem imunes, como ocorreu em todas pandemias.

Toda essa grande preocupação que trouxe tanto mal-estar e prejuízos para a humanidade foi menor, em termos de sofrimento e de óbitos que as rotineiras perdas causadas por doenças respiratórias, cardiocerebrovasculares, câncer e a famosa Gripe Espanhola. E poderia ser muito menor caso o acolhimento precoce tivesse sido adotado, conforme milhares de médicos no Brasil e em todo mundo defenderam e aplicaram.

A pandemia de Gripe ou Influenza Espanhola de 1918 foi uma das enfermidades infecciosas mais devastadoras de que se tem notícia, sendo considerada o maior flagelo sanitário da história moderna. Estima-se que a doença afetou quase um terço da população mundial, que era de menos de 2 bilhões de pessoas, e vitimou por volta de 2,5% dos indivíduos acometidos. Em termos numéricos, cerca de 500 milhões de pessoas foram infectadas, das quais cerca de 100 milhões foram a óbito, números superiores aos observados nas duas grandes guerras mundiais.

Tenho a sensação de que muitos dos pacientes que morreram nessa pandemia de CoViD poderiam ter sobrevivido caso tivessem sido acolhidos e tratados precocemente com medicamentos seguros reposicionados - indicados por um grande número de médicos no Brasil e noutras partes do Mundo - e por causa da agressividade do tratamento hospitalar. Sou um dos fundadores da Sociedade Paraense de Infectologia e, pela primeira vez, tive um posicionamento contrário ao de muitos de meus colegas. Sempre achei que temos que tratar o paciente quando ele chega, e não dizer para ele: “vá embora e se você se sentir mal, volte”. Isso não é coerente com minha prática médica. A princípio prescrevia hidroxicloroquina, um medicamento que empregamos frequentemente quando era médico da Aeronáutica, com segurança, sem eventos adversos marcantes. Certa vez fui destacado para tratar centenas de índios que estavam com malária e nunca tive nenhum caso com arritmia, empregando a dose correta, diferentemente do que fizeram em Manaus. Resumidamente, o acolhimento precoce é a nossa posição.

Gosto muito de traduzir artigos médicos e toda publicação que aparecia em revistas reconhecidas, que ratificavam - ou não - meu posicionamento e minha atuação. Entre meus familiares, funcionários da CLIMEP, amigos e clientes, com o acolhimento e tratamento precoces, todos evoluíram muito bem, nenhum com gravidade, o que entendo como comprovação de que nosso posicionamento foi acertado.

Aliás, desde sempre meu foco foi cuidar das pessoas, olhando para elas como um todo e não apenas para a doença. Foi com esse princípio de manutenção da saúde que construímos a CLIMEP e sobre esse alicerce de fazer o bem que temos procurado construir nossas atitudes, dia a dia, vencendo obstáculos e deixando marcas positivas na vida das pessoas.

Meus legados

Assim como trago alguns legados importantes de meus avós, pais e outros familiares, gostaria que meus filhos e netos pudessem observar nossa maneira de viver e carregassem consigo alguns princípios valiosos, que fazem a diferença em nossas vidas. Gostaria que eles dessem continuidade à Família com simplicidade, responsabilidade e dentro dos bons padrões da cultura judaico-cristã.

Meu desejo para meus netos, especialmente, que ainda são novos, é que estudem, obedeçam os pais, cultivem a saúde, a honra, o trabalho e que possam ser bem-sucedidos em suas profissões, em seus ofícios. Que sejam tolerantes, amorosos, que compartilhem com os mais próximos aquilo que têm; lembrando que os mais próximos são nossos familiares, depois as pessoas que trabalham conosco ou que nos cercam. E que possam, de uma forma ou de outra, empreender naquilo que fizerem.



Fachada atual da CLIMEP

A melhor maneira de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, a fim de reduzir a pobreza, possibilitando a todos o acesso a recursos para que tenham uma vida digna, é ter a capacidade de produzir postos de trabalho. Remunerar pessoas para que elas tenham vida digna é o melhor que se pode fazer. Mais uma vez, é melhor ensinar a pescar do que dar o peixe.

Todos os nossos ancestrais foram empreendedores. Embora meu pai tenha sido assalariado, funcionário de uma organização, antes disso foi empreendedor. Quando ele e meu tio Arlindo ficaram rapazotes, meu Nonno deu para cada um deles um lote de cabras para que aprendessem a cuidar e negociar. Em pouco tempo meu pai conseguiu dispor de gado bovino de que cuidava, abatia, vendendo a carne para os vizinhos, prosseguindo positivamente com sua atividade.

Meu avô sempre foi um empreendedor. Embora tenha sido empregado de fazenda, na maior parte do tempo foi meeiro, ou seja, ficava com metade daquilo que plantava; a outra metade ia para o patrão. Com isso, eles guardaram dinheiro e conseguiram comprar uma propriedade, então, todos eles foram assim.

Meu avô materno começou como carroceiro, transportando charque da região produtora - Planalto Catarinense - para a região consumidora, no litoral, voltando com sal e outros produtos. Também foi empreendedor.



18mar03, com minha mãe, Daniel Belezi, Lilian, os 4 netos mais novos e Adelchi & Berenice em sua casa de Campo Largo

E meu pai sempre teve esse espírito. Dentro da organização religiosa onde ele trabalhava, sabia manter as finanças equilibradas, organizar recursos para construir uma igreja, uma escola, sempre fomos assim.

Lia foi a primeira funcionária pública da nossa família, inclusive sugeriu que todos os filhos fossem funcionários públicos também, pela estabilidade que essa condição oferece, mas nenhum deles quis, todos saíram para criar sua própria atividade.

Desde pequeno eu gostava de vender, de construir algo, sempre empreendi também. Agora, por exemplo, estamos trabalhando num sistema de licenciamento de novas unidades da CLIMEP para que indivíduos com vocação empreendedora, inclusive funcionários, tenham a oportunidade de operar o seu próprio estabelecimento, diversificando, dessa forma, o modelo tradicional.

Relato tudo isso com muita satisfação. Quando paro para pensar, às vezes nem acredito que conseguimos vencer todos os obstáculos. Conforme foram aparecendo, tivemos a boa sorte e a capacidade de contornar cada um.

Nos primeiros anos, alugamos uma casa para montar a Clínica, reformamos, começamos a funcionar, e durante dois anos, a atividade não dava renda suficiente para mantê-la. Mas persistimos e conseguimos suplantar esse momento. Sinceramente, se alguém me dissesse que está com a ideia de fazer aquilo que fiz no passado, eu diria: eu diria: “É preciso ser dedicado e forte porque isso vai exigir muito de você.”

Ou seja, é preciso coragem para dar esses saltos na vida, se não formos obstinados, determinados, não avançamos. Uma vez errei nas contas e quando percebi, já tinha dado o passo a mais, tive que me apertar muito para não deixar a peteca cair, andei a pé para poder honrar o compromisso que tinha feito e no final tudo deu certo.

Enfim, sou feliz pela jornada que tracei até agora. Tenho uma família maravilhosa, que tem seus defeitos como todas têm, mas cujas qualidades são tão sublimes e me agradam tanto, que procuro focar apenas nelas. Afinal, a vida tem dois lados e podemos escolher para qual lado queremos olhar. Sempre quero olhar para o lado bom. Sei que meus netos me querem bem, e a Lia cumpre com maestria esse papel de avó, é extremamente carinhosa e paciente, dorme com eles, os leva para passear e cozinha aquilo que eles mais gostam. Por aqui, gosto de compartilhar o tempo com eles, tenho boa relação com meus netos, sou apaixonado por eles, cada um com sua característica peculiar, que o torna especial e único neste mundo.



2007, Belém, penca de netos

1



2



1. 2007, Belém, continuação da penca de netos
2. 2007, Belém, foto final, sem Roger e João Pedro, que não tiveram paciência...

1



1. 2017jan13, Belém, momento de afeto com 4 netos: João Pedro, Miguel, Isaac José e Davi

2



2. 2004, Belém, com Lia, filhos e cônjuges e o primeiro neto, Roger

Hoje, no auge dos meus 75 anos, vivo com gratidão e louvor à família que constituí. Temos tido muita sorte, não tivemos grandes problemas no decorrer deste curso. Se reclamamos, às vezes, é de barriga cheia. Não passamos fome, não tivemos guerra, não tivemos doenças graves. Quando as pessoas ficam idosas, é natural que tudo vá se

degradando, precisamos enfrentar essas características próprias da vida, todos temos que lidar com as mazelas do tempo. Os mais velhos vão saindo, os mais novos chegando, só podemos ficar felizes e gratos por tudo. Celebrar a vida que temos tido a oportunidade de construir e lapidar na união e no amor.

1



2



1. 2008out, com Lia, Cascaes, Portugal, na ocasião do nascimento de Marina e Laura
2. 2010, Com Lia, celebrando 40 anos de casamento

1



2



1. 2010, Belém, celebrando 40 anos de casamento, com a família da época (depois ganhamos o Miguel o Isaac e o Davi!)
2. 2015out12, Londrina, com Mamãe, Demilson atrás de nós e grupo da família Ruzzon

1



2



1. 2016mar24, Belém, com Daniel, casado com Beatirz, Rofolfo e Marcio
2. 2016jul02, Campo Largo, residência de Berenice e Adelchi, a família reunida em torno da matriarca

1



2



1. 2016jul17, Rodolfo, na fazenda dos Nogueira, em Tomé Açu (PA), Roberto Lucas Nogueira com filhos e netos
2. 2017jun05, Lisboa, com Lia e a família do Rodolfo

1



2



1. 2018 julho, em Curitiba, Mamãe com membros de nossa família

2. 2018nov15, em nosso apartamento de Belém, com o amigo Senhor Osvaldo (97 anos), Adelchi & Berenice, Beatriz & Daniel e filhos, Roger com a namorada Giulia



2019jul06, Curitiba, com a família reunida, durante apresentação do plano de governança familiar



2022, Salinópolis, Praia do Atalaia, toda a família reunida nas férias de julho



Família Marques, originária de Pinheiro da Bemposta, Portugal

Época e local de nascimento	Ascendentes descendentes
Década 1860	Vicente Marques e Rosalina Augusta
Década 1880, Pinheiro da Bemposta	José Marques *01jan1885 +03jan1953 & Avelina Marques *28dez1894 +20set1977
Década 1910, Pinheiro da Bemposta e Icoaraci (Distrito de Belém)	Antonio Marques *15mar1915 +11fev1965 & Dulce Marques(1) *22ago1926 +16out2007
Década 1940, Pará e Santa Catarina	Lia Marques Bellese *02mai1949 & Newton Bellesi *06abr1947
Década 1970, Pará	Rodolfo *13nov1971, Beatriz *12mar1974 e Marcio André *12nov1976
Décadas de 2000 e 2010, Pará ¹ e Lisboa ²	Roger ¹ , João Pedro ¹ , Marina ² , Laura ² , Miguel ¹ , Isaac José ¹ e Davi ¹
<i>Imigrou em 1929 de Portugal para o Brasil, mais especificamente para Belém (PA), para trabalhar na Fábrica Palmeira.</i>	

(1) **Filha de Adélia Xerfan Hachem** *26ago1895 (em Zahleh) +31mar1965 & Kalil Hachem Sauaya *1882 (em Monte Líbano) +22nov1930; Filhos: Olga, Leonor, Maria Fernanda, Marta, Angélica, Dulce, Calil.

Filhos de José & Avelina: Antonio, Cecília, Benjamin, Aniceto, Manuel, Álvaro e Ilda.

Filhos de Antonio & Dulce: Maria Clara, André Gil, Lia e Elisa

Filhos de Newton & Lia: Rodolfo, Beatriz e Marcio André

CAPÍTULO 4

A fábrica de lembranças cresceu

Se tiveres amor enraizado em ti, nada senão o amor serão os teus frutos

Santo Agostinho

Sempre quis ser pai. Quando jovem, planejava ter seis filhos, achava bonito ter uma mesa grande, cheia de moques. Mas quando chegamos ao terceiro, Lia brincava dizendo: “agora, se quiser ter mais filhos, você vai ter sozinho, não conte mais comigo, três está ótimo”. E, de fato, ela tinha razão.

Criar filhos não é tão simples assim. É preciso ter instalações adequadas em uma casa, educá-los, dar atenção a todos nas tarefas da escola e seria necessário ter uma van. Hoje vejo que nossa família ficou do tamanho certo. Em nosso carro cabiam cinco pessoas, era a acomodação exata para as viagens que fazíamos com frequência nas férias. Era bem gostoso.

Sempre fui ligado à família, desde menino. Em geral, sou eu quem procura ter notícias de meus tios e irmãos, telefone, busco manter contato, agendar visitas. E é assim tanto em relação à família que foi a base, quanto em relação à que constituímos juntos, Lia e eu. Não vejo outra forma de nos

preservarmos, de sobrevivermos, evoluirmos moralmente e de dar continuidade aos princípios, se não for através da família.

Houve um tempo em que em alguns países, especialmente na União Soviética, pouco tempo depois que tinham um filho, os pais já o deixavam em um educandário onde ficavam todas as crianças e, de vez em quando, iam visitá-lo ou buscá-lo para algum passeio. A meu ver, isso não é bom. Não gostei de ter ficado no internato, foi um período bem difícil para mim, sentia muita saudade de casa. E depois que saí, fiquei bem perdido, tanto que uma das histórias que ficaram marcadas na minha vida foi aquele sumiço, na época em que fui morar sozinho no Rio de Janeiro, em torno dos 15 anos.

Há três pontos que, como pai, procurei não repetir o que meus pais fizeram: um, é que eu sempre quis meus filhos por perto, jamais os colocaria em um internato. Outro é que tentei não exigir perfeição deles, ao contrário de meus

pais, que pareciam valorizar mais o indivíduo idealizado dentro de um padrão religioso, do que propriamente o que cada um de nós era. Com isso, a educação ficou muito pesada, muito forte.

E o terceiro e último ponto é a questão da religião. Se meus pais tivessem sido mais leves, talvez eu nem teria saído de casa e, provavelmente, não teria deixado de ser adventista. Aquela insistência de minha mãe, especialmente, para me direcionar para a Igreja, afastou-me da Religião

Talvez eu tenha errado na educação, como comentei com a história da Beatriz pequenininha, quando fez xixi no tapete. Ou, ainda, tenha exigido demais dos meus filhos em algum aspecto, coisas da inexperiência. Ter filhos foi algo muito desejado por nós. Lia e eu nos casamos em dezembro de 1969 e só tivemos nosso primeiro filho dois anos depois, mais ou menos no período que havíamos planejado.

Rodolfo era muito branco, cabelo bem claro, bem parecido comigo. Chorava bastante, estava sempre com fome, mas era uma criança forte, graciosa, gostava de brincar, e eu gostei de ser pai dele, foi uma experiência muito interessante. **Ele nasceu em 13 de novembro de 1971** e no dia 7 de dezembro foi minha formatura, coroando o Curso de Medicina com a paternidade.



1973, Belém, Rodolfo com pouco mais de 1 ano de idade

Tradicionalmente, o primogênito é mais exigido pelos pais. Foi assim comigo e com o Rodolfo. Por outro lado, acredito que ele tenha tido uma infância feliz. Não só ele, na verdade. Os três tinham liberdade para brincar - amavam nossa casa do Instituto Linguístico, tanto que o Rodolfo até quis

ficar lá quando saímos. A mesma liberdade procuramos dar quando chegou a hora de escolherem a graduação. Ficamos o tempo todo na retaguarda, mas com a sensibilidade de permitir que seguissem seus próprios caminhos com perspectivas profissionais, segurança e coragem.



Meu filho primogênito, Rodolfo Marques Bellesi (depois Bellese :-), Rodolfo

“ Tenho tantas lembranças boas da minha infância... As principais são do Instituto Linguístico (SIL - Summer Institute of Linguistics), onde moramos, graças ao esforço e sacrifício dos meus pais, principal-

mente o Papai, que se tornou, oficiosamente, o médico daquele Instituto, onde ficavam missionários americanos que trabalhavam com populações indígenas da região amazônica. E ali era um oásis, porque quase todos os meus amigos moravam em prédios - na época ainda não havia condomínios horizontais - e nós morávamos numa casa em meio a uma vasta área verde.

Era uma casa simples de madeira, mas bem confortável. O local era bastante amplo, e eu gostava de explorar

aquele espaço todo: andava de bicicleta, corria, jogava futebol, subia em árvore (até caí algumas vezes :-), ou seja, tinha possibilidades que eram raríssimas para meus amigos. E tive essa oportunidade durante mais de dez anos da minha vida, por causa da dedicação de meu Pai e, obviamente, da Mamãe, que o apoiou; eles se empenharam fortemente porque acreditavam que seria algo único. De fato, foi incrível, uma época muito, muito marcante para todos nós.

A educação que Papai e Mamãe nos transmitiram foi excelente. Não sei se propositalmente ou não, desde cedo estabeleceram práticas que nos despertaram para o empreendedorismo. Tínhamos que merecer algo, por exemplo, eles nos davam uma mesada - só que semanal - mas para recebê-la, precisávamos merecer. Meu pai plantou em frente

de casa um amendoim rasteiro, e uma de minhas responsabilidades era tirar as *graminhas* que invadiam a plantação. Tinha a semana toda para fazer isso, mas como a ‘semanada’ era paga no sábado, eu só me dedicava a isso no último momento possível para merecê-la.

Outra forte característica, que tem a ver com o lado imigrante do Papai, é que sempre gostei de vender. Queria ganhar dinheiro, então vendia sementes de árvores ou pequenas árvores ali na vizinhança. Batia de porta em porta, num modelo *old school*, oferecendo mudas, pequenas plantas e adubos. Eu mesmo fazia a plantação. E comecei a me empolgar com isso porque, de repente, um mundo de possibilidades se abriu à minha frente e tudo parecia possível.

Passei a vender o que tínhamos na geladeira, ia buscar e saía para vender na vizinhança a um valor baixo, porque meu custo era zero, então meus clientes eram cativos. Até que meu pai descobriu! Mas foi interessante porque em vez de me penalizar, ele me ensinou o valor do dinheiro. Foi assim que Papai passou a me levar na Ceasa para comprar os produtos e depois vender.

E em situações como essas, fui aprendendo os valores morais que regiam nossa família. Aquele exemplo da divisão do troco no episódio com meu irmão [relatado no capítulo anterior], foi algo significativo e se tornou representativo

em minha vida. Com meus pais, compreendi o que é ética, então, eu jamais conseguiria, por exemplo, aproveitar um momento em que não houvesse ninguém por perto para fazer algo de errado, isso porque eu mesmo me supervisiono. E se fizer algo errado - de propósito ou por acidente - ficaria sofrendo depois, porque isso é algo sério pra mim.

Aliás, um dos motivos que me levaram a decidir morar aqui nos EUA, com a minha família, em 2014, foi a experiência que tive em 1990, quando vim para cá pela primeira vez, por meio de um programa de intercâmbio informal, organizado por meus pais, que através de um dos missionários do Instituto Linguístico, Pastor Miller, conheceram uma família que viajou para o Brasil acompanhando um grupo de jovens de umas das igrejas ligadas ao SIL, os Hendricks. Sr. e Sra. Hendricks (Mr. Hendricks e Mrs. Susie, como os chamo até hoje). Em Fevereiro de 1990 tive a oportunidade de morar na casa deles, em Columbus, Ohio, por cerca de seis meses. Ali compreendi que aquele estilo de vida funcionava melhor para mim. Sou muito mais adaptado morando em Ohio, um local pacato, onde o trânsito é calmo, o relevo não tem muitas emoções e o inverno é intenso (aliás, até disso eu gosto) e já naquela época pensei: quero voltar para cá. E passei todos os anos na Universidade Federal do Pará, pensando em vir para cá. Demorei para me formar. O curso de Engenharia Elétrica era difícil e tinha muitas greves na Universidade naqueles anos, mas eu gostava do

conteúdo e persisti. Mamãe me ajudou muito no processo de conclusão do curso e com sucesso. Inclusive hoje brinco com minhas filhas dizendo que elas podem escolher qualquer curso superior, desde que façam Engenharia... Digo isso porque essa é uma profissão que abre muitas portas em que despontam inúmeras possibilidades.

No último ano da universidade, soube da oportunidade de vir para os EUA fazer Mestrado, então me esforcei sobremaneira para tirar notas boas. Nesse meio tempo, vim para cá a fim de fazer *lobby*, conhecer a infraestrutura e o diretor Departamento de Engenharia Elétrica, o que me animou ainda mais. Quando soube que tinha sido aceito, fui me informar sobre a possibilidade de cursar o Mestrado sem pagar, já que na época não tínhamos condições. O período de bolsa já havia se encerrado, mas existia a possibilidade de dar aula, o salário era de US\$ 1.200. De imediato fui me informar sobre o que deveria fazer para conseguir uma vaga, e fui conversar com professores que davam aulas em laboratórios; dos quatro com quem falei, três tinham necessidade de um professor auxiliar, o chamado GTA - *Graduate Teaching Associate*. Todos disseram que se eu passasse na prova de fluência verbal, poderia conversar com eles.

Dediquei-me intensamente e passei na prova verbal. Apreendi matérias que nunca tinha estudado, e foi ótimo!

Com isso, em 1998, consegui cursar o Mestrado, não só sem pagar, como recebendo, valor que veio em boa hora somar-se ao suporte financeiro de meus pais. Isso foi de grande valia para o orçamento da família. Mais tarde, em 2000, quando fui para Boston trabalhar, encontrei oportunidade justamente no Departamento de Treinamento, como engenheiro de aplicação. Em Boston, durante os meus quatro anos trabalhando na Teradyne, aprendi muito. Não só que o empreendedorismo unido à engenharia fazia todo sentido, mas também com o meu chefe à época, Gary Moraes, um cara singular e de intensa importância na minha vida profissional. Gary me ensinou mais sobre gestão de processos e recursos humanos do que os dois anos de MBA que cursei em Massachusetts. Em 2003-2004 decidi retornar ao Brasil. Apesar de tudo de bom que havia conquistado, sentia-me só em Boston. As experiências com o 11 de Setembro (2001) também contribuíram para exacerbar a saudade do Brasil.

Quando olho para trás, vejo o curso da vida como dominós. É quase impossível que todas aquelas situações não estivessem alinhadas: a vinda como estudante, a empatia com a família daqui e as demais oportunidades que foram surgindo a partir disso... Tudo foi incentivado e viabilizado por meus pais. E eu, no auge da juventude, consegui aproveitar todas as chances que tive.

Parceria

A Gabriela é minha parceira de vida. Nós nos conhecemos através de uma amiga da Mamãe, *tia Guth*, na ocasião proprietária da academia onde a Gabriela treinava, encontro previamente idealizado pela Mamãe. Quando voltei dos EUA para Belém, fui malhar lá e tia Guth cismou que a Gabriela tinha que me conhecer. Durante uma semana ela ficou tentando ‘organizar as agendas’ para que fôssemos treinar na mesma hora, mas isso não aconteceu.

No fim de semana do Círio de Nazaré, um evento importantíssimo para Belém, ela me deu o telefone da Gabriela e decidi ligar, convidando-a para jantar em casa. Temos uma vida maravilhosa, a Gabriela é espetacular, gosto demais da família dela, em especial do meu sogro. Só acho que ele não entende bem o que faço... **Nem o meu Pai!**

2



1



1. 2016mar24, Belém, com a Gabriela, na cerimônia de casamento da Bia e do Daniel

2. 2022out, Belém, uma caminhada com Papai pelo percurso do Círio de Nazaré, que se realizaria no domingo seguinte

E só estamos nos EUA porque ela aceitou abrir mão da vida que levava para viver esse sonho comigo. Na época, ela operava três cafés, em tese, não precisaria largar seu trabalho, mas topou e foi minha parceira nesse tempo todo. Um detalhe, nós não viemos direto para os EUA, antes moramos em Portugal.

Eu queria sair do Brasil para viver em um lugar mais tran-

quilo e havia uma oportunidade de incorporação, com primos e tios, em Portugal. Isso foi em 2007, mas no ano seguinte, a instauração da crise imobiliária nos EUA afetou todo o planeta e o mercado imobiliário ficou retraído. Com isso, o que fui fazer em Portugal deixou de ser possível; ficamos lá até meados de 2009 e, então, decidimos voltar para o Brasil.



Gabriela Terzella Nogueira Bellese, minha nora, Gabriela

“Nasci no dia 02 de fevereiro de 1975, em Itaperuna (RJ). Papai era de São Paulo (SP) e Mamãe de Paraíba do Sul (RJ), onde eles se conheceram. Quando eu tinha 3 anos, meus pais se mudaram para Paragominas, onde

morei durante 10 anos e, então, fomos para Belém. Eu estava na expectativa para mudar de cidade, ia cursar a 8ª em uma cidade grande, aquilo era tudo uma novidade. Estudei no Colégio Moderno até o 3º Colegial e depois fiz Administração de Empresas na Universidade da Amazônia - UNAMA.

Comecei a trabalhar cedo. Em Paragominas fazia laços para vender, depois trabalhei em uma loja de armarinhos, desenvolvi alguns trabalhos informais, queria ter meu

próprio dinheiro. Com 18 anos consegui o primeiro emprego com carteira assinada, em uma rede de locadora de carros. Fiz intercâmbio em Michigan (EUA), para estudar inglês e durante a faculdade, trabalhei em uma agência de turismo. No último ano do curso fui contratada pelo banco HSBC.

Conheci o Rodolfo em 2003. Uma das características que me atraíram foi que nossos princípios de vida são semelhantes. Papai e Newton são homens honestos, trabalhadores e, ao mesmo tempo, pessoas simples. Tanto que nossas filhas são apaixonadas pelos avós, especialmente pela vovó Lia.

Lembro que os conheci já no primeiro fim de semana que encontrei o Rodolfo. Como eles moram perto de onde

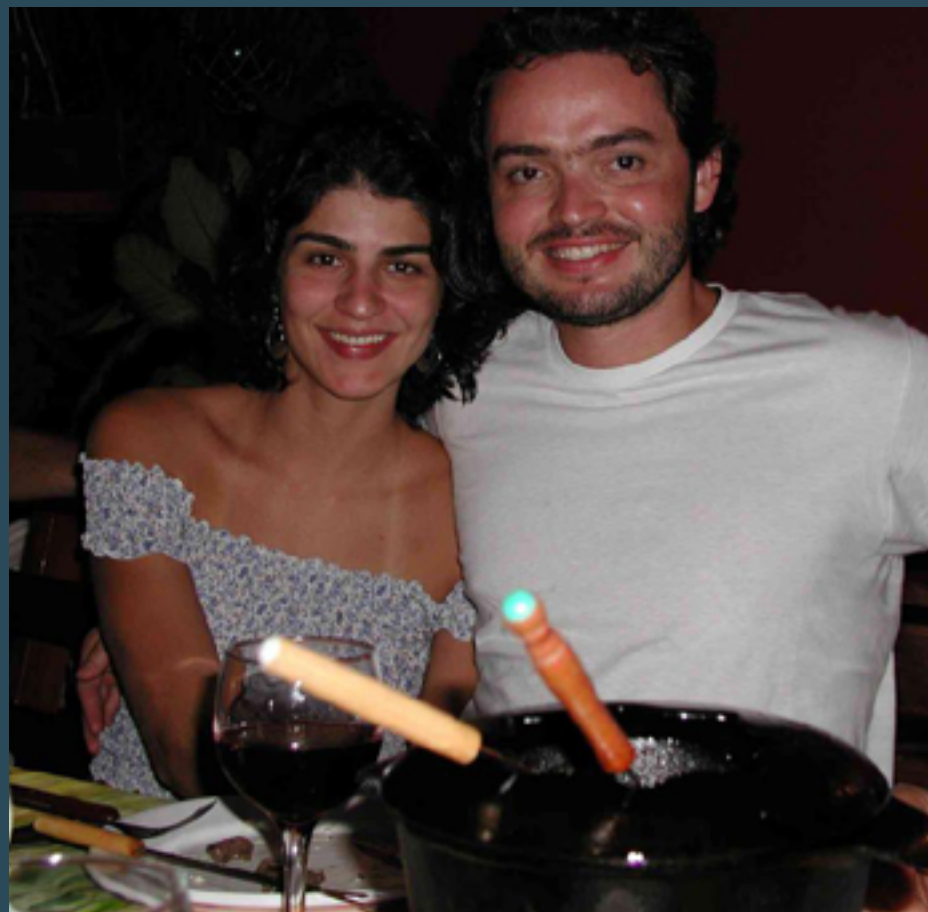
passa a procissão do **Círio de Nazaré**, fui jantar na casa deles para ver a santa passar. O Newton adora colocar a comida na nossa boca e tinha frango com tucupi. Lembro que ele enfiou um baita pedaço de frango na minha boca, eu quase não conseguia mastigar direito, foi engraçado.

Começamos a namorar em 2003, ficamos noivos e nos casamos no dia 05 de janeiro de 2007, então nos mudamos para Portugal. Na ocasião eu trabalhava na construção de um porto para a Bunge em Barcarena (PA), mas eu já conhecia a família do Rodolfo havia algum tempo, sabia que

1



2



1. 2022, Belém, o tradicional Círio de Nazaré, retratado por meu sogro, Newton Bellese

2. 2003out25, Tomé-Açu, na Fazenda Boa Sorte, do meu pai, no ano em que Rodolfo e eu começamos a namorar

eles eram pessoas sérias e muito comprometidas, então decidi largar tudo e acompanhá-lo. Sempre quis morar fora, sou aventureira e não foi difícil tomar essa decisão.

1



1. 2007jan05, Belém, nosso casamento não foi muito tradicional, mas somos católicos e fizemos questão de receber as bênçãos de Deus

2. 2007jan05, Belém, com o Roger, na celebração do nosso casamento

2



1



Estava tentando engravidar fazia tempo, mas como eu tinha ovário policístico, precisei fazer um tratamento: em agosto de 2008 passei a tomar glifage e em novembro, quando estávamos de férias no Brasil, soubemos que eu estava grávida.

Levamos um susto quando o médico nos disse que eram gêmeas, mas o lado bom é que não tive dúvida se seria parto normal ou cesária, teve que ser cesárea. As meninas nasceram em Lisboa, no dia 14 de agosto de 2008, com 3kg cada uma. A Marina nasceu primeiro, com um minuto de diferença da Laura. A Lia foi para o nascimento e permaneceu lá nos ajudando nos primeiros (e intensos) 40 dias.

2



1. 2007jan05, Belém, com a família na celebração do nosso casamento

2. 2007jan05, Belém, beliscando o bumbum do Nonno, uma tradição nossa

Foi um período difícil no início, porque conseguir uma boa babá em Portugal não é tão simples como no Brasil. Quando elas tinham seis meses, a Inês, que foi babá da Beatriz, foi com a Lia passar um período lá para me ajudar. Ficaram cerca de três meses comigo e foi uma mão na roda. Depois tivemos que enfrentar novamente o desafio de encontrar uma babá, foi um sufoco.

Por fim, decidimos voltar para o Brasil porque as meninas nasceram com hemangioma. O da Marina foi na cabeça e o da Laura no dorso, e nenhum médico de Portugal sabia como tratar. Um deles chegou a me dizer que quando elas completassem 7 anos ia sumir naturalmente; achei um absurdo, não queria ver minhas filhas sofrendo com aquilo durante tantos anos.

Conversei com o Rodolfo e decidimos buscar tratamento no Brasil, afinal, o pai dele é um médico renomado em Belém, conhecia bons profissionais, sabíamos que ele poderia nos ajudar. Dito e feito. Foi através dele que chegamos a uma oncologista que tinha tratado a própria filha com corticóide e medicamento para varizes. Ficamos nove meses em Belém,

meu pai nos emprestou um apartamento que ele mantinha alugado na cidade, até que regressamos para Portugal. Mas logo depois, decidimos voltar a morar no Brasil, onde ficamos por mais quatro anos.

Foi aí que montei três cafés: um na academia Bio Ritmo, outro na Bodytech e o terceiro em um prédio empresarial, construído pelo Marcio. Eu adorava, esse foi o meu melhor trabalho. Eu administrava os três cafés, mas quando deixamos o Brasil novamente, decidi vendê-los.

Nos EUA fiz curso técnico - *Community College* - na área de Nutrição. Cheguei a pensar em atuar nessa área, mas concluí no ano em que a pandemia da Covid foi decretada e todos os planos tiveram que ser alterados.

Atualmente, desenvolvo um trabalho voluntário com crianças especiais em escolas públicas. É uma experiência marcante. E essa convivência entre os alunos é importante porque é uma forma de cultivar o respeito às diferenças. E decidi atuar voluntariamente porque assim consigo ter flexibilidade para cuidar das nossas filhas, afinal, gêmeas exigem mais atenção.”

Frutos

Até hoje me lembro de quando recebemos a notícia de que seriam gêmeas, foi uma comoção geral. Ao mesmo tempo,

levamos um susto, essa possibilidade jamais havia passado por nossas cabeças.

Sabíamos que a Gabriela estava grávida, ela tinha feito o

teste de farmácia, mas quando o médico disse: “opa, tem outro”, a Gabriela retrucou: “Outro o quê? Não vale me sacanear, estou grávida, não posso levar susto”. Ninguém acreditava, era algo totalmente fora de cogitação. Saímos de lá mudos, depois choramos, foi uma loucura. Ainda bem que pudemos contar com o apoio da família no início, ao menos por um período.

Ficamos mais um ano em Portugal e voltamos para o Brasil, onde moramos por um ano. Retornamos a Portugal e permanecemos por mais dois anos e depois voltamos para o Brasil novamente. Quando elas completaram 6 anos, já estávamos em Ohio. Somos ciganos modernos, juntos já mudamos de continente cinco vezes. E eu, quando só, ainda fiz isso mais duas vezes.

Marina e Laura são alfacinhas, apelido que se dá a quem nasce em Lisboa. As duas são bem inteligentes, são amigas uma da outra e ainda gostam de estar com a gente. De vez em quando precisamos tirar o celular ou impor alguma censura, parece que é a única forma de fazer chegar nelas a mensagem que queremos transmitir. São os desafios da educação.

Essa é uma geração que tem muito mais do que precisa, isso porque nós procuramos dar uma controlada, mas elas têm mais acesso a tudo. Meus irmãos e eu só ganhávamos presente no aniversário e no Natal; roupa era duas vezes por

ano. Agora aqui elas têm acesso a tudo o tempo todo.

As meninas ainda são novas e elas não têm ideia de todos os desafios que passamos para estar aqui. Mas eu espero que nosso exemplo de dedicação ao trabalho e **valorização da família** sejam os princípios que elas mantenham em mente quando já souberem discernir os valores da vida.



**2017, Paris,
com Marina
e Laura sob
a Torre Eiffel**

1



1. 2017, Paris, Gabriela, com Marina no colo e Laura ao lado

2



2. 2022fev, Dublin OH, com a família, celebrando o aniversário da Gabriela na casa de amigos

Gabriela

“A Laura é mais séria, mais pragmática, mais lógica, como o pai. Por outro lado, tem uma ligação afetiva com as comidas que provamos em determinados lugares, guarda várias recordações e, às vezes, pede para voltar em alguns deles. Já a Marina é mais emoção, mais artística, mais coração e carrega essa calma que tenho, é mais tranquila. Ambas são muito responsáveis e inteligentes, como o Rodolfo, que é extremamente inteligente, guarda todas as informações. E ambas são organizadas, como Papai, Lia e Newton.

Gosto de valorizar essa ligação com a família para manter os laços. Em casa, por exemplo, sempre converso em português com elas, para que não percam o contato com o idioma. Elas podem até falar em inglês comigo, já que se expressam melhor assim, mas eu respondo em português.

As meninas jogam vôlei, adoram piscina e ainda estão numa fase de brincar, mas já ficam vidradas no celular e gostam de passear no shopping com as amigas e até comprar coisas. Percebo que têm mais facilidades e acesso do que nós tivemos. É um desafio encontrar a medida equilibrada desses acessos. Mas sempre que possível, procuro incentivar as atividades fora do mundo virtual.

Quando estivemos no Brasil, no em julho de 2022, alugamos uma casa com piscina em Salinópolis e elas passaram

o dia na água. Na fazenda, era a semana da lua cheia e Papai inventou um passeio noturno a cavalo com os netos, em uma estrada cheia de buracos. **Foram em uma charrete**, ele era o único adulto. Fiquei meio apreensiva, mas deixei que elas fossem; Papai é muito responsável, não ia metê-las numa enrascada. E elas amaram, chegaram contando pra todo mundo como tinha sido.



2022, durante passeio noturno de Papai com os netos Paola, João Pedro e Laura

Enfim, vivemos tentando acertar na educação delas, sempre procurando preservar os valores de honestidade e humildade que nossa família carrega. É importante saber se portar tanto em lugares chiques como nos mais

1



1. 2022jun, Porto, Celebrando o Dia de são João

2. 2021jul, Jericoacoara, com Rodolfo, meu amor, amigo e companheiro

simples, tratar as pessoas com respeito, e nisso o Rodolfo e eu somos parecidos. Nossas filhas são mais mimadas do que nós fomos, mas fazemos questão de zelar por esses princípios.”

2



1



1. 2021jul, Jericoacoara curtindo as férias com Laura e Marina

2



2. 2022, Dublin OH, a nossa família



Marina e Laura

“Com o Papai conversamos e jogamos bola. Com a Mamãe também conversamos bastante e adoramos passear no shopping. E quando va-

mos ao Brasil, o que mais gostamos é **ficar com a nossa família**, porque todos os nossos primos, nossos tios e avós estão lá. Isso é o que mais nos agrada no Brasil. Mas também adoramos quando eles vêm nos visitar.”

1



2



1. 2011, em nosso aniversário de 3 anos, em afagos com o Nonno durante sessão de fotos

2. 2019 mai, no Columbus Zoo And Aquarium, com o Nonno

1



1. 2019, nossa família com a Vovó

2



2. 2021, Dublin OH, com o vovô Roberto

1



1. Belém, Parque Mangal das Garças, com os 5 primos e o Nonno

2



2. 2022, Dublin, em frente de casa, fazendo graça

1



2



1. 2010fev10, Tomé-Açu, com o Nonno, na Fazenda do vovô Roberto, um local que adoramos

2. 2017, Lisboa, com o Nonno no teleférico

Balanço

Em 13 de novembro de 2021 completei 50 anos. Foi um momento emblemático, em que analisei toda minha vida, rea-

1



1. Com meus pais, o alicerce de tudo

valiei princípios e ponderei o quanto gostaria de estar mais próximo da família, por isso até insisti tanto para que meus pais viessem passar aqueles três meses comigo.

2



2. 2021dez, Dublin, com Papai às vésperas do Natal

1



1. 2021nov13, Dublin, com Papai, no meu aniversário 50 anos

2



2. 2022jun, Portugal, na Lagoa de Albufeira, com Gabriela, nossas filhas e meus pais

A vida é curta e passa rapidamente, o tempo é limitado, então, precisamos fazer aquilo que é importante de fato. Talvez tenha demorado para descobrir isso; por outro lado,

se soubesse de tudo o que sei hoje, a vida teria sido mais enfadonha, sem emoção.

E embora eu tenha sucesso profissional aqui, sempre me cobro muito. Fomos educados para errar pouco, ter sucesso. Possivelmente meus pais nem vão concordar com isso, mas a verdade é que nos sentimos assim, em especial a Beatriz e eu. Sofremos enorme pressão de nós mesmos, vivemos numa cobrança permanente e contínua, sempre querendo alcançar mais, nunca estamos satisfeitos. Isso é duro. Mas, certamente, se olharmos com as lentes da realidade, analisando os fatos friamente, **sabemos que tivemos sucesso.**

1



1. 2022dez, Columbus OH, no Shopping, com a família, que veio passar o Natal

2



2. 2022, Belém, celebrando o aniversário da Bia



2022, Flórida, na praia de Anna Maria Island, por ocasião do réveillon em família

Os últimos 8 anos foram emblemáticos, profissional e financeiramente falando. Diversos fatores contribuíram, e essa jornada só se concretizou desta forma, devido a tudo o que fiz até aqui - de certo e de errado. De fato parece que, de alguma forma, havia um planejamento [superior talvez] para que tudo ocorresse dessa maneira.

Minha volta para os EUA foi curiosa. Em 2014, estávamos

de férias em Orlando quando recebi um convite do departamento que faz o relacionamento com os ex-alunos da *The Ohio State University*. Mantinha um celular com o número americano e foi por ele que recebi o convite para visitar o campus. Mudei minha passagem e vim para cá, enquanto a Gabriela voltou com as meninas para Belém.

Fui à *The Ohio State University*, encontrei-me com o Dr. Rob Lee, que era o *Chairman* do Departamento de Engenharia Elétrica e Computação, e lhe disse que tinha muito interesse em investir em tecnologia. Então, me apresentaram ao Escritório de Comercialização de Tecnologia (*TCO - Technology Commercialization Office*) que licencia tecnologias, patentes ou licenças de operação para empresas e startups. Assim, iniciei o trabalho em solo americano.

Inicialmente, quis fazer uma gestão como conselheiro, tentei administrar remotamente, mas vi que não funcionava. Conversei com a família e decidimos passar seis meses nos EUA, foi quando lancei a *Ikove Capital*; *Ikove* significa ‘crescer’ em tupi-guarani.

A *Ikove* é uma empresa de desenvolvimento de risco fundada para buscar investimentos em estágio inicial com ênfase na comercialização de tecnologia. Por meio de um ‘berçário de *startup*’, em parceria com várias instituições de pesquisa dos EUA, a *Ikove* identifica e valida o desenvolvimento de

tecnologias de alto impacto, fornecendo recursos de capital e comercialização para preencher a lacuna entre as rodadas financiadas por P&D (Pesquisa & Desenvolvimento) e VC (Venture Capital).

Trouxe Dr. Lee como sócio, assim como o Flávio, um antigo amigo, também de Belém, que morava na época em NYC, e após uma vida trabalhando em *Wall Street*, decidiu se unir a nós. O primeiro ano da empresa foi bom, o segundo foi ok, o começo do terceiro bem ruim, mas já no final do terceiro melhorou e depois disso só crescemos. Os anos seguintes foram espetaculares, mesmo com a pandemia; aliás, especialmente com a pandemia, porque as pessoas ficaram mais abertas a coisas novas e passaram a aceitar mais a mudança de hábito. Sei que foi um período duro, mas a inovação acontece nesses momentos.

Basicamente, o que fazemos é encontrar tecnologia em universidades, licenciá-las, fomentar recursos humanos e investimento financeiro, enfim, tentamos criar negócios de sucesso a partir de ideias inovadoras. Em oito anos, lançamos 28 empresas, a maioria oriunda de universidades. E já temos sete empresas no Brasil, sendo quase todas criadas para solucionar problemas típicos do Brasil, a burocracia.

Tive vários momentos de crise. Crise com os sócios, com o mercado, com os players já instalados... porque funciona assim: uma nova empresa é bem-vinda enquanto é pequena e



2022, Columbus, OH, na IkoVe Startup Nursery

frágil, mas quando começa a ocupar espaço, aquelas mesmas entidades que a queriam, passam a considerá-la uma ameaça. Pensei em desistir ou cheguei próximo disso algumas vezes, mas estava tão imerso no negócio, coloquei tanto esforço ali que pensei: como pode não dar certo?

Acredito que essa seja uma grande lição para quem está - ou pretende entrar - nessa vida de empreendedorismo. Não é fácil, é um caminho tortuoso, árduo e cheio de desafios. Mas como disse Gandhi, “a persistência é o caminho do êxito”. Hoje, consigo me ver fora da operação, mas não desligado de tudo o que foi criado, nem tenho mais um plano B. Consigo até sentir orgulho de tudo o que construímos, embora ainda me cobre muito sobre a necessidade de avançar. Não sei se é vício ou se é, de fato, uma demanda. O fato é que gosto de tudo o que faço.

As lembranças de família

Admiro muito o esforço do Papai para registrar a história da nossa família. Lembro-me de sua dedicação ao livro “Memórias do Nonno”, era visível o quanto esse projeto era importante para ele. Acho que dos três filhos, sou o que mais dá importância para essa questão familiar, talvez por ser o mais velho.

Inclusive, quando voltei dos EUA, em 2003, fizemos uma viagem de carro pelo Sul visitando todos os parentes: passamos



2019jul07, Curitiba, com a Nonna



Salinas, com Papai e meu sogro

pelas cidades do interior de São Paulo, Norte do Paraná, interior de Santa Catarina, visitamos o local onde Papai nasceu, enfim, fomos aonde todos os tios estavam. Quando comen-

tei sobre essa ideia, na hora ele aceitou porque era algo importante para nós dois.

E essa iniciativa de escrever o “Lembranças de Família” é sensacional. Primeiro porque traz a possibilidade de um registro físico de histórias que poderiam se perder em nossas memórias. Tanto é que hoje em dia sabe-se muito pouco sobre as sociedades que existiram antes da escrita.

Segundo, que registra inúmeras lições que podemos aprender com todas essas vivências e ressalta a importância dessa convivência em família. O tempo é limitado e, às vezes, quando queremos promover algum um ajuste ou tomar uma decisão, pode ser tarde demais. Então é essencial ficar de olhos e ouvidos atentos a fim de entender os sinais que a vida nos dá para tomar decisões corretas e ter a iniciativa da proximidade enquanto há tempo.”



Minha filha Beatriz Marques Bellese, Beatriz

“Sou Beatriz, a filha do meio, mas poderia ter sido Isabel. Minha mãe conta que a prima (Tia Elza) me olhou e falou que eu não tinha cara de Isabel e sim de Beatriz, e

assim ficou. Adorei, gosto muito do meu nome.

Minha primeira lembrança de casa foi o apartamento do Edifício Piedade, na Avenida Presidente Vargas, onde também morava minha avó Dulce. A família conta que fiz xixi

no carpete novo da sala e levei umas palmadas de Papai, mas não me lembro. Sei dessa história porque eles comentam. As lembranças que tenho desse apartamento é que era muito perto da vovó Dulce, o acesso a ela era frequente.

Depois veio a casa do Jardim das Palmas, que era linda, foi construída por meus pais, que chamaram um arquiteto, mas moramos pouco tempo lá. Logo nos mudamos para a casa do Instituto Linguístico, onde moramos durante muito tempo.

Era engraçado porque não tinha janela, era só grade de proteção e tela mosquiteira, além das cortinas que havia ali, para que os cômodos não ficassem muito expostos. Meu quarto ficava ao lado da garagem e eu sofria com o barulho, porque de manhã cedo, precisava aquecer o carro e, sem janela, parecia que o barulho ia direto ali. Quando cortava grama também era assim. Mas eu gostava dali, a casa era bem arejada e havia muito espaço para brincar, além de animais como arara, gato, cachorro, peixe e até galinha, que o Marcio criava.

Tinha uma casinha de boneca no quintal e outra na árvore, que eu adorava. O condomínio era bem afastado e me lembro de ter que andar muito para pegar a condução da escola, um ônibus do próprio colégio. Era muito legal. Fizemos amizades que duram até hoje.

Meus pais sempre trabalharam muito, quem ficava a maior

parte do dia conosco, nos acompanhando, era a nossa querida Inês, que ainda hoje é presente e também ajudou a cuidar dos meus filhos e das gêmeas. As crianças são apaixonadas por ela.

Na época do vestibular, acabei voltando para o Edifício Piedade, onde morei com vovó Dulce, pois a nossa casa era muito distante e, desta forma, facilitava minha ida ao cursinho. Foi muito bom! Ela sempre foi uma mulher à frente do seu tempo, doce, uma amiga. Até hoje sinto seu cheiro. Muitas saudades.

Desde menina eu pensava em trabalhar com criança, dizia que seria professora. Mas meu pai me incentivava a cursar Medicina e como sempre gostei de Biologia e Química, decidi tentar. Quando prestei vestibular pela primeira vez, meus pontos não atingiram o necessário para entrar em Medicina, mas eram suficientes para Odontologia, então, no ano seguinte prestei vestibular para Odonto e passei. O curioso foi que, desta vez, se eu tivesse escolhido Medicina, teria entrado, porque os pontos foram mais altos.

Mas não me arrependi. Fiz especialização em Odontopediatria e, mais tarde, em Ortodontia porque é uma área que sempre me interessou. Ainda gosto de trabalhar com crianças, admiro a sinceridade e espontaneidade delas, mas a Ortodontia é a área em que mais atuo hoje em dia. E reconheço que muitas das minhas conquistas se devem ao apoio dos meus pais.

Depois do período com vovó Dulce, fui para o Edifício Cortina d'Ampezzo, onde Papai e Mamãe moram até hoje. Minha relação com Papai sempre foi muito boa, quando criança, nos sentíamos muito seguros com ele. Mas também sabíamos que não podíamos sair da linha, ele sempre foi bem autoritário. Exigia que acordássemos cedo até aos domingos, nem que fosse para fazer algum trabalho em casa.

Como sou a segunda filha, ficava com aquilo que o Rodolfo não usava mais: uniformes - mesmo grandes, que pareciam um vestido para mim -, brinquedos... e a bicicleta dele, que era enorme. Uma vez, quando eu tinha 8 anos, estávamos fazendo piquenique e derrapei de bicicleta, caí - a rua estava cheia de pedras - e abri minha testa. Quando levantei o rosto, o Rodolfo gritou: “está sangrando muito”, ao que chorei apavorada, com medo. Na hora meu pai amarrou a camiseta dele na minha testa e seguimos em direção ao hospital, de bicicleta mesmo, porque estávamos longe de casa. Ele teve que pedir carona, e só depois de um tempo conseguiu fazer com que duas pediatras parassem e me levassem com ele para o hospital. Chegando lá, o Papai mesmo deu pontos na minha testa.

Outro acidente que ficou marcado na infância foi em casa. A Inês, minha babá, comprava um brilho da Avon que tinha formato de morango e guardava em seu guarda-roupa, cujos puxadores eram umas flechas. Mas o armário não tinha chave, a tranca das portas era feita por pedacinhos de madeira

presos em uns pregos; comecei a pular para tentar desencaixar aquela argola e em um desses saltos, o puxador de flecha entrou em minha barriga e o guarda-roupa caiu em cima de mim. O filho da lavadeira, que estava por perto, me colocou sobre a cômoda e ali fiquei — presa com o guarda-roupa em cima de mim. Por sorte, Papai estava em casa e logo veio me socorrer! Ele precisou me levantar para me desprender daquele puxador. E todas as noites, me deitava na mesa de jantar para fazer o curativo; doía muito porque ele tinha que tirar o ar da minha barriga, lembro-me como se fosse ontem. Quase perfurou o pulmão! Nessas horas faz diferença ter um pai médico.

Mas tenho boas recordações da infância também. Estudamos no NPI (Núcleo Pedagógico Integrado), uma escola destinada aos filhos dos funcionários públicos federais da UFPA, como a Mamãe. Era enorme, só para se ter ideia, havia dez turmas para cada série. Ali, convivemos com todos os públicos, desde os filhos dos professores até os filhos das cozinheiras e faxineiras, por exemplo, o que foi muito bom porque assim pudemos conhecer realidades diferentes das nossas.

Sempre destoei da turma, por ser muito branquinha e bem pequena, ninguém me queria nos times, eu não jogava bola. Ficava ao lado da professora de Educação Física auxiliando na chamada. Os alunos me chamavam de burguesinha, de ameoba, sofri um pouco de *bullying*, mas nada disso

me atingiu, graças à postura de Papai, que nunca deu bola para essas coisas e me ensinou a não ficar preocupada. Por outro lado, vejo que tem um pouco da personalidade de cada um também, porque o Rodolfo ficava bem incomodado quando as pessoas mexiam com ele, ou comigo para irritá-lo. Ele sempre foi enorme e às vezes se metia em brigas, era muito reativo. Mas, da mesma forma, isso não marcou negativamente sua vida, ao contrário, todos nós temos boas lembranças do NPI, onde estudei até 1989.

A escola oferecia diversas aulas extras para os alunos e aproveitei muitas delas. Participei da aula de crochê e aprendi a fazer bonecas, fiz aula de culinária, sempre achei que ia ser só mãe e dona de casa, nunca imaginei que viveria do meu trabalho.

Em casa, Papai e Mamãe sempre cuidaram muito de mim, mas quando jovem, me sentia presa, parecia que eu não podia fazer nada e enxerguei no casamento uma possibilidade de liberdade, por isso me casei cedo, mas a relação com o marido continuou igual. Até que entrei na Aeronáutica e, na convivência com outras pessoas que eram casadas, passei a ver que tinha algo errado no meu casamento e decidi me separar. Isso foi em 2006, o Roger, meu filho, estava com 4 anos.

Minha família foi muito importante nesse período, me senti muito acolhida e protegida por todos. Meu vínculo com meus irmãos é muito bonito, de amizade e confiança. Foram

fundamentais na criação do Roger, exemplos de homem para ele, inclusive o Papai ainda é muito presente nessa formação. Assim como minhas cunhadas, verdadeiras irmãs, confio a vida dos meus filhos a elas. E minha mãe, sempre presente e protetora com o Roger, também me ajudou muito na educação dele, eles têm uma conexão muito grande.

Ele nasceu no dia 27 de agosto de 2002, é um menino encantador. Deu muito trabalho quando pequeno, era bem agitado. Logo que me divorciei, inclusive, fui viajar com minha família para os países do Sul. Estávamos em Punta Del Este e a Lilian queria ver umas lojas, mas eu não conseguia participar de muitas atividades porque o Roger era bem pequeno, tinha que ficar correndo atrás dele. Meu pai disse: “pode ir lá com a Lilian, que Marcio e eu ficamos com ele, vamos ao McDonalds”.

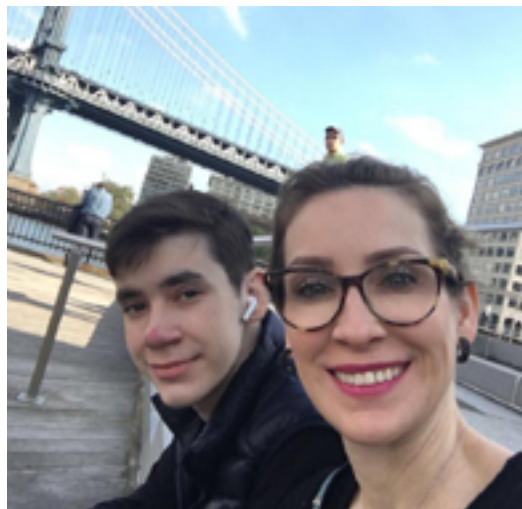
Pois bem, fui com a Lilian e quando voltei para o ponto de encontro, o Roger estava chorando e o Papai, vermelho, porque tinha perdido meu filho. Ele e o Marcio ficaram conversando e entraram no McDonalds sem perceber que o Roger tinha parado em frente a um cartaz para ver as batatinhas, os desenhos. Um policial o viu e achou em seu bolso um cartão da locadora de carro com o nosso nome, que Papai tinha feito. Foi o que possibilitou o reencontro, mas a situação deixou todos muito nervosos.

Quando ele completou 13 anos, foi morar nos EUA com o

1



2



Rodolfo, padrinho dele, e voltou de lá bem mais centrado, mais calmo, até mais próximo de mim, mais meu amigo.

Ele é muito querido, um rapaz diferenciado. Não bebe, não fuma, gosta de estar em família... **Roger é muito inteligente**, conectado e bastante politizado, porém gosta de estar só, como um verdadeiro Bellese.

Como tínhamos a ideia do Roger estudar nos EUA, surgiu a oportunidade de cursar o 3º ano em Curitiba, numa escola internacional. Foi uma experiência excelente, adorou morar lá com Lillian e Marcio.

3



4



Começou a cursar Ciência da Computação na PUC (Pontifícia Universidade Católica), no início da

1. 2016, Orlando, quando levei o Roger comigo a um Congresso

2. 2017, New York, Viagem de presente de 15 anos do Roger

3. 2019dez, Curitiba, formatura do Ensino Médio do Roger

4. 2019dez, Papai e Mamãe na formatura do Ensino Médio do Roger

pandemia, as aulas passaram a ser online, o que fez ele se desinteressar pelo curso. Então voltou para ficar comigo em Belém. Começamos a pensar juntos o que ele poderia cursar e sugeri que escolhesse Engenharia, porque é um curso bem amplo que oferece diversas oportunidades. Nós orientamos conforme nossa visão, mas o deixamos livre para escolher, e o olhar dos jovens é diferente do nosso. Ele optou por cursar Design Industrial. Voltou a Curitiba, fez cursinho no Positivo e passou no vestibular da FAE. Mas desta vez, quis morar sozinho; Lilian e Marcio ficam no suporte para mim, o que é muito bom, fico muito mais tranquila de saber que estão por perto. Roger ainda conta com a grande amizade do primo João Pedro.

Um grande companheiro e os princípios de vida

Em meados de 2008 conheci o Daniel. O Roger tinha 6 anos. O convívio entre eles foi sendo construído aos poucos. Namoramos três anos, com algumas idas e vindas, e no dia 25 de julho de 2011 passamos a morar juntos, então fizemos um contrato de união estável. Em 24 de março de 2016 **nos casamos oficialmente** e promovemos uma pequena festa.

1. 2016mar24, nossos pais em pose para foto na festa de casamento

2. 2016mar24, Belém, com parte da família, incluindo a Nonna, durante nosso casamento, celebrado na casa dos meus sogros

1



2



O Daniel é judeu. Em casa, minha mãe é católica e a família de meu pai adventista. Fui católica durante um bom tempo, mas comecei a enxergar que muitos daqueles ensinamentos não faziam sentido para mim. Sou muito crente a Deus, e educamos o Isaac no Judaísmo, por ser muito forte e importante na vida do Daniel. Aqui em casa cumprimos o Shabat, que começa com o pôr do sol da sexta-feira e termina ao anoitecer

do sábado. É o sétimo dia da semana judaica e é dedicado ao descanso. Nesse dia, não trabalhamos, o Daniel procura não dirigir, não compramos; na sexta-feira procuramos fazer uma refeição diferenciada como forma de agradecimento a Deus. É um dia dedicado à oração e à desconexão total, e essa fé faz toda a diferença no enfrentamento dos problemas da vida.



Meu genro, Daniel Benarroch Barcessat, Daniel

“Toda a minha família é de origem judaica e sempre seguimos os princípios do Judaísmo. Amar ao próximo como a si mesmo, o maior mandamento que nos foi ensinado, pressupõe respeito, não fazer com o outro o que não gostaria que fizessem com você. E meus pais - Clara e Isaac Barcessat – nos deram os melhores exemplos.

Lá em casa somos sete irmãos, e minha mãe sempre cuidou de tudo e de todos em nosso lar. Meu pai era um homem bondoso e trabalhador: engenheiro civil, teve uma carreira brilhante, foi um profissional de absoluto sucesso.

E perdoava com frequência os atrasos de seus inquilinos. A diferença de idade entre ele e minha mãe era grande: 16 anos. Quando se casaram, ela tinha 17 anos e ele 33 anos.

Na infância e juventude ainda tivemos uma convivência consistente com minha avó materna, Sarah Benarroch Benfenati, que tinha muita sabedoria. Ficou viúva cedo e se virou no funcionalismo público para educar minha mãe, o que fez com maestria. Viveu até os 95 anos com absoluta autonomia; tinha imóveis e sempre contribuiu como pôde. Trago na bagagem muitos ensinamentos da família.

Sou o caçula dos sete irmãos, nasci no dia 23 de julho de 1976, em Belém. Como a Família Bellese, a minha também

é de imigrantes. Meus avós vieram do Marrocos para o interior do estado do Pará, em função do ciclo da borracha, que estava em alta na ocasião e prometia melhores condições de vida. Portanto, carregavam consigo uma história de luta para se estabelecer em um país que não era o deles e constituir família aqui. Mesmo com todas as dificuldades, mantiveram a filosofia judaica, procurando ajudar quando possível e servir sempre.

Minha mãe dizia que é melhor ajudar do que precisar ser ajudado. E minha avó afirmava: “Quem não vive para servir, não serve para viver”. São frases que revelam princípios sólidos e que deixaram marcas, tanto que não as esqueço. E encontrei na Beatriz e em sua família, princípios de vida semelhantes, o que nos fortaleceu ainda mais.

Tornei-me corretor de imóveis por influência de meu pai, que sempre teve imóveis e os administrava de maneira apaixonada, sem estabelecer critérios ou estratégias. Era mais pai dos inquilinos do que senhorio, só que dependia desse negócio, então era preciso aprumá-lo.

Eu tinha 18 anos quando comecei a ajudá-lo. Sempre gostei de conversar, trocar, fazer amizade e vender, e isso me abriu muitas portas. Quando surgiu a oportunidade de fazer o curso de transações imobiliárias, aproveitei para mais essa formação. Foi assim que me tornei corretor de fato e de direito.

Na verdade, meus pais sempre fizeram questão que tivéssemos uma boa formação. Estudei no Colégio Suíço Brasileiro; no Ginásio fui para o Marista, onde fiquei por pouco tempo, e depois para o Colégio Objetivo. Fiz cursinho pré-vestibular no Anglo e me formei em Administração pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mais tarde, concluí a Pós-Graduação em Marketing de Varejo pelo IDV.

Foi com essa bagagem que fundei, há 15 anos, a Doutor Imóveis Belém, onde focamos em um atendimento ágil e consultivo. Mas estou no mercado de imóveis há 25 anos. Acompanhei toda a mudança em torno dessa atuação, desde o tempo em que a profissão era marginalizada e as pessoas tornavam-se corretoras de imóveis por desespero ou falta de opção. Sempre digo que sou corretor por escolha.

É claro que enfrentei desafios e algumas baixas pessoais e profissionais. Curioso é que conheci a Beatriz justamente em um período assim. Eu não tinha absolutamente nada para oferecer, além do meu amor. Nosso primeiro encontro foi no Boteco das Onze, ela estava com sua prima Anete, que é muito amiga da minha irmã. Engraçado que eu já havia feito negócio com o Dr. Newton e com o Marcio, mas não sabia que eram parentes da Beatriz.

Naquela noite trocamos contato e passamos a conversar. Mesmo após conhecer toda a circunstância na época, a Bia sempre foi muito atenciosa e bacana comigo. Não só ofere-

ceu carinho, como também todo o apoio naquele momento tão complicado de dificuldades pessoais, profissionais e uma consequente crise financeira. Ou seja, tinha tudo para dar errado, mas deu certo e, certamente, algum propósito teve. Para o Judaísmo, não existe coincidência.

Em 2011, passamos a morar juntos, porque a Beatriz me deu um ultimato. Mas foi muito bom tanto para mim quanto para ela. Na família, digo que ela gostou tanto, que quis se casar comigo de novo em 2016.

Quando começamos a namorar, o Roger tinha 6 anos. A aproximação foi cautelosa, afinal, entrei em um espaço que era exclusivamente dele. Foi um processo de conquista mútua e muito bem trabalhado. **Hoje digo que ele é meu filho mesmo**, temos bom relacionamento e até posso contribuir em sua educação. Também sou pai da Isabela, de 14 anos.

Quando olho para trás, vejo esses desafios todos como oportunidades de crescimento moral e espiritual. Acredito que tudo tenha se alinhado porque a Beatriz e eu temos valores semelhantes. Minha mãe, que foi casada durante 56 anos, até ficar viúva, sempre dizia que um relacionamento é construído com amor, respeito e tolerância. E é isso que move meu casamento com a Bia.

Temos personalidades muito distintas, mas somos parecidos na postura diante da vida. E nos complementamos nas diferenças. Ela é mais preocupada, às vezes



2022, Curitiba, no aniversário de 20 anos do Roger

1



mais tensa e se cobra muito. Já eu sou mais tranquilo e procuro valorizar apenas aquilo que verdadeiramente tem valor, sem dar tanta importância àquilo que não podemos mudar. Desta forma, temos conseguido manter o equilíbrio.

E daquela época em que ela me resgatou do fundo do poço, construímos uma família. Foi da aposta dela nesse amor que, no dia 06 de fevereiro de 2012, nasceu o nosso maior amor: o Isaac, uma criança doce, que escuta quando falamos e gosta de estar com a família. E nós fazemos

2



1. 2021, Belém, celebrando o 10º aniversário do Isaac José

2. 2022, no aniversário de uma amiga do Isaac

questão de valorizar esse lado, procuramos fazer todas as refeições juntos e aproveitar os momentos de união sempre que possível.

Sigo cultivando o que é, de fato, importante: esposa, filhos, nosso sustento, nossa casa, o bem-estar de todos, e a família, tão fundamental em nossas vidas. Recentemente nos mudamos para o mesmo prédio do meu sogro e procuro cultivar essa convivência.

E na família originária também nos mantivemos unidos, sempre procurando nos ajudar reciprocamente. E não abrimos mão do encontro entre os irmãos na casa de minha mãe, aos sábados. Papai faleceu no ano passado, aos 90, e deixou um legado lindo para todos nós.

Tanto que o nome do Isaac foi escolhido para homenagear os avós. Até chegamos a pensar em Isaac Newton, mas achamos que ele poderia ser motivo de sátiras ao longo da vida e optamos por Isaac José, que é o nome do pai do Dr. Newton.

Enfim, as histórias – com tantas diferenças – se cruzaram e formaram uma nova, cheia de inspiração e ensinamentos. Famílias de imigrantes que têm muitos exemplos de dedicação: viveram bem, administraram seus negócios, educaram os seus filhos e estabeleceram conceitos de moral e ética que se tornaram o nosso alicerce.”



2017, Belém, Beatriz, Roger e Isaac, no Natal na casa dos meus sogros

A Educação que recebemos

Embora Papai tenha sido bem rígido com os filhos, o alicerce na educação foi muito bem consolidado. Alguns princípios que procuro transmitir aos meus filhos vêm daí. Por exemplo, não suporto mentira, sempre digo que é muito pior se livrar de um castigo que vem pela mentira do que se livrar contando a verdade. Também valorizo muito o estudo, o respeito aos mais velhos, a união da família. Eu até brinco que, por mim, meus filhos poderiam morar conosco para sempre. Mas sei que, de fato, eles precisam seguir o caminho deles.

Daniel e eu também procuramos ser mais flexíveis com os nossos filhos, não exigir tanto, mas às vezes fico pensando que a educação que meus pais nos deram foi melhor, porque eles conseguiram que nós três seguissemos em frente. Talvez, justamente o anseio por mais liberdade, por ter minha independência financeira, tenha feito eu me mexer para mudar essa condição.

E esse alicerce é que tem nos permitido educar os nossos filhos. O Isaac é muito carinhoso, muito companheiro, gosta de estar conosco e tem muitos amigos. Aliás, esse é um ponto bem diferente entre eles, porque o Roger se sentava na frente do LEGO e montava horas a fio, não sentia fal-

ta de outras crianças. Já o Isaac sente, tanto que durante a pandemia nós liberamos o videogame, e ele joga junto com os amigos. Também durante a pandemia chegou a Pipoca, que veio para alegrar a casa. Eu nem queria um bichinho, mas por fim, achamos que foi bom.

Aliás, a pandemia teve um lado bom, porque passamos mais tempo juntos, ficamos mais entrosados, tivemos mais tempo de convívio. O Daniel e eu continuamos trabalhando, com menos intensidade, mas não paramos.

Agora, embora eu não tenha ficado neurótica com a pandemia - por exemplo, nunca passei álcool nas compras de mercado -, sou a mais preocupada; pego no pé de todo mundo, chamo a atenção, tanto que aqui em casa eles brincam comigo me chamando de Mamô - Mamãe, meu amor, mal-humor. Mas acredito que isso seja do meu temperamento mesmo, sempre tive essa questão da responsabilidade muito forte, Papai era bem exigente com isso. Não podíamos chegar atrasados, não podíamos tirar nota baixa, nos sentíamos muito cobrados. O Rodolfo também é assim, se bobear, até mais do que eu.

No entanto, reforço, a educação que eles nos deram foi muito boa e hoje, muitos dos meus princípios, vieram deles. Papai sempre dizia para não fazer aos outros o que não

gostaria que fizessem a você, nos ensinou a cumprir horários, sermos honestos e dizer a verdade acima de tudo. E assim como eles sempre foram para nós um porto seguro,

eu desejo que nossos filhos também compreendam e, mais do que isso, sintam que somos o porto seguro deles, que **sempre poderão contar conosco.**”

1



2



1. 2022/23, Flórida, celebrando a passagem de ano com a família do Rodolfo

2. Em torno de 2016, Curitiba, os primos João Pedro, Miguel, Davi e Isaac com amigo, fazendo graça



Meu filho, Isaac José Bellese Barcessat, Isaac

“Mamãe é um pouco brava, mas ela é bem legal comigo também e me dá muitos presentes. Já Papai é mais calmo e o que eu mais gosto dele é sua coragem.”



Meu filho Marcio André Marques Bellese, o caçula, Marcio

“Quando crianças, **tivemos muita liberdade**. Moramos em um condomínio fechado e pudemos andar de bicicleta,

de *mini-buggy*, tivemos casa na árvore, tive até um cavalo. Nossa infância foi repleta de bons momentos.

Ao mesmo tempo, sempre tínhamos uma obrigação para ser cumprida. Papai era muito preocupado com a disciplina, então, fazia questão de

nos atribuir uma atividade. Quando eu tinha 9 anos, ele me presenteou com seis galinhas, que passaram a viver em um galinheiro de arame no quintal da nossa casa. Todos os dias, após voltar da escola, ia correndo ver quantos ovos as galinhas tinham botado. Isso porque eu saía para vendê-los na vizinhança. Essa experiência me marcou muito. Se eu morasse em uma casa hoje, faria questão de ter um galinheiro no quintal.

Papai sempre estimulou esse viés empreendedor. Visionário, iniciou



1986, Belém, onde tive uma infância com muita liberdade e diversão

em seu sítio uma bela plantação de açaí, há mais de 30 anos, identificando a característica da nossa região. Eu gostava de ir lá, fazia o pagamento dos funcionários, chejava a plantação, gostava de dirigir o pequeno trator e também colhia algumas hortaliças que passei a vender na vizinhança, o que foi muito bom, porque além de ter um lucro, ainda desenvolvi um bom relacionamento com os vizinhos. Esse comércio se estendeu até meus 12 anos. E de forma lúdica, meu Pai me ensinou a negociar. Ele é o lado racional da família.

Já minha mãe sempre foi o lado emocional. Protetora, nunca permitiu que ninguém falasse nada de seus filhos. Extremamente dedicada, era quem nos auxiliava nos estudos; os finais de semana dela eram sempre em função das nossas lições de casa.

O NPI, escola dedicada aos filhos de servidores da Universidade Federal do Pará, era um lugar excepcional. Os professores eram excelentes, o ambiente era bem agradável e a estrutura muito boa. Estudei lá do Jardim até o segundo ano pré-vestibular. Conviver com a diversidade sócio-econômica de uma escola pública nos permitiu conhecer o mundo real desde muito cedo, contribuindo na nossa formação. Todos tivemos sucesso em nossas carreiras, mas nunca vivemos em bolhas ou nos isolamos do contexto do país. Ao contrário, sempre fomos integrados.

E embora tenhamos estudado no NPI graças ao trabalho de Mamãe na UFPA, essa convivência multissocial foi um mérito defendido por Papai, que tinha a preocupação latente de criar os filhos para o mundo. Ambos sempre nos cobravam tirar notas boas, não podíamos tirar menos que 8. Papai, inclusive, não assinava o boletim caso aparecesse alguma nota mais baixa; nesse caso era Mamãe quem assinava, o que constituía uma espécie de “castigo”. Essa estratégia era adotada pelo meu avô Antônio, pai da Mamãe, e funcionava muito bem.

No ano em que eu ia prestar vestibular, andava meio relaxado com os estudos. Minha mãe se juntou ao meu pai para ter uma conversa daquelas comigo. O aperto que me deram foi tão grande, que passei os meses de agosto, setembro e outubro em ritmo de dedicação total: li verdadeiros livros, que tinha evitado a vida inteira, me disciplinei e estudei pra valer a fim de passar no vestibular, que seria em novembro. Com isso, fui aprovado entre os primeiros.

Preparados para a vida

A educação que Papai e Mamãe nos deram foi nos preparando para a vida. Mamãe focou nos estudos e Papai em nossa educação financeira. Ajudou todos os filhos - cada um com sua atuação profissional - na organização, na disciplina e numa postura justa e correta.

Em 1995 passei a trabalhar na CLIMEP. Fui o braço direito de meu pai durante dez anos. Comecei como assistente. Conferia caixa, fazia pagamentos e cheguei até a propor reformas internas. Notando meu interesse, Papai passou a me delegar cada vez mais responsabilidades e, assim, fui me desenvolvendo. Era curioso e atento, aprendia rápido. E seus ensinamentos foram para além da gestão da clínica.

Papai sempre foi um empreendedor. Além de trabalhar como médico e administrar a clínica, teve muitas atividades externas. Meus negócios na área imobiliária, a incorporadora e a construtora têm forte influência de meu Pai, que já atuava nesta área, paralelamente à carreira de médico. Organizou loteamentos, construiu prédios e edificou condomínios. Foi uma inspiração para mim.

E fazia questão de que tudo ocorresse na hora certa. Logo que passei no vestibular, assumi parte da administração da clínica e comecei a desenvolver tarefas na área contábil, lidar com fornecedores, gerir o departamento de pessoal e toda a parte burocrática. Em 1997, Papai decidiu fazer uma grande reforma que, praticamente, dobraria o tamanho da clínica. Fiquei responsável por acompanhar todo o desenrolar da obra, em especial no período em que ele e Mamãe viajaram para a Europa. Tudo o que ele me disse foi: “Aqui está o dinheiro para a obra. Não me decepcione”, e tchau!

Dei algumas cabeçadas, era bem jovem ainda, mas o resultado foi um sucesso. E me deu forças para ousar ainda mais e passei a estimular Papai a expandir os serviços da clínica. Assim, passamos a oferecer vacinação domiciliar, implantei o projeto de consultórios médicos integrados, que começou com cerca de 30 médicos em um prédio ao lado, que acabou sendo utilizado para a expansão. Montamos consultórios de várias especialidades e a clínica cresceu em faturamento. Foi nessa época que começamos a trabalhar com planos de saúde, o que contribuiu para aumentar a receita do negócio. Aprendi muito ali.

Papai sempre tinha suas lições e posturas marcantes, que deixavam claros os seus princípios. Outra história que deixou marcas, também é do período em que passei no vestibular: acreditava que ganharia um carro zero quilômetro só para mim, mas em vez disso, tive que dividir o Uno Mille que Papai tinha dado à minha irmã.

Apenas um ano depois, Papai me deu um Escort Xr3, cor de vinho, maravilhoso. Era o carro dos sonhos na época. Aquilo me deu grande destaque entre os amigos, ia para a faculdade de carro, passei a viajar para a praia... de fato, foi muito bom, aquele gesto me marcou profundamente.

Depois de desfrutar deste benefício durante um ano, decidi vender o carro. Coloquei um anúncio no jornal de domingo,

dia de maior circulação, com a certeza de que alguém se interessaria. Até hoje me lembro do valor, o carro foi vendido por 22 mil URVs - Unidade Real de Valor. Logo que recebi o dinheiro, pensei: “Vou comprar outro e revender”. Assim, comprei um Astra, levei para a revendedora de um amigo e fiz uma proposta para ele: se vendesse o carro, eu ficaria com um percentual. Rapidamente, recuperei todo o dinheiro que meu pai tinha investido no Escort. Em três anos, reinvestindo esse capital, consegui comprar seis carros. E em dois anos, já tinha três vezes o valor do Escort.

Essa iniciativa me marcou muito, fez com que eu me desenvolvesse e passasse a comprar terrenos. Comprei parte de um terreno urbano em um local super valorizado. Era um terreno que valia milhões, comprei metade e outros dois sócios compraram a outra metade. Construimos um prédio para a Classe A, um apart hotel inédito em Belém, e o lançamos com grande sucesso. Nossos amigos eram influentes, Papai também contribuiu fortemente, porque tem uma clientela importante na cidade e seu nome é muito reconhecido na sociedade, as pessoas compraram essa ideia. E conseguimos entregar a obra em três anos, exatamente no prazo prometido.

Esse foi só o primeiro de muitos que pudemos empreender no ramo imobiliário, aprendendo com os erros, persistindo na dificuldade, superando desafios e celebrando as conquistas.

Tive a oportunidade de investir e atuar em diversos setores, como hoteleiro, logístico, financeiro, além de *shopping centers* e academia. Para controlar e organizar todos os segmentos de negócio, em 2011 criamos a MB Capital, nome sugerido pelo meu irmão Rodolfo.

A criação desta *holding* foi fundamental para concatenar e gerenciar as demais empresas existentes até então: Quality Incorporadora, focada no setor imobiliário; Liberty, para o setor hoteleiro; Alianza, hotelaria, e a Pelé Club (atual *Bodytech*), uma rede de academias com a qual eu mantinha um negócio em sociedade.

Com a MB Capital, nos tornamos uma empresa de investimentos inovadores e sustentáveis, focada nos segmentos de incorporação imobiliária, infraestrutura, turismo, lazer e tecnologia. Vinculada ao Grupo MB Capital, criamos também a Price Investimento, para cuidar dos ativos imobiliários e dos investimentos: compras de terrenos, locações e parcerias.

Inovação, qualidade e tecnologia são os pilares da *holding*, e representam também a nossa essência. Meus sócios e eu formamos um time que impulsiona o nosso negócio com o prestimoso apoio dos nossos colaboradores, que têm a dedicação e a lealdade como princípio fundamental em suas atuações.

Com tamanho empenho e a reunião de empresas de renome, a MB Capital já nasceu grande, mas com espaço para que novas empresas entrassem na *holding*. Hoje, além da Quality e da Liberty, temos a MB Plan e a MB Malls, que se caracterizam, principalmente, pela ousadia nos investimentos e pela funcionalidade e conforto dos seus projetos de alto padrão.

As surpresas da vida

Lilian e eu somos primos de terceiro grau, o pai dela - Edson Daniel Belezi - é primo de meu pai. Quando éramos pequenos, a mãe da Lilian, tia Eliane Terezinha da Silva Belezi,

era como se fosse uma segunda mãe para mim. Tinha grande afinidade com ela. E quando nasceu a Lilian, eu tinha 4 anos, fiquei extremamente enciumado. Cheguei até a dizer que a bebê era feia.

Depois, cada um tomou seu rumo. Ela morava no interior porque o pai trabalhava com serraria, depois passou um período em Curitiba, e só nos reencontramos quando eu estava com 26 anos. Ela foi trabalhar na Climep quando eu estava no momento de saída, então, tivemos uma rápida convivência de um ano, enquanto eu estava saindo e ela assumindo, mas foi o suficiente para pintar aquele clima, começamos a namorar e logo decidimos nos casar.



Lilian Roberta Bellese

“Nasci no dia 27 de março de 1980, em Belém. Meu pai é filho do Arlindo, irmão do tio José, pai do tio Newton. Quando criança, estudei em uma escola de Bragança, no interior do Pará; meu pai tinha uma serraria em Viseu, cidade vizinha. Aos 6 anos nos mudamos para Capanema, estudei no São Pio X, um colégio de freiras. Com 14 anos

me mudei para Curitiba (PR), onde cursei o 1º Ensino Médio no Positivo. Nesse período morei com minha tia Elizabeth Belezi Lima.

Só então me mudei para Belém, onde concluí o Ensino Médio no Colégio Ideal. Dividia o apartamento com duas amigas. Depois prestei vestibular para o curso de Contabilidade da Universidade da Amazônia - UNAMA, onde estudei

durante cinco anos. Já no primeiro ano, fiz estágio na Enasa, depois fui estagiária de um escritório de Contabilidade e logo que me formei, em 2002, o tio Newton me convidou para trabalhar na Climep.

Até então, eu tinha pouco contato com o Marcio, nos víamos apenas nas reuniões familiares. Mas o tio Newton sempre foi uma pessoa agregadora, que buscava essas conexões com a família, valorizava esses encontros. Imagino que isso tenha vindo do tio José que promovia essas integrações. Quando passei a morar em Belém, lembro que sempre que ele e tia Nair iam à cidade, faziam questão de me visitar. Eles eram muito queridos.

Naquele ano, o Marcio já estava querendo sair da administração da clínica para trabalhar em seus próprios negócios, então o tio Newton soube que eu estava me formando e me convidou para preencher essa lacuna que se formaria, mas que, na verdade, nunca existiu, porque quando comecei a trabalhar na Climep, o Marcio ainda estava lá. Foi aí que tudo começou.

Nossas salas eram separadas por uma porta de vidro: inicialmente me instalei na Secretaria, onde havia quatro postos de trabalho, e minha mesa ficava de frente com a dele. Embora estivéssemos em ambientes diferentes, a divisória era de vidro e conseguíamos nos ver. Mas como o Marcio é

meu primo, nunca tinha me passado pela cabeça a possibilidade de um relacionamento.

Um belo dia, durante uma visita à minha casa, a tia Nair começou a me falar muito bem do Marcio e me sugeriu prestar mais atenção nele. No início fiquei assustada com aquela ideia, especialmente vinda da tia Nair, que era muito religiosa, e até cheguei a comentar: “tia, nós somos primos!”. Mas a insistência dela fez acender uma luz aqui dentro, era como se uma barreira tivesse sido rompida, afinal, foi a tia Nair quem sugeriu. Internamente, para mim, era como se houvesse uma permissão para que o namoro ocorresse.

Nessa época eu já morava com meus irmãos. O Marcio começou a frequentar nossa casa como primo e depois passamos a namorar. Ele ficou com a missão de contar para a família. Como meus pais moravam no interior, o Marcio sugeriu que fôssemos juntos à casa deles passar o fim de semana para que ele pudesse falar com meu pai. Mas ele ficou tão nervoso na ocasião, que já estava quase chegando a hora de irmos embora e ele não tinha falado com meu pai ainda.

Inicialmente, acho que todos se assustaram, mas com o tempo foram se acostumando com a ideia. A tia Lia sempre foi muito bondosa, amorosa, muito querida.

Uma mãezona, que me acolhe mesmo. E o tio Newton muito meu amigo, o nosso relacionamento profissional na Climep foi maravilhoso, sinto que cultivamos uma grande amizade.

Ambos são bem diretos e dizem aquilo que precisa ser dito, o que fez com que eu me desenvolvesse muito como pessoa. Meu sentimento por eles é de profunda gratidão.”



2018, Curitiba, minha mãe com tia Lia, minha sogra, e meus filhos Miguel, João Pedro e Davi, para a comemoração do Réveillon

Quando anunciamos o casamento, houve um espanto geral na família, não só porque somos primos, mas também porque eu tinha acabado de terminar um relacionamento, alguns familiares até achavam que a Lilian estava grávida, mas não foi nada disso, só queríamos ficar juntos mesmo.

Ela entrou na clínica em novembro de 2002, começamos a namorar oficialmente em junho de 2003, em julho ficamos noivos e **no dia 6 de dezembro nos casamos**.

Viajamos bastante nos primeiros anos e só tivemos o primeiro filho quatro anos depois. **João Pedro Marques Bellese nasceu no dia 19 de setembro de 2007**. Três anos depois, também de forma planejada, nasceu Miguel Marques Bellese, no dia 15 de outubro de 2010. E o Davi Marques Bellese decidiu vir sem avisar. Ele nasceu no dia 3 de agosto de 2012, em Belém, como os irmãos.

Foi um desafio, primeiro porque não tínhamos planejado, segundo porque ele era muito chorão. Passou o primeiro mês inteiro chorando, até mamando

ele chorava. Tínhamos duas babás, que se revezavam em dois turnos, mas era difícil ter sossego.

1



2



1. 2003dez06, Belém, nosso casamento

2. 2007, Roger segurando o priminho João Pedro recém-nascido

Lilian

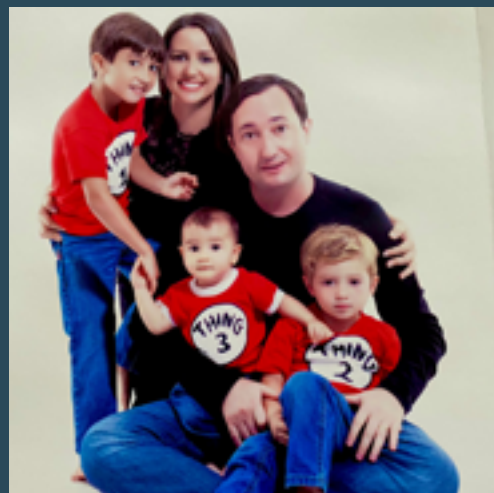
“João Pedro é o filho mais sensível, adora detalhes, cheiro, gosta de fotos, é um observador. E sempre foi **apaixonado por carros**. É um adolescente muito tranquilo e responsável. Super companheiro do pai.

O Miguel é mais essa geração plugada, adora fazer comentários e conversar, quando começa a falar, não tem fim. É um comunicador nato. Inclusive uma vez, meu pai disse que ia vencer o Miguel numa conversa, ia falar até que ele se cansasse da prosa e interrompesse a conversa para fazer outra coisa. Mas meu pai foi quem ficou cansado, porque o Miguel, de fato, não parava de falar. Ele adora pessoas, adora compartilhar seus aprendizados, comentar sobre os vídeos que assistiu. Já o Davi é o filho que mais brinca, se deixar, passa horas brincando. Gosta muito de futebol. É carinhoso, generoso e amigo fiel. Cada um tem uma característica especial.

E o que eu mais gosto na vida é de passar tempo com a família, sou muito feliz de ser uma mãe que participa ativamente da vida dos filhos. O bacana da vida é o relacionamento que você constrói com as pessoas. No momento em que você está feliz, lembra de alguém para compartilhar, quando está triste pensa em alguém para dividir, e esse sentimento é o que nos acompanha na vida e nos fortalece.



Davi, João Pedro e Miguel, revelando desde cedo a paixão por carros, como o pai



1. 2014, Curitiba, com Miguel no colo, João Pedro, Marcio e Davi, família que construímos juntos e que amo muito

2. 2014, Curitiba, nossa linda família reunida para uma foto

Marcio e eu cultivamos valores semelhantes: a importância da família, a parceria no casamento - minha mãe é muito parceira do meu pai - ele agrônomo, ela veterinária, sempre o acompanhou. Mais tarde tiveram uma empresa de produção de carrocerias de caminhão, e ambos trabalhavam bastante, esse foi o exemplo que trouxe comigo.

Algumas vezes cheguei a abrir mão de algum sonho profissional em prol da nossa família, seguindo esses valores. Por outro lado, carrego comigo uma paixão de criança: a dança. Quando menina fiz jazz, ballet, sapateado, dança flamenca, tudo o que podia. E hoje pratico *Xtend Barre*, uma técnica que mistura pilates com ballet.

Além disso, da família também trago como princípio a importância da espiritualidade. Meu pai é de família adventista e minha mãe católica; fui batizada e fiz a primeira comunhão. Quando vim morar em Curitiba, na adolescência, tive mais contato com a Igreja Adventista, por influência da tia Beth, e quando voltei a Belém, Marcio e eu chegamos até a participar de estudos bíblicos.

Mais recentemente, depois que as crianças cresceram (e também pelo exemplo de fé da minha sogra), voltamos novamente para a Igreja Católica, então batizamos os meninos. Dois já fizeram a primeira comunhão, o João foi crismado e o Davi está no catecismo. Esse contato com Deus faz muita diferença na vida!”



João Pedro

“O que aprendi com meu pai é sempre ter muita paciência, tentar manter a calma, nunca perder a cabeça. Ele é uma pessoa bem calma, conversa com tranquilidade, isso é muito bom. E minha mãe é quem educa meus modos e comportamentos, o que é bem importante para mim.

Deles também trago o amor pelos animais: quando tinha 3

anos ganhei o Billy, um cachorro schnauzer que adorava. Até hoje me lembro de quando ele chegou, foi em 2010, logo após o nascimento do Miguel. E recentemente adotamos um gatinho, Snow, que eu também adoro.

Tenho muitos exemplos a seguir da família. Ainda não sei que curso vou fazer, mas quando for mais velho, talvez eu possa assumir a empresa da família ao lado do meu pai.”

Depois que nos casamos, passamos boa parte da vida em Belém. Lilian ainda trabalhou na Climep durante treze anos, mas sempre viajavamos para Curitiba e gostávamos muito da cidade, da organização, do clima.

Em 2016 decidimos fazer uma experiência e nos mudamos para cá. Inicialmente moramos em um apartamento pequeno, que tínhamos adquirido justamente porque sempre íamos visitar Vovô e Vovó; depois alugamos um maior e, finalmente, compramos este

onde moramos hoje.

Logo que chegamos, comprei uma franquía da Sierra Móveis, no Batel, um dos principais bairros da cidade. Lilian ficou à frente da loja durante três anos, mas ela é bastante reservada e a loja exigia dela uma postura mais comercial.

Quando chegou a pandemia, aproveitamos para vender a loja e Lilian as-

2015, Belém, João Pedro e Miguel divertindo-se no Condomínio Cristal Ville



sumiu a responsabilidade com as crianças, o que foi um grande desafio, porque todos tinham aula remota, então, ela precisava monitorá-los e ainda auxiliá-los no estudo das matérias, imagine só, cada um em uma classe diferente. Foram anos de provação para ela.

E eu, inicialmente viajava muito, mas nos anos da pandemia reduzi as idas e vindas. Isso porque fui a Belém e peguei Covid logo no início. Cheguei em Belém passando mal e quando voltei, fiquei 11 dias na UTI, ou seja, foi muito traumático para mim.

Papai ficou muito preocupado, porque ele tratou centenas de pessoas nesta pandemia e todos os pacientes se recuperaram bem. Justamente seu filho caçula não teve sucesso. Durante os exames, foi constatado que eu estava com uma importante alteração de leucócitos.

Nesse mesmo período, fiz uma punção da medula e descobri uma leucemia, que pode ter sido desenvolvida com a Covid ou não. Graças a Deus é uma leucemia tratável e já estou praticamente recuperado. Tudo isso nos explicou porque eu tive essas reações tão graves.

Apenas recentemente é que voltei a viajar. E agora que tudo está voltando ao normal temos um projeto de, quem sabe, morar fora do país.

Momento especial, quando tive alta após a Covid



Legados

Embora não tenha começado minha vida profissional do zero, sempre trabalhei muito. E sempre tive bons exemplos em casa. Nossa família carrega o equilíbrio entre os gênios da italianada, dos alemães, dos árabes e dos portugueses.

Mamãe tem grande habilidade nas relações pessoais, ela não deixa a situação sair do controle no momento de tensão, dificuldade, emoção ou raiva. Mantém as circunstâncias em equilíbrio, nunca tomou decisões no calor da emoção e sem ponderar. O ímpeto da família Bellese, de muitas vezes tomar uma decisão no impulso, foi neutralizado em nossa família por minha mãe, que contribui para manter a estabilidade até na vida dos filhos.

Ela sempre foi estável emocionalmente, resiliente e com uma inteligência emocional muito grande. Papai é extremamente responsável e trabalhador, mas de vez em quando é meio impulsivo. Tenho sorte de tê-los como pais. E vem deles e dos meus tios, por sincronismo, meus sogros, os ensinamentos que transmitimos aos nossos filhos.

Vamos à missa todos os domingos e procuramos viver os princípios cristãos. Nossos três filhos têm um coração caridoso,



2018, Curitiba, comemorando 15 anos de casados

1



2



3



1. 2021, Curitiba, Davi e Miguel vestidos de São Cosme e Damião para celebrar o Dia de Todos os Santos, no Santuário Sagrado Coração de Jesus

2. 2021ago03, Curitiba, João Pedro, Miguel e Davi, no aniversário de 9 anos do Davi

3. 2022, Curitiba, meus filhos Davi e Miguel em nosso apartamento rua Carneiro Lobo, durante a Copa do Mundo

de bondade, são preocupados com o próximo, **participam da catequese**, enfim, fico feliz porque sei que serão adultos totalmente do bem.

E, por fim, fico feliz que eles tenham a possibilidade de conhecer a história daqueles que vieram antes de nós. Sou fã de registros, adoro olhar nossas fotos da infância, fotos

da família. E vejo o livro Lembranças de Família como uma iniciativa maravilhosa, que resgata momentos que vão se perdendo se não forem registrados. Ao escrever um bom livro, além de eternizar a história da família, deixa-se uma

importante recordação para quem vem depois de nós, o que é fundamental. Afinal, nos preocupamos tanto com a história do Brasil e do mundo, não poderíamos deixar de relatar a nossa.”

Durante todo o livro fui o agente, mas neste capítulo quis deixar o protagonismo com meus filhos que, como na realidade, são os autores de suas histórias. Sou apenas coadjuvante, no amplo sentido da palavra, dispondo-me a apoiá-los em seus projetos e nas empreitadas da vida. Não só eu, Lia e eu.

Aprendi com meu pai e meu avô que não deveria deixar para meus filhos menos do que recebi, tanto em educação quanto em bens. O Nonno deixou para os filhos o que seria correspondente a dois apartamentos em Curitiba. Meus pais nos deixaram um terreno e um apartamento.

E em 2018, então, nos encontramos para uma reunião de Governança Familiar. Nossa intenção, minha e da Lia, era deixar tudo organizado para nossos filhos, porém tomamos o cuidado para que essa decisão não os desestimulasse em relação ao trabalho, ao empreendedorismo e às oportunidades que a vida nos traz. Se por um lado gostaríamos que se sentissem seguros, por outro não queríamos que se sentis-

sem desmotivados a lutar por suas próprias aquisições.

Nesse sentido, tomamos algumas providências: colocamos todos os imóveis em nome de nossos netos, com usufruto dos pais, com a condição de que a segunda geração só pudesse usufruir a partir dos 40 anos e meus filhos a partir dos 50, de modo que já estivessem com a vida devidamente organizada, o que de fato aconteceu.

Para organizar todo esse ideal, em 2003 criamos a Futura Empreendimentos, Administração e Participações Limitada, uma empresa que reúne imóveis de locação, dos quais procuro não usufruir enquanto consigo trabalhar. E, contratamos uma empresa especializada para promover e registrar a divisão dos bens.

A iniciativa ocorreu com tranquilidade, no dia 6 de julho, e em comum acordo entre todos os filhos, que aprovaram a forma como tudo foi conduzido. E ainda pudemos desfrutar de um gostoso encontro familiar em Curitiba, eternizado pela foto que está na capa deste livro.

O último imigrante

Embora meu país de origem seja o Brasil, sinto-me como se fosse o último imigrante da família Bellese. Digo isso porque o imigrante sai de seu país com o intuito de buscar novas oportunidades de trabalho para melhorar sua vida e possibilitar mais conforto à sua família. O sonho da maioria dos imigrantes é viver de modo que consiga angariar frutos de sua dedicação e depois voltar para o seu país de origem.

Eu não tenho o intuito de sair do Brasil e estar na Itália, mas sinto o legado de meus pais, avós e bisavós em mim. Tenho um comportamento de alguém organizado, econômico e poupador, características de um imigrante, que mantive durante toda a minha vida. Sempre trabalhei para ter uma vida agradável, harmoniosa e confortável, mas também com o objetivo de favorecer os meus descendentes.

Tanto Lia como eu não somos perdulários, mas poupadores, é da nossa natureza. Meus filhos até são assim também, mas de maneira diferente. O que considero uma boa renda familiar para minha geração é, provavelmente, a metade do que meus filhos precisam hoje.

Não tínhamos o hábito de gastar em restaurantes com frequência ou de adquirir o melhor carro da época. Sabíamos que essa era a condição para que tivéssemos a vida que

gostaríamos, com a possibilidade de proporcionar segurança também aos nossos filhos.

Talvez hoje não seja mais necessário viver desta forma, mas é assim que tenho passado a vida: como se eu fosse um imigrante. Sei que é uma fantasia e não corresponde à realidade, mas é como a história se consolidou em minha cabeça desde criança. Esses são nossos sonhos, a maneira como imaginamos ser a vida. Não sei se isso é bom ou ruim. Mas em geral, meu pensamento predominante é o de que estou percorrendo o caminho da maneira certa.

A continuidade desta obra

Reunimos neste livro algumas lembranças que nos vêm à mente quando o assunto é família. Destacamos histórias que deixaram marcas e forjaram nossa personalidade. Registramos fatos. Mas sabemos que há outras lembranças de família que serão guardadas com o tempo, afinal, há histórias em construção, e muitas que não foram relatadas por dificuldades de recorrer a elas no momento da redação.

Portanto, este livro ficará aberto no formato eletrônico para que continuemos a agregar as experiências que pudermos vivenciar nesta jornada chamada vida.

Viver é um privilégio maravilhoso. Como disse o poeta,

“Pouco importa a idade! Tem cada idade a sua juventude”. Particularmente, estou muito feliz e realizado por tantas oportunidades. Conheci fugazmente (ou na lembrança) meus dois bisavôs, Giovanni e Ambrósio. Convivi décadas com meus quatro avós, com quase todos meus tios - e ainda tenho tios com quem convivo, dezenas de primos, mas, sobretudo, tenho a glória da existência que é a nossa *petit*

família: a Lia, minha querida companheira, meus três filhos maravilhosos e seus cônjuges e meus queridos sete netos.

A alegria que tenho com a possibilidade de vê-los desabrochar é enorme e me faz estar feliz até por envelhecer. Certamente, todos continuarão produzindo lembranças de família que talvez sejam registradas e apreciadas pelas gerações que virão.

Envelhecer*

(*Bastos Tigre*)

Entra pela velhice com cuidado,
Pé ante pé, sem provocar rumores
Que despertem lembranças do passado,
Sonhos de glória, ilusões de amores.
Do que tiveres no pomar plantado,
Apanha os frutos e recolhe as flores
Mas lavra ainda e planta o teu eirado
Que outros virão colher quando te fores.

Não te seja a velhice enfermidade!

Alimenta no espírito a saúde!

Luta contra as tibiezas da vontade!

Que a neve caia! o teu ardor não mude!

Mantém-te jovem, pouco importa a idade!

Tem cada idade a sua juventude.

*Tive conhecimento deste poema em uma oportunidade com grandes amigos, o advogado Orlando Fonseca e João Baptista Cordeiro de Azevedo, o Jango, companheiro de momentos especialmente alegres.

Um espaço para você

Registre aqui lembretes de suas histórias para as próximas edições deste livro.

Bibliografia

1898. In: WIKIPÉDIA. [s. l.]; [Fundação Wikimedia], c2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/1898>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ARAGÓN, Luis Eduardo. UNAMAZ 20 anos: 1987-2007. **Papers do NAEA: Papers** 218, Belém, v. 17, n. 1, 1-28, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/11426>. Acesso em: 2 jul. 2022.

ATOM. **De frente para o sol: um passeio por Icoaraci**. In: WIKIPÉDIA. [s. l.]; [Fundação Wikimedia], c2010. Disponível em: <http://defrenteparaosol-icoaraci.blogspot.com/p/home.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.

BELLESI, Newton. **Memórias do Nonno**. Belém, 1994. 144p.

CAMPOS Sales. In: WIKIPÉDIA. [s. l.]; [Fundação Wikimedia], c2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Campos_Sales. Acesso em: 30 jan. 2022.

CENTRO Universitário Adventista de São Paulo. In: WIKIPÉDIA. [s. l.]; [Fundação Wikimedia], c2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Universit%C3%A1rio_Adventista_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 8 maio 2022.

CHIACCHIO, Marcílio Alves; CHIACCHIO, Jayne Isabel da Cunha Guimarães. Indústria paraense: uma análise da trajetória da Fábrica Perseverança, Perfumaria Phebo e Fábrica Palmeira. In: Congresso Brasileiro de História Econômica, 12, Conferência Internacional de História de Empresas, 13, 2017. Niterói, ABPHE, 2017. Disponível em: https://www.abphe.org.br/arquivos/marcilio-alves-chiacchio_jayne-isabel-da-cunha-guimaraes-chiacchio.pdf. Acesso em: 2 ago. 2022.

ENCYCLOPEDIA of Seventh-day Adventists, 2020. Columbia: Corporation of Seventh-day Adventists, 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GFG&lang=pt#fn2>. Acesso em: 13 maio de 2022.

FONTES, Edilza. A Fábrica Palmeira, 2009. **Blog da Professora Edilza Fontes**. Belém, 2009. Disponível em: http://professoraedilzafontes.blogspot.com/2009/12/fabrica-palmeira_15.html. Acesso em: 12 ago. 2022.

GUILHEN, Demilson Bellese. **Família Ruzzon**: lutas e vitórias. São Paulo, Scortecci Editora, 2018. 221p.

MENDONÇA, B.; BONNA Mauro. **Marcio Bellesi**: inovação e garra. Belém: Editora Verde; Editora Guia, 2017, 188p. (Coleção Ousadia, 1).

NEUFELD, Paulo Murillo. Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918. **Revista Brasileira de Análises Clínicas (RBAC)**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/>. Acesso em: 8 jul. 2022.

ORGAZ, Cristina J. Antes do coronavírus: a esquecida gripe de Hong Kong, epidemia que matou mais de 1 milhão há 5 décadas. **BBC NEWS Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52706385>. Acesso em: 8 jul. 2022.

PEREZ, Carolina. **Instituto Adventista Paranaense celebra 75 anos de história**. Notícias Adventistas. 2014. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/educacao/instituto-adventista-paranaense-celebra-75-anos-de-historia/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

PRUDENTE de Moraes. In: WIKIPÉDIA. [s. l.];[Fundação Wikimedia], c2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Prudente_de_Morais. Acesso em: 30 jan. 2022.

UNASP. The Brazilian White Center. Bellesi Filho, José (1921 - 2009). In: ENCYCLOPEDIA of Seventh-day Adventists Online. Columbia: encyclopedia.adventist.org, 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GFG&lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2022.